

N.º 1 DO NEW YORK TIMES

STEPHEN KING

PERDIDO E ACHADO

«Recheado de suspense.»
The Times

VENCEDOR DO EDGAR AWARD

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

N.º 1 DO *NEW YORK TIMES*

STEPHEN KING

PERDIDO E ACHADO

«Recheado de *suspense*.»
The Times

VENCEDOR DO EDGAR AWARD



© Shane Leonard

STEPHEN KING é um dos mais populares autores contemporâneos. Escreveu mais de quarenta livros, incluindo *A Cúpula* e *22/11/63*. Recebeu diversos prêmios literários ao longo da sua carreira, incluindo o Bram Stoker Award, o World Fantasy Award, o Nebula Award e o prestigiado National Book Award. Conta hoje com mais de trezentos milhões de exemplares vendidos em cerca de trinta e cinco países. Números e um currículo impressionantes a fazerem jus ao seu estatuto de escritor mais bem pago do mundo.

www.stephenking.com

Título original: Finders Keepers

1.ª edição em papel: março de 2018

Autor: Stephen King

Tradução: Ana Lourenço

Revisão: João Pedro Tapada

Design da capa: Rui Rodrigues

© 2015 by Stephen King

Publicado por acordo com o Autor representado por The Lotts
Agency, Ltd.

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto
Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Bertrand Editora

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

www.bertrandeditora.pt

editora@bertrand.pt

Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-3622-6

Em memória de John D. MacDonald

«É mergulhando no abismo que recuperamos
os tesouros da vida.»

— JOSEPH CAMPBELL

«Esta merda não quer dizer merda nenhuma.»

— JIMMY GOLD

PRIMEIRA PARTE

TESOURO ENTERRADO

— Acorde, génio.

Rothstein não queria acordar. O sonho era demasiado bom. Nele entrava a sua primeira mulher meses antes de se tornar a sua primeira mulher, com dezassete anos e perfeita dos pés à cabeça. Nua e esplendorosa. Os dois nus. Ele, com dezanove anos, tinha as unhas sujas, mas ela não ligava, pelo menos na altura, porque a cabeça dele estava cheia de sonhos e era com isso que ela se importava. Acreditava nos sonhos ainda mais do que ele, e estava certa em acreditar. Naquele sonho, ela ria e estendia a mão para a parte dele que era mais fácil de agarrar. Ele tentou embrenhar-se mais no sonho, mas começaram a sacudir-lhe o ombro, e o sonho rebentou como uma bolha de sabão.

Já não tinha dezanove anos nem vivia no apartamento de duas assoalhadas em Nova Jérсия. Estava a seis meses do octogésimo aniversário e vivia numa quinta no New Hampshire, onde seria enterrado como especificava o seu testamento. Havia homens no seu quarto. Usavam passa-montanhas, um vermelho, um azul e um amarelo-canário. Ao vê-los, tentou acreditar que era apenas mais um sonho, que o que antes era agradável se transformara em pesadelo, como acontecia às vezes, mas a pessoa soltou-lhe braço, segurou-lhe o ombro e atirou-o ao chão. Ele bateu com a cabeça e gritou.

— Para com isso — disse o do passa-montanhas

amarelo. — Queres que ele desmaie?

— Olha. — O do passa-montanhas vermelho apontou.
— O velhote está teso. Devia ser um sonho e tanto.

— É só tesão de mijo — disse o Azul, aquele que o abanara. — Nesta idade, nada mais os faz levantar. O meu avô...

— Cala-te — disse o Amarelo. — Ninguém quer saber do teu avô.

Apesar de atordoado e ainda envolto num leve véu de sonolência, Rothstein compreendeu que estava em apuros. Três palavras surgiram na sua mente: *violação de domicílio*. Com a cabeça dorida (ficaria com um hematoma enorme do lado direito, graças aos anticoagulantes que tomava) e o coração com as paredes perigosamente finas a ribombar no lado esquerdo do peito, levantou o olhar para o trio que se materializara no seu quarto. Os homens estavam junto dele, os três de luvas, casacos de xadrez e aqueles passa-montanhas horríveis. Três intrusos, e ali estava ele, a oito quilómetros da povoação mais próxima.

Rothstein organizou as ideias da melhor forma possível, afastou o sono e disse para consigo que havia pelo menos uma coisa boa naquela situação: se não queriam que ele visse os seus rostos era porque pretendiam deixá-lo vivo.

Talvez.

— Cavalheiros — disse ele.

O senhor Amarelo riu-se e mostrou-lhe o polegar, em sinal de aprovação.

— Bom começo, génio.

Rothstein assentiu, como se tivesse recebido um elogio. Olhou para o relógio na mesa de cabeceira, viu que eram duas e um quarto da manhã e encarou novamente o senhor Amarelo, que talvez fosse o líder.

— Tenho pouco dinheiro, mas podem ficar com ele. Só

peço que se vão embora sem me magoar.

O vento soprou e empurrou as folhas secas de outono contra a parede oeste da casa. Rothstein apercebeu-se de que a caldeira se ligara pela primeira vez no ano. Mas o verão não tinha sido ontem?

— De acordo com as nossas fontes, o senhor tem bastante mais do que um pouco — disse o senhor Vermelho.

— Chiu. — O senhor Amarelo estendeu a mão para Rothstein. — Levante-se, génio.

Rothstein aceitou a mão, levantou-se trémulo e sentou-se na cama. Respirava com dificuldade, mas estava bastante consciente (estar excessivamente consciente de si próprio fora uma maldição e uma bênção durante toda a sua vida) da imagem que devia oferecer: um velho com pijama azul largo, o cabelo limitado a tufo branco acima das orelhas. Era aquilo que sobrara do escritor que, no ano em que JFK chegou à presidência, fora capa da revista *Time*: JOHN ROTHSTEIN, O GÉNIO AMERICANO RECLUSO.

Acorde, génio.

— Recupere o fôlego — disse o senhor Amarelo. Parecia solícito, mas Rothstein não confiava nisso. — Depois, vamos para a sala, onde as pessoas normais conversam. Leve o tempo que precisar. Acalme-se.

Rothstein respirou lenta e profundamente, e o seu coração acalmou-se um pouco. Tentou pensar em Peggy, com os seios pequenos (mas perfeitos) e as pernas longas e macias, mas o sonho estava tão distante como a própria Peggy, agora uma velha que vivia em Paris. Com o dinheiro dele. Pelo menos Yolande, o seu segundo esforço em prol da alegria conjugal, estava morta, pondo assim fim à pensão de alimentos.

O senhor Vermelho saiu do quarto, e Rothstein ouviu

barulhos vindos do escritório. Alguma coisa caiu. Gavetas a serem abertas e fechadas.

— Está melhor? — perguntou o senhor Amarelo, e quando Rothstein assentiu: — Então venha.

Rothstein deixou-se levar para a pequena sala de estar, acompanhado pelo senhor Azul à esquerda e o senhor Amarelo à direita. No escritório, a busca prosseguia. Em pouco tempo, o senhor Vermelho abriria o armário, afastaria os dois casacos e as três camisolas e deixaria o cofre à mostra. Era inevitável.

Tudo bem. Desde que deixem os cadernos. E porque os levariam? Gajos destes só estão interessados em dinheiro. Não devem ler nada mais complicado do que as cartas dos leitores publicadas na Penthouse.

Mas não tinha a certeza quanto ao homem do passamontanhas amarelo. Esse parecia ser uma pessoa instruída.

Todas as lâmpadas da sala tinham sido acesas, e as persianas não estavam fechadas. Algum vizinho acordado talvez se questionasse sobre o que estava a acontecer na casa daquele velho escritor... se ele tivesse vizinhos. Os mais próximos ficavam a três quilómetros de distância, na estrada principal. Não tinha amigos nem recebia visitas. Qualquer vendedor ocasional era corrido de imediato. Rothstein era o tal tipo velho e peculiar. O escritor aposentado. O eremita. Pagava os seus impostos e era deixado em paz.

Azul e Amarelo levaram-no até à poltrona virada para a televisão a que ele pouco ligava e, como não se sentou imediatamente, o senhor Azul empurrou-o para baixo.

— Calma! — disse Amarelo com rispidez, e Azul deu um passo atrás, a resmungar. O senhor Amarelo era mesmo o chefe. O senhor Amarelo era o mandachuva.

Inclinou-se na direção de Rothstein, as mãos apoiadas

nos joelhos das calças de bombazina.

— Quer um trago de alguma coisa para se acalmar?

— Se está a falar de álcool, parei há vinte anos. Ordens do médico.

— Que bom para si. Vai a reuniões?

— Eu não era *alcoólico* — respondeu Rothstein com irritação.

Era absurdo ficar irritado numa situação daquelas... ou não? Quem saberia como agir depois de ser arrancado da cama a meio da noite por homens com passa-montanhas coloridos? Pensou como escreveria uma cena daquelas e não soube; não escrevia sobre situações assim.

— As pessoas acham que todos os escritores do século vinte devem ser *alcoólicos*.

— Tudo bem, tudo bem — disse o senhor Amarelo. Era como se estivesse a acalmar uma criança rabugenta. — Quer água?

— Não, obrigado. O que quero é que vocês se vão embora, portanto vou ser franco. — Perguntou a si mesmo se o senhor Amarelo sabia a regra mais básica do discurso humano: sempre que alguém dizia que ia ser franco, na maioria dos casos estava a preparar-se para mentir com todos os dentes. — A minha carteira está na cómoda do quarto. Tem pouco mais de oitenta dólares. Há um bule de cerâmica em cima da lareira...

Apontou. O senhor Azul virou-se para olhar, mas o senhor Amarelo não. O senhor Amarelo continuou a observar Rothstein, e os olhos por trás da máscara pareciam divertidos. *Não está a resultar*, pensou Rothstein, mas continuou. Agora que acordara, estava danado, além de assustado, embora soubesse que era melhor não demonstrar nada disso.

— É onde guardo o dinheiro da empregada. Cinquenta

ou sessenta dólares. É tudo o que há cá em casa. Fiquem com ele e vão-se embora.

— Grande mentiroso — disse o senhor Azul. — Tem bastante mais do que isso, homem. Nós sabemos. Acredite.

E como se estivessem numa peça e aquela fala fosse a deixa, o senhor Vermelho gritou do escritório:

— Bingo! Encontrei um cofre! E dos grandes!

Rothstein soubera que o homem de vermelho o encontraria, mas ficou abatido, de qualquer maneira. Era uma parvoíce guardar dinheiro em casa, não havia outro motivo para isso além de ele não gostar de cartões de crédito e cheques e ações e transferências, todas essas tentadoras correntes que prendiam as pessoas à máquina sufocante e destruidora do débito e crédito dos Estados Unidos. Mas o dinheiro talvez fosse a sua salvação. O dinheiro podia ser substituído. Os cadernos, mais de cento e cinquenta, não.

— Agora, a combinação — disse o senhor Azul. Estalou os dedos enluvados. — Desembuche.

Rothstein estava quase suficientemente zangado para recusar. Segundo Yolande, a cólera fora sempre a sua reação instintiva («Provavelmente já no berço», dizia ela), mas também estava cansado e com medo. Se recusasse, eles arrancar-lhe-iam a combinação à pancada. Talvez até tivesse outro ataque cardíaco, e era quase certo que mais um acabaria com ele.

— Se lhes der a combinação do cofre, vocês pegam no dinheiro e vão-se embora?

— Senhor Rothstein — disse o senhor Amarelo, com uma amabilidade que pareceu autêntica (e, portanto, grotesca) —, não está em posição de negociar. Freddy, vai buscar os sacos.

Rothstein sentiu um sopro de ar frio quando o senhor

Azul, também conhecido como Freddy, saiu pela porta da cozinha. O senhor Amarelo, enquanto isso, voltou a sorrir. Rothstein já detestava aquele sorriso. Aqueles lábios vermelhos.

— Vamos lá, génio... dê-nos a combinação. Quanto mais cedo o fizer, mais depressa tudo vai acabar.

Rothstein suspirou e recitou a combinação do cofre no armário do escritório.

— Trinta e um, duas voltas para a direita, três, duas voltas para a esquerda, dezoito, uma volta para a esquerda, noventa e nove, uma volta para a direita e depois regressar ao zero.

Atrás da máscara, os lábios vermelhos esticaram-se mais, agora mostrando dentes.

— Eu podia ter adivinhado. É a sua data de nascimento.

Enquanto Amarelo repetia a combinação para o homem no armário, Rothstein fez algumas deduções desagradáveis. O senhor Azul e o senhor Vermelho estavam ali pelo dinheiro, e o senhor Amarelo talvez levasse uma parte, mas não acreditava que dinheiro fosse o objetivo principal do homem que insistia em chamar-lhe *génio*. Como se para comprovar isso, o senhor Azul reapareceu, acompanhado de outro sopro de ar frio vindo de fora. Segurava quatro sacos vazios, dois em cada ombro.

— Olhe — disse Rothstein ao senhor Amarelo, chamando a atenção do homem e sustentando o olhar dele.
— Não faça isso. Não há nada no cofre que valha a pena ser levado além do dinheiro. O resto é só um monte de rabiscos aleatórios, mas que são importantes para mim.

No escritório, o senhor Vermelho gritou:

— Caramba, Morrie! Acertámos no *jackpot*! Há aqui uma *pipa* de massa! Ainda nos envelopes do banco! Dezenas de envelopes!

Pelo menos sessenta, poderia ter dito Rothstein, talvez até oitenta. Com quatrocentos dólares cada. Remetidos pelo Arnold Abel, o meu contabilista em Nova Iorque. A Jeannie levanta os cheques e traz o dinheiro para casa nos envelopes, e eu guardo-os no cofre. Mas tenho poucas despesas, porque o Arnold também paga as contas maiores em Nova Iorque. Dou uma gorjeta à Jeannie de vez em quando, e ao carteiro no Natal, mas, fora isso, quase não gasto o dinheiro. É assim há anos, e porquê? O Arnold nunca pergunta o que faço ao dinheiro. Talvez ache que tenho um acordo com uma prostituta ou duas. Ou que aposto nos cavalos em Rockingham.

E o mais engraçado, poderia ele ter dito ao senhor Amarelo (também conhecido como Morrie), é que nunca *me* questionei. Tal como não pensei por que motivo vou enchendo caderno atrás de caderno. Algumas coisas são apenas como *são*.

Podia ter dito essas coisas, mas ficou em silêncio. Não porque o senhor Amarelo não fosse compreender, mas porque aquele sorriso sabichão de lábios vermelhos dizia que talvez compreendesse.

E que não se importaria.

— Que mais há aí? — gritou o senhor Amarelo. Os olhos ainda estavam postos nos de Rothstein. — Caixas? Caixas de manuscritos? Do tamanho que te disse?

— Caixas não, cadernos — informou o senhor Vermelho. — A porra do cofre está cheia de cadernos.

O senhor Amarelo sorriu, ainda a fitar os olhos de Rothstein.

— Escritos à mão? É assim que trabalha, génio?

— Por favor — pediu Rothstein. — Deixe os cadernos. O material não foi feito para ser visto. Não há nada pronto.

— E nunca vai haver, é o que acho. O senhor não passa

de um acumulador compulsivo. — O brilho nos olhos dele, o que Rothstein pensava ser um brilho irlandês, desaparecera. — Nem *precisa* de publicar mais nada, pois não? Não há nenhum *imperativo financeiro*. Tem os direitos de autor de *O Corredor*. E de *O Corredor Entra em Ação*. E de *O Corredor Abranda*. A famosa trilogia de Jimmy Gold. Nunca esgotada. É leitura obrigatória nas universidades de toda a nossa grande nação. Graças a uma conspiração de professores de literatura que acham que existe Deus no céu e o senhor e Saul Bellow na terra, tem uma fiel plateia de universitários compradores de livros. Está tudo perfeito para si, não está? Porquê correr o risco de publicar uma coisa que pode manchar a sua reputação brilhante? Pode esconder-se aqui e fingir que o resto do mundo não existe. — O senhor Amarelo abanou a cabeça. — Meu amigo, consigo, o conceito de retenção anal adquire um novo significado.

O senhor Azul ainda estava parado à porta.

— Que queres que faça, Morrie?

— Vai ajudar o Curtis. Enfia tudo nos sacos. Se não houver espaço neles para todos os cadernos, olha em volta. Até um bicho do mato como ele deve ter pelo menos uma mala. E também não percas tempo a contar o dinheiro. Quero sair daqui o mais depressa possível.

— Tudo bem.

O senhor Azul, Freddy, saiu.

— Não faça isso — pediu Rothstein, e ficou perplexo com o tremor na própria voz. Às vezes, esquecia a idade que tinha, mas não naquela noite.

O homem que se chamava Morrie inclinou-se na direção dele, os olhos cinzento-esverdeados a espreitar pelos buracos no passa-montanhas amarelo.

— Quero saber uma coisa. Se for sincero, talvez

deixemos os cadernos. Vai ser sincero comigo, génio?

— Vou tentar — disse Rothstein. — E nunca me considere isso. Foi a revista *Time* que me chamou génio.

— Mas aposto que nunca protestou.

Rothstein não disse nada. Filho da mãe, estava a pensar. Filho da mãe espertinho. Não vais deixar nada, pois não? Diga eu o que disser.

— O que quero saber é: porque não deixou o Jimmy Gold em paz? Porque esfregou a cara dele na lama daquela forma?

A pergunta foi tão inesperada que, a princípio, Rothstein não percebeu do que Morrie estava a falar, apesar de Jimmy Gold ser a sua personagem mais famosa, pela qual seria lembrado (supondo que fosse lembrado por alguma coisa). O mesmo artigo da *Time* que se referira a Rothstein como génio chamara a Jimmy Gold «um ícone americano do desespero na terra da abundância». Uma treta, mas fizera vender os seus livros.

— Se está a dizer que eu devia ter parado em *O Corredor*, não é o único.

Mas quase, podia ter acrescentado. *O Corredor Entra em Ação* solidificara a sua reputação como um escritor americano de peso, e *O Corredor Abranda* fora o ponto alto da sua carreira: recensões entusiásticas, estivera na lista dos mais vendidos do *New York Times* durante sessenta e duas semanas. Ganhara também o National Book Award, mas ele nem fora à cerimónia. «A *Ilíada* da América do pós-guerra», chamara-lhe o júri, referindo-se não só ao último volume, mas à trilogia como um todo.

— Não estou a dizer que devia ter parado em *O Corredor* — observou Morrie. — *O Corredor Entra em Ação* é tão bom como o primeiro livro, talvez até melhor. Eram verdadeiros. Foi aquele último. Caramba, que grande bosta.

Um publicitário? A sério, o Jimmy tornou-se *publicitário*?

O senhor Amarelo fez então algo que contraiu a garganta de Rothstein e transformou o seu estômago em chumbo. Lentamente, de forma quase contemplativa, tirou o passa-montanhas amarelo, revelando um jovem com a aparência clássica de um irlandês de Boston: cabelo ruivo, olhos esverdeados, pele branca leitosa que sempre se queimaria e nunca se bronzearia. E aqueles estranhos lábios vermelhos.

— Casa nos *subúrbios*? Ford de três volumes na garagem? Mulher e dois *putos*? Toda a gente se vende, era isso que estava a tentar dizer? Toda a gente ingere o veneno?

— Nos cadernos...

Nos cadernos havia mais dois livros de Jimmy Gold, era isso que ele queria dizer, e os dois completavam o círculo. No primeiro, Jimmy compreende o vazio da vida nos subúrbios e abandona a família, o emprego e a casa confortável no Connecticut. Parte a pé, só com uma mochila e a roupa do corpo. Torna-se uma versão mais velha do miúdo que abandonara a escola, rejeitara a família materialista e decidira entrar para o exército depois de um fim de semana bem regado em Nova Iorque.

— Nos cadernos o quê? — perguntou Morrie. — Vamos lá, génio, fale. Explique-me porque o lançou ao chão e lhe pôs um pé em cima da nuca.

Em O Corredor Vai para Oeste, ele volta a ser ele mesmo, queria Rothstein dizer. *Na sua própria essência*. Só que agora o senhor Amarelo tinha mostrado a cara e estava a tirar a pistola do bolso direito do casaco. Parecia pesaroso.

— O senhor criou uma das personagens mais importantes da literatura americana, depois destruiu-a — disse Morrie. — Um homem capaz de fazer isso não merece

viver.

A fúria surgiu como uma doce surpresa.

— Se acha isso — disse John Rothstein —, não compreendeu uma palavra do que escrevi.

Morrie apontou a pistola. O cano parecia um olho negro.

Rothstein apontou um dedo retorcido pela artrite para Morrie como se fosse a sua própria arma e sentiu satisfação quando viu o homem pestanejar e encolher-se um pouco.

— Não me venha com as suas críticas literárias imbecis. Fui alvo de uma tonelada delas antes mesmo de você nascer. Quantos anos tem, afinal? Vinte e dois? Vinte e três? O que sabe da vida, quanto mais de literatura?

— O suficiente para saber que nem toda a gente se vende. — Rothstein ficou estupefacto ao ver lágrimas nos olhos irlandeses. — Não me venha dar sermões sobre a vida, depois de ter passado os últimos vinte anos escondido do mundo como um rato.

Aquela velha crítica — como se *atreve* a abandonar as Luzes da Ribalta? — transformou a fúria branda de Rothstein numa fúria cega que Peggy e Yolande teriam reconhecido, uma fúria capaz de atirar copos e partir móveis. E Rothstein ficou contente. Era melhor morrer em fúria do que encolhido e suplicante.

— Como vai transformar o meu trabalho em dinheiro? Já pensou nisso? Suponho que sim. Suponho que saiba que seria o mesmo que tentar vender um caderno roubado de Hemingway ou um quadro de Picasso. Mas os seus amigos não são tão cultos como você, pois não? Vejo pela forma como falam. Eles sabem o que você sabe? Tenho a certeza de que não. Mas fez-lhes promessas falsas. Inventou um tesouro imaginário enorme e disse que cada um podia ficar com uma parte. Acho que é capaz disso. Acho que tem um

lago de palavras à disposição. Mas acredito que esse lago seja raso.

— Cale-se. Parece a minha mãe.

— Não passa de um ladrãozeco comum, meu amigo. E que burrice é roubar o que nunca vai poder vender.

— Cale-se, génio, estou a avisar.

Rothstein pensou: E se ele puxar o gatilho? Será o fim dos comprimidos. O fim dos arrependimentos e dos muitos relacionamentos desfeitos que ficaram pelo caminho como carros avariados. O fim da escrita obsessiva, de acumular caderno atrás de caderno como pilhas de excrementos de coelho espalhadas por um trilho no bosque. Uma bala na cabeça não seria assim tão mau. Melhor do que cancro ou Alzheimer, o grande horror de qualquer pessoa que passou a vida a usar o cérebro como ganha-pão. Claro que haveria cabeçalhos, e já tive muitos antes mesmo da porcaria do artigo da *Time*... Mas, se ele puxar o gatilho, não terei de lê-los.

— Você é *estúpido*. — De repente, encontrava-se numa espécie de êxtase. — Acha-se mais inteligente do que aqueles dois, mas não é. Pelo menos, eles percebem que o dinheiro pode ser gasto. — Inclinou-se para a frente e olhou para o rosto pálido e cheio de sardas. — Sabe que mais, rapaz? São tipos como você que dão má fama aos leitores.

— Último aviso — disse Morrie.

— Foda-se o seu aviso. E foda-se a sua mãe. Ou me dá um tiro, ou sai da minha casa.

Morris Bellamy deu-lhe um tiro.

A primeira discussão sobre dinheiro em casa dos Saubers (a primeira que os filhos ouviram, pelo menos) foi numa noite de abril. Não foi uma discussão grande, mas até a pior das tempestades começa como uma brisa suave. Peter e Tina Saubers estavam na sala, ele a fazer trabalhos de casa e ela a ver o DVD do *SpongeBob*. Já o tinha visto muitas vezes, mas parecia nunca se cansar dele. E isso era bom, porque atualmente não havia acesso ao Cartoon Network em casa dos Saubers. Tom Saubers cancelara o serviço de televisão por cabo dois meses antes.

Tom e Linda Saubers estavam na cozinha, onde Tom fechava a velha mochila depois de enchê-la com barras energéticas, um *Tupperware* com legumes cortados, duas garrafas de água e uma lata de *Coca-Cola*.

— Estás doido — disse Linda. — Sempre soube que tinhas personalidade de tipo A, mas isto já é um exagero. Se quiseses pôr o despertador para as cinco da manhã, tudo bem. Podes ir buscar o Todd, estar no Centro Cívico às seis e ainda serás o primeiro da fila.

— Quem me dera — respondeu Tom. — O Todd disse que houve uma feira de emprego destas em Brook Park no mês passado e que as pessoas começaram a fazer fila na véspera. *Na véspera*, Lin!

— O Todd diz muitas coisas. E tu ouves. Lembras-te de quando o Todd disse que o Pete e a Tina iam *adorar* aquela

coisa dos Monster Trucks...

— Isto não é uma corrida de Monster Trucks, nem um concerto no parque, nem um espetáculo de fogo de artifício. São as nossas *vidas*.

Pete ergueu o rosto dos trabalhos de casa e cruzou rapidamente o olhar com o da irmã. O encolher de ombros de Tina foi eloquente: *coisas dos pais*. Ele voltou para os exercícios de álgebra. Mais quatro problemas e poderia ir para a casa de Howie. Queria ver se Howie tinha alguma banda desenhada nova. Pete não tinha nenhuma para trocar; a sua mesada tivera o mesmo fim da televisão por cabo.

Na cozinha, Tom começara a andar de um lado para o outro. Linda aproximou-se e segurou-lhe o braço com delicadeza.

— Sei que são as nossas vidas.

Falou baixinho, em parte para as crianças não ouvirem e ficarem nervosas (sabia que Pete já estava), mas também para acalmar os ânimos. Sabia como Tom se sentia e era solidária. Ter medo era mau; sentir-se humilhado por já não poder cumprir o que ele considerava a sua responsabilidade principal, sustentar a família, era pior. E humilhação não era sequer a palavra certa. O que ele sentia era vergonha. Durante os dez anos em que estivera na Imobiliária Lakefront, fora sempre um dos melhores vendedores, e muitas vezes a sua foto sorridente estava na montra do escritório. O dinheiro que ela levava para casa a dar aulas ao terceiro ano da primária era só a cobertura do bolo. E então, no outono de 2008, a economia entrara em colapso e os Saubers tornaram-se uma família com um único rendimento.

Não é que Tom tivesse sido despedido e pudesse voltar a ser chamado quando as coisas melhorassem; a Imobiliária

Lakefront era agora um edifício vazio com grafítis nas paredes e uma placa a dizer VENDE-SE OU ALUGA-SE à frente. Os irmãos Reardon, que tinham herdado o negócio do pai (e o pai do pai dele), haviam investido muito em ações e perderam quase tudo na crise. Não era muito consolo para Linda que o melhor amigo de Tom, Todd Paine, estivesse no mesmo barco. Ela achava que Todd era um idiota.

— Viste a previsão do tempo? Eu vi. Vai estar frio. Virá névoa do lago pela manhã, talvez até chuva gelada. *Chuva gelada*, Tom.

— Ótimo. Espero que venha mesmo. Haverá menos gente e aumentará as nossas possibilidades. — Agarrou-a pelos antebraços suavemente. Não a sacudiu nem gritou. Isso veio depois. — *Tenho* de arranjar alguma coisa, Lin, e a feira de emprego é a minha melhor hipótese esta primavera. Ando a gastar solas...

— Eu sei...

— E não há *nada*. *Nadinha*. Ah, alguns empregos no porto e nas obras do centro comercial perto do aeroporto, mas vê-me a fazer esse tipo de trabalho? Tenho quinze quilos a mais e há vinte anos que não estou em forma. Pode ser que consiga alguma coisa no centro este verão, talvez num escritório, *se* as coisas melhorarem um pouco... mas seria um trabalho mal pago e provavelmente temporário. Por isso, o Todd e eu vamos à meia-noite e vamos ficar na fila até as portas se abrirem amanhã de manhã, e prometo que vou voltar com um emprego que renda como deve ser.

— E provavelmente com algum vírus que vamos todos apanhar. Então podemos poupar na comida para pagar a conta do médico.

Foi nesse momento que ele ficou de facto zangado.

— Gostava de um pouco mais de apoio.

— Tom, pelo amor de Deus, estou a *ten*...

— Talvez até umas palavras de incentivo. «Que bom mostrares iniciativa, Tom. Ficamos contentes por estares a esforçar-te pela família, Tom.» Esse tipo de coisa. Se não for pedir muito.

— Só estou a dizer...

Mas a porta da cozinha abriu-se e fechou-se antes de ela poder terminar. Ele saíra para fumar um cigarro. Quando Pete ergueu o olhar dessa vez, viu inquietação e preocupação no rosto de Tina. Ela só tinha oito anos, afinal. Pete sorriu e lançou-lhe uma piscadela de olho. Tina retribuiu com um sorriso hesitante, e voltou para os acontecimentos no reino submarino chamado Bikini Bottom, onde os pais não perdiam o emprego nem levantavam a voz e as crianças não perdiam as mesadas. A não ser que se portassem mal, claro.

Antes de sair naquela noite, Tom pôs a filha na cama e deu-lhe um beijo de boas-noites. Deu um também à *Senhora Beasley*, a boneca favorita de Tina.

— Para dar sorte — disse ele.

— Papá, vai ficar tudo bem?

— Claro que sim, querida — respondeu ele. Ela lembrava-se disso. Da confiança na voz dele. — Vai ficar tudo ótimo. Agora, dorme.

Ele saiu, a caminhar normalmente. Ela também se lembrava disso, porque nunca mais o viu andar assim.

No cimo do caminho íngreme que ia da Marlborough Street até ao parque de estacionamento do Centro Cívico, Tom disse:

— Eh lá, espera, para!

— Meu, vêm carros atrás de mim — disse Todd.

— É só um segundo.

Tom pegou no telemóvel e tirou uma foto às pessoas na fila. Já devia haver umas cem. No mínimo. Acima das portas do auditório havia uma faixa que dizia: **1000 EMPREGOS GARANTIDOS!** E: *Apoiamos as pessoas da nossa cidade!* **RALPH KINSLER, PRESIDENTE DA CÂMARA.**

Atrás do *Subaru* enferrujado de 2004 de Todd Paine, alguém buzinou.

— Tommy, detesto ser desmancha-prazeres quando estás a imortalizar esta ocasião maravilhosa, mas...

— Podes ir, podes ir. Já tirei a foto. — Enquanto Todd entrava no estacionamento, onde os lugares perto do auditório já estavam ocupados, disse: — Mal posso esperar para mostrar a foto à Linda. Sabes o que ela disse? Que se chegássemos às seis seríamos os primeiros da fila.

— Eu disse-te, meu. O SuperTodd não mente. — O SuperTodd estacionou. Ao desligar o *Subaru*, o escape soltou um estouro e um chiado. — Quando o sol nascer, estarão aqui umas duas mil pessoas. Televisões também. De todos os canais. *City at Six, Morning Report, MetroScan.* Talvez sejamos entrevistados.

— Contento-me com um emprego.

Linda tivera razão numa coisa: o ar estava húmido. Sentia-se o cheiro do lago no ar, aquele ténue odor a esgoto. E estava quase frio suficiente para Tom ver a sua respiração. Tinham sido dispostos pequenos postes com uma fita amarela onde se lia PROIBIDO PASSAR, fazendo os candidatos a emprego formarem uma fila cheia de curvas como pregas num acordeão humano. Tom e Todd ficaram entre os últimos postes. Outros pararam atrás deles de imediato, a maioria homens, alguns com casacos pesados e

quentes de trabalho, outros com sobretudos de executivo e cortes de cabelo de executivos que começavam a perder a forma. Tom calculou que a fila chegaria ao fim do parque de estacionamento ao nascer do sol, e isso ainda seria quatro horas antes de as portas abrirem.

Uma mulher com um bebé chamou-lhe a atenção. Estava algumas curvas à frente. Tom pensou no grau de desespero de uma pessoa para levar um bebé para um sítio daqueles numa noite tão fria e húmida. A criança estava num marsúpio. A mulher conversava com um homem corpulento com um saco-cama pendurado ao ombro, e o bebé olhava de um para o outro, como se fosse o espectador de ténis mais pequeno do mundo. Era cómico.

— Queres um golinho para aquecer, Tommy?

Todd retirara uma garrafa de uísque da mochila e oferecia-lha.

Tom quase recusou, lembrando-se do que Linda dissera à despedida — *Não voltes para casa com bafo a álcool* —, mas pegou na garrafa. Estava frio, e um trago não faria mal. Sentiu o uísque descer e aquecer-lhe a garganta e a barriga.

Enxagua a boca antes de ires a um dos stands de emprego, lembrou a si mesmo. *Homens com bafo a uísque não são contratados para nada.*

Quando Todd lhe ofereceu outro gole, isso por volta das duas da manhã, Tom recusou. Mas, quando lhe ofereceu novamente às três, aceitou a garrafa. Olhou para a quantidade de líquido que restava e calculou que Todd estava a fortificar-se contra o frio de forma bastante liberal.

Bem, que se lixe, pensou Tom, e bebeu bastante mais que um trago; daquela vez, encheu a boca.

— Isso mesmo — disse Todd, com a voz um pouco arrastada. — Desinibe-te.

Continuavam a chegar candidatos a emprego, os carros a surgirem ao cimo da Marlborough Street por entre o nevoeiro cada vez mais denso. A fila passava agora bastante dos pequenos postes e já não fazia curvas. Tom pensara compreender as dificuldades económicas que assolavam o país (não tinha ele próprio perdido um emprego, um emprego muito *bom?*), mas, conforme os carros apareciam e a fila continuou a crescer (já não conseguia ver onde terminava), começou a ter uma perspetiva nova e aterradora. Talvez *dificuldades* não fosse a palavra certa. Talvez a palavra certa fosse *calamidade*.

À sua direita, no labirinto de pequenos postes e fitas que levava às portas do auditório escuro, o bebé começou a chorar. Tom olhou em volta e viu o homem com o sacocama a segurar o marsúpio para que a mulher (Meu Deus, pensou Tom, ela mal parece ter saído da adolescência) pudesse tirar a criança.

— Que porra é *exa*? — perguntou Todd, com a voz mais arrastada do que nunca.

— Um bebé — respondeu Tom. — Uma mulher com um bebé. Uma *miúda* com um bebé.

Todd olhou.

— Caramba. É a isso que chamo irra... irri... sabes, falta de responsabilidade.

— Estás bêbedo?

Linda não gostava de Todd, não via o lado bom dele, e, naquele momento, Tom também não sabia se via.

— Um bocadinho. Vou estar sóbrio quando as portas abrirem. E trouxe uns rebuçados de mentol.

Tom pensou em perguntar a Todd se também trouxera colírio, pois os seus olhos estavam a ficar bastante vermelhos, mas decidiu que não queria ter aquela discussão. Voltou a atenção para onde estivera a mulher e

o bebê a chorar. Primeiro, pensou que se tinham ido embora. Depois, olhou para baixo e viu-a entrar no saco-cama do homem com a criança contra o peito. O homem segurava a abertura do saco-cama. O bebê ainda chorava desesperadamente.

— Calem essa criança! — gritou um homem.

— Alguém devia chamar os serviços sociais — acrescentou uma mulher.

Tom pensou em Tina naquela idade, imaginou-a naquela madrugada fria e enevoadada e reprimiu a vontade de mandar calar o homem e a mulher... ou, melhor ainda, de oferecer ajuda. Afinal, estavam todos juntos naquilo, não estavam? Todo aquele grupo de gente lixada e azarada.

O choro diminuiu e parou.

— Deve estar a amamentá-la — disse Todd. Apertou o peito para demonstrar.

— Sim.

— Tommy?

— O quê?

— Sabes que a Ellen perdeu o emprego, não sabes?

— Meu Deus, não. *Não* sabia. — Fingiu não ver o medo no rosto de Todd. Nem o brilho de lágrimas nos olhos dele. Talvez da bebida ou do frio. Ou talvez não.

— Disseram que vão voltar a chamá-la quando as coisas melhorarem, mas disseram-me a mesma coisa, e estou desempregado há quase seis meses. Já gastei todo o meu dinheiro. Não há mais nada. E sabes o que tenho no banco agora? Quinhentos dólares. Sabes quanto tempo duram quinhentos dólares quando um pão no Kroger custa um dólar?

— Não muito.

— Isso mesmo. *Tenho* de conseguir alguma coisa aqui. *Tenho mesmo.*

— Vais conseguir. Vamos ambos.

Todd ergueu o queixo para o homem corpulento, que agora parecia estar de guarda acima do saco-cama para que ninguém pisasse sem querer a mulher com a criança lá dentro.

— Achas que são casados?

Tom não tinha pensado no assunto. Parou para refletir.

— Acho que sim.

— Então devem estar os dois desempregados. Senão, um deles teria ficado em casa com a criança.

— Talvez pensem que aparecer com o bebé possa melhorar as suas hipóteses — sugeriu Tom.

Todd animou-se.

— O apelo à pena! Não é má ideia! — Levantou a garrafa. — Queres um golinho?

Ele bebeu um pequeno e pensou: *Se eu não beber, o Todd bebe.*

Tom foi despertado do sono induzido pelo uísque por um grito exuberante:

— Descobriram vida noutro planeta!

Aquela piada foi seguida de gargalhadas e aplausos.

Ele olhou em volta e viu que já era dia. A luz do sol estava fraca e enevoadada, mas era dia mesmo assim. Atrás das portas do auditório, um homem de macacão cinzento (um homem com um emprego, que sortudo) empurrava um balde com uma esfregona.

— Que foi? — perguntou Todd.

— Nada — disse Tom. — Só um zelador.

Todd olhou na direção da Marlborough Street.

— Bolas, e continuam a chegar.

— Sim — respondeu Tom. Pensando: E se eu tivesse

dado ouvidos à Linda, estaríamos no fim de uma fila que vai quase até Cleveland. Foi um bom pensamento, era sempre agradável perceber que se tinha razão, mas desejava ter dito não à bebida de Todd. A boca sabia-lhe a areia para gatos. Não é que ele já tivesse *provado* aquilo, mas...

Alguém, algumas curvas mais adiante na fila, não muito longe do saco-cama, perguntou:

— É um *Mercedes*? Parece um *Mercedes*.

Tom viu uma silhueta comprida no cimo do caminho que vinha da Marlborough Street, com os faróis de nevoeiro amarelos acesos. Não se mexia; estava apenas ali parado.

— Que pensa ele que está a fazer? — perguntou Todd.

O condutor do carro atrás devia ter pensado a mesma coisa, porque buzinou; uma buzina longa e irritada que fez as pessoas agitarem-se, resmungarem e olharem em volta. Por um momento, o carro com os faróis de nevoeiro amarelos ficou onde estava. Em seguida, avançou. Não para a esquerda, na direção do parque de estacionamento agora repleto, mas diretamente para as pessoas presas no labirinto de pequenos postes e fitas.

— Ei! — gritou alguém.

A multidão oscilou para trás num movimento de maré. Tom foi empurrado contra Todd, que caiu de cu. Tentou manter o equilíbrio, quase conseguiu, mas o homem à sua frente, a gritar — não, a *berrar* —, enfiou o traseiro nas virilhas de Tom e um cotovelo no seu peito. Tom caiu em cima do amigo, ouviu a garrafa de uísque partir-se algures entre os dois e sentiu o odor pungente do uísque que se espalhava pelo chão.

Bestial, agora vou cheirar a um bar num sábado à noite.

Levantou-se a custo e a tempo de ver o carro (era

mesmo um *Mercedes*, um grande carro de três volumes tão cinzento como aquela manhã enevoadas) chocar com a multidão, lançando corpos pelo ar enquanto seguia em frente, descrevendo um arco impreciso. Escorria sangue da grelha. Uma mulher deslizou pelo capô com os braços esticados e sem os sapatos. Bateu no vidro, tentou agarrar um dos limpaparabrisas, não conseguiu e caiu para o lado. A fita amarela de PROIBIDO PASSAR partiu-se. Um dos pequenos postes bateu de lado no grande carro, mas isso não diminuiu nem um pouco a sua velocidade. Tom viu as rodas da frente passarem por cima do saco-cama e do homem corpulento, que se agachara de forma protetora sobre ele, com uma das mãos levantadas.

Agora, ia direito a Tom.

— Todd! — gritou ele. — Todd, *levanta-te!*

Procurou as mãos de Todd, encontrou uma e puxou-a com força. Alguém chocou com ele, e Tom caiu de joelhos. Ouvia o som do motor do carro, acelerado. Bastante perto agora. Tentou rastejar, mas um pé acertou-lhe na têmpora. Viu estrelas.

— Tom. — Todd estava atrás dele agora. Como tinha isso acontecido? — Tom, que *porra* é esta?

Um corpo caiu em cima dele, e de repente tinha outra coisa em cima, um peso enorme que o empurrava para baixo e ameaçava transformá-lo em geleia. A sua bacia partiu-se com um som semelhante ao de um osso seco de peru. Então o peso desapareceu. Uma dor com peso próprio surgiu no seu lugar.

Tom tentou levantar a cabeça e conseguiu tirá-la do chão por tempo suficiente para ver os faróis traseiros a afastarem-se na névoa. Viu estilhaços cintilantes do vidro da garrafa partida. Viu Todd de barriga para cima com sangue a escorrer-lhe da cabeça e a formar uma poça no

chão. Marcas vermelhas de pneus desapareciam na meia-luz da névoa.

Pensou: A Linda tinha razão. Eu devia ter ficado em casa.

Pensou: Vou morrer, e talvez isso seja bom. Porque, ao contrário do Todd Paine, não levantei o dinheiro do seguro.

Pensou: Mas acabaria por ter feito isso, mais tarde ou mais cedo.

E então, escuridão.

Quando Tom Saubers acordou no hospital quarenta e oito horas depois, Linda estava sentada ao seu lado. Segurava-lhe a mão. Ele perguntou-lhe se sobreviveria. Ela sorriu, apertou-lhe a mão e respondeu que claro que sim.

— Estou paralítico? Diz-me a verdade.

— Não, querido, mas tens muitos ossos partidos.

— E o Todd?

Ela desviou o olhar e mordeu o lábio.

— Está em coma, mas acham que acabará por acordar. Conseguem saber isso pelas ondas cerebrais, creio.

— Apareceu um carro. Não consegui sair da frente.

— Eu sei. Não foste o único. Era um maluco qualquer. Escapou, pelo menos por enquanto.

Tom não podia estar menos preocupado com o homem que conduzira o *Mercedes-Benz*. Não estar paralítico era bom, mas...

— Qual a gravidade da minha situação? Nada de mentiras, sê sincera.

Ela encarou-o, mas desviou o olhar. Mais uma vez a fitar os postais de melhoras na mesa de cabeceira, disse:

— Tu... Bem, vais levar algum tempo a conseguir andar de novo.

— Quanto tempo?

Ela levantou a mão dele, que estava bastante arranhada, e deu-lhe um beijo.

— Os médicos não sabem.

Tom Saubers fechou os olhos e começou a chorar. Linda ouviu durante algum tempo e, quando já não conseguiu aguentar, inclinou-se para a frente e começou a apertar o botão do tubo da morfina. Só parou quando o tubo não libertou mais doses. Nesse momento, ele já estava a dormir.

Morris tirou um cobertor na prateleira mais alta do armário do quarto e usou-o para cobrir Rothstein, que jazia esparramado na poltrona, sem a parte de cima da cabeça. O cérebro que concebera Jimmy Gold, a irmã de Jimmy, Emma, e os seus pais egocêntricos e semialcoólicos, tão parecidos com os de Morris, estava agora a secar no papel de parede. Morris não se sentia exatamente chocado, mas sim impressionado. Esperara algum sangue e um buraco entre os olhos, não aquela explosão exagerada de cartilagem e osso. Era a sua falta de imaginação, achava, o motivo por que conseguia *ler* os gigantes da literatura moderna americana, ler e apreciar, mas não *ser* um deles.

Freddy Dow saiu do escritório com um saco cheio em cada ombro. Curtis apareceu em seguida, de cabeça baixa e mãos a abanar. De repente desatou a correr, esbarrou em Freddy e seguiu para a cozinha. A porta das traseiras bateu na parede da casa devido ao vento. Em seguida, ouviram o barulho de vômito.

— Ele está maldisposto — comentou Freddy. Tinha talento para declarar o óbvio.

— Tu estás bem? — perguntou Morris.

— Sim.

Freddy saiu pela porta da frente sem olhar para trás, parando apenas para agarrar no pé de cabra encostado ao baloiço do alpendre. Tinham ido preparados para forçar a

entrada, mas a porta da frente estava destrancada. A porta da cozinha também. Rothstein depositara toda a sua confiança no cofre *Gardall*, ao que parecia. Aquilo é que era falta de imaginação.

Morris foi até ao escritório e observou a secretária arrumada de Rothstein e a máquina de escrever tapada. Olhou para as fotografias nas paredes. As duas ex-mulheres estavam lá, sorridentes, jovens e lindas com roupa e penteados da década de 1950. Era interessante que Rothstein tivesse posto aquelas mulheres abandonadas num sítio onde elas podiam observá-lo enquanto escrevia, mas Morris não tinha tempo para pensar nisso, nem para investigar o conteúdo da secretária, o que adoraria. Mas essa investigação seria necessária? Afinal, ele tinha os cadernos. Tinha o conteúdo da *mente* do escritor. Tudo o que ele escrevera desde que parara de publicar, dezoito anos antes.

Freddy transportara as pilhas de envelopes cheios de dinheiro na primeira leva (claro; dinheiro era o que Freddy e Curtis entendiam), mas ainda havia muitos cadernos nas prateleiras do cofre. Eram *Moleskines*, daqueles que Hemingway usara, daqueles com que Morris sonhava quando estava no reformatório, quando também desejara tornar-se escritor. Porém, no Centro de Detenção Juvenil de Riverview, ele só tinha direito a cinco folhas de papel grosso por semana, o que não era suficiente para começar a escrever o próximo grande romance norte-americano. Implorar por mais não lhe servira de nada. Na única vez em que oferecera a Elkins, o responsável, um broche para receber uma dezena de folhas adicionais, Elkins dera-lhe um soco na cara. Era quase engraçado, considerando todo o sexo não consensual que fora obrigado a fazer durante a sua pena de nove meses, normalmente de joelhos e em

mais de uma ocasião amordaçado com as próprias cuecas sujas.

Não considerava a mãe *totalmente* responsável por aquelas violações, mas ela merecia parte da culpa. Anita Bellamy, a famosa professora de história cujo livro sobre Henry Clay Frick fora nomeado para o Pulitzer. Tão famosa que também achava que sabia tudo sobre literatura norte-americana moderna. Fora uma discussão sobre a trilogia de Jimmy Gold que o levava a sair uma noite, furioso e determinado a embriagar-se. E foi isso mesmo que fez, apesar de ser menor de idade e de o aparentar.

A bebida não caía bem a Morris. Quando bebia fazia coisas de que não conseguia lembrar-se depois, e nunca eram boas. Naquela noite, assaltara uma casa, cometera atos de vandalismo e dera uns socos a um segurança que tentara retê-lo até a polícia chegar.

Isso tinha sido quase seis anos antes, mas a lembrança ainda era recente. Fora tudo tão idiota. Roubar um carro, passear pela cidade e abandoná-lo (talvez depois de mijar por todo o tabliê) era uma coisa. Não era inteligente, mas, com um pouco de sorte, conseguia-se sair impune de algo assim. Mas entrar à força numa casa em Sugar Heights? Era uma grande estupidez. Ele não queria *nada* daquela casa (pelo menos nada de que pudesse lembrar-se mais tarde). E quando *quis* mesmo alguma coisa? Quando ofereceu a boca por algumas malditas folhas de papel? Recebera um soco na cara. Então, rira, porque era o que Jimmy Gold teria feito (pelo menos, antes de Jimmy crescer e se vender por aquilo a que chamava Dólar de Ouro), e o que acontecera depois? Recebera outro soco na cara, ainda mais forte. Fora o ruído abafado do seu nariz a partir-se que o fizera começar a chorar.

Jimmy nunca teria chorado.

Morris ainda estava a olhar avidamente para os *Moleskines* quando Freddy Dow voltou com outros dois sacos. Também trazia uma maleta de cabedal coçada.

— Isto estava na despensa. Ao pé de um milhão de latas de feijão e atum. Vá-se lá entender, hein? Tipo estranho. Talvez estivesse à espera do apocalipse. Vamos, Morrie, temos de ser rápidos. Alguém pode ter ouvido o tiro.

— Não há vizinhos. A quinta mais próxima fica a três quilómetros. Descontraí-te.

— A prisão está cheia de gente descontraída. Temos de sair daqui.

Morris começou a juntar os cadernos, mas não conseguiu resistir a abrir um, só para ter a certeza. Rothstein *fora* um tipo estranho, e não era de todo impossível que tivesse enchido o cofre com cadernos em branco, pensando que um dia poderia acabar por escrever alguma coisa neles.

Mas não.

Aquele, pelo menos, estava preenchido com a caligrafia pequena e bonita de Rothstein, com todas as páginas escritas, de cima a baixo e de um lado a outro, com as margens finas como linhas.

... não sabia por que motivo aquilo importava tanto para ele e porque não conseguia dormir enquanto a carruagem vazia do comboio noturno o transportava através daquele mundo rural e esquecido na direção de Kansas City e do país adormecido que se estendia além dela, o ventre repleto dos Estados Unidos a descansar sob o edredão prosaico da noite, mas os pensamentos de Jimmy insistiam em voltar para...

Freddy bateu-lhe no ombro, e não com delicadeza.

— Tira o nariz dessa coisa e enche os sacos. Já temos um a vomitar as tripas e praticamente inútil.

Morris guardou o caderno num dos sacos e agarrou noutra pilha sem dizer nada, os pensamentos a vibrarem com as possibilidades. Esqueceu o chiqueiro debaixo do cobertor na sala de estar, esqueceu-se de Curtis Rogers a vomitar as tripas nas rosas, ou nas zínias, ou nas petúnias, ou no que quer que crescesse nas traseiras da casa. Jimmy Gold! A rumar a oeste num comboio! Afinal, Rothstein não terminara a história.

— Estes estão cheios — disse ele a Freddy. — Leva-os lá para fora. Vou guardar o resto na *valise*.

— É assim que se chama esse tipo de mala?

— Acho que sim. — Sabia que era. — Vai lá. Já estou quase despachado.

Freddy pôs as alças dos sacos aos ombros, mas ficou ali mais um momento.

— Tens a certeza acerca desses cadernos? Porque o Rothstein disse...

— Ele era um acumulador compulsivo a tentar proteger as suas coisas. Teria dito qualquer coisa. Vá.

Freddy foi. Morris enfiou a última leva de *Moleskines* na *valise* e saiu às arrecuas do armário. Curtis encontrava-se junto à secretária de Rothstein. Tinha tirado o passamontanhas; todos tinham. O seu rosto estava pálido como papel, e exibia olheiras escuras devido ao choque.

— Não precisavas de matá-lo. Não *devias* ter matado. Não estava no plano. Porque o fizeste?

Porque ele me fez sentir burro. Porque insultou a minha mãe, e só eu posso fazer isso. Porque me chamou miúdo. Porque precisava de ser punido por transformar Jimmy Gold num *deles*. E, principalmente, porque ninguém com aquele tipo de talento tem o direito de escondê-lo do

mundo. Mas Curtis não entenderia isso.

— Porque fará os cadernos valerem mais quando os vendermos. — O que só aconteceria depois de ele ter lido cada palavra, mas Curtis não entenderia a necessidade de fazer isso, nem precisava de entender. Nem Freddy. Tentou soar paciente e razoável. — Agora, temos toda a produção do John Rothstein que existe. Isso torna os originais não publicados ainda mais valiosos. Percebes isso, não percebes?

Curtis coçou uma face pálida.

— Bem... acho que... sim.

— Além do mais, ele nunca vai poder alegar que os originais são falsos quando aparecerem. Tê-lo-ia feito, só por despeito. Li muito sobre ele, Curtis, praticamente tudo, e ele era um cabrão muito rancoroso.

— Bem...

Morris conteve-se para não dizer: «É um assunto extremamente complicado para uma mente fraca como a tua.» Limitou-se a estender-lhe a *valise*.

— Leva-a. E não descalces as luvas até estarmos no carro.

— Devias ter discutido o assunto connosco, Morrie. Somos teus *parceiros*.

Curtis começou a afastar-se, mas virou-se.

— Tenho uma pergunta.

— Qual?

— Sabes se o New Hampshire tem pena de morte?

Seguiram por estradas secundárias ao atravessar o New Hampshire e entrar no Vermont. Freddy ia ao volante do *Chevy Biscayne*, que era velho e não chamava a atenção. Morris ia ao lado com um mapa aberto no colo, acendendo

a luz no tejadilho de tempos a tempos para se certificar de que não tinham saído da rota prevista. Não era preciso lembrar Freddy que tinha de manter o limite de velocidade. Aquele não era o primeiro roubo de Freddy Dow.

Curtis ia no banco de trás, e em breve ouviram os seus roncos. Morris considerava-o um felizardo; parecia ter vomitado todo o horror que sentia. Ele próprio iria levar algum tempo a ter uma boa noite de sono. Estava sempre a ver os miolos a escorrerem pelo papel de parede. Não era a morte que o incomodava, era o talento desperdiçado. Uma vida inteira de aperfeiçoamento e formação destruída em menos de um segundo. Todas aquelas histórias, todas aquelas imagens, e o que saiu pareciam papas de aveia. Que sentido tinha?

— Então achas mesmo que vamos conseguir vender os cadernos dele? — perguntou Freddy. Voltara ao assunto. — Por bom dinheiro, quero eu dizer.

— Sim.

— E safamo-nos?

— Sim, Freddy, tenho a certeza.

Freddy Dow ficou tanto tempo em silêncio que Morris achou que o assunto estava encerrado. Então retomou a conversa. Quatro palavras. Secas e sem emoção.

— Tenho as minhas dúvidas.

Mais tarde, novamente encarcerado (e já não numa prisão para menores), Morris pensaria: Foi nesse momento que decidi matá-los.

Mas, em certas noites de insónia, com o cu pegajoso e a arder de uma das várias violações no duche auxiliadas por sabonete, admitiria que não era verdade. Sempre soubera. Eles eram burros e criminosos reincidentes. Mais tarde ou mais cedo (provavelmente mais cedo), um deles seria apanhado por outra coisa, e haveria a tentativa de trocar o

que sabiam sobre aquela noite por uma pena mais leve ou por pena nenhuma.

Eu só sabia que eles tinham de desaparecer, pensaria Morris naquelas noites na cela, quando o ventre repleto dos Estados Unidos descansava sob o edredão prosaico da noite. Era inevitável.

No norte do estado de Nova Iorque, com o amanhecer ainda um pouco longe, mas já a começar a despontar no horizonte escuro atrás deles, os três viraram para oeste na Route 92, uma via rápida que seguia mais ou menos paralela à I-90 até ao Illinois, onde virava para sul, para a cidade industrial de Rockford. A estrada ainda estava deserta àquela hora, apesar de ouvirem (e às vezes verem) tráfego pesado de camiões na interestadual à esquerda.

Passaram por uma placa que indicava ÁREA DE DESCANSO 3 KM, e Morris pensou em *Macbeth*. Se era para ser feito, seria bom fazermo-lo rapidamente. Não era uma citação exata, talvez, mas próxima.

— Para ali — disse ele a Freddy. — Tenho de mijar.

— Também deve haver máquinas de venda automática — disse o vomitador no banco de trás. Curtis estava sentado agora, com o cabelo todo espetado. — Sabiam-me bem umas bolachas de manteiga de amendoim.

Morris sabia que teria de esquecer o assunto se houvesse outros carros na área de descanso. A I-90 tinha absorvido a maior parte do tráfego que costumava percorrer aquela estrada, mas, quando o sol nascesse, haveria bastante trânsito local a ir de uma santa terrinha para outra.

Naquele momento, a área de descanso estava deserta, pelo menos em parte por causa da placa PROIBIDA PERNOITA

DE AUTOCARAVANAS. Estacionaram e saíram. Os pássaros gorjeavam nas árvores, discutindo a noite que passara e os planos para o dia. Algumas folhas, que naquela parte do mundo começavam a mudar de cor, caíam e espalhavam-se pelo parque de estacionamento.

Curtis foi inspecionar as máquinas enquanto Morris e Freddy caminharam lado a lado até à casa de banho dos homens. Morris não se sentia particularmente nervoso. Talvez o que diziam fosse verdade: depois do primeiro tornava-se mais fácil.

Segurou a porta para Freddy com uma das mãos e tirou a pistola do bolso do casaco com a outra. Freddy agradeceu sem olhar. Morris deixou a porta fechar-se antes de levantar a arma. Posicionou o cano a menos de dois centímetros da nuca de Freddy Dow e apertou o gatilho. O disparo foi um estrondo alto e seco naquele espaço com azulejos, mas quem o tivesse ouvido ao longe pensaria que fora o escape de uma moto na I-90. A sua única preocupação era Curtis.

Mas não precisava de se ter preocupado. Curtis ainda estava perto das máquinas de venda automática, sob uma trave de madeira e de uma placa rústica a dizer OÁSIS DA ESTRADA. Tinha na mão um pacote de bolachas com manteiga de amendoim.

— Ouviste aquilo? — perguntou a Morris. E então, ao ver a arma, parecendo realmente intrigado: — Para que é isso?

— Para ti — respondeu Morris, e deu-lhe um tiro no peito.

Curtis caiu, mas (e aquilo foi um choque) não morreu. Não parecia sequer *perto* de morrer. Contorceu-se no chão. Uma folha caída girou diante do nariz dele. O sangue começou a acumular-se sob o seu corpo. Ainda segurava o

pacote das bolachas. Olhou para cima, com o cabelo preto oleoso a cair nos olhos. Atrás das árvores, um caminhão passou na Route 92, seguindo para leste.

Morris não queria disparar de novo. Ali fora, um disparo não teria aquele som oco de um escape, e, além disso, alguém poderia chegar a qualquer momento.

— Se era para ser feito, seria bom fazermos-lo rapidamente — disse ele, e apoiou-se num joelho.

— Deste-me um tiro — murmurou Curtis, soando ofegante e espantado. — Porra, deste-me um *tiro*, Morrie!

Pensando no quanto odiava aquele nome, no quanto o odiara a vida toda, e que até os professores, que deviam ser mais cuidadosos, o tinham usado, Morris virou a arma e começou a bater no crânio de Curtis com a coronha. Três golpes fortes conseguiram muito pouco. Era apenas um .38, afinal, e não era suficientemente pesado para fazer mais do que danos mínimos. O sangue começou a escorrer pelo cabelo de Curtis e pelas faces gorduchas. Ele estava a gemer, a olhar para Morris com olhos azuis desesperados. Agitou fracamente uma das mãos.

— Para, Morrie! Para, isso dói!

Merda. Merda, merda, *merda*.

Morris enfiou a arma de volta no bolso. A coronha estava agora pegajosa devido ao sangue e ao cabelo. Foi até ao *Biscayne*, limpando a mão no casaco. Abriu a porta do condutor, viu a ignição vazia e disse *porra* baixinho. Sussurrou a palavra, como uma oração.

Na Route 92, dois carros passaram, depois uma carrinha castanha da UPS.

Correu até à casa de banho dos homens, abriu a porta, ajoelhou-se e começou a vasculhar os bolsos de Freddy. Encontrou as chaves do carro no bolso frontal esquerdo. Levantou-se e foi rapidamente para a área das máquinas,

certo de que um carro ou caminhão já teria aparecido, agora que o trânsito estava a ficar mais intenso, pois *alguém* teria de urinar o café matinal, e Morris teria de matar também essa pessoa, e possivelmente a que viesse depois. Uma imagem de silhuetas de papel unidas surgiu-lhe na cabeça.

Mas ainda não havia ninguém.

Entrou no *Biscayne*, comprado legalmente, mas agora com matrículas roubadas do Maine. Curtis Rogers arrastava-se devagar pelo chão de cimento na direção das casas de banho, com a ajuda das mãos e dos pés, e deixava um rasto de sangue atrás de si. Era impossível ter a certeza, mas Morris julgou que ele talvez estivesse a tentar chegar ao telefone público na parede entre as casas de banho dos homens e das mulheres.

Não era para ser assim, pensou ele, ligando o carro. Fora uma idiotice impulsiva, e ele provavelmente seria apanhado. Aquilo fê-lo pensar no que Rothstein lhe dissera. *Quantos anos tem, afinal? Vinte e dois? Vinte e três? O que sabe da vida, quanto mais de literatura?*

— Sei que não sou um vendido. Isso pelo menos sei.

Engatou a mudança e conduziu lentamente na direção do homem que se arrastava pelo chão de cimento. Queria sair dali, o seu cérebro *gritava-lhe* que saísse dali, mas aquilo tinha de ser feito com cuidado e sem mais chiqueiro do que o absolutamente necessário.

Curtis olhou em volta, os olhos arregalados e horrorizados por trás da floresta de cabelo sujo. Ergueu uma das mãos num gesto fraco de *para*, depois Morris deixou de o ver porque o capô ficou à frente. Virou o volante com cuidado e continuou a avançar. A parte da frente do carro subiu o passeio. O ambientador em forma de pinheiro pendurado no retrovisor balançou.

Não aconteceu nada... e nada... e de repente o carro

deu outro solavanco. Houve um *pop* abafado, o som de uma abóbora pequena a explodir num micro-ondas.

Morris virou o volante para a esquerda, e houve um terceiro solavanco quando o *Biscayne* voltou para a área do estacionamento. Olhou pelo espelho e viu que a cabeça de Curtis tinha desaparecido.

Bem, não. Não exatamente. Estava ali, mas toda espalhada. Esmagada. Não há talento desperdiçado *naquele* chiqueiro, pensou Morris.

Conduziu para a saída e, quando teve a certeza de que a estrada estava vazia, acelerou. Teria de parar para examinar a frente do carro, principalmente o pneu que esmagara a cabeça de Curtis, mas queria percorrer uns trinta quilómetros de estrada primeiro. Trinta, no mínimo.

— Vejo uma lavagem automática no meu futuro.

Achou aquilo engraçado (*assaz* engraçado, e ali estava uma palavra que nem Freddy nem Curtis teriam percebido) e riu muito e alto. Morris respeitou cuidadosamente o limite de velocidade. Viu o conta-quilómetros indicar a passagem dos metros e, mesmo a noventa quilómetros por hora, parecia avançar muito devagar. Tinha a certeza de que o pneu deixara um rasto de sangue, mas já teria desaparecido. Há muito. Mesmo assim, estava na altura de voltar a percorrer estradas secundárias, talvez até terciárias. A coisa inteligente a fazer seria parar e atirar todos os cadernos, além do dinheiro, para o bosque. Mas ele não faria isso. Nunca faria isso.

As hipóteses são de cinquenta por cento, garantiu a si mesmo. Talvez melhores do que isso. Afinal, ninguém viu o carro. Nem no New Hampshire nem na área de descanso.

Chegou a um restaurante abandonado, entrou no parque de estacionamento contíguo e examinou a frente e o pneu dianteiro direito do *Biscayne*. Achou que estava tudo

bem, de um modo geral, mas havia algum sangue no para-choques. Morris arrancou umas ervas e limpou-o. Voltou para o carro e conduziu para oeste. Estava preparado para algumas operações *stop*, mas não encontrou nenhuma.

Na fronteira com a Pensilvânia, em Gowanda, encontrou uma lavagem automática. As escovas escovaram, os jatos de água enxaguaram e o carro saiu a brilhar, tanto em baixo como em cima.

Morris seguiu para oeste, em direção à cidadezinha imunda que os residentes chamavam Joia dos Grandes Lagos. Tinha de ficar escondido algum tempo e também de visitar um velho amigo. Além do mais, lar é o sítio onde têm de nos receber quando lá vamos — o evangelho segundo Robert Frost — e isso era especialmente verdadeiro quando não havia ninguém para protestar pelo regresso do filho pródigo. Com o querido pai desaparecido havia anos e a querida mãe em Princeton durante o semestre de outono como professora convidada para dissertar sobre «ladrões de luvas brancas», a casa na Sycamore Street estaria vazia. Não era uma casa digna de uma professora famosa, muito menos de uma escritora nomeada para o Pulitzer, mas a culpa disso era do querido pai. Além disso, Morris nunca se importara de viver lá; esse ressentimento era da mãe.

Ouviu as notícias, mas não havia nada sobre o homicídio do escritor que, segundo aquele artigo da *Time*, fora «uma voz a gritar aos filhos dos mudos anos cinquenta para que acordassem e levantassem as suas vozes». Esse silêncio radiofónico era bom, mas não inesperado; segundo o informador de Morris no reformatório, a empregada de Rothstein só lá ia uma vez por semana. Também havia um faz-tudo, mas só aparecia quando era chamado. Morris e os falecidos parceiros tinham escolhido o momento em

consonância, o que queria dizer que ele podia razoavelmente esperar que o corpo só fosse encontrado dali a seis dias.

Naquela tarde, no Ohio rural, passou por um celeiro cheio de antiguidades à venda e deu meia-volta. Depois de passar os olhos pelas peças, comprou uma arca usada por vinte dólares. Era velha, mas parecia robusta. Morris considerou-a uma pechincha.

2010

Os pais de Peter Saubers discutiam muito agora. Tina chamava a essas discussões Zaragatas. Pete achava que fazia sentido, porque pareciam as lutas de dois cachorros briguentos. Às vezes, Pete tinha vontade de ir até ao cimo das escadas e gritar-lhes que parassem, que acabassem com aquilo. *Estão a assustar as crianças*, tinha ele vontade de gritar. *Há crianças nesta casa, crianças, esqueceram-se disso, seus grandes estúpidos?*

Pete estava em casa porque os alunos do quadro de honra, que depois do almoço só tinham um período de estudo ou atividades, podiam sair mais cedo. A porta do seu quarto estava aberta, e ele ouviu o pai atravessar depressa a cozinha com as muletas assim que o carro da mãe parou em frente à garagem. Pete tinha a certeza de que as festividades do dia começariam com o pai a dizer «Chiça, ela chegou cedo». A mãe responderia que ele parecia nunca se lembrar de que as quartas-feiras eram o dia que saía cedo do trabalho. O pai diria que ainda não estava habituado a viver naquela parte da cidade, dizendo aquilo como se tivessem sido obrigados a mudar-se para os recessos mais sombrios de Lowtown, em vez de apenas para a secção de ruas com nomes de árvores em Northfield. Despachados os preliminares, podiam começar com os verdadeiros latidos.

O próprio Pete não adorava North Side, mas o sítio não

era *terrível*, e mesmo aos treze anos parecia entender a realidade económica da família melhor do que o pai. Talvez porque não tomasse comprimidos *OxyContin* quatro vezes por dia como ele. Estavam ali porque a Grace Johnson Middle School, onde a mãe dava aulas, fechara como parte da política de cortes da Câmara. Muitos dos professores agora estavam desempregados. Pelo menos Linda fora contratada como bibliotecária e monitora dos períodos de estudo na Northfield Elementary. Saía cedo às quartas-feiras porque era o dia em que a biblioteca fechava ao meio-dia. Todas as bibliotecas escolares fechavam cedo às quartas. Era outro efeito da política de cortes. O pai de Pete queixara-se disso, observara que os tipos da Câmara não tinham reduzido os *próprios* salários e chamara-lhes um bando de liberais hipócritas.

Pete não sabia nada sobre isso. Só sabia que atualmente Tom Saubers se queixava de tudo.

O *Ford Focus*, agora o único carro da família, parou na entrada de garagem e a mãe saiu, arrastando a velha pasta coçada. Desviou-se de uma zona onde se formava sempre gelo, pois ficava na zona de sombra sob a calha do alpendre. Fora a vez de Tina espalhar o sal, mas esquecera-se, como sempre. A mãe subiu os degraus devagar, com os ombros caídos. Pete detestava vê-la andar assim, como se tivesse um saco de tijolos às costas. Enquanto isso, as muletas do pai batiam a um ritmo redobrado na sala.

A porta da frente abriu-se. Pete esperou. Rezou por alguma coisa agradável como *Olá, querida, como foi a tua manhã?*

Quem lhe dera.

Ele não *queria* exatamente ouvir os latidos às

escondidas, mas a casa era pequena e era quase impossível não ouvir... a não ser que saísse, claro, uma retirada estratégica que fazia com cada vez maior frequência naquele inverno. Mas às vezes sentia que, como filho mais velho, tinha a *responsabilidade* de ouvir. O senhor Jacoby gostava de dizer nas aulas de história que conhecimento era poder, e Pete achava que era por isso que se sentia compelido a monitorizar a guerra crescente de palavras entre os pais. Porque cada latido esticava mais o tecido do casamento, e um dia daqueles o tecido iria rasgar-se. Era melhor estar preparado.

Mas preparado para quê? Divórcio? Esse parecia o resultado mais provável. De alguma forma, as coisas podiam melhorar se eles se separassem — Pete acreditava nisso cada vez mais, embora ainda não o tivesse articulado como pensamento consciente —, mas o que significaria exatamente um divórcio em *termos reais* (outra das expressões favoritas do senhor Jacoby)? Quem ficaria e quem sairia? Se o pai saísse, como viveria sem um carro se mal podia andar? Na verdade, como poderia qualquer um dos dois dar-se ao *luxo* de sair? Já estavam falidos.

Pelo menos, Tina não estava presente para ouvir a animada troca de opiniões entre os pais; ainda se encontrava na escola, e provavelmente não viria para casa logo a seguir. Talvez só aparecesse à hora do jantar. Tinha finalmente feito uma amiga, uma rapariga com dentes de cavalo chamada Ellen Briggs, que vivia na esquina da Sycamore com a Elm. Pete achava que Ellen tinha o cérebro de um *hamster*, mas pelo menos Tina não passava os dias deprimida em casa, a sentir a falta das amigas do bairro antigo e às vezes a chorar. Pete detestava ver Tina chorar.

Entretanto, senhoras e senhores, desliguem os

telemóveis. As luzes estão a apagar-se e o episódio de hoje de *Na Merda até ao Pescoço* vai começar.

TOM: — Ei, chegaste cedo.

LINDA (com cautela): — Tom, hoje é...

TOM: — Quarta-feira, certo. O dia em que a biblioteca fecha cedo.

LINDA: — Fumaste outra vez dentro de casa. Sinto o cheiro.

TOM (a ficar mal-humorado): — Só um. Na cozinha. Com a janela aberta. Há gelo nos degraus das traseiras, e não quis correr o risco de cair. O Pete esqueceu-se de espalhar o sal outra vez.

PETE (à parte, para a plateia): — Ele devia saber, pois foi quem fez o plano de tarefas, que é a semana de a Tina espalhar o sal. Aqueles *OxyContins* que ele toma não são só comprimidos para a dor, são comprimidos de estupidez.

LINDA: — Ainda sinto o cheiro, e sabes que o contrato de arrendamento proíbe especificamente...

TOM: — Tudo bem, percebi. Da próxima vez, vou lá para fora e corro o risco de cair das muletas.

LINDA: — Não é só por causa do contrato, Tommy. Ser fumador passivo é mau para as crianças. Já falámos disso.

TOM: — E falámos, e falámos...

LINDA (agora a meter-se na boca do lobo): — Além disso, quanto custa um maço de tabaco hoje em dia? Quatro e meio? Cinco dólares?

TOM: — Eu fumo um maço *por semana*, pelo amor de Deus!

LINDA (atropelando as defesas dele graças a um ataque aritmético com a contundência de uma divisão Panzer): — Se um maço custa cinco dólares, isso são vinte dólares por mês. E sai do meu ordenado, porque é o único...

TOM: — Pronto, aí vamos nós...

LINDA: — ... que temos agora.

TOM: — Nunca te cansas de esfregar isso na minha cara, pois não? Deves achar que fui atropelado de propósito. Para poder ficar a mandriar em casa.

LINDA (depois de uma longa pausa): — Há vinho? Sabia-me bem um copo.

PETE (à parte): — Diz que há, pai. Diz que há.

TOM: — Acabou. Talvez queiras que eu vá de muletas ao Zoney's comprar outra garrafa. Mas terias de me dar um adiantamento da minha *mesada*.

LINDA (à beira das lágrimas): — Comportas-te como se o que te aconteceu fosse culpa minha.

TOM (a gritar): — Não é culpa de *ninguém*, e é isso que me deixa louco! Não percebes? Nunca apanharam sequer o tipo que fez aquilo!

Naquele momento, Pete decidiu que ouvira o suficiente. Era uma peça idiota. Talvez eles não percebessem, mas ele percebia. Fechou o livro de literatura. Leria a história que tinha de ler, de um tipo chamado John Rothstein, à noite. Naquele momento, precisava de sair e respirar num ambiente menos conflituoso.

LINDA (baixinho): — Pelo menos não morreste.

TOM (a ficar melodramático): — Às vezes, acho que teria sido melhor se tivesse morrido. Olha para mim, totalmente dependente do Oxy e ainda com dores, porque aquilo já não faz efeito se eu não tomar uma quantidade suficiente para quase me matar. Viver com o ordenado da minha mulher, que é mil dólares mais baixo do que era, graças àqueles liberais do caralho...

LINDA: — Cuidado com a ling...

TOM: — A casa? Já era. Cadeira de rodas motorizada? Já era. Poupanças? Quase no fim. E agora, não posso sequer fumar um maldito cigarro!

LINDA: — Se achas que lamentares-te vai resolver alguma coisa, estás à vontade, mas...

TOM (a rugir): — Chamas a isto lamentar-me? Eu chamo-lhe realidade. Queres que baixe as calças para veres bem o que resta das minhas pernas?

Pete desceu as escadas de meias. A sala ficava mesmo ali, mas eles não o viram; estavam cara a cara e ocupados a representar uma peça de merda que ninguém pagaria para ver. O pai estava apoiado nas muletas, com os olhos vermelhos e o rosto coberto por uma barba incipiente, a mãe a segurar a mala diante do peito como um escudo e a morder o lábio. Era horrível, e a pior parte era que Pete os amava.

O pai esquecera-se de mencionar o Fundo de Emergência, iniciado um mês depois do Massacre do Centro Cívico pelo único jornal que restava na cidade, em colaboração com as três estações de televisão locais. Brian Williams até apresentara uma reportagem sobre o fundo no *NBC Nightly News*, como aquela cidadezinha corajosa cuidava dos seus quando ocorria uma calamidade, tantos corações preocupados, tantas mãos caridosas, tanto blá-blá-blá, e agora uma palavra dos patrocinadores. O Fundo de Emergência deixou toda a gente a sentir-se bem por uns seis dias. O que a imprensa não mencionou foi como o fundo angariou pouco, apesar das caminhadas e dos passeios de bicicleta beneficentes e do concerto do segundo classificado no *American Idol*. O Fundo de Emergência não cresceu porque era uma época difícil para toda a gente. E, claro, o que *foi* reunido teve de ser dividido por muitas pessoas. A família Saubers recebeu um cheque de mil e duzentos dólares, depois um de quinhentos, depois um de duzentos. O cheque do mês anterior, com o carimbo ÚLTIMA PARCELA, fora de cinquenta dólares.

Palmas.

Pete entrou na cozinha, agarrou nas botas e no casaco e saiu. A primeira coisa em que reparou foi que não havia gelo nos degraus das traseiras; o pai mentira sobre aquilo. O dia estava demasiado quente para haver gelo, pelo menos ao sol. Ainda faltavam seis semanas para a primavera, mas o degelo já tinha começado havia quase uma semana, e a única neve que havia no quintal estava debaixo das árvores. Pete foi até à vedação e saiu pelo portão.

Uma vantagem de morar nas ruas com nomes de árvores de North Side era o terreno baldio que se estendia atrás da Sycamore. Devia ter o tamanho de um quarteirão, dois hectares de vegetação e árvores baixas que desciam pela colina até um riacho congelado. O pai de Pete disse que o terreno estava assim havia muito tempo e que devia ficar assim ainda mais tempo por causa de um litígio judicial interminável sobre quem era o proprietário das terras e o que podia ser ali construído.

— No final, nestes casos, só saem a ganhar os advogados — dissera ele ao filho. — Lembra-te disso.

Na opinião de Pete, crianças que queriam férias dos pais por uma questão de saúde mental também saíam a ganhar.

Um carreiro seguia em diagonal no meio das árvores nuas, terminando no centro recreativo da Birch Street, um antigo centro destinado à juventude de Northfield cujos dias estavam contados. Com bom tempo havia miúdos mais velhos no carreiro, a fumar cigarros, erva, a beber cerveja, provavelmente a curtir com as namoradas, mas não naquela altura do ano. A ausência de miúdos mais velhos significava menos chatices.

Às vezes, Pete levava a irmã pelo carreiro se os pais estivessem a discutir a sério, como acontecia com cada vez mais frequência. Quando chegavam ao centro recreativo, jogavam basquete, viam vídeos ou jogavam às damas. Ele não sabia para onde a levaria quando o centro recreativo fechasse. Não havia nenhum outro sítio além do Zoney's, a loja de conveniência. Sozinho, ele geralmente só ia até ao riacho atirar pedras, se a água estivesse a correr, ou fazê-las bater no gelo quando o riacho congelava. Tentava fazer buracos na superfície e apreciava o silêncio.

As Zaragatas eram más, mas o seu pior medo era que o pai, agora sempre um pouco alterado por causa dos comprimidos de Oxy, um dia acabasse por bater na mãe. Isso quase certamente rasgaria o tecido esticado e fino do casamento. E se não rasgasse? E se ela aceitasse apanhar? Isso seria ainda pior.

Nunca vai acontecer, disse Pete para si mesmo. O pai não faria isso.

Mas e se fizesse?

O gelo ainda cobria o riacho naquela tarde, mas parecia podre, e tinha manchas grandes e amarelas, como se um gigante tivesse parado para urinar ali. Pete não se atreveria a andar em cima dele. Não se afogaria nem nada, se o gelo cedesse, a água só chegava aos tornozelos, mas não queria voltar para casa e ter de explicar por que motivo as calças e as meias estavam molhadas. Sentou-se num tronco caído, atirou algumas pedras (as pequenas bateram e deslizaram, as grandes partiram as zonas amarelas), depois ficou a olhar para o céu bastante tempo. Nuvens grandes e fofas fluíam lá em cima, daquelas que pareciam mais de primavera do que de inverno, deslocando-se de oeste para

leste. Uma delas parecia uma velhota corcunda (ou talvez com uma mochila às costas); havia um coelho; havia um dragão; havia uma que parecia um...

Um baque baixo à sua esquerda distraiu-o. Virou-se e viu que uma parte do declive, frágil devido a uma semana de neve a derreter, tinha cedido e exposto as raízes de uma árvore que já estava precariamente inclinada. O buraco criado pela queda parecia uma caverna, e, a não ser que estivesse enganado — ele achava que podia ser só uma sombra —, havia ali alguma coisa.

Pete foi até à árvore, agarrou-se a um dos ramos sem folhas e inclinou-se para ver melhor. Havia mesmo alguma coisa ali, e parecia bastante grande. A ponta de uma caixa, talvez?

Desceu pela margem, criando degraus improvisados ao enfiar os calcanhares das botas na terra lamacenta. Quando estava sob o local do pequeno deslizamento, agachou-se. Viu couro preto rachado e tiras de metal com rebites. Havia uma pega do tamanho de um estribo na ponta. Era uma arca. Alguém escondera ali uma arca.

Animado, além de curioso, Pete segurou a pega e puxou. A arca nem se mexeu. Estava bem enterrada. Pete deu outro puxão, mas só por descargo de consciência. Não conseguiria tirá-la dali sem ferramentas.

Ficou agachado com as mãos entre as coxas, como o pai fazia antes de os seus dias de homem ativo chegarem ao fim. Apenas a observar a arca presa na terra escura e cheia de raízes. Devia ser uma loucura estar a pensar na *Ilha do Tesouro* (e também no «Escaravelho de Ouro», um conto que tinham lido a inglês no ano anterior), mas *estava* a pensar nisso. E era loucura? Era mesmo? Além de dizer que conhecimento era poder, o senhor Jacoby enfatizava a importância do pensamento lógico. Não era lógico pensar

que uma pessoa não enterraria uma arca no bosque a não ser que houvesse alguma coisa valiosa dentro?

E estava ali havia algum tempo. Dava para perceber. O couro encontrava-se rachado e cinzento em alguns sítios, em vez de preto. Pete achava que, se puxasse a pega com toda a força que tinha e não parasse de puxar, talvez a partisse. As tiras de metal estavam sem brilho e cheias de ferrugem.

Tomou uma decisão e subiu o carreiro em direção a casa. Entrou pelo portão, foi até à porta da cozinha e pôs-se à escuta. Não havia vozes e o televisor estava desligado. O pai devia ter ido para o quarto (o do rés do chão, os pais tinham de dormir ali apesar de ser pequeno, porque o pai já não conseguia subir bem as escadas) dormir uma sesta. A mãe talvez tivesse ido com ele, às vezes faziam as pazes assim, mas talvez estivesse na sala das máquinas, que também lhe servia de escritório, a trabalhar no currículo ou a candidatar-se a empregos pela Internet. O pai podia ter desistido (e Pete era forçado a admitir que ele tinha os seus motivos), mas a mãe, não. Ela queria voltar a dar aulas a tempo inteiro, e não só pela remuneração.

Havia uma garagem ao lado da casa, mas a mãe nunca punha o *Focus* lá dentro a não ser que fosse haver uma tempestade de neve. Estava cheia de coisas da casa antiga para as quais não havia espaço na casa alugada, mais pequena. A caixa de ferramentas do pai encontrava-se lá (Tom pusera as ferramentas à venda *online*, mas não conseguira que alguém lhas comprasse pelo que considerava um preço justo), além de alguns brinquedos velhos dele e de Tina, o saco de sal com a pá e algumas ferramentas de jardinagem encostadas à parede do fundo. Pete escolheu uma pá e voltou a correr pelo carreiro, segurando-a na frente do corpo como um soldado com a

sua espingarda.

Desceu até quase ao riacho, usando os degraus que tinha feito na lama, e começou a trabalhar no pequeno deslizamento que revelara a arca. Apanhou com a pá boa parte da terra caída e pô-la de novo no buraco debaixo da árvore. Não conseguiu preenchê-lo até às raízes retorcidas, mas conseguiu cobrir a ponta da arca, que era o seu objetivo.

Por enquanto.

Houve uma ameaça de Zaragata ao jantar, mas não passou disso, e Tina não pareceu importar-se, mas entrou no quarto de Pete quando ele estava a terminar os trabalhos de casa. Vestia o *babygro* e arrastava a *Senhora Beasley*, a sua última e mais importante boneca. Era como se tivesse voltado a ter cinco anos.

— Posso ir para a tua cama um bocadinho, Petie? Tive um pesadelo.

Ele pensou em mandá-la embora, mas decidiu (ainda a pensar na arca enterrada) que fazer uma coisa dessas poderia dar azar. Também seria crueldade, considerando as olheiras escuras sob os olhos bonitos da irmã.

— Sim, tudo bem, só um bocadinho. Mas não vamos transformar isso num hábito. — Era uma das frases preferidas da mãe.

Tina deitou-se na cama e rolou até estar encostada à parede, a sua posição favorita para dormir, como se tencionasse passar ali a noite. Pete fechou o livro de ciências, sentou-se ao lado dela e fez uma careta.

— Um aviso sobre a boneca, Teens. A cabeça da *Senhora Beasley* está enfiada no meu rabo.

— Vou pô-la aos meus pés. Pronto. Assim está melhor?

— E se ela sufocar?

— Ela não respira, parvo. É só uma boneca, e a Ellen diz que em breve me vou cansar dela.

— A Ellen é uma idiota.

— É minha amiga. — Pete reparou, divertido, que ela não discordou exatamente. — Mas acho que ela tem razão. As pessoas crescem.

— Tu, não. Serás sempre a minha irmã mais nova. E não adormeças. Vais voltar para o teu quarto daqui a cinco minutos.

— Dez.

— Seis.

Ela pensou.

— Está bem.

Do andar de baixo, ouviram um grunhido abafado, seguido do baque de muletas. Pete seguiu a trajetória do barulho até à cozinha, onde o pai se sentaria, acenderia um cigarro e sopraria o fumo pela porta das traseiras. Aquilo faria a caldeira acender-se, e o que a caldeira queimava, de acordo com a mãe deles, não era óleo, mas dinheiro.

— Achas que eles vão divorciar-se?

Pete ficou duplamente chocado: primeiro pela pergunta, e depois pelo tom casual quase adulto. Ia para dizer «Não, claro que não», mas pensou no quanto detestava filmes em que os adultos mentiam às crianças, que era como dizer *todos* os filmes.

— Não sei. Hoje não, pelo menos. Os tribunais estão fechados.

Tina riu-se. Isso era bom sinal. Ele esperou que a irmã dissesse mais alguma coisa. Não disse. Os pensamentos de Pete voltaram-se para a arca enterrada na margem do riacho, debaixo de uma árvore. Conseguira manter esse pensamento distante enquanto fazia os trabalhos de casa,

mas...

Não, não consegui. Os pensamentos estiveram sempre presentes.

— Tina, é melhor não adormeceres.

— Não estou... — Mas estava quase, pelo tom de voz.

— O que farias se encontrasses um tesouro? Uma arca de tesouro enterrada, cheia de pedras preciosas e dobrões de ouro?

— O que são dobrões?

— Moedas antigas.

— Dava-a aos pais. Para eles não discutirem mais. Tu não?

— Sim — respondeu Pete. — Agora volta para a tua cama, antes que eu tenha de te levar ao colo.

De acordo com o seguro de saúde, Tom Saubers só podia ter fisioterapia duas vezes por semana. Uma carrinha especial ia buscá-lo todas as segundas e sextas às nove horas e levava-o de volta às quatro da tarde, depois da hidroterapia e de uma reunião em que as pessoas com lesões de recuperação demorada e dores crónicas se sentavam em círculo e conversavam sobre os seus problemas. O que queria dizer que a casa ficava vazia durante sete horas nesses dias.

Na noite de quinta, Pete foi para a cama a queixar-se de dores de garganta. Na manhã seguinte, acordou a dizer que ainda se sentia doente e que agora achava que também tinha febre.

— Estás mesmo quente — disse Linda depois de lhe tocar na testa. Pete esperava que sim, depois de manter o rosto a cinco centímetros do candeeiro da mesa de cabeceira antes de descer as escadas. — Se não estiveres

melhor amanhã, talvez seja bom ir ao médico.

— Boa ideia! — exclamou Tom do seu lado da mesa, empurrando ovos mexidos de um lado para o outro do prato. Parecia não ter dormido nada. — Um especialista, talvez! Deixa-me só ligar ao Ambrósio. O *Rolls-Royce* está reservado para levar a Tina à aula de ténis no *country club*, mas acho que o *Lincoln* está disponível.

Tina riu-se. Linda olhou para Tom carrancuda, mas, antes que pudesse responder, Pete disse que não se sentia assim *tão* mal, um dia em casa deveria bastar para ficar bom. Se não bastasse, o fim de semana ajudaria.

— É provável. — Ela suspirou. — Queres comer alguma coisa?

Pete queria, mas achou que não seria inteligente dizer que sim, pois teoricamente tinha a garganta inflamada. Pôs a mão à frente da boca e simulou uma tosse.

— Só um sumo. Depois, acho que vou tentar dormir mais um pouco.

Tina foi a primeira a sair de casa e afastou-se a saltitar até à esquina, onde ela e Ellen falariam das coisas estranhas de que as miúdas de nove anos falam enquanto esperavam pelo autocarro da escola. Depois, a mãe saiu para a escola no *Focus*. Por fim, o pai, que, com a ajuda das muletas, desceu até ao passeio onde a carrinha o aguardava. Pete observou-o pela janela do quarto, percebendo que o pai parecia agora mais pequeno. O cabelo que espreitava sob o boné dos Groundhogs começara a ficar grisalho.

Quando a carrinha foi embora, ele vestiu-se, agarrou num saco de plástico reutilizável que a mãe guardava na despensa e foi até à garagem. Tirou da caixa de

ferramentas do pai um martelo e um escopro, que enfiou no saco. Agarrou na pá e foi em direção à porta, mas decidiu voltar atrás para levar o pé de cabra. Nunca fora escuteiro, mas tinha a firme convicção de que era melhor estar precavido.

A temperatura matinal era baixa e Pete via o próprio hálito no ar, mas, quando já tinha cavado em volta da arca o suficiente para conseguir puxá-la, o ar estava bastante mais quente e ele suava dentro do casaco. Pendurou-o num ramo baixo e olhou em volta para ter a certeza de que ainda estava sozinho junto ao riacho (fizera isso várias vezes). Tranquilizado, pegou num pouco de terra e esfregou-a nas mãos, como um batedor a preparar-se para bater a bola. Agarrou na pega da arca, lembrando a si mesmo que devia estar preparado para o caso de ela se partir. A última coisa que queria era rebolar margem abaixo. Se caísse no riacho, talvez ficasse mesmo doente.

Não devia haver ali nada além de uma pilha de roupa bolorenta... mas por que motivo alguém enterraria uma arca cheia de roupa velha? Porque não queimá-la ou deixá-la numa loja de caridade?

Só havia uma forma de descobrir.

Pete respirou fundo, reteve o ar e puxou. A arca nem se mexeu e a pega velha estalou de forma ameaçadora, mas ele sentiu-se encorajado. Achou que podia mover a arca um pouco de um lado para o outro. Isso fê-lo pensar no pai a prender uma linha a um dos dentes de leite de Tina e a dar um puxão forte quando o dente não caía sozinho.

Ajoelhou-se (lembrando a si mesmo que seria melhor lavar as calças de ganga depois ou enfiá-las no fundo do armário) e espreitou para dentro do buraco. Viu que uma

raiz tinha crescido em volta da parte de trás da arca como um braço. Pegou na pá, segurou-a pelo cabo e bateu na raiz. Era grossa, e ele teve de descansar várias vezes, mas finalmente conseguiu cortá-la. Pousou a pá e agarrou de novo na pega. A arca estava mais solta agora, quase pronta a sair. Olhou para o relógio. Dez e quinze. Pensou na mãe a ligar para casa no intervalo para ver como ele estava. Não era um grande problema; se ele não atendesse, ela pensaria que estava a dormir, mas Pete disse a si mesmo que tinha de verificar o atendedor de chamadas quando chegasse a casa. Pegou na pá e começou a cavar em volta da arca, soltando terra e cortando algumas raízes mais pequenas. Em seguida, agarrou de novo na pega.

— Desta vez, sua desgraçada — disse ele. — Desta vez, vou conseguir.

Puxou. A arca deslizou tão de repente e com tanta facilidade que ele teria caído se os pés não estivessem bem afastados um do outro. Agora, a arca estava quase toda fora do buraco, com a tampa coberta de terra. Viu os fechos à frente, antiquados, como os da lancheira de um operário. Também um cadeado grande. Agarrou de novo na pega, e, dessa vez, ela partiu-se.

— Caraças — resmungou Pete, olhando para as mãos. Estavam vermelhas e a latejar.

Bom, perdido por cem, perdido por mil (outra das frases favoritas da mãe). Envolveu a arca num desajeitado abraço à urso e inclinou-se para trás. Dessa vez, a arca saiu toda do esconderijo e viu a luz do sol pela primeira vez no que deviam ser anos, uma relíquia húmida e suja e enferrujada. Parecia ter uns setenta centímetros de comprimento e quarenta de largura. Talvez mais. Pete soergueu uma ponta e calculou que devia pesar uns trinta quilos, metade do peso dele, mas era impossível dizer quanto disso era do

conteúdo e quanto era da arca. De qualquer modo, não eram dobrões; se a arca estivesse cheio de ouro, ele não teria conseguido puxá-la, muito menos levantá-la.

Abriu os fechos, fazendo cair alguma terra, depois inclinou-se para o cadeado, preparado para rebentá-lo com o martelo e o escopro. Então, se ainda se recusasse a abrir, o que provavelmente aconteceria, ele usaria o pé de cabra. Mas primeiro... não custava nada tentar...

Pete empurrou a tampa, que se abriu com um ranger de dobradiças sujas. Mais tarde, concluiria que alguém comprara aquela arca em segunda mão, provavelmente por um bom preço, já que a chave se perdera, mas naquele momento limitou-se a olhar. Não reparou na bolha numa das mãos, nem na dor nas costas e nas coxas, nem no suor a escorrer pelo rosto sujo. Não estava a pensar na mãe, no pai nem na irmã. Também não estava a pensar nas Zaragatas, pelo menos naquele momento.

A arca fora forrada com plástico transparente para oferecer proteção contra a humidade. No fundo, viu pilhas do que pareciam ser cadernos. Usou a parte lateral das mãos para limpar as gotas do plástico. Eram mesmo cadernos, muito bonitos, com o que pareciam ser capas de pele a sério. Parecia haver pelo menos cem. Mas aquilo não era tudo. Também havia envelopes como os que a mãe levava para casa quando levantava um cheque no banco. Pete puxou o plástico e olhou para a arca quase cheia. Os envelopes tinham GRANITE STATE BANK e «*O seu amigo na cidade!*» impressos. Mais tarde, ele notaria certas diferenças entre aqueles envelopes e os que a mãe recebia no Corn Bank and Trust — não havia endereço de *e-mail* nem referência alguma à possibilidade de usar o cartão multibanco para levantamentos —, mas, naquele momento, limitou-se a olhar. O seu coração batia com tanta força que

ele começou a ver pontos pretos e pensou se iria desmaiar.

Claro que não, só as miúdas é que desmaiam.

Talvez, mas ele estava mesmo tonto, e percebeu que parte do problema era porque, desde que abrira a arca, se esquecera de respirar. Inspirou profundamente, expirou e inspirou de novo. Até aos dedos dos pés, ou foi o que pareceu. Sentiu a cabeça desanuviar-se, mas o coração batia com mais força do que nunca e as mãos tremiam.

Os envelopes do banco vão estar vazios. Sabes isso, não sabes? As pessoas só encontram dinheiro escondido em livros e filmes, não na vida real.

Só que não *pareciam* vazios. Pareciam *cheios*.

Pete esticou a mão para um, mas ofegou quando ouviu movimento do outro lado do riacho. Virou-se e viu dois esquilos a brincarem entre as folhas mortas, provavelmente a pensar que o degelo da semana queria dizer que a primavera tinha chegado. Correram para uma árvore com as caudas a abanar.

Pete virou-se para a arca e agarrou num dos envelopes. Puxou a aba com um dedo que parecia dormente, apesar de a temperatura agora dever estar perto dos cinco graus. Abriu-o e olhou lá para dentro.

Dinheiro.

Notas de vinte e de cinquenta.

— Deus santo que estais no céu — sussurrou Pete Saubers.

Pegou em meio maço de notas e tentou contá-las, mas as suas mãos tremiam muito e deixaram cair algumas. Aterraram na erva, e, antes que ele as apanhasse, o seu cérebro sobreaquecido garantiu-lhe que Ulysses Grant lhe piscara o olho numa das notas.

Contou o dinheiro. Quatrocentos dólares. Quatrocentos naquele envelope, e havia *dezenas* deles.

Enfiou de novo as notas no envelope, o que não foi tarefa fácil, porque agora as suas mãos tremiam mais do que as do avô Fred nos últimos dois anos de vida. Meteu o envelope na arca e olhou em volta, com os olhos arregalados. Os sons do trânsito que sempre lhe tinham soado baixos, distantes e pouco importantes naquele terreno abandonado pareciam agora próximos e ameaçadores. Aquilo não era a Ilha do Tesouro; era uma cidade com mais de um milhão de pessoas, muitas delas desempregadas, que adorariam pôr as mãos no que havia naquela arca.

Pensa, disse Pete Saubers para si mesmo. *Pensa*, pelo amor de Deus. Esta é a coisa mais importante que já te aconteceu, talvez a mais importante que vai acontecer na tua vida, portanto pensa bem e pensa corretamente.

A primeira coisa que lhe veio à cabeça foi Tina, aninhada entre a cama dele e a parede. *O que farias se encontrasses um tesouro?*, perguntara ele.

Dava-o aos pais, respondera a irmã.

Mas e se a mãe o quisesse devolver?

Era uma pergunta importante. O pai nunca faria isso, Pete sabia, mas a mãe era diferente. Tinha ideias bem definidas sobre o que era certo e errado. Se ele lhe mostrasse a arca e o que havia lá dentro, poderia dar início à pior Zaragata de todas sobre dinheiro.

— Além do mais, devolver a *quem*? — sussurrou Pete.
— Ao banco?

Era ridículo.

Seria mesmo? E se o dinheiro fosse mesmo um tesouro de piratas, só que de ladrões de bancos em vez de corsários? Mas então porque estava em envelopes? E o que eram todos aqueles cadernos pretos?

Poderia pensar naquelas coisas depois, mas não naquele

momento; precisava era de *agir*. Olhou para o relógio e viu que já eram onze menos um quarto. Ainda tinha tempo, mas tinha de usá-lo bem.

— É agora ou nunca — sussurrou, e começou a enfiar os envelopes de dinheiro do Granite State Bank no saco, com o martelo e o escopro. Pousou o saco no chão e cobriu-o com o casaco. Enfiou o plástico de novo na arca, fechou a tampa e empurrou a arca para o buraco. Parou para limpar a testa, que estava oleosa de terra e suor, pegou na pá e começou a atirar terra como um louco. Conseguiu cobrir a arca quase por completo, pegou no saco e no casaco e correu pelo carreiro até casa. Esconderia o saco no fundo do armário, a princípio, e veria se havia algum recado da mãe no atendedor. Se estivesse tudo bem com a mãe (e se o pai não tivesse voltado mais cedo da fisioterapia, o que seria horrível), ele poderia voltar ao riacho e tentar esconder melhor a arca. Mais tarde, poderia olhar para os cadernos, mas, enquanto voltava para casa naquela manhã ensolarada de fevereiro, o seu único pensamento sobre eles era que podia haver mais envelopes de dinheiro no meio. Ou em baixo.

Vou ter de tomar duche. E limpar a terra da banheira depois, para a mãe não perguntar o que andei a fazer lá fora se estou doente. Tenho de ser cuidadoso e não posso contar a ninguém. A ninguém mesmo.

No duche, teve uma ideia.

1978

Lar é o sítio onde têm de nos receber quando lá vamos, mas, quando Morris chegou à casa da Sycamore Street, não havia luzes para iluminar a escuridão da noite e ninguém para o receber à porta. Porque haveria? A mãe estava em Nova Jérsia, a dar aulas sobre como um bando de empresários do século XIX tentara roubar os Estados Unidos. A dar aulas a alunos do último ano que provavelmente roubariam tudo a que conseguissem deitar a mão quando estivessem atrás do Dólar de Ouro. Algumas pessoas diriam que Morris fora atrás do seu Dólar de Ouro no New Hampshire, mas não era verdade. Ele não fora motivado pelo dinheiro.

Queria o *Biscayne* na garagem, escondido. Raios, queria que o *Biscayne* desaparecesse, mas isso teria de esperar. A sua prioridade era Pauline Muller. A maioria dos moradores da Sycamore Street ficava tão colada à televisão quando começava o horário nobre que não teria reparado se um óvni aterrasse no seu jardim, mas não era o caso da senhora Muller; a vizinha da casa ao lado elevara a bisbilhotice à categoria de arte. Então ele foi lá primeiro.

— Ah, olha quem ele é! — exclamou quando abriu a porta... como se não tivesse estado a espreitar pela janela da cozinha quando Morris parara à entrada da garagem. — Morrie Bellamy! Todo crescido e bonito!

Morris esboçou o seu melhor sorriso atrapalhado.

— Como está, senhora Muller?

Ela deu-lhe um abraço que Morris teria dispensado, mas retribuiu com a devida cortesia. Em seguida, virou a cabeça agitando a papada, e gritou:

— Bert! *Bertie!* É o Morrie Bellamy!

Da sala veio um grunhido triplo que podia significar *como estás?*

— Entra, Morrie! Entra! Vou fazer café! E adivinha. — Ergueu as sobranceiras demasiado pretas de forma horivelmente coquete. — Há bolo Sara Lee!

— Parece ótimo, mas acabei de chegar de Boston. Conduzi sem parar. Estou exausto. Só não queria que visse as luzes acesas e chamasse a polícia.

Ela deu uma gargalhada que parecia um urro de macaco.

— És tão *atencioso!* Mas foste sempre. Como vai a tua mãe, Morrie?

— Bem.

Ele não fazia ideia. Desde o período que passara no reformatório aos dezassete anos e a tentativa fracassada de entrar no City College aos vinte e um, o relacionamento entre Morris e Anita Bellamy resumia-se a telefonemas ocasionais. Eram frios, mas civilizados. Depois de uma última discussão na noite da prisão dele por violação de domicílio e outros delitos menores, basicamente tinham desistido um do outro.

— Estás cheio de músculos — disse a senhora Muller. — As raparigas devem *adorar*. Eras tão *magricela*.

— Andei a construir casas...

— A construir *casas!* *Tu!* Caramba! Bertie! *O Morris andou a construir casas!*

Isso deu lugar a mais alguns grunhidos na sala.

— Mas o trabalho diminuiu, então voltei para cá. A

minha mãe disse que eu podia usar a casa, se não conseguisse alugá-la, mas não devo ficar muito tempo.

Como isso acabou por ser verdade.

— Vem até à sala dizer olá ao Bert, Morrie.

— Fica para outra vez. — Para evitar ser mais importunado, gritou: — *Olá, Bert!*

Outro grunhido, ininteligível no meio das gargalhadas que acompanhavam o programa *Welcome Back, Kotter*.

— Amanhã, então — disse a senhora Muller, movendo mais uma vez as sobancelhas. Parecia estar a fazer uma imitação de Groucho Marx. — Guardo-te uma fatia de bolo. Talvez até faça *chantilly*.

— Ótimo — respondeu Morris.

Não era provável que a senhora Muller fosse morrer de ataque cardíaco antes do dia seguinte, mas era possível; como dissera outro grande poeta, a esperança brota eternamente no peito do homem.

As chaves de casa e da garagem estavam no sítio do costume: penduradas sob a calha, à direita dos degraus. Morris enfiou o *Biscayne* na garagem e pousou no chão a arca que comprara. Morria de vontade de começar a ler aquele quarto livro de Jimmy Gold imediatamente, mas os cadernos estavam todos misturados, e os seus olhos fechar-se-iam antes mesmo de ele conseguir ler uma única letra da caligrafia minúscula de Rothstein; estava exausto.

Amanhã, prometeu a si mesmo. Depois de eu falar com o Andy, de perceber como ele quer lidar com isto, ponho-os por ordem e começo a ler.

Empurrou a arca para baixo da velha bancada de trabalho do pai e cobriu-a com um plástico que encontrou num canto. Depois, entrou em casa e deu um passeio pelo

velho lar. Parecia na mesma, ou seja, deplorável. Não havia nada no frigorífico além de um frasco de pickles e uma caixa de bicarbonato de sódio, mas encontrou algumas refeições congeladas *Hungry Man* no congelador. Enfiou uma no forno, ligou-o a cento e oitenta graus e subiu a escada até ao seu antigo quarto.

Consegui, pensou. Consegui. Tenho dezoito anos de manuscritos não publicados do John Rothstein.

Estava demasiado cansado para se sentir exultante ou mesmo satisfeito. Quase adormeceu no duche e novamente quando estava a comer um rolo de carne horrível com puré de batata instantâneo. Mas enfiou a comida na boca e voltou a subir as escadas. Adormeceu quarenta segundos depois de a cabeça pousar na almofada e só acordou às nove e vinte da manhã seguinte.

Descansado e com a luz do sol a iluminar a cama da sua infância, Morris *sentiu-se* exultante, e mal podia esperar para partilhar o sentimento. O que queria dizer que tinha de falar com Andy Halliday.

Encontrou umas calças caqui e uma camisa axadrezada no armário, penteou o cabelo para trás e deu uma olhadela rápida à garagem para ver se estava tudo em ordem. Dirigiu o que esperava ser um aceno jovial à senhora Muller (novamente a espreitar pelas cortinas) ao descer a rua até à paragem de autocarro. Chegou ao centro antes das dez, andou um quarteirão e dirigiu-se pela Ellis Avenue até ao Happy Cup, onde havia mesas debaixo de guarda-sóis cor-de-rosa no passeio. Como esperado, Andy estava na sua pausa. Melhor ainda, estava sentado a uma das mesas e de costas, e Morris pôde aproximar-se sem ser visto.

— *Buuu!* — gritou ele, agarrando no ombro do casaco

de bombazina coçado de Andy.

O seu velho amigo, o seu único amigo naquela cidade ignorante que mais parecia uma piada, saltou com o susto e virou-se. O café tombou e entornou-se. Morris recuou. Quisera assustar Andy, mas não *tanto*.

— Ei, desc...

— O que *fizeste*? — perguntou Andy num sussurro baixo e rouco. Os olhos estavam sérios por trás dos óculos com armação de osso que Morris sempre achara um pouco pretensiosos. — Que porra *fizeste*?

Não eram as boas-vindas que Morris esperara. Sentou-se.

— Aquilo de que falámos.

Observou o rosto de Andy e não viu sequer um pinga da divertida superioridade intelectual que o amigo costumava exibir. Andy parecia estar com medo. De Morris? Talvez. Por si próprio? Com certeza.

— Eu não devia ser visto con...

Morris levava um saco de papel pardo que encontrara na cozinha. Tirou do interior um dos cadernos de Rothstein e pousou-o na mesa, tendo o cuidado de evitar o café entornado.

— Uma amostra. Um de muitos. Pelo menos cento e cinquenta. Ainda não tive oportunidade de contar, mas saiu-nos a sorte grande.

— Guarda isso! — Andy ainda estava a sussurrar, como uma personagem num mau filme de espionagem. Os olhos moveram-se de um lado para o outro antes de voltarem para o caderno. — O homicídio do Rothstein está na primeira página do *New York Times* e em todos os canais de televisão, seu idiota!

A notícia foi um choque. Devia demorar pelo menos três dias até alguém encontrar o corpo do escritor, talvez até

seis. A reação de Andy foi um choque ainda maior. Ele parecia um rato encurralado.

Morris exibiu o que esperava ser uma boa imitação do sorriso de Andy que dizia «sou tão inteligente que me aborreço».

— Calma. Nesta parte da cidade há miúdos com cadernos em todo o lado. — Apontou para o outro lado da rua, na direção de Government Square. — Ali vai um.

— Mas não *Moleskines*! Meu Deus! A empregada sabia o tipo de caderno que o Rothstein usava para escrever, e o jornal diz que o cofre no quarto dele estava aberto e vazio! Guarda... isso!

Morris empurrou o caderno na direção de Andy, ainda tendo o cuidado de evitar a poça de café. Estava a ficar cada vez mais irritado com o amigo («danado», como diria Jimmy Gold), mas também sentia um prazer perverso ao ver o homem encolher-se na cadeira, como se o caderno fosse um tubo de ensaio cheio de bacilos da peste.

— Vá, dá uma olhadela. Este praticamente só tem poesia. Vim a folheá-lo no autocarro...

— No *autocarro*? Estás *louco*?

— ... e não é muito boa — prosseguiu Morris, como se não tivesse ouvido —, mas é dele, sim. Um manuscrito hológrafo. Extremamente valioso. Falámos sobre isso. Várias vezes. Falámos sobre como...

— Guarda *isso*!

Morris não gostava de admitir que a paranoia de Andy começava a contagiá-lo, mas começava. Guardou o caderno no saco e olhou para o velho amigo (o seu *único* amigo) com a testa franzida.

— Eu não estava a sugerir montarmos uma banca na rua nem nada disso.

— Onde está o resto? — E antes que Morris pudesse

responder: — Não interessa. Não quero saber. Não percebes como essas coisas são incriminatórias? O perigo que corres?

— Eu não corro perigo — disse Morris, mas era isso que começava a sentir. De repente, o seu rosto e a nuca ficaram muito quentes. Andy agia como se ele, em vez de ter cometido o crime do século, tivesse borrado as calças. — Ninguém pode ligar-me ao Rothstein, e *sei* que vai levar algum tempo até podermos vender os cadernos a algum colecionador particular. Não sou estúpido.

— Vender a um colec... Morrie, *ouves* o que estás a dizer?

Morris cruzou os braços e encarou o amigo. Ou o homem que antes era seu amigo, pelo menos.

— Comportas-te como se nunca tivéssemos falado sobre isto. Como se nunca tivéssemos planeado nada.

— Nós não planeámos *nada*! Era tudo uma brincadeira, pensei que tinhas percebido isso!

O que Morris percebia era que Andy Halliday contaria à polícia exatamente isso, se ele, Morris, fosse apanhado. E Andy *esperava* que ele fosse apanhado. Pela primeira vez, percebeu que Andy não era um génio intelectual ansioso para colaborar com ele numa tropelia existencial, mas apenas outro tipo medíocre. Um livreiro poucos anos mais velho do que o próprio Morris.

Não me venha com as suas críticas literárias imbecis, dissera Rothstein a Morris nos últimos dois minutos de vida. *Você não passa de um ladrãozeco comum, meu amigo.*

As suas têmporas começaram a latejar.

— Eu devia ter percebido. Toda aquela conversa sobre colecionadores particulares, estrelas de cinema e príncipes sauditas e sei lá que mais. Era apenas conversa. És só garganta.

Aquilo foi um golpe, um golpe palpável. Morris percebeu e ficou feliz, tal como ficara quando conseguira superar a mãe uma ou duas vezes na última discussão que tiveram.

Andy inclinou-se para a frente ruborizado, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, uma empregada apareceu com um punhado de guardanapos.

— Deixem-me limpar esse café — disse ela, e limpou tudo.

Era jovem, tinha cabelo louro-acinzentado natural, era engraçada apesar de um pouco pálida, talvez até bonita. Sorriu a Andy. Ele retribuiu com uma careta tensa, encolhendo-se dela como fizera com o *Moleskine*.

Ele é maricas, pensou Morris, espantado. É um maldito maricas. Como é que eu não sabia? Como é que não percebi? É quase como se tivesse um letreiro na testa.

Bem, havia muitas coisas sobre Andy que ele nunca tinha notado, não havia? Morris recordou uma frase que um dos seus colegas das obras gostava de dizer: *É só garganta*.

Quando a empregada se afastou, levando com ela a sua atmosfera feminina tóxica, Andy voltou a inclinar-se para a frente.

— Os colecionadores andam por aí — disse ele. — Acumulam quadros, esculturas, primeiras edições... Há um magnata do petróleo no Texas que tem uma coleção de cilindros fonográficos que vale um milhão de dólares, e outro que tem uma coleção completa de revistas do faroeste, ficção científica e terror publicadas entre 1910 e 1955. Achas que tudo isso foi comprado e vendido legitimamente? Uma ova. Os colecionadores são loucos, os piores não ligam se as coisas que cobiçam são roubadas ou não, e com certeza não querem partilhá-las com o resto do

mundo.

Morris já tinha ouvido antes aquele discurso, e o seu rosto deve tê-lo demonstrado, porque Andy se inclinou ainda mais. Agora, os narizes dos dois estavam quase a tocar-se. Morris sentiu o cheiro a *English Leather* e pensou se seria a loção pós-barba preferida dos maricas. Uma espécie de sinal secreto, talvez.

— Mas achas que algum desses tipos *me* ouviria?

Morris Bellamy, que agora estava a ver Andy Halliday com novos olhos, disse que achava que não.

Andy esticou o lábio inferior.

— Mas um dia vão ouvir. Vão, sim. Quando eu tiver a minha própria loja e criar uma clientela. Mas isso pode levar *anos*.

— Falámos em esperar cinco anos.

— *Cinco?* — Andy soltou uma gargalhada e voltou para o lado dele da mesa. — Talvez consiga abrir a minha *loja* daqui a cinco anos, estou de olho num sítio em Lacemaker Lane, há lá uma loja de tecidos que não tem muito movimento, mas demora mais do que isso para encontrar clientes com dinheiro e ganhar a confiança deles.

Há muitos «mas» agora, pensou Morris, mas não havia «mas» antes.

— Quanto tempo?

— Porque não me entregas esses cadernos pela viragem do século vinte e um, se ainda estiverem em teu poder? Mesmo que eu *tivesse* uma lista de colecionadores particulares agora, hoje, nem mesmo o mais maluco deles tocaria numa coisa tão recente.

Morris fitou-o, a princípio incapaz de falar.

— Nunca disseste nada *disso* quando estávamos a planear — começou por fim.

Andy levou as mãos à cabeça e segurou-a.

— Não planeámos *nada*! E não te atrevas a pôr as culpas em mim! Não te atrevas! Eu conheço-te, Morrie. Não roubaste os cadernos para vendê-los, pelo menos até os teres lido. Depois, imagino que possas estar disposto a dar alguns ao mundo, pelo preço certo. Mas, basicamente, ficas doido quando o assunto é o John Rothstein.

— Não me chames isso.

As têmporas dele latejavam mais do que nunca.

— Chamo se for verdade, e é verdade. Também ficas doido quando o assunto é o Jimmy Gold. Foi por causa dele que foste preso.

— Fui preso por causa da minha mãe. Ela enfiou-me praticamente na cela.

— Não importa. São águas passadas. Estamos a falar do presente. A não ser que tenhas sorte, a polícia vai fazer-te uma visita muito em breve, e deve chegar com um mandado de busca. Se tiveres esses cadernos quando te baterem à porta, estás frito.

— Porque viria a polícia atrás de mim? Ninguém nos viu, e os meus parceiros... — Ele piscou o olho. — Digamos apenas que os mortos não falam.

— Tu... o quê? *Mataste-os? Também os mataste?* — O rosto de Andy era a imagem do horror.

Morris sabia que não devia ter dito aquilo, mas (era engraçado como os *mas* estavam sempre a aparecer) Andy estava apenas a ser idiota.

— Como se chama a cidade onde o Rothstein vivia? — Os olhos de Andy deslocavam-se novamente de um lado para o outro, como se ele esperasse que a polícia fosse chegar de armas em punho. — Talbot Corners, certo?

— Sim, mas lá só há quintas. A povoação em si não passa de um restaurante, uma mercearia e uma bomba de gasolina no cruzamento de duas estradas estaduais.

— Quantas vezes lá foste?

— Umas cinco.

Na verdade, tinham sido quase doze, entre 1976 e 1978. Sozinho de início, depois com Freddy ou Curtis ou os dois.

— E fizeste perguntas sobre o residente mais famoso da cidade quando lá estavas?

— Claro, uma ou duas vezes. E depois? Provavelmente toda a gente que para naquele restaurante faz perguntas sobre...

— Não, é aí que te enganas. A maioria das pessoas está-se a cagar para o John Rothstein. Se fazem perguntas, é sobre quando começa a temporada de caça dos veados ou que tipo de peixe se apanha no lago mais próximo. Achas que os moradores não vão lembrar-se disso quando a polícia perguntar se viram algum forasteiro curioso sobre o homem que escreveu *O Corredor*? Algum forasteiro curioso que fez várias visitas? Além disso, tens *cadastro*, Morrie!

— Era menor de idade. O processo é confidencial.

— Depois de uma coisa desta dimensão, essa confidencialidade não se sustenta. E os teus parceiros? Algum *deles* tinha cadastro?

Morris não disse nada.

— Não sabes quem te viu e não sabes junto de quem os teus parceiros podem ter-se gabado do grande roubo que fariam. A polícia pode apanhar-te *hoje*, seu idiota. Se o fizerem e o meu nome vier à baila, vou negar tudo. Mas vou dar-te um conselho. Livra-te *disso*. — Estava a apontar para o saco de papel pardo. — Disso e dos outros cadernos. Esconde-os algures. Enterra-os! Se fizeres isso, talvez consigas safar-te. Partindo do princípio de que não deixaste impressões digitais nem nada.

Não deixámos, pensou Morris. Não sou estúpido. E também não sou um maricas mentiroso e cobarde.

— Talvez possamos voltar a isto — continuou Andy —, mas será muito mais para a frente, e só se não te apanharem. — Levantou-se. — Enquanto isso, mantém-te longe de mim, senão eu mesmo chamo a polícia.

Afastou-se depressa e de cabeça baixa, sem olhar para trás.

Morris ficou ali sentado. A empregada bonita voltou para perguntar se ele queria alguma coisa. Morris abanou a cabeça. Quando ela se afastou, ele pegou no saco com o caderno lá dentro e partiu. Na direção oposta.

Sabia que era uma falácia patética, claro, a natureza ecoar os sentimentos dos seres humanos, e entendia que era um truque barato de escritores de segunda linha para dar certo ambiente à história, mas naquele dia parecia ser verdade. A luz intensa da manhã espelhara e amplificara a sua exultação, mas ao meio-dia o sol era apenas um círculo difuso por trás de um amontoado de nuvens, e às três da tarde, conforme as suas preocupações se multiplicavam, o dia foi ficando escuro e começou a chover.

Foi no *Biscayne* ao centro comercial perto do aeroporto, sempre à procura de carros da polícia. Quando surgiu um atrás dele no Airline Boulevard, com a sirene ligada, a luz azul a piscar, o estômago de Morris gelou e o coração pareceu subir à boca. Quando a viatura passou por ele sem parar, Morris não se sentiu aliviado.

Encontrou um noticiário na rádio BAM-100. A história principal era sobre uma conferência de paz entre Sadat e Begin em Camp David (Até parece que isso vai acontecer, pensou Morris, distraído), mas a segunda era sobre o homicídio do famoso escritor americano John Rothstein. A polícia dizia que era trabalho de «uma quadrilha de

ladrões» e que estava a investigar várias pistas. Isso deviam ser tretas inventadas pelo departamento de relações públicas da bófia.

Ou talvez não.

Morris não achava que as perguntas aos velhotes meio surdos que frequentavam o Yummy Diner em Talbot Corners pudessem conduzir a si, independentemente do que Andy pensasse, mas havia outra coisa que o incomodava mais. Ele, Freddy e Curtis tinham trabalhado para a Donahue Construction, que estava a construir casas em Danvers e North Beverly. Havia duas equipas de trabalho, e durante a maioria dos dezasseis meses de Morris na empresa, passados a carregar tábuas e a martelar pregos, ele ficara em Danvers, enquanto Freddy e Curtis trabalhavam no outro local, a oito quilómetros de distância. No entanto, durante algum tempo, *tinham* trabalhado na mesma equipa, e, mesmo depois de se terem separado, costumavam almoçar juntos.

Muita gente sabia isso.

Estacionou o *Biscayne* junto a mil outros carros no lado do centro comercial onde havia um JC Penney, limpou todas as superfícies em que tocara e deixou a chave na ignição. Afastou-se rapidamente, levantando a gola e baixando o boné dos Indians. Na entrada principal do centro comercial, esperou num banco até aparecer um autocarro para Northfield e pagou os cinquenta cêntimos do bilhete. A chuva foi ficando mais forte e a viagem foi lenta, mas Morris não se importou. Dava-lhe tempo para pensar.

Andy era covarde e cheio de si, mas estava certo sobre uma coisa. Morris tinha de esconder os cadernos, e tinha de o fazer de imediato, por muito que quisesse lê-los, principalmente o próximo livro da série de Jimmy Gold. Se

a polícia aparecesse *mesmo* e ele não tivesse os cadernos, não poderiam fazer nada... Certo? Só teriam suspeitas.

Certo?

Não havia ninguém a espreitar pelas cortinas na casa ao lado, o que o poupou a outra conversa com a senhora Muller e talvez a ter de explicar porque vendera o carro. A chuva intensificara-se, e isso era bom. Não haveria ninguém a passear pelo terreno baldio entre a Sycamore e a Birch Street. Especialmente depois do anoitecer.

Tirou tudo da arca em segunda mão, resistindo a uma vontade quase louca de abrir os cadernos. Não podia fazer isso, por muito que quisesse, porque, quando começasse, não conseguiria parar. Mais tarde, pensou ele. Devemos adiar as recompensas, Morris. Bom conselho, mas dito na voz da mãe, e isso fez a sua cabeça recommear a latejar. Pelo menos não teria de adiar a recompensa por muito tempo; se três semanas se passassem sem a visita da polícia, um mês, no máximo, ele poderia descontraír-se e começar as leituras.

Morris forrou a arca com plástico para ter a certeza de que o conteúdo ficaria seco e guardou os cadernos, incluindo o que levava para mostrar a Andy. Pôs os envelopes cheios de dinheiro por cima. Fechou a arca, pensou um pouco e abriu-a de novo. Afastou o plástico e tirou duzentos dólares de um dos envelopes. Nenhum agente consideraria isso uma quantia excessiva, mesmo que ele fosse revistado. Poderia dizer que era a indemnização ou coisa do género.

O som da chuva no telhado da garagem não era calmante. A Morris, parecia o som de dedos esqueléticos a bater, e fez-lhe doer a cabeça. Imobilizava-se de cada vez

que passava um carro, esperando faróis e luzes azuis a piscar à entrada da casa. Maldito Andy Halliday por me ter enfiado na cabeça todas estas preocupações sem sentido, pensou ele. Ele que se foda, mais a sua paneleirice.

Mas talvez as preocupações não carecessem de sentido. À medida que a tarde se ia transformando em crepúsculo, a ideia de que a polícia podia ligar Curtis e Freddy a Morris Bellamy parecia cada vez mais provável. Aquela maldita área de descanso! Porque não arrastara os corpos para o bosque, pelo menos? Não é que isso fosse atrasar muito o trabalho da polícia depois de alguém ter lá parado, ver todo aquele sangue e ligar para o 112. A polícia teria cães...

— Além do mais — disse ele para a arca —, eu estava com pressa. Não estava?

O carrinho de mão do pai continuava no canto, com uma picareta e duas pás enferrujadas. Morris pôs a arca no carrinho, prendeu as correias e espreitou pela janela da garagem. Ainda havia muita luz lá fora. Agora que estava tão perto de se livrar dos cadernos e do dinheiro — Por pouco tempo, disse a si mesmo para se tranquilizar, é só uma medida temporária —, tinha cada vez mais a certeza de que a polícia chegaria em breve. E se a senhora Muller o tivesse denunciado por comportamento suspeito? Não parecia provável, ela era burra que nem uma porta, mas quem podia ter a certeza?

Obrigou-se a comer outra refeição congelada, pensando que poderia aliviar a dor de cabeça. Mas só a piorou. Procurou no armário dos medicamentos da mãe aspirina ou outro analgésico, e não encontrou nada. Vai-te lixar, mãe, pensou ele. A sério. Sinceramente. Vai-te lixar.

Viu-a sorrir. Um sorriso sarcástico e cortante como uma lâmina.

Ainda havia claridade às sete da noite, culpa do maldito horário de verão. Que génio tinha inventado *aquilo*? As janelas da casa ao lado ainda estavam às escuras. Isso era bom, mas Morris sabia que os Muller poderiam voltar a qualquer minuto. Além disso, sentia-se demasiado nervoso para continuar à espera. Vasculhou o roupeiro da entrada até encontrar uma capa para a chuva.

Usou a porta traseira da garagem e empurrou o carrinho pelo relvado. A relva estava molhada e a terra esponjosa, e foi difícil avançar. O caminho que usara tantas vezes em criança, normalmente para ir ao centro recreativo da Birch Street, estava protegido por árvores altas, e ele conseguiu avançar melhor ali. Quando chegou ao pequeno riacho que atravessava a área quadrada do tamanho de um quarteirão que era o terreno baldio, a noite caía.

Morris levava uma lanterna e acendeu-a algumas vezes por breves momentos para escolher um local bom na margem do riacho, a uma distância segura do caminho. A terra estava macia, e foi fácil cavar até chegar ao emaranhado de raízes de uma árvore. Pensou em tentar um local diferente, mas o buraco já estava quase do tamanho perfeito para a arca, e raios o partissem se ia recomençar tudo, principalmente por se tratar apenas de uma precaução temporária. Pousou a lanterna no buraco, apoiada numa pedra para iluminar as raízes, e cortou-as com a picareta.

Enfiou a arca no buraco e cobriu-a rapidamente com terra. Depois bateu com a pá na terra para a compactar. Pensou que correria tudo bem. A margem não tinha muitas ervas, portanto a zona sem vegetação não se destacaria. O importante era aquilo estar fora da sua casa, certo?

Certo?

Não sentiu alívio ao empurrar o carrinho pelo caminho.

Nada estava a correr conforme o planeado, nada. Parecia que um destino maligno se interpusera entre ele e os cadernos, assim como o destino se intrometera entre Romeu e Julieta. Essa comparação parecia ao mesmo tempo ridícula e perfeitamente adequada. Ele *era* um amante. O maldito Rothstein tinha-o rejeitado com *O Corredor Abranda*, mas isso não mudava as coisas.

O seu amor era verdadeiro.

Quando voltou para casa, foi direito ao duche, como um rapaz chamado Pete Saubers faria muitos anos depois, naquela mesma casa de banho, depois de visitar aquela mesma margem e a sua árvore. Morris ficou no chuveiro até os dedos se engelharem e a água quente acabar, depois secou-se e vestiu roupa lavada que encontrou no roupeiro do quarto. Parecia-lhe infantil e fora de moda, mas ainda lhe servia (mais ou menos). Enfiou as calças de ganga e a camisola sujas de terra na máquina, o que também seria repetido por Pete Saubers anos depois.

Ligou o televisor, sentou-se na antiga poltrona do pai (a mãe dizia que a guardava como lembrete, caso se sentisse tentada a fazer outra estupidez de novo) e assistiu à louca maratona de anúncios. Pensou que qualquer um daqueles anúncios (embalagens de laxante que saltavam, mãos empertigadas, hambúrgueres que cantavam) podia ter sido escrito por Jimmy Gold, e isso deixou-lhe a dor de cabeça pior do que nunca. Decidiu ir ao Zoney's comprar analgésicos. Talvez até uma ou duas cervejas. Cerveja não faria mal. Eram as coisas mais fortes que causavam problemas, e ele já aprendera a sua lição a respeito disso.

Comprou o medicamento, mas a ideia de beber cerveja numa casa cheia de livros que não queria ler e com uma

televisão para onde não queria olhar fê-lo sentir-se ainda pior. Principalmente porque as coisas que *queria* ler estavam tão enlouquecedoramente próximas. Morris quase nunca bebia em bares, mas de repente sentiu que, se não saísse e arranjasse companhia e não ouvisse música rápida, daria em doido. Algures naquela noite chuvosa, tinha a certeza de que haveria uma rapariga com vontade de dançar.

Pagou os comprimidos e perguntou como quem não quer a coisa ao jovem atrás do balcão se havia algum bar com música ao vivo ao qual pudesse chegar de autocarro.

O jovem disse que havia.

2010

Quando Linda Saubers chegou a casa naquela sexta-feira, às três e meia da tarde, Pete estava sentado à mesa da cozinha a beber uma chávena de chocolate quente. Ainda tinha o cabelo húmido do duche. Ela pendurou o casaco num dos ganchos ao lado da porta das traseiras e tocou de novo na testa dele.

— Fresco que nem uma alface — anunciou ela. — Sentes-te melhor?

— Sim. Quando a Tina chegou, dei-lhe bolachas de água e sal com manteiga de amendoim.

— És um bom irmão. Onde está ela agora?

— Na casa da Ellen, onde mais havia de estar?

Linda revirou os olhos e Pete riu-se.

— Meu Deus, será que estou a ouvir a máquina de secar?

— Sim. Havia roupa suja no cesto, então lavei tudo. Não te preocupes, segui as instruções na porta, e ela saiu toda bem.

Ela inclinou-se e beijou-lhe a têmpora.

— És um menino muito prestável.

— Tento ser — disse Pete.

Fechou a mão direita para esconder a bolha na palma.

O primeiro envelope chegou numa quinta-feira com

neve, menos de uma semana depois. O endereço e o destinatário, Sr. Thomas Saubers, Sycamore Street, número 23, fora feito em computador e impresso. No canto superior direito, havia um selo de quarenta e quatro centavos com uma imagem do Ano do Tigre. Não havia remetente. Tom, o único membro do clã Saubers em casa ao meio-dia, abriu-o no corredor, esperando algum panfleto publicitário ou mais uma conta vencida. Deus sabia que houvera bastantes nos últimos tempos. Mas não era um panfleto nem uma conta vencida.

Era dinheiro.

O resto da correspondência (catálogos de coisas caras que não podiam pagar e circulares endereçadas ao MORADOR) caiu-lhe das mãos e espalhou-se aos seus pés, ignorada.

— Que *porra é esta?* — perguntou Tom Saubers em voz baixa, quase num grunhido.

Quando Linda chegou a casa, o dinheiro estava no centro da mesa da cozinha. Tom encontrava-se sentado em frente à pequena pilha com o queixo apoiado nas mãos unidas. Parecia um general a avaliar um plano de batalha.

— O que é isso? — perguntou Linda.

— Quinhentos dólares. — Ele continuou a olhar para as notas, oito de cinquenta e cinco de vinte. — Chegaram pelo correio.

— De quem?

— Não sei.

Ela largou a pasta, foi até à mesa e pegou nas notas. Contou-as e olhou para ele com os olhos arregalados.

— Meu Deus, Tommy! O que dizia a carta?

— Não havia carta. Só o dinheiro.

— Mas quem...

— Não sei, Lin. Mas sei uma coisa.

— O quê?

— Precisamos dele.

— Porra! — exclamou Pete quando os pais lhe contaram.

Tinha ficado até tarde na escola para o campeonato de vôlei e só chegara quase à hora do jantar.

— Olha a língua — repreendeu Linda, distraída.

O dinheiro ainda estava na mesa da cozinha.

— Quanto? — E, quando o pai lhe disse: — Quem mandou?

— É uma boa pergunta — disse Tom. — Agora, vale o dobro dos pontos. É a tua grande oportunidade de virar o resultado.

Era a primeira piada que Pete o ouvia dizer em muito tempo.

Tina entrou na cozinha.

— O papá tem uma fada madrinha, é o que eu acho. Olhem, pai, mãe! Vejam as minhas unhas! A Ellen tem verniz com purpurina e emprestou-mo.

— Fica-te muito bem, florzinha — respondeu Tom.

Primeiro, uma piada, depois, um elogio. Aquelas coisas bastaram para convencer Pete de que tinha feito o correto. Acertara *em cheio*. Não podiam devolver o dinheiro, podiam? Sem o endereço do remetente, não. E, aliás, quando foi a última vez que o pai chamou florzinha à Teens?

Linda lançou um olhar penetrante ao filho.

— Não *sabes* nada sobre isto, ou sabes?

— Não, mas posso ficar com uma parte?

— Continua a sonhar — disse ela, e virou-se para o marido com as mãos na cintura. — Tom, é evidente que alguém se enganou.

Tom pensou um pouco e, quando falou, não houve Zaragata. A sua voz estava calma.

— Acho pouco provável.

Empurrou o envelope na direção dela e mostrou-lhe o seu nome e morada.

— Sim, mas...

— Não há mas nem meio mas, Lin. Devemos dinheiro do combustível da caldeira e temos de pagar o cartão de crédito. Senão, vais perdê-lo.

— Sim, mas...

— Se perderes o cartão, perdes a tua notação de crédito. Ainda nada de Zaragata. Calmo e lógico. Persuasivo. Para Pete, era como se o pai tivesse sofrido de uma febre alta que só agora passara. Ele até sorriu. Sorriu e tocou na mão dela.

— Acontece que agora a tua notação de crédito é a única coisa que temos, então precisamos de protegê-la. Além do mais, a Tina pode estar certa. Talvez eu tenha mesmo uma fada madrinha.

Não, pensou Pete. Tens um filho que faz magia.

— Ah, esperem! Já sei de onde veio *mesmo* o dinheiro — disse Tina.

Viraram-se para ela. Pete sentiu o corpo todo aquecer, de repente. Ela não podia saber, podia? *Como* saberia? Mas ele dissera aquela coisa idiota sobre um tesouro enterrado, e...

— De onde, querida? — perguntou Linda.

— Daquele tal Fundo de Emergência. Deve ter entrado mais dinheiro, e agora estão a distribuí-lo.

Pete soltou o ar e só então percebeu que estivera a

suster a respiração.

Tom despenteou-a.

— Eles não mandariam dinheiro, florzinha. Mandariam um cheque. E uma pilha de papéis para assinar.

Pete foi até ao fogão.

— Vou fazer mais chocolate quente. Alguém quer?

Todos quiseram.

Os envelopes continuaram a chegar.

O preço do selo aumentou, mas a quantidade de dinheiro no envelope não mudou. Era um extra de seis mil dólares por ano, mais ou menos. Não uma soma enorme, mas livre de impostos e o suficiente para impedir que a família Saubers se afogasse em dívidas.

As crianças estavam proibidas de falar sobre o dinheiro.

— A Tina não vai conseguir guardar segredo — disse Linda a Tom certa noite. — Sabes isso, não sabes? Vai contar àquela amiga idiota dela, e a Ellen Briggs vai espalhar a notícia aos quatro ventos.

Mas Tina guardou segredo, em parte porque o irmão, que idolatrava, lhe disse que nunca mais poderia entrar no quarto dele se desse com a língua nos dentes, mas principalmente porque se lembrava das Zaragatas.

Pete guardou os envelopes num buraco cheio de teias de aranha atrás de uma tábua solta do armário. De quatro em quatro semanas, tirava quinhentos dólares e punha-os na mochila juntamente com um envelope endereçado, um de várias dezenas que preparara na escola, usando um computador na sala de informática. Fez os envelopes depois do vólei, um dia ao fim da tarde, quando a sala estava vazia.

Usou diversas caixas de correio a fim de enviar os

envelopes para o Sr. Thomas Saubers, Sycamore Street, número 23, executando essa «obra de beneficência» que ajudava a sustentar a família com a habilidade de um mestre do crime. Tinha muito medo de que a mãe descobrisse o que ele andava a tramar, protestasse (provavelmente de forma enérgica) e as coisas voltassem a ser como antes. Não estavam perfeitas agora, ainda havia uma Zaragata ocasional, mas Pete achava que família nenhuma era perfeita fora das séries do Nickelodeon.

Podiam ver o Nickelodeon, o Cartoon Network, a MTV e tudo o resto porque, senhoras e senhores, a televisão por cabo estava *de volta*.

Em maio, outra coisa boa aconteceu: o pai conseguiu um emprego em *part-time* numa nova imobiliária como «investigador de pré-venda». Pete não sabia o que isso era, nem se importava. O pai podia trabalhar pelo telefone e no computador de casa, e ganhava algum dinheiro. Era isso que importava.

Mais duas coisas importantes aconteceram nos meses seguintes ao início da chegada do dinheiro. Uma delas foi que as pernas do pai começaram a melhorar. Em junho de 2010 (quando o responsável pelo Massacre do Centro Cívico finalmente foi apanhado), Tom passou a andar sem muletas durante algum tempo, e também diminuiu a quantidade de comprimidos cor-de-rosa. A segunda coisa era mais difícil de explicar, mas Pete sabia que existia. Tina também. O pai e a mãe sentiam-se... bem... *abençoados*, e agora, quando discutiam, pareciam culpados, além de irritados, como se estivessem a menosprezar a misteriosa boa sorte que recaía sobre a família. Muitas vezes, paravam e falavam sobre outras coisas, antes que a discussão piorasse. Muitas vezes, conversavam sobre o dinheiro e sobre quem poderia ser o misterioso remetente.

Essas discussões não levavam a nada, e isso era bom.

Não vou ser apanhado, disse Pete a si mesmo. Não posso ser e não vou.

Um dia, em agosto daquele mesmo ano, o pai e a mãe levaram Tina e Ellen a um jardim zoológico interativo chamado Happydale Farm. Era a oportunidade pela qual Pete esperara pacientemente, e, assim que eles saíram, o rapaz voltou ao riacho com duas malas.

Depois de se certificar de que não havia ninguém à vista, tornou a desenterrar a arca e meteu os cadernos nas malas. Voltou a enterrá-la e regressou a casa com os despojos. No corredor do andar de cima, fez descer a escada que dava para o sótão e subiu com as malas. Era um espaço pequeno e de teto baixo, frio no inverno e sufocante no verão. A família raramente o usava; as suas coisas ficavam guardadas na garagem. As poucas relíquias lá em cima deviam ter sido deixadas por uma das famílias que morara no número de 23 da Sycamore Street anteriormente. Havia um carrinho de bebé sujo com uma roda torta, um candeeiro com pássaros tropicais no abajur, edições antigas das revistas *Redbook* e *Good Housekeeping* amarradas com cordel e uma pilha de cobertores bolorentos e malcheirosos.

Pete empilhou os cadernos no canto mais distante do sótão e cobriu-os com os cobertores, mas primeiro pegou num ao acaso, sentou-se sob uma das duas lâmpadas penduradas no teto e abriu-o. A letra era cursiva e pequena, mas desenhada com esmero e fácil de ler. Não havia rasuras, o que Pete achou incrível. Apesar de estar a olhar para a primeira página do caderno, o pequeno número com um círculo em volta no canto direito era o

482, o que o fez pensar que era a continuação não só de um dos cadernos, mas de uns seis. Pelo menos de uns seis.

Capítulo 27

A sala de trás do Drover estava igual ao que fora cinco anos antes; tinha o mesmo cheiro a cerveja velha misturado com o fedor a estrume e o cheiro a gasóleo das estações rodoviárias que ocupavam aquela metade do grande vazio do Nebraska. Stew Logan também estava igual. Usava o mesmo avental branco, com o mesmo cabelo estranhamente preto e até a mesma gravata com papagaios e araras a apertar-lhe o pescoço rosado.

— Ena, se não é o Jimmy Gold! — exclamou ele, e esboçou o habitual sorriso desagradável que dizia «não gostamos um do outro, mas embora fingir». — Vieste pagar o que me deves?

— Vim — respondeu Jimmy, e tocou no bolso de trás das calças, onde estava a pistola. Parecia pequena e letal, uma coisa capaz (se usada de forma correta e com coragem) de saldar todas as suas dívidas.

— Então entra — disse Logan. — Bebe qualquer coisa. Parece estar coberto de pó.

— Estou — confirmou Jimmy. — E juntamente com a bebida, queria

Uma buzina soou na rua. Pete apanhou um susto e olhou em volta cheio de culpa, como se estivesse a bater uma punheta em vez de a ler. E se os pais tivessem voltado mais cedo porque a idiota da Ellen enjoara no carro ou coisa do género? E se o encontrassem lá em cima com os cadernos? Tudo podia ir por água abaixo.

Enfiou o caderno que estivera a ler sob os cobertores velhos (bah!, que fedor) e desceu pelo alçapão, lançando um olhar às malas. Não havia tempo para elas. Quando chegou ao corredor, a mudança na temperatura — de abrasadora para o calor habitual de agosto — fê-lo estremecer. Recolheu a escada e empurrou-a para cima, fazendo uma careta pelo barulho das dobradiças enferrujadas.

Foi para o quarto e espreitou para a rua.

Ninguém lá fora. Falso alarme.

Graças a Deus.

Voltou ao sótão e pegou nas malas. Pô-las de novo no armário do andar de baixo, tomou duche (mais uma vez lembrando-se de limpar a banheira depois), vestiu um pijama lavado e deitou-se na cama.

Pete pensou: É um livro. Com tantas páginas, tem de ser. E deve haver mais de um, porque nenhum livro é suficientemente longo para encher tantos cadernos. Nem sequer a Bíblia encheria todos aqueles cadernos.

E também... era interessante. Não se importaria de procurar nos cadernos até encontrar o início da história. Para ver se era mesmo boa. Porque não se podia saber se um livro era bom só por uma página, pois não?

Fechou os olhos e começou a resvalar para o sono. Não tinha o hábito de dormir de dia, mas a manhã fora agitada, a casa estava vazia e silenciosa e ele decidiu que precisava de se descontraír. Porque não? Tudo estava bem, pelo menos por enquanto, e era por causa dele. Merecia uma soneca.

Mas aquele nome... Jimmy Gold.

Pete podia jurar que já o tinha ouvido antes. Nas aulas, talvez? A *senhora* Swidrowski a falar da vida de um dos autores que estavam a ler? Talvez. Ela gostava de fazer

isso.

Talvez procure no Google depois, pensou Pete. Podia fazer isso. Podia...

E adormeceu.

Morris estava sentado num beliche de aço com a cabeça latejante baixa e as mãos caídas entre as coxas vestidas de laranja, respirando uma atmosfera venenosa de mijo, vômito e desinfetante. O estômago era uma bola de chumbo que parecia ter-se expandido até enchê-lo das virilhas à maçã-de-adão. Os olhos pulsavam nas órbitas. A boca sabia a lixo. A barriga doía, e o rosto também. O nariz estava entupido. Algures, uma voz rouca e desesperada cantarolava:

— Preciso de uma amante que não me deixe *lou-cooo*, preciso de uma amante que não me deixe *loucooo*, preciso de uma amante que não me deixe *lou-cooo*...

— Cala-te! — gritou alguém. — Estás a deixar-*me* louco, idiota!

Uma pausa. Então:

— Preciso de uma amante que não me deixe *lou-cooo*!

O chumbo na barriga de Morris liquefez-se e borbulhou. Ele deslizou do beliche, aterrou de joelhos (gerando uma nova pontada de dor na cabeça) e debruçou-se sobre a sanita de aço. Nada aconteceu. Então tudo se contraiu, e ele ejetou o que pareceram ser litros de pasta dos dentes amarela. Por um momento, a dor de cabeça tornou-se tão intensa que ele achou que explodiria, e esperou que isso acontecesse. Qualquer coisa para fazer a dor parar.

Em vez de morrer, vomitou de novo. Meio litro, em vez

de vários, daquela vez, mas *ardeu*. O espasmo seguinte foi seco. Não, não completamente; fiapos grossos de muco surgiram pendurados nos lábios como teias, balançando para a frente e para trás. Teve de limpá-los.

— A ressaca está a ser boa! — gritou uma voz.

Gritos e gargalhadas sucederam-se ao comentário espirituoso. Morris tinha a sensação de estar trancado num jardim zoológico, e supunha que era mesmo o caso, só que naquele havia seres humanos nas jaulas. O macacão laranja que ele usava era a prova.

Como fora ali parar?

Não conseguia lembrar-se, tal como não conseguia lembrar-se de como entrara na casa que assaltara em Sugar Heights. Do que *conseguia* lembrar-se era da própria casa, na Sycamore Street. E da arca, claro. De enterrar a arca. Tivera dinheiro no bolso, duzentos dólares do dinheiro de John Rothstein, e fora ao Zoney's comprar umas cervejas, porque lhe doía a cabeça e se sentia sozinho. Falara com o empregado, tinha a certeza disso, mas não conseguia lembrar-se do que tinham falado. Basebol? Provavelmente não. Morris tinha um boné dos Groundhogs, mas o seu interesse não passava daí. Depois disso, quase nada. Só tinha a certeza de que alguma coisa correria muito mal. Quando se acordava num macacão laranja, era uma dedução fácil de fazer.

Rastejou para o beliche, içou-se, encostou os joelhos ao peito e abraçou as pernas. Estava frio na cela. Começou a tremer.

Posso ter perguntado ao empregado qual era o seu bar preferido, onde eu pudesse chegar de autocarro. E fui para lá, não fui? Fui para lá e embebedei-me. Apesar de saber o que a bebida me faz. E não bebi pouco, bebi até cair.

Ah, sim, sem dúvida, apesar de saber o que iria

acontecer. Morris não conseguia lembrar-se das coisas malucas que fazia depois de beber, e isso era a pior parte. Após a terceira bebida (às vezes, após a segunda), caía num buraco negro e só saía quando acordava de ressaca, mas sóbrio. Amnésia alcoólica, era como lhe chamavam. E, nesses períodos de amnésia, ele ficava quase sempre ... bem, podia chamar-lhe traquinas. Fora por uma traquinice que tinha ido parar ao Centro de Detenção Juvenil de Riverview, e sem dúvida como acabara ali. Onde quer que *ali* fosse.

Traquinices.

Malditas traquinices.

Morris esperava que tivesse sido apenas uma luta de bar, e não outro assalto a uma casa. Que não tivesse sido uma repetição das aventuras de Sugar Heights, por outras palavras. Porque ele já não era um adolescente e não iria para o reformatório dessa vez, não, senhor. Mesmo assim, cumpriria a pena se tivesse cometido o crime. Desde que o crime não tivesse nada que ver com o homicídio de um certo escritor americano. Por favor, meu Deus. Se tivesse, ele não respiraria ar puro durante bastante tempo. Talvez nunca mais. Porque não era só Rothstein, era? Então uma lembrança veio-lhe à cabeça: Curtis Rogers a perguntar se o New Hampshire tinha pena de morte.

Morris ficou deitado no beliche, a tremer e a pensar: *Não pode ser por isso que estou aqui. Não pode.*

Ou será que pode?

Tinha de admitir que era possível, e não só porque a polícia podia ter feito a ligação entre ele e os homens mortos na estrada. Via-se num bar normal ou num bar de *striptease*, Morris Bellamy, que abandonara a faculdade e se proclamava especialista em literatura americana, a emborcar *bourbon* e a viver uma experiência extracorporal.

Alguém começa a falar do homicídio de John Rothstein, o grande escritor, o *gênio* americano recluso, e Morris Bellamy, a cair de bêbedo e cheio daquela fúria toda que mantinha sempre presa numa jaula, aquela fera negra de olhos amarelos, vira-se para a pessoa e diz: Ele não parecia um grande gênio quando lhe rebentei com os miolos.

— Eu *nunca* faria isso — sussurrou ele. A cabeça atingira o ápice de dor, e havia alguma coisa errada com o lado esquerdo da cara. *Ardia*. — *Nunca*.

Mas como podia saber? Quando bebia, qualquer dia era O Dia Em Tudo Pode Acontecer. A fera negra escapava. Quando adolescente, a fera destruíra aquela casa em Sugar Heights, deixando-a em pedaços, e, quando a polícia respondera ao alarme silencioso, ele debateu-se até que um agente o fez desmaiar com um golpe do cassetete. Ao ser revistado, encontraram muitas joias nos bolsos, boa parte bijuteria, mas algumas, distraidamente deixadas fora do cofre da madame, eram muito valiosas. E pronto, lá foi ele para Riverview, onde ficou com o traseiro macio massacrado e fez novas amizades apaixonantes.

Alguém que dá um espetáculo daqueles é perfeitamente capaz de se gabar do homicídio do criador de Jimmy Gold, se estiver bêbedo, e sabes isso muito bem, pensou.

Mas também podia ter sido a polícia. Se o tinham identificado e lançado um alerta com a sua fotografia. Aquilo também era uma possibilidade.

— Preciso de uma amante que não me deixe *lou-cooo*!

— Cala-te!

Dessa vez, foi o próprio Morris; tentou gritar, mas o que saiu foi um gemido húmido de vômito. Ah, como lhe doía a cabeça. E a *cara*, uau. Passou a mão pela face esquerda e olhou estupidamente para os flocos de sangue seco na palma da mão. Explorou de novo e sentiu arranhões ali,

pelo menos três. Arranhões de unhas, e fundos. E o que nos diz isso, meninos? Bem, normalmente, embora houvesse exceções para toda a regra, os homens davam socos e as mulheres arranhavam. Faziam isso porque era mais comum terem unhas compridas e bem cuidadas com as quais arranhar.

Será que tentei agarrar uma gaja e ela se defendeu com as unhas?

Esforçou-se por recordar e não conseguiu. Lembrava-se da chuva, da capa e da lanterna a iluminar as raízes. Lembrava-se da pá. Lembrava-se *mais ou menos* de querer ouvir música alta e rápida e de falar com o empregado do Zoney's. Depois disso? Só escuridão.

Talvez tenha sido o carro. A porcaria do *Biscayne*. Talvez alguém o tenha visto a sair da área de descanso na Route 92 com o para-choques dianteiro cheio de sangue, ou talvez eu tenha deixado alguma coisa no porta-luvas. Alguma coisa com o meu nome.

Mas era pouco provável. Freddy comprara o *Chevy* a uma tipa meio bêbeda numa cervejaria em Lynn, e pagara com o dinheiro que os três tinham juntado. Morris assinou o recibo em nome de Harold Fineman, que por acaso era o melhor amigo de Jimmy Gold em *O Corredor*. A mulher nunca vira Morris Bellamy, que sabia que devia ficar escondido enquanto a compra decorria. Além disso, só faltara Morris escrever ROUBE-ME com sabão no para-brisas quando largara o carro no parque de estacionamento do centro comercial. Não, o *Biscayne* estava agora em algum terreno baldio, em Lowtown ou perto do lago, e provavelmente só lhe restava a carroçaria.

Então como vim parar aqui? Voltou a pensar nisso, como um rato a correr numa roda. Se uma mulher marcou o meu rosto com as unhas, será que eu reagi e lhe bati?

Será que lhe parti o queixo?

Isso fez surgir uma leve lembrança por trás da cortina da amnésia. Se tivesse sido isso, ele seria acusado de agressão e talvez fosse parar a Waynesville; seria um passeio no autocarro verde com grades nas janelas. Waynesville seria mau, mas podia cumprir alguns anos por agressão, se precisasse. Agressão não era homicídio.

Por favor, que não seja por causa do Rothstein, pensou. Tenho muita coisa para ler, está tudo guardado em segurança à minha espera. A melhor parte é que tenho dinheiro para me sustentar enquanto faço isso, mais de vinte mil dólares em notas de vinte e cinquenta. Vai durar bastante tempo se eu viver de forma modesta. Por favor, que não seja homicídio.

— Preciso de uma amante que não me deixe *lou-cooo*!

— Mais uma vez, filho da puta! — gritou alguém. — Mais uma vez e arranco-te o cu pela boca!

Morris fechou os olhos.

Apesar de se sentir melhor por volta do meio-dia, recusou-se a comer a mistela que lhe foi servida como almoço: espagete a boiar no que parecia ser molho de sangue. Por volta das duas da tarde, um quarteto de guardas surgiu no corredor entre as celas. Um trazia uma prancheta e gritava nomes.

— Bellamy! Holloway! McGiver! Riley! Roosevelt! Titgarden! Um passo à frente!

— É Teagarden, senhor — disse o negro grande na cela ao lado da de Morris.

— Estou-me a cagar se é John Q. Filhodaputa. Se quiserem falar com o defensor oficioso, deem um passo à frente. Se não quiserem, sentem-se e aguardem.

Os seis prisioneiros deram um passo à frente. Eram os únicos que restavam, pelo menos naquele corredor. Os outros presos na noite anterior (entre eles, felizmente, o tipo que estivera a assassinar a canção de John Mellencamp) tinham sido soltos ou levados para o tribunal de manhã. Eles eram peixe pequeno. O grupo da tarde, Morris sabia, era o das merdas mais sérias. Ele fora levado a tribunal de tarde, depois da pequena aventura em Sugar Heights. Ante a puta da juíza Bukowski.

Morris rezou a um Deus em que não acreditava quando a porta da cela foi aberta. Agressão, Deus, está bem? Simples, sem agravantes. Mas não homicídio. Meu Deus, que eles não saibam nada do que aconteceu no New Hampshire, nem numa certa área de descanso no norte de Nova Iorque, está bem? Pode ser?

— Saiam, rapazes — disse o guarda com a prancheta. — Saiam e virem-se para a direita. À distância de um braço do homem à vossa frente. Nada de puxar as cuecas ou esticar a mão para trás. Não façam merda connosco e nós retribuímos o favor.

Desceram num elevador suficientemente grande para acomodar uma pequena manada de gado, depois foram levados por outro corredor e então — só Deus sabia porquê, pois calçavam sandálias e os macacões não tinham bolsos — passaram por um detetor de metal. Depois disso, havia uma sala de visitas com oito divisórias. O guarda com a prancheta mandou Morris ir para a número três. Morris sentou-se e olhou para o defensor oficioso do *plexiglas*, que se sujava com frequência e raramente era limpo. O tipo do lado da liberdade era um *nerd* com um péssimo corte de cabelo e um problema de caspa. Tinha

uma ferida debaixo de uma narina e uma pasta velha no colo. Aparentava uns dezanove anos.

É isto que me dão, pensou Morris. Ah, meu Deus, é isto que me dão.

O advogado apontou para o telefone na parede da cabina de Morris e abriu a pasta. De dentro, tirou uma folha de papel e o inevitável bloco amarelo. Depois de espalhar essas coisas no balcão à sua frente, pousou a pasta no chão e pegou no telefone. A sua voz não tinha o tom tenor oscilante de um típico adolescente, mas o barítono confiante e rouco que soava demasiado grandioso para o peito magro sob o trapo roxo que era a sua gravata.

— Está na merda até ao pescoço, senhor... — Olhou para a folha em cima do bloco amarelo — Bellamy. Tem de se preparar para uma permanência bastante longa na prisão estadual, acho. A não ser que tenha alguma coisa para dar em troca.

Morris pensou: Ele está a falar dos cadernos.

Um calafrio subiu pelos seus braços como passos de fadas malignas. Se estava preso por causa de Rothstein, também seria acusado das mortes de Curtis e Freddy. Isso queria dizer prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional. Nunca conseguiria recuperar a arca, nunca saberia o destino final de Jimmy Gold.

— Fale — disse o advogado, como se estivesse a falar com um cão.

— Então diga-me com quem estou a falar.

— Elmer Cafferty, temporariamente ao seu serviço. Vai ser presente a tribunal daqui a... — Olhou para o relógio, um *Timex* ainda mais barato do que o fato. — Meia hora. A juíza Bukowski é muito pontual.

Uma pontada de dor que não tinha nada que ver com a ressaca atravessou a cabeça de Morris.

— Não! Ela, não! Não pode ser! Aquela puta veio na arca de Noé!

Cafferty sorriu.

— Deduzo que já passou pelas mãos da Grande Bukowski.

— Consulte o meu processo — disse Morris, secamente.

Se bem que provavelmente não estaria lá. A coisa de Sugar Heights era confidencial, como Morris dissera a Andy.

O filho da puta do Andy Halliday. Isto é mais culpa dele do que minha.

— Paneleiro.

Cafferty franziu a testa.

— Desculpe?

— Nada. Continue.

— O meu processo consiste na prisão de ontem à noite. A boa notícia é que o seu destino estará nas mãos de outro juiz quando for a julgamento. Outra boa notícia, pelo menos para mim, é que, nessa altura, outra pessoa irá representá-lo. Eu e a minha mulher vamos mudar-nos para Denver, e o senhor, senhor Bellamy, vai ser só uma lembrança.

Ele podia ir para Denver ou para o inferno, não fazia diferença para Morris.

— Diga-me do que sou acusado.

— Não se lembra?

— Tive amnésia.

— Ai sim?

— Sim — disse Morris.

Talvez *pudesse* dar em troca os cadernos, apesar de sofrer só de pensar no assunto. Mas, mesmo que fizesse a proposta, ou se Cafferty fizesse, o advogado de acusação perceberia a importância deles? Improvável. Os advogados

não eram acadêmicos. Para um promotor, os romances policiais de Erle Stanley Gardner deviam ser o melhor da grande literatura. Mesmo se os cadernos, todos aqueles lindos *Moleskines*, importassem para o representante legal do estado, o que ganharia ele, Morris, ao entregá-los? Uma prisão perpétua em vez de três? Que maravilha.

Não posso, e não importam as circunstâncias. Não vou fazê-lo.

Andy Halliday podia ser um paneleiro que usava perfume *English Leather*, mas estivera certo sobre a motivação de Morris. Curtis e Freddy queriam dinheiro; quando Morris lhes garantiu que o velho podia ter até cem mil guardados, eles acreditaram. Os textos de Rothstein? Para aqueles dois imbecis, o valor da produção acumulada de Rothstein desde 1960 era apenas uma enevoadada possibilidade, como uma mina de ouro perdida. Era Morris que se preocupava com os textos. Se as coisas tivessem sido diferentes, ele ter-se-ia oferecido para trocar a sua parte do dinheiro pelos cadernos, e tinha a certeza de que Curtis e Freddy aceitariam. Se abrisse mão disso agora, principalmente contendo os cadernos a continuação da saga de Jimmy Gold, tudo teria sido em vão.

Cafferty bateu com o telefone no vidro, depois encostou-o à orelha.

— Cafferty para Bellamy, Cafferty para Bellamy, responda, Bellamy.

— Desculpe. Estava a pensar.

— É um pouco tarde para isso, não acha? Tente acompanhar-me, por favor. Está a ser acusado de três coisas. A sua missão, se decidir aceitá-la, é declarar-se inocente de cada uma delas. Mais tarde, quando for a julgamento, pode mudar para culpado se ficar provado que isso é vantajoso para si. Nem pense em pedir caução,

porque a Bukowski não se vai rir, vai dar gargalhadas como uma bruxa.

Morris pensou: É o meu pior pesadelo a tornar-se realidade. Rothstein, Dow e Rogers. Três acusações de homicídio premeditado.

— Senhor Bellamy, o nosso tempo está a acabar e começo a perder a paciência.

O telefone caiu do ouvido, e Morris ergueu-o com dificuldade. Nada importava agora, mas mesmo assim o advogado com aquela expressão sincera e a estranha voz de barítono de meia-idade continuava a tagarelar-lhe ao ouvido, e, a determinado momento, as palavras começaram a fazer sentido.

— Eles vão começar do melhor para o pior. A primeira acusação, resistir à prisão. Vai dar-se como inocente. A segunda, agressão com agravantes, e não só à mulher, também acertou em cheio no primeiro agente a aparecer no local antes de ele o algemar. Dá-se como inocente. A terceira, violação com agravantes. Podem tentar acrescentar tentativa de homicídio depois, mas agora é só violação... se é que se pode dizer «só» para violação. Vai dar-se...

— Espere lá — disse Morris. Tocou nos arranhões da cara e o que sentiu foi... esperança. — Eu *violei* alguém?

— Sim — disse Cafferty, num tom satisfeito. Provavelmente porque o seu cliente finalmente parecia estar a acompanhá-lo. — Depois de a senhora Cora Ann Hooper... — Tirou uma folha da pasta e leu-a. — Isso foi pouco depois de ela sair do restaurante onde trabalha. Estava a ir para a paragem de autocarro em Lower Marlborough. Diz que o senhor a agarrou e a puxou para um beco ao lado da Shooter's Tavern, onde tinha passado várias horas a ingerir *Jack Daniel's* antes de se pôr aos

pontapés à *jukebox* e ser convidado a retirar-se. A senhora Hooper tinha um dispositivo de alarme na mala e conseguiu acioná-lo. Também lhe arranhou a cara. O senhor partiu-lhe o nariz, manietou-a, apertou-lhe o pescoço e enfiou o seu coiso na coisa dela. Quando o agente Philip Ellenton chegou ao local, o senhor ainda estava no meio do ato.

— Violação. Porque havia eu...

Pergunta idiota. Porque passara ele três longas horas a partir aquela casa em Sugar Heights, fazendo apenas uma pausa para urinar no tapete *Aubusson*?

— Não faço ideia — disse Cafferty. — A violação é uma coisa que me é alheia.

E a mim também, pensou Morris. Normalmente. Mas estive a beber *Jack* e meti-me em traquinices.

— Quanto tempo me vão dar?

— A acusação vai pedir prisão perpétua. Se se der como culpado no julgamento e se entregar à mercê do tribunal, talvez apanhe vinte e cinco anos.

Morris deu-se como culpado no julgamento. Disse que se arrependia do que tinha feito. Deitou as culpas à bebida. Entregou-se à mercê do tribunal.

E apanhou prisão perpétua.

2013-2014

Quando chegou ao décimo ano, Peter Saubers já decidira o passo seguinte: uma boa faculdade na Nova Inglaterra, onde a literatura fosse o único credo. Começou a investigar na Internet e a reunir panfletos. Emerson ou Columbia pareciam as candidatas mais prováveis, mas Brown talvez não estivesse fora do alcance. Os pais disseram-lhe para não se encher de esperanças, mas Pete não caiu nessa. Achava que, se não tivesse esperanças e ambições na adolescência, estaria lixado mais para a frente.

Quanto a formar-se em inglês, não havia dúvida. Parte da certeza estava relacionada com John Rothstein e os livros de Jimmy Gold; tanto quanto sabia, Pete era a única pessoa no mundo que lera os últimos dois, e eles tinham mudado a sua vida.

Howard Ricker, o seu professor de inglês do décimo ano, também mudou a sua vida, apesar de muitos alunos gozarem com ele, chamando-lhe Ricky Hippie por causa das camisas floridas e das calças à boca de sino que ele gostava de usar. (A namorada de Pete, Gloria Moore, chamava-lhe Reverendo Ricky, porque ele tinha o costume de agitar as mãos acima da cabeça quando ficava animado.) Mas quase ninguém faltava às aulas do senhor Ricker. Ele era divertido, entusiasta e, ao contrário da maioria dos professores, parecia gostar mesmo dos alunos, a quem chamava «jovens senhoras e cavalheiros». Eles

reviravam os olhos às roupas retro e às gargalhadas agudas do professor... mas as roupas tinham um toque original, e a gargalhada era contagiante.

No primeiro dia de aulas do décimo ano, ele entrou como uma brisa fresca, deu as boas-vindas a todos e escreveu uma coisa no quadro que Peter Saubers nunca esqueceu:

Que coisa mais estúpida!

— O que acham disto, senhoras e senhores? — perguntou ele. — Que *significa* isto?

A turma ficou em silêncio.

— Vou então dizer-lhes. É a crítica mais comum feita por jovens como vocês, condenados a uma disciplina na qual começamos com trechos de *Beowulf* e terminamos com Raymond Carver. Entre os professores, estes programas básicos são às vezes chamados GPVG: A Galope Pelas Velhas Glórias.

Riu-se, divertido, agitando as mãos à altura dos ombros. A maioria dos alunos riu com ele, incluindo Pete.

— O veredicto da turma sobre «Uma Modesta Proposta», de Jonathan Swift? Que coisa mais estúpida! Sobre «Young Goodman Brown», de Nathaniel Hawthorne? Que coisa mais estúpida! *Mending Wall*, de Robert Frost? Que coisa mais ou menos estúpida! Sobre o excerto exigido de *Moby Dick*? Que coisa *mais* estúpida!

Mais gargalhadas. Nenhum deles lera *Moby Dick*, mas todos sabiam que era difícil e chato. Estúpido, por outras palavras.

— E às vezes! — exclamou o senhor Ricker, levantando um dedo e apontando de forma dramática para as palavras no quadro. — Às vezes, jovens senhoras e senhores, a

crítica é precisa. Estou aqui, a dar a cara e a admitir isso. Tenho de lhes dar aulas sobre certas antiguidades que preferia deixar de lado. Vejo a perda de entusiasmo nos vossos olhos e a minha alma sofre. Sim! *Sofre!* Mas sigo em frente, porque sei que boa parte do que ensino *não* é uma estupidez. Mesmo algumas das antiguidades, com as quais vocês não se identificam nem agora nem nunca, têm alguma ressonância que vai acabar por se revelar no futuro. Devo mostrar-lhes como separar uma história que *não é estúpida* de uma que *é estúpida*? Devo partilhar esse grande segredo? Como ainda temos quarenta minutos de aula e não temos grãos a moer no moinho dos nossos intelectos combinados, acredito que devo.

Inclinou-se para a frente e apoiou as mãos na mesa, com a gravata a balançar como um pêndulo. Pete sentia que o senhor Ricker estava a olhar diretamente para ele, como se soubesse, ou ao menos intuísse, o tremendo segredo que o jovem guardava debaixo de uma pilha de cobertores no sótão de casa. Uma coisa bastante mais importante do que dinheiro.

— Em algum momento do ano, quem sabe até hoje à noite, vocês irão ler alguma coisa difícil, alguma coisa que só compreendem parcialmente, e o vosso veredicto vai ser *que coisa mais estúpida*. Irei discutir quando partilharem essa opinião com a turma no dia seguinte? Porque faria eu uma coisa tão inútil? O meu tempo com vocês é curto, só temos trinta e quatro semanas de aulas, e não vou desperdiçar nenhum minuto a discutir os méritos deste conto ou daquele poema. Porque faria eu isso, quando todas as opiniões são subjetivas e nenhuma resolução absoluta pode ser alcançada?

Alguns dos alunos, Gloria entre eles, pareciam agora confusos, mas Pete percebeu exatamente o que o senhor

Ricker, também conhecido como Ricky Hippie, estava a tentar dizer, porque, desde que começara a ler os cadernos, lera dezenas de textos críticos sobre John Rothstein. Muitos consideravam Rothstein um dos grandes escritores americanos do século xx, ao lado de Fitzgerald, Hemingway, Faulkner e Roth. Outros, uma minoria, mas uma minoria bastante barulhenta, afirmavam que o trabalho dele era de segunda linha e sem conteúdo. Pete lera um texto no *site Salon* em que o autor do artigo chamava a Rothstein «rei das piadas sem graça e santo padroeiro dos tolos».

— A resposta é o tempo — afirmou o senhor Ricker no primeiro dia de aulas do décimo ano de Pete. Andava de um lado para o outro na sala, com as antiquadas calças à boca de sino a balançar, sacudindo os braços ocasionalmente. — Sim! O tempo separa impiedosamente o que *é estúpido* do que *não é estúpido*. É um processo natural, darwinista. É por isso que os livros de Graham Greene estão disponíveis em qualquer boa livraria, e os livros de Somerset Maugham não. Esses livros ainda existem, claro, mas temos de encomendá-los, e só o faríamos se já tivéssemos ouvido falar deles. A maioria dos leitores modernos não ouviu. Quem já ouviu falar de Somerset Maugham levante a mão. E vou soletrar o nome.

Ninguém levantou a mão.

O senhor Ricker assentiu. Com uma certa tristeza, pareceu a Pete.

— O tempo decretou que o senhor Greene *não* escreveu coisas *estúpidas* enquanto o senhor Maugham sim... bem, não exatamente *estúpidas*, mas dignas de esquecimento. Escreveu bons livros, na minha opinião. A *Lua e Cinco Tostões* é extraordinário, jovens senhoras e senhores, *extraordinário*, e também escreveu um número razoável de

contos excelentes, mas nada disso está incluído no vosso programa.

»Devo chorar por isso? Devo enfurecer-me, agitar os punhos e gritar que é uma injustiça? Não vou fazê-lo. Essa seleção é um processo natural. Vai acontecer convosco, jovens senhoras e senhores, embora eu seja apenas uma memória quando chegar o momento. Devo dizer-lhes *como* isso acontece? Irão ler alguma coisa, talvez «Dulce et Decorum Est», de Wilfred Owen... Devemos usar isso como exemplo? Porque não?

E então, com uma voz grave que provocou arrepios e um nó na garganta a Pete, o senhor Ricker declamou:

— «Encolhidos, como mendigos velhos debaixo de sacos, a cambalear de bêbedos, a tossir como velhas, avançámos oscilantes no meio do lamaçal...» E assim por diante. *Et cetera*. Alguns de vocês vão dizer: *que coisa mais estúpida*. Por acaso vou quebrar a minha promessa de não discutir isso, apesar de considerar os poemas do senhor Owen os melhores que foram escritos durante a Primeira Guerra Mundial? Não! É só a minha opinião, e as opiniões são como os cus: toda a gente tem o seu.

Todos riram, tanto as jovens senhoras como os jovens senhores.

O senhor Ricker endireitou-se.

— Posso mandar para a rua alguns alunos se atrapalharem a minha aula, não tenho problemas em impor disciplina, mas *nunca* vou desrespeitar a vossa opinião. Porém! Porém!

Levantou o dedo.

— O tempo vai passar! *Tempus* vai *fugit*! O poema de Owen pode desaparecer da vossa mente, e nesse caso o veredicto de «que coisa mais estúpida» vai acabar por se mostrar correto. Pelo menos para vocês. Mas, para outros,

ele irá voltar. E voltar. E voltar. E de cada vez que fizer isso, a marcha regular da vossa maturidade vai aumentar a ressonância dele. Cada vez que o poema voltar à vossa mente, vai parecer um pouco menos idiota e um pouco mais vital. Um pouco mais importante. Até *brilhar*, jovens senhoras e senhores. Até *brilhar*. Termino assim o meu discurso de abertura, e peço que abram esse belíssimo livro de *Língua e Literatura* na página dezasseis.

Uma das histórias que o professor deu naquele ano chamava-se «Foi preciso um cavalo de baloiço», de D. H. Lawrence, e claro que muitos dos jovens senhores e senhoras do professor Ricker (inclusive Gloria Moore, de quem Pete começava a cansar-se, apesar dos seus seios perfeitos) acharam-na estúpida. Pete não achou, em boa parte porque alguns acontecimentos na sua vida já o tinham feito amadurecer precocemente. Quando 2013 deu lugar a 2014 — o ano do famoso vórtice polar, quando as caldeiras por todo o norte do Midwest dos Estados Unidos funcionaram na potência máxima, queimando dinheiro aos fardos —, a história voltou-lhe à cabeça com frequência e a sua ressonância foi-se aprofundando. E regressando.

A família na história parecia ter tudo, mas não tinha; parecia que nunca bastava, e o herói, um rapaz chamado Paul, ouvia sempre a casa a sussurrar: «Precisamos de mais dinheiro! Precisamos de mais dinheiro!» Peter Saubers sabia que alguns adolescentes achavam aquilo uma coisa estúpida. Eram os sortudos, que nunca tinham sido obrigados a ouvir Zaragatas à noite sobre que contas pagar esse mês. E sobre o preço do tabaco.

O jovem protagonista na história de Lawrence descobriu uma forma sobrenatural de ganhar dinheiro. Montando o

cavalo de baloiço e rumando à terra do faz de conta da sorte, Paul conseguia descobrir vencedores das corridas de cavalos no mundo real. Ganhou milhares de dólares, mas a casa continuava a sussurrar: «Precisamos de mais dinheiro!»

Depois de uma última cavalgada épica no cavalo de baloiço (e de ganhar uma pipa de massa), Paul morre de um derrame cerebral ou coisa do género. Pete não tivera sequer uma dor de cabeça desde que encontrara a arca, mas era o cavalo de baloiço dele, não era? Sim. O seu próprio cavalo de baloiço. Porém, em 2013, o ano em que conheceu o senhor Ricker, o cavalo de baloiço estava a diminuir a velocidade. O dinheiro da arca já quase acabara.

Tinha ajudado os pais a passar por um período difícil e sombrio, quando o casamento podia ter ruído; Pete sabia isso, e nem uma vez se arrependeu de fazer o papel de anjo da guarda. Nas palavras de uma velha canção, o dinheiro da arca fora uma ponte sobre águas revoltas, e as coisas estavam (bastante) melhores na outra margem. O pior da recessão tinha passado. A mãe estava de novo a dar aulas a tempo inteiro, ganhando mais três mil dólares por ano do que antes. O pai geria um pequeno negócio, não exatamente uma imobiliária, mas uma coisa chamada pesquisa imobiliária. E tinha várias agências da cidade como clientes. Pete não entendia muito bem como a coisa funcionava, mas sabia que o pai estava a ganhar dinheiro e podia ganhar ainda mais no futuro se o mercado imobiliário continuasse a crescer. Também se ocupava pessoalmente de algumas propriedades. O melhor era que estava livre dos medicamentos e a andar bem. As muletas tinham sido guardadas no armário havia quase um ano, e ele só usava a bengala em dias de chuva ou neve, quando os ossos e as articulações doíam. Tudo estava bem. Ótimo,

na verdade.

Porém, como dizia o senhor Ricker pelo menos uma vez em cada aula. Porém!

Tinha de pensar em Tina, e esse era um *porém* bem grande. Muitas das amigas dela do antigo bairro no West Side, incluindo Barbara Robinson, que Tina idolatrava, iriam para Chapel Ridge, uma escola particular com um histórico excelente no que tocava a enviar alunos para boas faculdades. A mãe explicara a Tina que ela e o pai não tinham como pagar as propinas daquela escola agora. Talvez ela pudesse tentar no ano seguinte, se as coisas continuassem a melhorar.

— Mas assim não vou conhecer *ninguém* — dissera Tina, começando a chorar.

— Vais conhecer a Barbara Robinson — argumentou a mãe, e Pete (à escuta no quarto ao lado) percebeu, pelo tom, que a mãe também estava à beira das lágrimas. — A Hilda e a Betsy também.

Mas Tina era um pouco mais nova do que essas raparigas, e Pete sabia que só Barbs fora mesmo amiga da irmã nos tempos do West Side. Hilda Carver e Betsy DeWitt não deviam sequer lembrar-se dela. E Barbara também não se lembraria dali a um ano ou dois. A mãe parecia não se recordar de como o secundário era complicado e de como os amigos de infância eram esquecidos depressa quando se chegava lá.

A resposta de Tina resumiu esses pensamentos com admirável concisão.

— Pois, mas elas não vão conhecer-me.

— Tina...

— Vocês têm aquele *dinheiro*! — exclamou Tina. — Aquele dinheiro misterioso que vem todos os meses! Porque não posso usar um pouco para Chapel Ridge?

— Porque ainda estamos a recuperar da fase má, querida.

Tina não pôde dizer nada, porque era verdade.

Os planos de Pete para a faculdade eram outro *porém*. Ele sabia que, para alguns dos seus amigos, talvez para a maioria, a faculdade parecia mais distante do que o planeta mais distante do sistema solar. Mas, se ele queria frequentar uma boa (*Brown*, sussurrava a mente dele, *Literatura Inglesa na Brown*), isso queria dizer preencher impressos de candidatura cedo, no início do último ano do secundário. As próprias candidaturas eram caras, assim como as aulas extras que ele precisaria de ter nas férias de verão se quisesse tirar boas notas a matemática. Tinha um emprego a tempo parcial na biblioteca da Garner Street, mas trinta e cinco dólares por semana não era muita coisa.

A empresa do pai tinha crescido o suficiente para cobiçar um escritório no centro; esse era o *porém* número três. Compensaria ter uma sala com renda barata num andar alto e estar perto da ação, mas isso significaria gastar mais dinheiro. E Pete sabia, apesar de ninguém o dizer em voz alta, que o pai estava a contar com o dinheiro misterioso para ajudá-lo durante o período crítico. Todos tinham passado a contar com o dinheiro misterioso, e só Pete sabia que ele acabaria antes do final de 2014.

E sim, *okay*, tinha gastado um pouco consigo mesmo. Não uma quantidade enorme, isso teria gerado perguntas, mas cem aqui e cem ali. Um *blazer* e um par de sapatos novos para a viagem da turma a Washington. Alguns CD. E livros. Passara a ser louco por livros depois de ler os cadernos e se apaixonar por John Rothstein. Começou com os judeus contemporâneos de Rothstein, como Philip Roth, Saul Bellow e Irwin Shaw (achava *Os Jovens Leões* espetacular e não percebia porque não era considerado um

clássico) e alargou o leque a partir daí. Comprava edições de capa mole, mas mesmo essas custavam de doze a quinze dólares cada, a não ser que fossem encontradas em segunda mão.

«Foi preciso um cavalo de baloiço» ressoou mesmo, uma ressonância e tanto, porque Pete ouvia a sua casa a sussurrar «Precisamos de mais dinheiro...» e em pouco tempo haveria menos. Mas dinheiro não era *tudo* o que a arca continha, pois não?

Esse era outro *porém*. Um *porém* em que Peter Saubers pensava cada vez mais nos últimos anos.

O seu trabalho final para Galope Pelas Velhas Glórias do senhor Ricker foi uma análise de dezasseis páginas da trilogia de Jimmy Gold, citando várias críticas e acrescentando algumas coisas das poucas entrevistas que Rothstein dera antes de se isolar na quinta no New Hampshire e deixar de editar. Terminou com um comentário sobre a visita de Rothstein aos campos de concentração da Alemanha quando era jornalista do *New York Herald*, isso quatro anos antes de publicar o primeiro livro de Jimmy Gold.

«Creio que esse foi o acontecimento mais importante da vida do senhor Rothstein», escreveu Pete. «Sem dúvida, o mais importante da sua vida como escritor. A busca de Jimmy de um significado para a sua vida remete sempre para o que o senhor Rothstein viu naqueles campos, e é por isso que, quando Jimmy tenta viver como um cidadão americano normal, se sente vazio. Para mim, isso é bem expresso quando ele atira um cinzeiro à televisão em *O Corredor Abranda*. Faz isso durante um especial da CBS sobre o Holocausto.»

Quando o senhor Ricker devolveu os trabalhos, havia um grande 20 escrito na primeira folha do de Pete, que tinha uma foto impressa de Rothstein quando jovem, sentado no Sardi's com Ernest Hemingway. Abaixo do 20, o senhor Ricker escreveu: *Fala comigo depois da aula*.

Quando os outros alunos saíram, o senhor Ricker olhou para Pete tão fixamente que o rapaz sentiu um medo momentâneo de que o seu professor favorito fosse acusá-lo de plágio. E então, o senhor Ricker sorriu.

— Este é o melhor trabalho de um aluno que já li nos meus vinte e oito anos de ensino. Porque foi o mais confiante e o mais emocionado.

Pete corou de prazer.

— Obrigado. A sério. Muito obrigado.

— Mas tenho de discordar da tua conclusão — disse o senhor Ricker, recostando-se na cadeira e entrelaçando os dedos atrás do pescoço. — A caracterização do Jimmy como «um nobre herói americano, como Huck Finn» não é apoiada pelo livro que conclui a trilogia. Sim, ele atira um cinzeiro ao televisor, mas não é um ato de heroísmo. O logo da CBS é um olho, sabes, e o ato de Jimmy é uma forma ritual de cegar o seu olho interior, o que vê a verdade. Não é uma conclusão minha, mas sim uma citação quase direta de um ensaio chamado «O corredor volta as costas», de John Crowe Ranson. Leslie Fiedler diz a mesma coisa em *Love and Death in the American Novel*.

— Mas...

— Não estou a tentar desacreditar-te, Pete; só estou a dizer que tens de te ater às provas que te oferece qualquer livro levem-te elas para *onde* te levarem, e isso implica não omitir desenvolvimentos cruciais contrários à tua tese. O que faz o Jimmy *depois* de atirar o cinzeiro ao televisor e depois de a mulher dizer a frase clássica «Seu estupor,

como é que os miúdos agora vão ver o Rato Mickey?»?

— Vai comprar outro televisor, mas...

— Ele não compra um televisor *qualquer*, mas o primeiro televisor a cores do *quartirão*. E depois?

— Cria uma grande campanha publicitária de sucesso do detergente de uso doméstico *Duzzy-Doo*. Mas...

O senhor Ricker ergueu as sobrelanceiras, à espera do «mas». E como podia Pete dizer-lhe que um ano depois Jimmy entra na agência a meio da noite com fósforos e uma lata de querosene? Que Rothstein prevê todos os protestos sobre o Vietname e os direitos civis ao pôr Jimmy a provocar um incêndio que destrói o prédio conhecido como Templo da Publicidade? Que ele sai de Nova Iorque à boleia sem pensar duas vezes, deixando a família para trás, como Huck e Jim? Não podia dizer nada disso porque tudo acontecia em *O Corredor Vai para Oeste*, um livro que existia apenas em dezassete cadernos escritos à mão que tinham estado enterrados numa velha arca durante trinta anos.

— Vá, explica-me os teus «mas» — disse o senhor Ricker, bem-humorado. — Não há nada de que eu goste mais do que uma boa discussão sobre livros com uma pessoa que consegue defender o seu ponto de vista. Imagino que já tenhas perdido o autocarro, mas terei todo o gosto em dar-te boleia até casa. — Bateu na capa do trabalho de Pete, Johnny R. e Ernie H., os titãs gémeos da literatura americana, com grandes copos de martíni erguidos num brinde. — Tirando a conclusão sem base, que justifico como um desejo tocante de ver alguma luz no fim de um livro extremamente sombrio, é um trabalho extraordinário. Simplesmente extraordinário. Portanto, força. Explica-me os teus «mas».

— Mas nada, acho — disse Pete. — O senhor pode ter

razão.

Mas o senhor Ricker não tinha razão. Qualquer dúvida existente no fim de *O Corredor Vai para Oeste* sobre Jimmy Gold não se vender fora destruída no último e mais longo livro da série, *O Corredor Levanta a Bandeira*. Era o melhor livro que Pete já lera. E também o mais triste.

— No teu trabalho, não referes a forma como Rothstein morreu.

— Não.

— Posso perguntar porquê?

— Porque não se encaixava no tema, acho. E teria tornado o trabalho demasiado longo. Além disso... bem... foi horrível ele morrer daquela forma, assassinado num assalto idiota.

— Ele não devia ter guardado todo aquele dinheiro em casa — disse o senhor Ricker delicadamente —, mas guardava, e muita gente sabia. Mas não o julgues com demasiada severidade por isso. Muitos escritores foram tolos e imprudentes com dinheiro. Charles Dickens acabou a sustentar uma família de vagabundos, incluindo o próprio pai. Samuel Clemens praticamente faliu por causa de transações imobiliárias. Arthur Conan Doyle perdeu milhares de dólares para médiuns charlatões e gastou mais milhares em fotos falsas de fadas. Pelo menos, a principal obra de Rothstein estava concluída. A não ser que acredites, como algumas pessoas...

Pete olhou para o relógio.

— Senhor Ricker, se correr ainda posso apanhar o autocarro.

O professor fez aquele gesto engraçado com as mãos.

— Vai, ora essa, vai lá. Só queria agradecer-te este trabalho maravilhoso... e dar-te um conselho de amigo: quando abordares este tipo de coisa no ano que vem, e na

faculdade também, não deixes a tua natureza otimista atrapalhar o teu olhar crítico. O olhar crítico deve sempre ser frio e lúcido.

— Fique descansado — respondeu Pete, e saiu rapidamente da sala.

A última coisa que queria discutir com o senhor Ricker era a possibilidade de os ladrões que tiraram a vida a John Rothstein terem roubado uma data de manuscritos não publicados, além do dinheiro, e talvez terem-nos destruído quando decidiram que não tinham valor. Uma ou duas vezes, Pete considerara a ideia de entregar os cadernos à polícia, apesar de isso quase certamente querer dizer que os pais descobririam de onde viera o dinheiro misterioso. Afinal, os cadernos, mais que um tesouro literário, eram provas de um crime. Mas era um crime *antigo*, história passada. Era melhor esquecer isso.

Não era?

O autocarro já passara, claro, e isso significava uma caminhada de três quilómetros para casa. Pete não se importava. Ainda estava a vibrar com os elogios do senhor Ricker, e tinha muito em que pensar. Principalmente nos originais não publicados do senhor Rothstein. Os contos eram irregulares, na opinião dele, só havia alguns realmente bons, e os poemas que ele tentara escrever eram, na humilde opinião de Pete, bastante fracos. Mas aqueles dois últimos livros de Jimmy Gold eram... bem, de ouro. A julgar pelas provas dispersas que encontrara neles, Pete achava que o último, em que Jimmy erguia uma bandeira em chamas durante uma manifestação pacífica em Washington, tinha sido concluído por volta de 1973, porque Nixon ainda era presidente quando o livro

terminava. Rothstein nunca ter publicado os volumes finais da série Gold (e mais um livro, esse sobre a Guerra Civil) era inexplicável para Pete. Eram tão bons!

Tirava um *Moleskine* de cada vez do sótão e lia com a porta do quarto fechada, e com o ouvido atento a companhias indesejadas quando havia outras pessoas em casa. Tinha sempre outro livro à mão, e, se ouvisse passos a aproximarem-se, enfiava o caderno debaixo do colchão e pegava no outro. Na única vez que foi apanhado, foi pela irmã, que tinha o infeliz hábito de andar pela casa de meias.

— O que é isso? — perguntou Tina da porta.

— Não é da tua conta — respondeu ele, enfiando o caderno debaixo da almofada. — E, se disseses alguma coisa aos pais, estás em apuros comigo.

— É pornografia?

— Não!

Embora o senhor Rothstein escrevesse umas cenas bastante apimentadas, principalmente para um tipo velho. Por exemplo, havia uma cena com Jimmy e duas raparigas *hippies*...

— Então porque não queres que eu veja?

— Porque é particular.

Os olhos dela iluminaram-se.

— É teu? Estás a escrever um *livro*?

— Talvez. E se estiver?

— É tão fixe! Sobre o que é?

— Insetos a fazer sexo na lua.

Ela riu-se.

— Pensei que tinhas dito que não era pornografia. Posso ler quando o terminares?

— Veremos. Mas não digas nada, está bem?

Ela concordara, e uma coisa que se podia dizer sobre

Tina era que raramente quebrava uma promessa. Isso fora dois anos antes, e Pete tinha a certeza de que ela se esquecera da história.

Billy Webber aproximou-se numa bicicleta reluzente com dez velocidades.

— Oi, Saubers! — Como quase toda a gente (o senhor Ricker era exceção), Billy pronunciava o seu apelido como *Sobers* em vez de *SOU-bers*, mas Pete não se importava. Era um nome merdoso como quer que fosse pronunciado. — O que vais fazer nas férias?

— Trabalhar na biblioteca da Garner Street.

— Ainda?

— Convenci-os a contratarem-me por vinte horas semanais.

— Porra, meu, és demasiado novo para ser escravo do ordenado!

— Não me importo — disse Pete, e era verdade. A biblioteca significava tempo livre no computador, além de outras vantagens, sem ninguém a espreitar-lhe por cima do ombro. — E tu?

— Vou para a nossa casa de verão no Maine. Em China Lake. Muitas miúdas giras de biquíni, meu, e as do Massachusetts sabem o que fazem.

Então talvez te possam ensinar, pensou Pete maliciosamente, mas, quando Billy estendeu a mão aberta, ele deu-lhe uma palmada e viu o outro afastar-se com alguma inveja. Tinha uma bicicleta com dez velocidades sob o traseiro, ténis caros *Nike* nos pés e uma casa de verão no Maine. Parecia que algumas famílias já tinham recuperado da fase má. Ou talvez nem tivessem sido afetadas. Não era assim com a família Saubers. Eles estavam a ir bem, mas...

Precisamos de mais dinheiro, sussurrara a casa na história

de Lawrence. *Precisamos de mais dinheiro*. E isso, meu querido, *ressoava*.

Poderiam os cadernos ser transformados em dinheiro? Haveria uma forma? Pete não gostava da ideia de abrir mão deles, mas, ao mesmo tempo, reconhecia o quanto era errado deixá-los escondidos no sótão. O trabalho de Rothstein, principalmente os dois últimos livros de Jimmy Gold, merecia ser partilhado com o mundo. Cimentariam a reputação de Rothstein, Pete tinha a certeza, mas a reputação dele nem era assim tão má, e, além do mais, essa não era a parte importante. As pessoas iam gostar deles, essa era a parte importante. *Adorá-los*, se fossem como Pete.

Só que manuscritos escritos à mão não eram como notas de vinte e de cinquenta impossíveis de localizar. Pete seria apanhado e talvez fosse para a prisão. Não sabia exatamente de que crime poderia ser acusado (recetação de objetos roubados, não, disso tinha a certeza, porque ele não recetara, só encontrara), mas tinha a certeza de que tentar vender o que não era seu tinha de ser *algum* tipo de crime. Doar os cadernos à *alma mater* de Rothstein parecia uma resposta razoável, só que teria de o fazer anonimamente, senão tudo viria à tona e os pais descobririam que o filho os sustentava com o dinheiro roubado de um homem morto. Além do mais, não se ganhava nada com uma doação anónima.

Apesar de não ter escrito sobre o homicídio de Rothstein no trabalho da escola, Pete lera tudo sobre a tragédia, quase sempre na sala de computadores da biblioteca. Sabia que Rothstein levava um único tiro, semelhante a uma execução. Sabia que a polícia encontrara

várias pegadas diferentes no jardim e acreditava que duas, três ou até quatro pessoas haviam estado envolvidas, e que, com base no tamanho das pegadas, todas deviam ser homens. Também acreditavam que dois deles tinham sido mortos numa área de descanso em Nova Iorque não muito tempo depois.

Margaret Brennan, a primeira mulher do autor, fora entrevistada em Paris pouco depois da morte. «Toda a gente falava dele naquela cidadezinha de província», dissera ela. «Sobre o que mais iriam falar? Vacas? O trator novo de um dos agricultores? Para os provincianos, o John era importante. Tinham a ideia errada de que os escritores ganham tanto dinheiro como os banqueiros e acreditavam que ele tinha centenas de milhares de dólares escondidos naquela quinta velha. Alguém de fora acreditou nas histórias, foi isso que aconteceu. Tudo culpa daqueles ianques bisbilhoteiros! Culpo os moradores locais tanto como os bandidos que fizeram aquilo.»

Quando lhe perguntaram sobre a possibilidade de Rothstein ter escondido manuscritos junto do dinheiro, Peggy Brennan soltou aquilo a que o entrevistador chamou «risada rouca de fumadora».

«Mais boatos, querido. O Johnny escondeu-se do mundo apenas por um motivo. Estava sem ideias e era demasiado orgulhoso para o admitir.»

Não sabias de nada, pensou Pete. Ele deve ter-se divorciado porque se fartou dessa risada rouca de fumadora.

Houve muita especulação nos artigos de jornal e revistas que Pete leu, mas ele gostava daquilo a que o senhor Ricker chamava «princípio da navalha de Occam». De acordo com esse princípio, a resposta mais simples e óbvia costumava ser a certa. Três homens tinham entrado à

força na quinta e um deles matara os comparsas para poder ficar com tudo. Pete não sabia por que motivo o tipo fora para aquela cidade depois, nem porque enterrara a arca, mas tinha a certeza de *uma* coisa: o ladrão sobrevivente nunca voltaria para vir buscá-la.

Pete não era muito bom a matemática, era por isso que precisava das aulas de verão, mas não era preciso ser um Einstein para avaliar os números e chegar a certas possibilidades. Se o ladrão sobrevivente tivesse trinta e cinco anos em 1978, o que parecia uma estimativa justa para Pete, teria sessenta e sete em 2010, quando Pete encontrara a arca, e uns setenta agora. Setenta era a terceira idade. Se ele aparecesse à procura do saque, provavelmente viria de andarilho.

Pete sorriu ao virar para a Sycamore Street.

Achava que havia três possibilidades para o ladrão sobrevivente não ter voltado para reclamar a arca, todas com probabilidades iguais. A primeira, estava numa prisão qualquer por outro crime. A segunda, estava morto. A terceira era uma combinação da primeira e da segunda: morrera na prisão. O que quer que tivesse acontecido, Pete achava que não precisava de se preocupar com o homem. Mas os cadernos eram outra história. Quanto a eles, o rapaz tinha muitas preocupações. Ficar com eles era como ficar com uma data de belos quadros roubados que não se podiam vender.

Ou com uma caixa cheia de dinamite.

Em setembro de 2013, quase trinta e cinco anos depois do homicídio de John Rothstein, Pete enfiou as últimas notas da arca num envelope endereçado ao pai. A última prestação era de 340 dólares. E como ele achava que a

esperança podia ser uma coisa cruel, acrescentou um bilhete curto:

Este é o último. Lamento não haver mais.

Apanhou um autocarro até ao centro comercial de Birch Hill, onde havia um marco do correio entre a Discount Electronix e a loja de iogurtes. Olhou em volta para verificar se não estava a ser observado e deu um beijo no envelope. Em seguida, enfiou-o pela ranhura e afastou-se. Fê-lo ao estilo de Jimmy Gold: sem olhar para trás.

Uma ou duas semanas depois do Ano Novo, Pete estava na cozinha, a preparar uma sanduíche de manteiga de amendoim e geleia, quando ouviu os pais a falar com Tina na sala. Era sobre Chapel Ridge.

— Pensei que *talvez pudéssemos* pagar — disse o pai. — Se te dei falsas esperanças, não tenho como lamentar mais, Teens.

— É porque o dinheiro misterioso deixou de vir — afirmou Tina. — Não é?

— Em parte, mas não é só isso — respondeu a mãe. — O teu pai tentou pedir um empréstimo ao banco, mas não lho concederam. Verificaram os registos da empresa dele e fizeram uma coisa...

— Uma projeção de lucro de dois anos — completou o pai. Alguma da amargura pós-acidente voltara-lhe à voz. — Fizeram muitos elogios, porque elogios são de graça. Disseram que posso conseguir o empréstimo em 2016 se o meu negócio crescer cinco por cento. Enquanto isso, este maldito vórtice polar... estamos a ultrapassar o orçamento da tua mãe com os gastos com aquecimento. Toda a gente

está, do Maine ao Minnesota. Sei que não serve de consolo, mas é isso.

— Querida, temos muita pena — disse a mãe.

Pete esperava que Tina fizesse uma birra monumental (começavam a surgir com cada vez mais frequência conforme ela se ia aproximando dos treze anos), mas nada aconteceu. Ela disse que entendia e que Chapel Ridge devia ser uma escola de snobes, de qualquer maneira. Depois, foi à cozinha e perguntou a Pete se ele lhe podia fazer uma sanduíche, porque a dele tinha muito bom aspeto. Ele fez, foram para a sala e os quatro viram televisão e riram um pouco com *A Teoria do Big Bang*.

Mas, mais tarde, ele ouviu Tina a chorar quando passou pela porta do quarto dela. Sentiu-se péssimo. Foi para o seu quarto, tirou um dos *Moleskines* de baixo do colchão e começou a reler *O Corredor Vai para Oeste*.

Estava a ter aulas de escrita criativa com a senhora Davis naquele semestre e, apesar de ter 20 em todas as suas histórias, em fevereiro já sabia que nunca seria escritor de ficção. Apesar de ser bom com as palavras, algo que não precisava que a senhora Davis lhe dissesse (embora ela o fizesse com frequência), não possuía aquele tipo de centelha criativa. O seu maior interesse era ler ficção, depois tentar analisar o que lera, encaixando a história num padrão maior. Apanhara o gosto por esse tipo de trabalho de detetive enquanto redigia o seu trabalho sobre Rothstein. Na biblioteca da Garner Street, procurou um dos livros que o senhor Ricker mencionara, *Love and Death in the American Novel*, de Leslie Fiedler, e gostou tanto que comprou um exemplar para poder sublinhar certos trechos e escrever nas margens. Queria mais do que nunca formar-

se em inglês e dar aulas, como o senhor Ricker (só que na faculdade em vez de no secundário), e a certa altura escrever um livro como o do senhor Fiedler, provocar os críticos mais tradicionais e questionar a forma bafienta como esses mesmos críticos olhavam para as coisas.

Porém!

Precisava de mais dinheiro. O senhor Feldman, o orientador académico da escola, dissera-lhe que conseguir uma bolsa de estudos para uma universidade da Ivy League era «bastante improvável», e Pete sabia que até isso era um exagero. Ele era só mais um miúdo vulgar de uma escola pouco notável do Midwest, um miúdo com um emprego a tempo parcial numa biblioteca e atividades extracurriculares nada excitantes, como o jornal e o anuário. Mesmo que conseguisse a bolsa, precisava de pensar em Tina. Ela não estava a esforçar-se ultimamente, tirando muitos 3 e 2, e parecia mais interessada em maquilhagem, sapatos e música *pop* do que na escola. Precisava de uma mudança, de um novo começo. Ele era suficientemente inteligente, mesmo antes de completar dezassete anos, para saber que Chapel Ridge talvez não resolvesse o problema da irmã... mas, por outro lado, podia acontecer. Principalmente porque os danos não eram irreversíveis. Pelo menos, ainda não.

Preciso de um plano, pensou ele, só que não era exatamente disso que precisava. Do que Pete precisava era de uma *história*, e embora provavelmente nunca fosse tornar-se um grande escritor, como o senhor Rothstein ou o senhor Lawrence, era *capaz* de criar um enredo. Era isso que precisava de fazer agora. Só que todo o enredo se construía a partir de uma ideia, e nesse aspeto ele não estava a fazer progressos.

Pete começara a passar muito tempo na Water Street Books, porque o café era barato e até os livros de bolso novos tinham trinta por cento de desconto. Passou por lá uma tarde de março, a caminho do trabalho na biblioteca, pensando em comprar algum livro de Joseph Conrad. Numa das poucas entrevistas que dera, Rothstein chamara a Conrad «o primeiro grande escritor do século XX, apesar de o seu melhor trabalho ter sido escrito antes de 1900».

Do lado de fora da livraria fora montada uma mesa comprida sob um toldo. LIQUIDAÇÃO DA PRIMAVERA, dizia o cartaz. TUDO NESTA MESA COM 70 % DE DESCONTO! E, por baixo: QUEM SABE QUE TESOURO ENTERRADO IRÁ ENCONTRAR! Essa frase estava ladeada por grandes *smileys* amarelos, para mostrar que era uma piada, mas Pete não achou graça.

Finalmente teve uma ideia.

Uma semana depois, ficou na escola depois das aulas para conversar com o senhor Ricker.

— Estou contente por te ver, Pete. — O senhor Ricker usava uma camisa com mangas largas e uma gravata psicadélica. O miúdo achou que a combinação dizia muito sobre o motivo de a geração paz e amor ter desmoronado. — A senhora Davis só tem elogios para ti.

— Ela é fixe — disse Pete. — Estou a aprender muito.

Na verdade, não estava, e achava que o resto da turma também não. A professora era simpática e muitas vezes tinha coisas interessantes para dizer, mas Pete estava a chegar à conclusão de que a escrita criativa não podia ser ensinada, só aprendida.

— Que posso fazer por ti?

— Lembra-se de quando disse que um manuscrito de

Shakespeare seria muito valioso atualmente?

O senhor Ricker sorriu.

— Digo sempre isso durante as aulas do meio da semana, quando os alunos perdem o interesse. Nada como um pouco de ganância para animar adolescentes. Porquê? Encontraste um fólio, Malvólio?

Pete sorriu educadamente.

— Não, mas, quando fomos visitar o meu tio Phil a Cleveland nas férias de fevereiro, fui à garagem dele e encontrei uma série de livros velhos. A maioria era sobre o Tom Swift. Ele era um miúdo inventor.

— Lembro-me bem do Tom e do seu amigo Ned Newton — disse o senhor Ricker. — *Tom Swift and His Motor Cycle*, *Tom Swift and His Wizard Camera*... Quando eu era miúdo, ríamos sobre a possibilidade de um *Tom Swift and His Electric Grandmother*.

Pete renovou o sorriso de cortesia.

— Também havia outros dez sobre uma miúda detetive chamada Trixie Belden, e outra chamada Nancy Drew.

— Acho que sei onde queres chegar com isto, e detesto desiludir-te, mas é necessário. Tom Swift, Nancy Drew, os Hardy Boys, Trixie Belden... todos são relíquias interessantes de uma época passada e uma excelente referência para avaliar o quanto aquilo que se chama «ficção infantojuvenil» mudou nos últimos oitenta anos, mais ou menos, mas esses livros não têm grande valor monetário, mesmo que em condições excelentes.

— Eu sei — disse Pete. — Verifiquei depois no *Fine Books*. É um blogue. Mas, enquanto eu estava a examinar aqueles livros, o tio Phil foi à garagem e disse que tinha outra coisa que talvez me interessasse mais. Porque eu lhe dissera que gostava do John Rothstein. Era um exemplar em capa dura autografado de *O Corredor*. Não tem

dedicatória, só uma assinatura. O tio Phil disse que o recebeu de um tipo chamado Al que lhe devia dez dólares de um jogo de póquer. Parece que tem o livro há quase cinquenta anos. Olhei para a página do *copyright* e é uma primeira edição.

O senhor Ricker tivera a cadeira inclinada para trás, mas então endireitou-a de repente.

— Caramba! Já debes saber que o Rothstein não deu muitos autógrafos, certo?

— Sim — disse Pete. — Dizia que era «desfigurar um livro em perfeitas condições».

— Sim, nisso era parecido com o Raymond Chandler. E sabias que os livros autografados valem mais quando só têm a assinatura? Sem dedicatória?

— Sim. Está escrito no *Fine Books*.

— Uma primeira edição assinada do livro mais famoso de Rothstein *deve* valer algum dinheiro — avaliou o senhor Ricker. — Pensando melhor, esquece o deve. Em que condição está?

— Boa — respondeu Pete de imediato. — Tem algumas manchas na parte interna da capa e na folha de rosto, só isso.

— *Andaste mesmo* a ler sobre o assunto.

— Mais desde que o meu tio me mostrou o livro.

— Imagino que não tenhas contigo esse livro fabuloso, pois não?

Tenho uma coisa muito melhor, pensou Pete. *Se soubesses*.

Às vezes, sentia o peso desse conhecimento, e sentia-o ainda mais naquele dia, ao contar aquelas mentiras.

Mentiras *necessárias*, lembrou a si mesmo.

— Não, mas o meu tio disse que mo daria, se eu quisesse. Eu respondi que precisava de um tempo para pensar, porque ele não... o senhor sabe...

— Ele não faz ideia de quanto o livro pode valer?

— Pois. Mas então comecei a pensar...

— O quê?

Pete enfiou a mão no bolso de trás das calças, tirou uma folha de papel dobrada e entregou-a ao senhor Ricker.

— Pesquisei na Internet pessoas aqui da cidade que comprem e vendem primeiras edições e encontrei essas três. Sei que o senhor também coleciona livros...

— Não muito, o meu ordenado não me permite colecionar a sério, mas tenho um Theodore Roethke assinado que pretendo passar aos meus filhos. *The Waking*. São poemas muito bons. Tenho também um Vonnegut, mas esse não vale tanto; ao contrário do Rothstein, o Kurt assinava tudo.

— Enfim, queria saber se o senhor conhecia algum deles e, caso conheça, qual é o melhor. Na eventualidade de eu decidir deixar que o meu tio me dê o livro... e depois, sabe, resolver vendê-lo.

O senhor Ricker desdobrou a folha, olhou para ela e depois para Pete de novo. Aquele olhar, ao mesmo tempo perspicaz e solidário, deixou o rapaz desconfortável. Talvez tivesse sido má ideia, ele *não era* muito bom a ficção, mas estava metido naquilo agora e teria de seguir em frente de alguma forma.

— Na verdade, conheço-os todos. Mas caramba, rapaz, também sei o quanto o Rothstein é importante para ti, e não só por causa do teu trabalho o ano passado. A Annie Davis diz que falas muito dele na aula de escrita criativa. Alega que a trilogia Jimmy Gold é a tua Bíblia.

Pete achava que era verdade, mas nunca tinha percebido o quanto falava sobre o assunto. Decidiu deixar de falar tanto em Rothstein. Podia ser perigoso. As pessoas poderiam pensar e lembrar-se, se...

Se.

— É bom ter heróis literários, Pete, principalmente se tencionas formar-te a inglês quando fores para a faculdade. Rothstein é o teu, pelo menos por enquanto, e aquele livro pode ser o começo da tua biblioteca. Tens a certeza de que queres vendê-lo?

Pete podia responder com sinceridade, apesar de não estar a falar de um livro autografado.

— Tenho, sim. As coisas andam um pouco difíceis lá em casa...

— Sei o que aconteceu ao teu pai no Centro Cívico e tenho muita pena. Pelo menos, apanharam o psicopata antes que ele pudesse fazer mais mal.

— O meu pai está melhor agora, e tanto ele como a minha mãe estão a trabalhar de novo, só que eu devo precisar de dinheiro para a faculdade...

— Compreendo.

— Mas esse não é o maior problema. A minha irmã quer estudar em Chapel Ridge, e os meus pais disseram-lhe que não podia, pelo menos no ano que vem. Não vão conseguir pagar. Mas vai andar perto. E acho que ela precisa de uma escola dessas. Está... não sei, a *ficar para trás*.

O senhor Ricker, que sem dúvida conhecia muitos alunos que estavam a ficar para trás, assentiu com seriedade.

— Mas, se a Tina pudesse estudar com boas influências, principalmente a de uma rapariga, Barbara Robinson, que ela conhece de quando vivíamos no West Side, as coisas poderiam mudar.

— É simpático da tua parte pensares no futuro dela, Pete. É nobre, até.

Pete nunca pensara em si mesmo como nobre. A ideia deixou-o atónito.

Talvez por ver o constrangimento dele, o senhor Ricker voltou a atenção novamente para a lista.

— Tudo bem. A Grissom Books teria sido a melhor aposta quando o Teddy Grissom ainda era vivo, mas o filho é o responsável pela loja agora, e é um bocado forreta. Um homem honesto, mas não abre muito a mão. Ele diria que a culpa é dos tempos difíceis, mas também é da natureza dele.

— Certo...

— Suponho que tenhas verificado na Internet para saber quanto deve valer uma primeira edição assinada de *O Corredor* em boas condições?

— Sim. Entre dois e três mil. Não o suficiente para um ano em Chapel Ridge, mas é um começo. Aquilo a que o meu pai chama «uma garantia».

O senhor Ricker assentiu.

— Acho que é isso mesmo. O Teddy Júnior começaria por te oferecer oitocentos. Talvez conseguisses que ele chegasse aos mil, mas, se continuasses a insistir, ele irritar-se-ia e mandava-te passear. Esse outro, Buy the Book, é a loja do Buddy Franklin. Também é um tipo porreiro, e com isso estou a querer dizer honesto, mas o Buddy não tem muito interesse em ficção do século vinte. A cena dele é vender mapas velhos e atlas do século dezassete a tipos ricos de Branson Park e Sugar Heights. Mas, se conseguires convencer o Buddy a avaliar o livro e depois fores ter com o Teddy Júnior na Grissom, podes conseguir mil e duzentos por ele. Não estou a dizer que vais conseguir, só que é possível.

— E a Andrew Halliday Rare Editions?

O senhor Ricker franziu a testa.

— Eu ficaria longe do Halliday. Ele tem uma loja na Lacemaker Lane, naquela zona comercial perto da Lower

Main Street. A loja não é mais larga que uma carruagem de comboio, mas tem quase um quarteirão de profundidade. Os negócios parecem ir de vento em popa, mas alguma coisa ali não me cheira bem. Ouvi dizer que não é muito seletivo quanto à procedência de certas coisas. Sabes o que quero dizer?

— A transmissão de propriedade.

— Certo. Que termina com um papel que diz que és o dono do que estás a tentar vender. A única coisa de que tenho a certeza é que, há quinze anos, o Halliday vendeu um exemplar de leitura não editado de *Let Us Now Praise Famous Men*, de James Agee, e descobriu-se que tinha sido roubado dos bens de Brooke Astor. Ela era uma velha rica de Nova Iorque com um administrador desonesto. O Halliday mostrou um recibo, e a história de como ele obteve o livro era credível, então a polícia interrompeu as investigações. Mas os recibos podem ser falsificados, sabes. Eu ficaria longe dele, se fosse a ti.

— Obrigado, senhor Ricker — disse Pete, pensando que, se avançasse com aquilo, a Andrew Halliday Rare Editions seria a sua primeira paragem. Mas teria de ter muito, muito cuidado, e se o senhor Halliday não aceitasse fazer o negócio a dinheiro, *nada* feito. Além do mais, em nenhuma circunstância ele poderia saber o nome de Pete. Seria útil usar um disfarce, embora algo muito exagerado não fosse uma boa ideia.

— De nada, Pete, mas se eu dissesse que estou feliz com isso, estaria a mentir.

Pete entendia. Também não se sentia muito feliz com aquilo tudo.

Ainda estava a refletir sobre as suas opções um mês

depois da conversa e tinha quase chegado à conclusão de que para tentar vender sequer só um dos cadernos a recompensa não compensaria o risco. Se estivesse a lidar com um colecionador particular, como aqueles sobre os quais às vezes lia, que compravam quadros valiosos para pendurar em salas secretas onde pudessem admirá-los, não haveria problema. Mas não tinha como garantir que isso aconteceria. Estava cada vez mais inclinado a doá-los anonimamente, talvez mandá-los pelo correio para a biblioteca da New York University. O curador de um sítio daqueles perceberia o valor dos cadernos, sem dúvida. Mas fazer isso seria um pouco mais público do que Pete gostaria, bastante diferente de meter os envelopes com dinheiro num marco do correio. E se alguém se lembrasse dele nos correios?

Então, numa noite chuvosa no final de abril de 2014, Tina foi de novo ao quarto dele. A *Senhora Beasley* já não existia e o *babygro* fora substituído por uma *t-shirt* enorme da equipa de futebol americano Cleveland Browns, mas para Pete ela continuava a ser a menina preocupada que perguntara, durante a Época das Más Sensações, se os pais iriam separar-se. Prendera o cabelo em dois totós e tinha o rosto lavado, sem a pouca maquilhagem que a mãe a deixava usar (Pete achava que ela aplicava novas camadas quando chegava à escola), o que a fazia parecer mais próxima dos dez anos do que dos treze. Pensou: A Tina já é quase uma adolescente. Era difícil acreditar.

— Posso falar contigo um minuto?

— Claro.

Ele estava deitado na cama, a ler um livro de Philip Roth chamado *Quando Ela Era Boa*. Tina sentou-se na cadeira da secretária, puxou a camisola até às canelas e soprou alguns fios caídos da testa, onde um pouco de acne

tinha aparecido.

— Do que queres falar? — perguntou Pete.

— Hã... — E não disse mais nada.

Ele franziu o nariz para ela.

— Vá, desembucha. Algum rapaz de quem gostas te mandou dar uma volta?

— Tu mandaste aquele dinheiro — disse ela. — Não mandaste?

Pete encarou a irmã, estupefacto. Tentou falar e não conseguiu. Tentou convencer-se de que ela não dissera o que dissera, mas também não conseguiu fazer isso.

Ela assentiu, como se ele o tivesse admitido.

— Sim, foste tu. Vê-se logo pela tua cara.

— Não fui eu, Teens, apenas me apanhaste de surpresa. Onde conseguiria eu todo aquele dinheiro?

— Não sei, mas lembro-me da noite em que me perguntaste o que eu faria se encontrasse um tesouro enterrado.

— Eu perguntei isso? — Estavas quase a dormir, pensou ele. Não *podes* lembrar-te disso.

— Dobrões, disseste. Moedas antigas. Eu disse que daria o dinheiro aos pais, para eles não discutirem mais, e foi isso que fizeste. Só que não era um tesouro pirata, era dinheiro a sério.

Pete pousou o livro.

— Não lhes vás dizer isso. Eles podem acreditar.

Ela encarou-o com seriedade.

— Eu nunca falaria. Mas tenho de perguntar... acabou mesmo?

— O bilhete no último envelope dizia que acabou — respondeu Pete com cautela —, e não chegou mais nenhum envelope depois, portanto acho que sim.

Ela suspirou.

— Foi o que pensei. Mas precisava de perguntar.

Levantou-se para sair.

— Tina.

— Que foi?

— Sinto muito por Chapel Ridge. Quem me dera que o dinheiro *não* tivesse acabado.

Ela sentou-se de novo.

— Guardo o teu segredo se guardares um segredo meu e da mãe. Está bem?

— Sim.

— Em novembro, ela levou-me à Chap, é assim que as raparigas de lá lhe chamam, num dos dias abertos para visitas. Não queria que o pai soubesse porque achou que ele ia ficar zangado, mas na altura a mãe achou que talvez *pudessem* pagar, principalmente se eu conseguisse uma bolsa por baixos rendimentos. Sabes o que é?

Pete assentiu.

— Mas na altura o dinheiro ainda não tinha deixado de chegar, e foi antes de toda a neve e do tempo frio e estranho de dezembro e janeiro. Vimos algumas das salas de aula e os laboratórios de ciências. Tem um monte de computadores. Também vimos o ginásio, que é gigantesco, e o balneário. Tem cabinas individuais para trocar de roupa, não só as baías de gado da Northfield. Pelo menos para as raparigas. Adivinha quem era a guia do meu grupo do passeio?

— A Barbara Robinson?

Ela sorriu.

— Foi bom vê-la de novo. — O sorriso desapareceu. — Ela sorriu, deu-me um abraço e perguntou como estava toda a gente, mas percebi que não se lembrava bem de mim. Porque se lembraria, não é? Sabias que ela, a Hilda, a Betsy e algumas outras raparigas daquela altura estavam

naquele concerto dos 'Round Here? Aquele que o homem que atropelou o pai tentou fazer explodir?

— Sabia.

Pete também sabia que o irmão mais velho de Barbara Robinson tivera um papel fundamental no salvamento dela, das amigas e talvez de milhares de outras pessoas. Recebera uma medalha, ou a chave da cidade, ou coisa parecida. Aquilo era heroísmo a sério, não andar furtivamente de um lado para o outro a enviar dinheiro roubado aos pais.

— Sabias que fui convidada para ir com elas naquela noite?

— O quê? Não!

Tina assentiu.

— Eu disse que não podia porque estava doente, mas não estava. Foi porque a mãe disse que não tinha dinheiro para comprar o bilhete. Mudámo-nos dois meses depois.

— Ena, que coisa!

— Pois, perdi toda a aventura.

— E como foi o passeio pela escola?

— Foi bom, mas não foi maravilhoso. Vou ficar bem na Northfield. Quando descobrirem que sou irmã do rapaz do quadro de honra, não me devem chatear muito.

Pete sentiu uma tristeza repentina e teve vontade de chorar. Foi por causa daquela doçura que sempre fizera parte da natureza de Tina, combinada com aquelas borbulhas feias na testa dela. Pensou se gozariam com ela por causa disso. Se ainda não gozavam, sem dúvida gozariam em breve.

Pete esticou os braços.

— Anda cá.

Ela aproximou-se, e ele deu-lhe um abraço forte. Depois, segurou-a pelos ombros e olhou-a com seriedade.

— Mas aquele dinheiro... não fui eu.

— Hã-hã, está bem. Aquele caderno que estavas a ler veio com o dinheiro? Aposto que veio. — Riu-se. — Fizeste uma cara tão culpada naquela noite, quando entrei e te apanhei a ler.

Ele revirou os olhos.

— Vai para a cama, baixinha.

— Tudo bem. — À porta, ela virou-se. — Mas gostei das cabinas individuais. E de mais uma coisa. Queres saber o quê? Vais achar estranho.

— Diz lá.

— Os alunos usam farda. A das raparigas é uma saia cinzenta com uma blusa branca e meias brancas até aos joelhos. Também há camisolas. Algumas são cinzentas como as saias e outras de um tom vermelho-escuro bonito, que a Barbara disse chamar-se *bordeaux*.

— Fardas — disse Pete, confuso. — Gostas da ideia de *fardas*.

— Eu sabia que ias achar estranho. Porque os rapazes não sabem como são as raparigas. Podem ser cruéis se usas a roupa errada ou se usas a roupa certa com muita frequência. Podes usar blusas diferentes ou ténis às terças e quintas, podes fazer coisas diferentes com o cabelo, mas, em pouco tempo, as raparigas más descobrem que só tens três casacos e seis saias boas para usar na escola. E então começam a falar. Mas quando toda a gente usa a mesma coisa todos os dias... menos a camisola, que tem a opção de duas cores diferentes... — Ela soprou de novo os fios da testa. — Os rapazes não têm esse problema.

— Na verdade, acho que te compreendo — disse Pete.

— De qualquer forma, a mãe vai ensinar-me a fazer roupa, e nessa altura vou ter mais. Vou poder fazer coisas com os moldes das revistas *Simplicity* e *Butterick*. Além

disso, tenho amigas. Muitas.

— A Ellen, por exemplo.

— A Ellen é porreira.

E está a caminho de um emprego gratificante como empregada de mesa ou empregada num *drive-thru* depois das aulas, pensou Pete, mas não disse nada. Se não engravidar aos dezasseis, claro.

— Só queria dizer para não te preocupares. Caso estivesse preocupado.

— Não estava — respondeu Pete. — Vais sair-te bem. E não fui eu que mandei o dinheiro. A sério.

Ela esboçou um sorriso, ao mesmo tempo triste e cúmplice, que a fez parecer qualquer coisa, menos uma criança.

— Tudo bem. Já percebi.

Ela saiu e fechou a porta com delicadeza.

Pete levou bastante tempo a adormecer naquela noite. Pouco tempo depois, cometeu o maior erro da sua vida.

1979-2014

Morris Randolph Bellamy foi condenado a prisão perpétua no dia 11 de janeiro de 1979, e, por um breve período, as coisas aconteceram depressa antes de acontecerem devagar. E devagar. E devagar. A sua admissão na Prisão Estadual de Waynesville foi completada às seis da tarde do dia da sentença. O seu colega de cela, um assassino chamado Roy Allgood, violou-o pela primeira vez quarenta e cinco minutos depois do apagar das luzes.

— Está quieto e não me cagues na pila, rapazinho — sussurrou ele ao ouvido de Morris. — Se fizeres isso, corto-te o nariz. Vais parecer um porco mordido por um jacaré.

Morris, que já tinha sido violado, ficou quieto e mordeu o antebraço para não gritar. Pensou em Jimmy Gold, em como Jimmy era antes de começar a perseguir o Dólar de Ouro. Quando ainda era um herói autêntico. Pensou em Harold Fineman, o melhor amigo de Jimmy no secundário (Morris não tivera amigos no secundário), a dizer que tudo o que é bom acaba, o que sugeria que o inverso era igualmente verdade: tudo o que é mau também acaba.

Aquele mau em particular continuou a acontecer durante muito tempo, e, quando acontecia, Morris repetia o mantra de Jimmy em *O Corredor*, sem parar: *Esta merda não quer dizer merda nenhuma, esta merda não quer dizer merda nenhuma, esta merda não quer dizer merda nenhuma*. E aquilo ajudou.

Um pouco.

Nas semanas seguintes, Allgood violou-o umas noites pelo cu e noutras pela boca. No fim de contas, preferia levar no cu, onde não havia papilas gustativas. Independentemente de como acontecia, pensava que Cora Ann Hooper, a mulher que ele atacara de forma impensada enquanto sofria de amnésia alcoólica, estava a ser ressarcida mediante o que devia considerar justiça perfeita. Por outro lado, ela só tivera de aguentar a intrusão indesejada uma vez.

Havia uma fábrica têxtil anexa a Waynesville. Confeccionava calças de ganga e camisas. No seu quinto dia na tinturaria, um dos amigos de Allgood agarrou-o pelo pulso, levou-o para trás da tina azul número três e mandou-o baixar as calças.

— Só tens de ficar quieto que eu faço o resto — instruiu. Quando terminou, disse: — Não sou maricas nem nada, mas tenho de me desenrascar, como toda a gente. Se disseres a alguém que sou maricas, mato-te.

— Não vou dizer nada — disse Morris. Esta merda não quer dizer merda nenhuma, disse para si mesmo. Esta merda não quer dizer merda nenhuma.

Um dia, em meados de março de 1979, um tipo com ar de pertencer aos Hell's Angels, com braços musculosos cheios de tatuagens, aproximou-se de Morris no pátio de exercícios.

— Sabes escrever? — perguntou ele com um inconfundível sotaque do Sul. — Ouvi dizer que sabes escrever.

— Sim, sei escrever — respondeu Morris.

Viu Allgood aproximar-se, reparar com quem Morris

estava a falar e mudar de rumo, indo na direção do campo de basquete do outro lado do pátio.

— Sou o Warren Duckworth. Quase toda a gente me trata por Duck.

— Sou o Morris Bel...

— Eu sei quem és. Escreves bem, não escreves?

— Escrevo. — Morris falou sem hesitação ou falsa modéstia. Que Roy Allgood tivesse encontrado outra coisa para fazer não lhe passou despercebido.

— Podias escrever uma carta à minha mulher, se eu te disser o que deves lá pôr? Só que, sei lá, usando umas palavras melhores?

— Posso e vou escrever, mas tenho um pequeno problema.

— Eu sei qual é o teu problema — disse o seu novo conhecido. — Se escreveres uma carta que deixe a minha mulher feliz, que talvez a faça deixar de falar em divórcio, não vais ter mais problemas com aquele cabrão escanzelado da tua cela.

Eu sou o cabrão escanzelado da minha cela, pensou Morris, mas sentiu uma leve esperança.

— Vou escrever à sua mulher a carta mais bonita que ela recebeu na vida.

Ao olhar para os braços musculosos de Duckworth, pensou numa coisa que vira num documentário sobre a vida selvagem. Havia um tipo de pássaro que vivia nas bocas dos crocodilos e sobrevivia diariamente a debicar bocados de comida no interior da mandíbula do réptil. Morris pensou que esse tipo de pássaro tinha conseguido um ótimo acordo.

— Vou precisar de papel.

Pensou no reformatório, onde cinco míseras folhas de papel eram tudo o que se conseguia, papel com grandes

pedaços de polpa no meio, como sinais pré-cancerosos.

— Eu arranjo-te o papel. Todo o que quiseses. Só tens de escrever a carta, e no fim vais dizer que todas as palavras saíram da minha boca e que só as escreveste.

— Muito bem, diga-me o que ela mais gostaria de ouvir.

Duck pensou e sorriu.

— Que dá umas boas quecas?

— Ela já sabe isso. — Morris ponderou. — Que parte do corpo diz ela que mudaria, se pudesse?

Duck franziu a testa.

— Sei lá, ela queixa-se sempre de que tem o rabo muito grande. Mas não podes dizer isso, só vai piorar as coisas.

— Não, o que vou escrever é o quanto o senhor adora apalpar aquele rabo.

Duck estava a sorrir.

— É melhor teres cuidado, senão quem vai comer-te sou eu.

— Qual é o vestido favorito dela? Tem algum?

— Sim, é um verde. De seda. A mãe deu-lho no ano passado, antes de eu ser preso. Usa-o quando saímos para dançar. — Olhou para o chão. — É melhor ela não andar a sair para dançar agora, mas talvez ande. Sei isso. Posso só saber escrever a porra do meu nome, mas não sou estúpido.

— Posso escrever que o senhor adora apalpar-lhe o traseiro quando ela usa aquele vestido verde, que tal? Posso dizer que pensar nisso o deixa duro.

Duck olhou para Morris com uma expressão que era totalmente nova na sua experiência em Waynesville. Respeito.

— Ena, isso não é mau.

Morris ainda estava a pensar no assunto. Sexo não era a única coisa em que as mulheres pensavam em relação aos homens; sexo não era romance.

— De que cor é o cabelo dela?

— Ah, agora não sei. Ela é morena quando não o pinta.

Castanho não era uma boa palavra, pelo menos para Morris, mas havia formas de contornar essas coisas. Ocorreu-lhe que aquilo era como vender um produto numa agência de publicidade, mas afastou a ideia. Sobrevivência era sobrevivência.

— Vou escrever que gosta de ver o sol a brilhar no cabelo dela, principalmente de manhã.

Duck não respondeu. Estava a olhar para Morris com as fartas sobrancelhas unidas.

— O quê? Não gostou?

Duck agarrou no braço de Morris, que, por um momento terrível, teve a certeza de que ele o partiria como um ramo seco. A palavra ÓDIO estava tatuada nos dedos do homem enorme. Duck murmurou:

— Parece poesia. Arranjo-te o papel amanhã. Há muito na biblioteca.

Naquela noite, quando Morris voltou para a cela depois do turno das três às nove a tingir roupa de azul, a sua cela estava vazia. Rolf Venziano, na cela ao lado, disse-lhe que Roy Allgood fora levado para a enfermaria. Quando Allgood voltou no dia seguinte, tinha os dois olhos negros e o nariz partido. Olhou para Morris do beliche, rolou para o lado e voltou-se para a parede.

Warren Duckworth foi o primeiro cliente de Morris. Ao longo dos trinta e seis anos seguintes, teve muitos.

Às vezes, quando não conseguia dormir e olhava para o teto da cela (no início dos anos 90, tinha uma só para ele e uma prateleira de livros usados), Morris acalmava-se a relembrar quando descobrira Jimmy Gold. Aquilo fora um

raio de sol na escuridão confusa e furiosa da sua adolescência.

Naquela altura, os pais discutiam a toda a hora, e, apesar de Morris ter passado a detestar os dois, a mãe tinha uma armadura melhor contra o mundo, e ele adotou o seu sorriso sarcástico, a atitude superior e o menosprezo que a acompanhava. Tirando a inglês, a que só tinha 20 (quando queria), era um aluno de 10. Isso fazia Anita Bellamy ter vários chiliques sempre que recebia o boletim das notas. Morris não tinha amigos, mas muitos inimigos. Levou tarefas três vezes. Duas foram dadas por rapazes que não gostavam da cara dele, mas outro rapaz tinha um motivo mais específico. Era um jogador de futebol americano enorme, do último ano, chamado Pete Womack, que não gostou nada da forma como Morris olhou para a sua namorada certo dia, durante o almoço, no refeitório.

— Para onde estás a olhar, cara de rato? — perguntou Womack, e as mesas em volta do local solitário onde Morris estava sentado ficaram em silêncio.

— Para ela — respondeu Morris.

Ficara assustado e, quando a mente estava lúcida, o medo costumava impor pelo menos alguma contenção ao seu comportamento, mas ele nunca conseguira resistir a uma plateia.

— Então é melhor parares — disse Womack, sem muita convicção.

A dar-lhe uma oportunidade. Talvez Pete Womack estivesse ciente de que tinha um metro e noventa e cem quilos enquanto o escanzelado de merda do primeiro ano, com lábios vermelhos e sentado sozinho, tinha um metro e setenta e pesava no máximo sessenta e cinco quilos. Talvez também soubesse que a plateia, que incluía a sua namorada constrangida, repararia nessa disparidade.

— Se ela não quer ser olhada — disse Morris —, porque se veste assim?

Morris considerou aquilo um elogio (um pouco infeliz, é verdade), mas Womack foi de outra opinião. Deu a volta à mesa com os punhos erguidos. Morris acertou um único soco, mas foi dos bons, e deixou o olho de Womack negro. É claro que, depois disso, levou uma bela tarefa, que foi até justa, mas aquele soco foi uma revelação. Ele *batera-se*. Era bom saber que conseguia.

Os dois rapazes foram suspensos e, naquela noite, Morris ouviu um sermão de vinte minutos da mãe sobre resistência passiva, juntamente com a observação ácida de que *lutar no refeitório* não era o tipo de atividade extracurricular que as melhores faculdades procuravam nos formulários de inscrição.

Nas costas dela, o pai levantou o copo de martíni e piscou-lhe o olho. O gesto sugeria que, apesar de George Bellamy ser um capacho da mulher e fazer tudo o que ela mandava, também se batia em determinadas circunstâncias. Mas fugir ainda era a opção preferida do paizinho querido, e, durante o segundo semestre do primeiro ano de Morris em Northfield, Georgie-Porgie fugiu do casamento e só se deteve para limpar o que ainda havia na conta bancária dos Bellamy. Os investimentos dos quais ele se gabara não existiam ou tinham ido por água abaixo. Anita Bellamy ficou com uma pilha de dívidas por pagar e um filho rebelde de catorze anos.

Só restaram dois bens depois de o marido ir para parte incerta. Um era a nomeação emoldurada para o Pulitzer do livro dela. O outro a casa onde Morris passou a infância, situada na melhor zona de North Side. Não tinha hipoteca porque a mãe se recusara a assinar os papéis do banco que o marido levava para casa, pela primeira vez imune à

divagação dele sobre uma oportunidade de investimento irrecusável. Vendeu a casa depois de ele se ir embora, e os dois mudaram-se para a Sycamore Street.

— É um retrocesso — admitiu ela a Morris durante o verão entre o primeiro e o segundo ano do secundário —, mas a reserva financeira vai refazer-se. E pelo menos o bairro é branco. — Fez uma pausa, repensou o comentário e acrescentou: — Não é que eu seja racista.

— Não, mamã — disse Morris. — Quem acreditaria nisso?

Normalmente ela detestava que lhe chamassem mamã e deixava isso bem claro, mas, naquele dia, ficou calada, o que tornou o dia bom. Era sempre um dia bom quando ele zombava dela. Havia muito poucas oportunidades.

Durante o início dos anos 70, ainda se exigiam fichas de leitura nas aulas de inglês do segundo ano, em Northfield. Os alunos recebiam uma lista mimeografada de livros aprovados dentre os quais escolher. Morris achou que a maioria parecia má, e, como sempre, não foi tímido na altura de mencionar isso.

— Olhem! — gritou ele do lugar que ocupava ao fundo da sala. — Quarenta sabores de aveia americana!

Alguns alunos riram. Apesar de não conseguir fazer com que gostassem dele, fazê-los rir não era um problema. Eram todos fracassados a caminho de casamentos fracassados e empregos fracassados. Criariam filhos fracassados e embalariam netos fracassados antes de seguirem para o fracasso final em hospitais e casas de repouso fracassados. Iriam para a escuridão acreditando que tinham vivido o sonho americano e que Jesus os receberia no paraíso com uma comissão de boas-vindas. Morris nascera para coisas melhores. Só não sabia quais.

A senhora Todd, na altura com a idade de Morris

quando ele e os colegas assaltaram a casa de Rothstein, pediu-lhe que ficasse depois da aula. Morris recostou-se com as pernas abertas na cadeira enquanto os outros alunos saíam, esperando que a professora o mandasse para o gabinete do diretor. Não seria a sua primeira reprimenda por dizer piadas na aula, mas seria a primeira numa aula de inglês, e ele lamentava o facto. Ocorreu-lhe um pensamento vago com a voz do pai — *Estás a dar cabo de demasiadas oportunidades, Morrie* — e desapareceu como vapor no ar.

Em vez de o mandar para o gabinete do diretor, a senhora Todd (não exatamente bonita de cara, mas com um corpo espetacular) enfiou a mão no saco cheio de livros e retirou um de bolso com capa vermelha, com o desenho amarelo de um rapaz encostado a um muro de tijolo a fumar um cigarro. Acima, o título: *O Corredor*.

— Nunca perdes uma oportunidade de ser espertinho, não é? — perguntou a senhora Todd. Sentou-se na carteira ao lado. A saia dela era curta, as coxas compridas e os colãs cintilantes.

Morris não disse nada.

— Neste caso, eu sabia que ia acontecer. Por isso trouxe este livro hoje. Tenho boas e más notícias, meu amigo sabichão. Não vais ter de ir ao gabinete do diretor, mas também não vais poder escolher. Vais ler este livro, e só este. Não está na lista dos livros aprovados pela escola, e acho que posso acabar em apuros por fazer isto, mas estou a contar com o teu lado bom, que gosto de acreditar que está aí dentro algures, por mais minúsculo que seja.

Morris olhou para o livro, depois olhou por cima dele para as pernas da senhora Todd, sem disfarçar o interesse.

Ela viu a direção do olhar dele e sorriu. Por um momento, Morris vislumbrou um futuro para os dois, com

boa parte passada na cama. Já tinha ouvido falar sobre coisas assim. *Professora boazona procura adolescente para aulas extracurriculares de educação sexual.*

Essa fantasia durou uns dois segundos, talvez. Ela fê-la desaparecer ainda com o sorriso no rosto.

— Tu e o Jimmy Gold vão dar-se muito bem. Ele é um merdas sarcástico que se odeia. Muito parecido contigo.

Levantou-se. A saia voltou ao sítio, cinco centímetros acima dos joelhos.

— Boa sorte com a tua ficha de leitura. E, da próxima vez que tentares espreitar para baixo da saia de uma mulher, debes lembrar-te de uma coisa que o Mark Twain disse: «*Olhar* está ao alcance de qualquer vagabundo a precisar de cortar o cabelo.»

Morris saiu da sala com o rosto vermelho, pela primeira vez não só posto no seu devido lugar, mas também com nível. Sentiu vontade de atirar o livro para um bueiro assim que desceu do autocarro, na esquina da Sycamore com a Elm, mas decidiu guardá-lo. Não por medo de castigo ou suspensão, claro. Como poderia ela fazer *qualquer coisa* contra ele se o livro não estava na lista dos aprovados? Ficou com o livro por causa do rapaz na capa. O rapaz a olhar através de uma nuvem de fumo de cigarro com uma certa insolência cansada.

Ele é um merdas sarcástico que se odeia. Muito parecido contigo.

A mãe não se encontrava em casa e só voltaria depois das dez. Estava a dar aulas a adultos no City College, para ganhar um dinheiro extra. Morris sabia que ela detestava aquelas aulas, acreditava que estavam bastante abaixo das suas competências, e achava aquilo fantástico. *Aguenta, mamã. Aguenta e agradece.*

O congelador estava cheio de refeições prontas. Tirou

uma embalagem ao acaso e enfiou o conteúdo no forno, pensando em ler até ficar pronto. Depois do jantar, talvez fosse para o andar de cima, tirasse uma das *Playboys* do pai de baixo da cama (*a herança que recebi do cota*, pensava ele às vezes) e esgalhasse o pessegueiro durante algum tempo.

Não programou o temporizador do forno, e foi o fedor a carne guisada queimada que o despertou do livro, noventa minutos depois. Tinha lido as primeiras cem páginas e já não estava naquela casinha de merda, construída depois da guerra, na rua com nome de árvore, mas a vaguear pelas ruas de Nova Iorque com Jimmy Gold. Foi até à cozinha, completamente distraído, enfiou as mãos nas luvas do forno, tirou a papa queimada do forno, deitou tudo no lixo e regressou a *O Corredor*.

Tenho de o ler outra vez, pensou ele. Sentia-se febril. E tinha uma caneta na mão. Há tanto para sublinhar e lembrar. Tanto.

Para os leitores, uma das descobertas mais eletrizantes da vida é que *são* leitores, não apenas capazes de ler (o que Morris já sabia), mas apaixonados pelo ato. Desesperadamente. Incorrigivelmente. O primeiro livro a fazer isso nunca é esquecido, e cada página parece trazer uma nova revelação, que queima e exalta: *Sim! É assim! Sim! Eu também vi isso!* E, claro: *É o que acho! É o que sinto!*

Morris escreveu uma ficha de leitura com dez páginas sobre *O Corredor*. Recebeu um 20 e um único comentário da senhora Todd: «Eu sabia que ias gostar.»

Ele queria dizer-lhe que aquilo não era gostar, era amar. Amor *verdadeiro*. E o amor verdadeiro nunca morria.

O Corredor Entra em Ação era tão bom como *O Corredor*, só que, em vez de ser um estranho em Nova Iorque, Jimmy era agora um estranho na Europa, a combater na Alemanha, a ver os amigos morrerem e, por fim, a olhar

com uma expressão vazia, através do arame farpado, para o horror de um dos campos de concentração. *Os sobreviventes esqueléticos confirmaram o que Jimmy desconfiava havia anos*, escrevera Rothstein. *Era tudo um erro.*

Usando um *kit de stencil*, Morris copiou essa parte com fonte Roman Gothic e prendeu-a na porta do quarto, que mais tarde seria ocupado por um rapaz chamado Peter Saubers.

A mãe viu o papel pendurado na porta, esboçou o seu sorriso sarcástico e não disse nada. Pelo menos, naquele momento. A discussão sobre a trilogia Jimmy Gold aconteceu dois anos depois, quando ela acabou de ler os livros. A discussão levou Morris a embriagar-se; embriagar-se levou à violação de domicílio e agressão; esses crimes levaram a nove meses no Centro de Detenção Juvenil de Riverview.

Mas antes de tudo isso veio *O Corredor Abranda*, que Morris leu com horror crescente. Jimmy casou com uma boa rapariga. Jimmy arranjou emprego em publicidade. Jimmy começou a ganhar peso. A mulher de Jimmy engravidou do primeiro dos três pequenos Gold, e eles mudaram-se para os subúrbios. Jimmy fez amigos por lá. Ele e a mulher organizavam churrascos no jardim. Jimmy comandava a churrasqueira com um avental que dizia o CHEF TEM SEMPRE RAZÃO. Jimmy traiu a mulher e ela também o traiu. Jimmy tomava *Alka-Seltzer* para a indigestão e azia e uma coisa chamada *Miltown* para as ressacas. Na maior parte do tempo, Jimmy perseguia o Dólar de Ouro.

Morris leu aqueles desenvolvimentos terríveis com consternação e ira crescentes. Pensava sentir o que a mãe sentira ao descobrir que o marido, que ela acreditara comer na palma da sua mão, andava a limpar todas as contas da

família enquanto corria de um lado para o outro, fazendo tudo o que ela mandava sem levantar a mão sequer uma vez para apagar aquele sorriso sarcástico do rosto intelectual.

Morris esperava ansiosamente que Jimmy acordasse. Que se lembrasse de quem era, ou de quem tinha sido, pelo menos, e largar a vida idiota e vazia que tinha. Em vez disso, *O Corredor Abranda* terminava com Jimmy a comemorar a sua campanha publicitária mais bem-sucedida, de *Duzzy-Doo*, pelo amor de Deus, e a gritar *Esperem só até ao ano que vem!*

No Centro de Detenção, Morris fora obrigado a ver um psicólogo uma vez por semana. O nome do psicólogo era Curtis Larsen. Os rapazes chamavam-lhe Curt Cu. Curt Cu terminava sempre as sessões com a mesma pergunta:

— De quem é a culpa de estares aqui, Morris?

A maioria dos rapazes, até os muito burros, sabia a resposta certa para aquela pergunta. Morris também sabia, mas recusava-se a dizê-la.

— Da minha mãe — dizia ele de cada vez que a pergunta era feita.

Na última sessão, pouco antes do fim do período de detenção de Morris, Curt Cu cruzou as mãos sobre a mesa e olhou para Morris durante longos segundos silenciosos. Morris sabia que Curt Cu esperava que ele desviasse os olhos. Ele recusou-se a fazer isso.

— Na minha área — disse Curt Cu, por fim —, há um termo para a tua reação. Chama-se rejeição da culpa. Vais voltar para cá se continuares a rejeitar a culpa? Provavelmente não. Farás dezoito anos dentro de poucos meses, portanto, da próxima vez que te sair a sorte grande (e *vai* haver uma próxima vez), serás julgado como adulto. A não ser, claro, que decidas mudar. Então, pela última

vez: de quem é a culpa por estares aqui?

— Da minha mãe — disse Morris, sem hesitar. Porque não estava a rejeitar a culpa, era a pura verdade. A lógica era indiscutível.

Entre os quinze e os dezassete anos, Morris leu os primeiros dois livros da trilogia Jimmy Gold obsessivamente, sublinhando e fazendo anotações. Releu *O Corredor Abranda* só uma vez, e teve de se obrigar a terminar. Cada vez que lhe pegava, uma bola de chumbo formava-se nas suas entranhas, porque sabia o que ia acontecer. O seu ressentimento em relação ao criador de Jimmy Gold cresceu. Por que motivo o Rothstein destruiu o Jimmy daquela forma? Nem permitiu que o Jimmy morresse com glória, mas deixou-o vivo! Fê-lo ceder, escolher o caminho mais fácil e pensar que dormir com a cabra do fim da rua que vendia produtos da Amway significava que ainda era um rebelde!

Morris pensou em escrever uma carta a Rothstein, a perguntar, não, a *exigir* que ele se explicasse, mas sabia pelo artigo da revista *Time* que o filho da puta nem lia as cartas dos fãs, muito menos lhes respondia.

Como Ricky Hippie diria a Pete Saubers anos mais tarde, a maioria dos rapazes e raparigas que se apaixonavam pelo trabalho de um determinado escritor, como Vonnegut, Hesse, Brautigan e Tolkien, acabavam por encontrar novos ídolos. Desencantado como estava com *O Corredor Abranda*, isso poderia ter acontecido a Morris. Antes, porém, houve a discussão com a cabra que parecia determinada a estragar a sua vida, já que não podia enfiar as garras no homem que estragara a dela. Anita Bellamy, com o seu quase Pulitzer emoldurado, a cabeleira loura pintada fixa com laca e o sorriso sarcástico.

Durante as suas férias em fevereiro de 1973, ela leu os

três livros de Jimmy Gold num único dia. E foram os exemplares *dele*, os seus exemplares *particulares*, surripiados da estante do quarto do filho. Estavam na mesa de centro quando ele chegou, a capa de *O Corredor Entra em Ação* a absorver a condensação do copo de vinho dela. Numa das raras vezes da sua vida adolescente, Morris ficou sem palavras.

Anita, não.

— Andas a falar destes livros há mais de um ano, portanto decidi finalmente ver o motivo de tanta animação. — Bebeu um gole de vinho. — E, como tinha a semana de folga, li os três. Achei que levaria mais do que um dia, mas não há ali muito *conteúdo*, pois não?

— Tu... — Ele ficou engasgado por um momento. E então: — Entraste no meu quarto!

— Nunca levantas objeções quando lá entro para mudar os lençóis nem quando deixo lá a tua roupa lavada e dobrada. Se calhar achavas que era a Fada da Roupa que fazia isso?

— Esses livros são meus! Estavam na minha prateleira especial! Não tinhas o direito de lhes pegar!

— Terei todo o gosto em devolver-tos. E não te preocupes, não mexi nas revistas debaixo da tua cama. Sei que os rapazes precisam de... diversão.

Ele aproximou-se, as pernas a parecerem estacas, e pegou nos livros com mãos que pareciam ganchos. A contracapa de *O Corredor Entra em Ação* estava molhada por causa do copo, e ele pensou: Se um volume da trilogia tinha de se molhar, porque não *O Corredor Abranda*?

— Admito que são interessantes. — Ela tinha começado a falar com a voz ponderada da sala de aulas. — Pelo menos, mostram o amadurecimento de um escritor com um talento razoável. Os dois primeiros são de uma imaturidade

deplorável, claro, tal como *Tom Sawyer* é imaturo quando comparado a *Huckleberry Finn*, mas o último, embora não seja nenhum *Huck Finn*, mostra *de facto* amadurecimento.

— O último é uma *merda*! — gritou Morris.

— Não precisas de levantar a voz, Morris. Não precisas de *rugir*. Podes defender a tua posição sem fazer isso. — E ali estava o sorriso que ele tanto odiava, fino e cortante. — Estamos a ter uma conversa.

— Não *quero* ter a porra de uma conversa!

— Mas *devíamos* ter uma! — exclamou Anita, sorrindo.

— Já que passei o meu dia, para não dizer *desperdicei* o meu dia, a tentar perceber o meu filho egocêntrico e pretensiosamente intelectual, que agora só tira dez na escola.

Esperou que ele respondesse. Morris não disse nada. Havia armadilhas em todo o lado. A mãe era capaz de mostrar toda a sua superioridade intelectual quando queria, e, naquele momento, queria.

— Reparei que os dois primeiros livros estão muito manuseados, quase a descolarem-se na lombada, lidos até gastar. Há muitas frases sublinhadas e anotações nas margens, algumas das quais mostram o germinar (não vou dizer *florescer*, porque não se lhe pode chamar isso, pelo menos ainda não) de uma mente crítica perspicaz. Mas o terceiro parece quase novo, e não há nada sublinhado. Não gostaste do que lhe aconteceu, pois não? Não gostas do Jimmy assim que ele cresce, e, por transferência lógica, nem do autor.

— Ele vendeu-se!

Morris cerrou os punhos. O rosto estava quente e a latejar, como ficara depois de Womack lhe ter dado uma tarefa no refeitório, com toda a gente a assistir. Mas Morris desferira um soco naquele dia, e queria desferir um agora

também. Precisava de o fazer.

— O Rothstein *deixou-o* vender-se! Se não consegues ver isso, és *estúpida*!

— Não. — O sorriso tinha desaparecido agora. Ela inclinou-se para a frente e pousou o copo na mesa, sem desviar os olhos dele. — Essa é a essência do teu equívoco. Um bom escritor não manda nas suas personagens, segue-as. Um bom escritor não cria os acontecimentos, vê-os acontecer e escreve o que vê. Um bom escritor dá-se conta de que é um secretário, não Deus.

— Aquilo não era o Jimmy! O cabrão do Rothstein mudou-o! Transformou-o numa piada! Fê-lo ficar... igual a toda a gente!

Morris detestava soar tão fraco e detestava o facto de a mãe o ter levado a defender uma posição que não precisava de ser defendida, que era evidente para qualquer pessoa com meio cérebro e alguns sentimentos.

— Morris — disse ela, baixinho. — Houve uma altura em que eu queria ser a versão feminina do Jimmy, assim como tu queres ser o Jimmy agora. Jimmy Gold, ou alguém como ele, é a ilha para onde a maioria dos adolescentes vai enquanto espera que a infância se transforme em maturidade. O que precisas de ver, o que o Rothstein finalmente viu, apesar de ter demorado três livros para isso, é que a maioria de nós se torna toda a gente. Eu com certeza tornei-me. — Olhou em volta. — Por que outro motivo estaria a viver aqui, na Sycamore Street?

— Porque foste estúpida e deixaste o pai roubar tudo o que tínhamos!

Ela fez uma careta ao ouvir aquilo (*Um golpe, um golpe palpável*, exultou Morris), mas o sorrisinho sarcástico surgiu de novo. Como um papel a queimar num cinzeiro.

— Admito que há um elemento de verdade no que

dizes, embora não seja simpático deitares-me a culpa. Já te interrogaste *por que* motivo ele roubou tudo o que tínhamos?

Morris ficou em silêncio.

— Porque se recusou a crescer. O teu pai é um Peter Pan barrigudo que encontrou uma rapariga com metade da idade dele para fazer de Sininho na cama.

— Põe os meus livros no sítio ou deita-os fora — disse Morris, com uma voz que quase não reconheceu. Para seu horror, soava como a do pai. — Não me interessa. Vou-me embora e não volto.

— Ah, acho que voltas — disse ela, e estava certa em relação a isso, mas ele levou quase um ano a voltar, e, nessa altura, ela já não o conhecia. Se é que alguma vez conhecera. — E devias reler o terceiro livro mais algumas vezes, creio.

Ela teve de levantar a voz para dizer o resto, porque ele já avançava pelo corredor tomado de emoções tão fortes que ia quase cego.

— Encontra um pouco de compaixão! O senhor Rothstein encontrou, e essa *é a graça redentora do último livro!*

O som da porta a bater interrompeu-a.

Morris foi até ao passeio com a cabeça baixa e, quando chegou lá, começou a correr. Havia um centro comercial com uma loja de bebidas a três quarteirões dali. Quando lá chegou, sentou-se no suporte para bicicletas em frente e esperou. Os primeiros dois tipos com quem falou recusaram o pedido (o segundo com um sorriso que fez Morris desejar dar-lhe um soco), mas o terceiro usava roupas velhas e coxeava da perna esquerda. Aceitou comprar uma garrafa de meio litro por dois dólares ou uma de litro por cinco. Morris escolheu a de litro e começou a beber junto ao

riacho que passava pelo terreno baldio entre a Sycamore e a Birch Street. O Sol já estava a pôr-se. Não se recordava de ir a Sugar Heights no carro roubado, mas não havia dúvida de que, depois de lá chegar, encontrara aquilo a que Curt Cu gostava de chamar sorte grande.

De quem é a culpa de estares aqui?

Ele achava que parte da culpa podia ser do vagabundo que comprara uma garrafa de uísque a um menor, mas essencialmente era da mãe e houve uma consequência boa: quando foi condenado, não havia sinal daquele sorriso sarcástico. Ele finalmente limpara-lho da cara.

Na prisão, durante os dias de confinamento na cela (havia pelo menos um por mês), Morris deitava-se no beliche com as mãos cruzadas atrás da cabeça e pensava no quarto livro de Jimmy Gold. Perguntava a si mesmo se continha a redenção que tanto desejava para depois de *O Corredor Abranda*. Era possível que Jimmy tivesse recuperado as antigas esperanças e os antigos sonhos? A sua velha chama? Se ao menos tivesse tido mais dois dias! Até mesmo um!

Mas duvidava que até John Rothstein fosse capaz de fazer uma coisa dessas parecer credível. Com base nas próprias observações (tendo os pais como cobaias), quando a chama se apagava, costumava ser de vez. No entanto, algumas pessoas *mudavam*. Lembrava-se de abordar essa possibilidade certa vez com Andy Halliday, enquanto os dois tinham uma das suas muitas discussões à hora do almoço. Isso foi no Happy Cup, na mesma rua da Grissom Books, onde Andy trabalhava, e pouco depois de Morris ter largado a faculdade, quando decidira que aquilo a que chamavam ensino superior no City College não lhe servia

para nada.

— O Nixon mudou — disse Morris. — O velho inimigo dos comunistas iniciou relações comerciais com a China. E o Lyndon Johnson fez a Lei dos Direitos Civis ser aprovada pelo Congresso. Se uma hiena velha e racista como ele conseguiu mudar, acho que qualquer coisa é possível.

— Políticos — disse Andy, fungando como se estivesse a sentir um cheiro desagradável. Era um tipo magricela de cabelo curto, poucos anos mais velho do que Morris. — *Eles* mudam por conveniência, não por idealismo. As pessoas comuns não fazem sequer isso. Não conseguem. Se não querem comportar-se, são punidas. Então, depois da punição, dizem tudo bem, sim, senhor, e continuam com o programa como os pequenos robôs que são. Olha o que aconteceu aos manifestantes contra a Guerra do Vietname. A maioria tem hoje vidas de classe média. São gordos, felizes e votam nos republicanos. Os que se recusaram a baixar a cabeça estão na prisão. Ou no exílio, como a Katherine Ann Power.

— Como podes chamar *comum* ao Jimmy Gold? — exclamou Morris.

Andy olhara-o com uma expressão condescendente.

— Ah, por favor. A história dele é uma jornada épica para fugir do excecional. O propósito da cultura americana é criar uma *norma*, Morris. Isso quer dizer que as pessoas extraordinárias precisam de se ajustar aos padrões, e é o que acontece ao Jimmy. Ele acaba a trabalhar em *publicidade*, pelo amor de Deus, e que maior agente da norma existe neste país lixado? Esse é o objetivo principal do Rothstein. — Abanou a cabeça. — Se estás à procura de otimismo, compra um romance cor-de-rosa.

Morris pensou que Andy estava a discutir só por discutir. Havia um olhar fanático atrás dos óculos com

armação de osso, mas mesmo na altura Morris já compreendia o que ele valorizava. O seu fanatismo era por livros como objetos, não pelas histórias e ideias que continham.

Tinham almoçado juntos duas ou três vezes por semana, normalmente no Cup, às vezes em frente à Grissom, nos bancos de Government Square. Foi durante um desses almoços que Andrew Halliday mencionou pela primeira vez o boato de que John Rothstein continuara a escrever, mas que o seu testamento especificava que todo o seu trabalho fosse queimado quando ele morresse.

— Não! — gritara Morris, verdadeiramente magoado.
— Não podem fazer isso. Podem?

Andy encolheu os ombros.

— Se estiver no testamento, qualquer coisa que ele escreveu depois de se tornar um eremita já é praticamente cinza.

— Estás a inventar.

— Essa história do testamento pode ser apenas um boato, é verdade, mas a teoria aceite nos círculos das livrarias é que o Rothstein nunca parou de escrever.

— Círculos das livrarias — disse Morris, com um tom duvidoso.

— Temos a nossa rede de informações, Morris. A empregada do Rothstein faz-lhe as compras, certo? E não só de comida. Uma vez por mês ou de seis em seis semanas, vai até à livraria White River Books em Berlin, que é a cidade mais próxima, buscar os livros que ele encomendou pelo telefone. Ela contou aos funcionários de lá que ele escreve todos os dias das seis da manhã às duas da tarde. O dono contou a alguns livreiros na feira do livro de Boston, e o boato espalhou-se.

— Caramba — sussurrou Morris.

Aquela conversa fora em junho de 1976. A última história publicada de Rothstein, «A tarte de banana perfeita», saíra em 1960. Se o que Andy estava a dizer fosse verdade, significava que John Rothstein andava a escrever ficção nova havia dezasseis anos. E se escrevesse oitocentas palavras por dia, isso dava... Morris não conseguia sequer começar a fazer as contas, mas dava muito.

— Caramba mesmo — disse Andy.

— Se ele quer de facto que queimem tudo quando morrer, *é maluco!*

— A maioria dos escritores é. — Andy inclinara-se para a frente, como se fosse dizer uma piada. Talvez tenha sido uma piada. Pelo menos para ele. — Queres saber o que acho? Alguém devia organizar uma missão de resgate. Talvez tu, Morris. Afinal, és o fã número um dele.

— Eu não — respondeu Morris, depois do que ele fez ao Jimmy Gold.

— Calma, rapaz. Não podes culpar um homem por seguir a sua musa.

— Claro que posso.

— Então rouba-os — disse Andy, ainda a sorrir. — Rouba-os e chama-lhe protesto em nome da literatura. Traz-me os livros. Guardo-os durante uns tempos e depois vendo-os. Se não forem baboseiras senis, talvez cheguem a um milhão de dólares. Divido-o contigo. Metade para cada um.

— Seríamos apanhados.

— Acho que não — respondera Andy Halliday. — Há maneiras.

— Quanto tempo terias de esperar para os poderes vender?

— Alguns anos — respondera Andy, acenando casualmente com a mão como se estivesse a falar de

algumas horas. — Cinco, talvez.

Um mês depois, farto de viver na Sycamore Street e assombrado pela ideia de todos aqueles manuscritos, Morris enfiou as suas coisas no velho *Volvo* e rumou a Boston, onde foi contratado por uma empresa de construção que estava a fazer um empreendimento nos subúrbios. O trabalho quase o matara ao início, mas ele ganhara uns quantos músculos (não é que algum dia fosse ficar como Duck Duckworth) e habituara-se. Até fizera dois amigos: Freddy Dow e Curtis Rogers.

Certa vez, ligou a Andy.

— Conseguirias *mesmo* vender manuscritos inéditos de Rothstein?

— Sem dúvida — respondeu Andy Halliday. — Não imediatamente, como disse antes, mas e então? Somos novos. Ele, não. O tempo estaria do nosso lado.

Sim, e isso incluiria tempo para ler tudo o que Rothstein escrevera desde «A tarte de banana perfeita». O lucro, mesmo meio milhão de dólares, vinha por acréscimo. Não sou um mercenário, disse Morris para si mesmo. Não estou interessado no Dólar de Ouro. Esta merda não quer dizer merda nenhuma. Só o suficiente para sobreviver, tipo uma mesada, e já fico feliz.

Sou um *académico*.

Aos fins de semana, começou a ir de carro a Talbot Corners, no New Hampshire. Em 1977, começou a levar Curtis e Freddy consigo. Aos poucos, um plano ganhou forma. Um plano simples, o melhor tipo. Um roubo clássico.

Os filósofos debatem o sentido da vida há séculos e raramente chegam à mesma conclusão. Morris estudou o

assunto ao longo dos anos em que esteve preso, mas as suas perguntas eram mais práticas do que cósmicas. Queria saber o significado da vida do ponto de vista legal. Nesse campo, a confusão era total. Em alguns estados, prisão perpétua queria dizer exatamente isso. Ficava-se na prisão até se morrer, sem a possibilidade de recurso. Em alguns estados, a liberdade condicional era concedida depois de uns meros dois anos. Em outros, cinco, sete, dez ou quinze. No Nevada, a liberdade condicional era concedida (ou não) com base num sistema complexo de pontos.

Em 2001, a prisão perpétua média de um homem no sistema prisional americano era de trinta anos e quatro meses.

No estado onde Morris cumpria a sua pena, os legisladores criaram a sua própria definição misteriosa de prisão perpétua, baseada em dados demográficos. Em 1979, quando Morris foi condenado, o americano médio vivia até aos setenta anos. Morris tinha vinte e três na altura, portanto poderia considerar a sua dívida para com a sociedade paga em quarenta e sete anos.

A não ser que conseguisse a liberdade condicional.

Tornou-se elegível pela primeira vez em 1990. Cora Ann Hooper apareceu na audiência. Usava um fato azul bonito. O cabelo grisalho estava preso num coque muito apertado. Tinha uma mala grande no colo. Voltou a explicar como Morris Bellamy a agarrara quando ia a passar pela viela ao lado da Shooter's Tavern e manifestara a sua intenção de «arrancar-lhe uma febra» Contou aos cinco elementos da comissão da liberdade condicional que ele lhe dera um soco e lhe partira o nariz quando ela conseguira acionar o alarme que tinha na mala. Falou-lhes do fedor a álcool no hálito dele e disse que Morris lhe arranhara a barriga quando rasgara a sua roupa interior. Disse que Morris

«ainda estava a asfixiar-me e a magoar-me com o seu membro» quando o agente Ellenton chegou ao local e o tirou de cima dela. Contou à comissão que tentara suicidar-se em 1980 e que ainda estava sob os cuidados de um psiquiatra. Contou que estava melhor desde que aceitara Jesus Cristo como seu salvador, mas que ainda tinha pesadelos. Não, disse ela à comissão, nunca casara. Pensar em sexo provocava-lhe ataques de pânico.

Morris não conseguiu a liberdade condicional. Estavam citados vários motivos na folha verde que lhe foi entregue pelas grades da cela naquela noite, mas o de cima era certamente o mais importante para a comissão da liberdade condicional: *A vítima declara que ainda sofre.*

Cabra.

Hooper apareceu de novo em 1995 e em 2000. Em 1995, levou o mesmo fato azul. No ano do milénio, quando já tinha engordado pelo menos vinte quilos, levou um castanho. Em 2005, o fato era cinzento, e havia uma grande cruz branca pendurada entre os seios crescentes. A cada aparição tinha no colo o que parecia ser a mesma mala preta. Presumivelmente, o alarme policial estava lá dentro. Talvez também um *spray* de pimenta. Ela não fora convocada para aquelas audiências; aparecia porque queria.

E contava a sua história.

Ele não conseguiu a liberdade condicional. O motivo principal na folha verde: *A vítima declara que ainda sofre.*

Esta merda não quer dizer merda nenhuma, disse Morris a si mesmo. Esta merda não quer dizer merda nenhuma.

Talvez não, mas *caramba*, como ele se arrependia de não a ter matado.

Na altura da terceira audiência, o trabalho de Morris como escritor era bastante solicitado; ele tornara-se, no pequeno mundo de Waynesville, um êxito de vendas. Escrevia cartas de amor a mulheres e namoradas. Escrevia cartas aos filhos dos reclusos, algumas a confirmar a existência do Pai Natal com uma prosa comovente. Escrevia cartas de candidaturas a emprego para prisioneiros cuja data de libertação estava a aproximar-se. Escrevia trabalhos para prisioneiros que tiravam cursos à distância ou estudavam para conseguir terminar o secundário. Não era advogado, mas de vez em quando escrevia a advogados a sério em nome de prisioneiros, a explicar cada caso de forma convincente e a dar as bases para o recurso. Em alguns casos, os advogados tinham ficado impressionados com as cartas e (a pensar no dinheiro que podiam ganhar se obtivessem sentenças favoráveis em processos por encarceramento indevido) aceitaram a proposta. À medida que o ADN foi ganhando importância absoluta nos processos de recurso, ele escrevia com frequência a Barry Scheck e Peter Neufeld, os fundadores do Innocence Project. Uma dessas cartas levou à libertação de um mecânico de automóveis e ladrão nas horas vagas chamado Charles Roberson, que estivera em Waynesville vinte e sete anos. Roberson conseguiu a liberdade; Morris ganhou a gratidão eterna de Roberson e mais nada... a não ser que se contasse a reputação crescente, e isso estava *longe* de não ser nada. Havia muito tempo que não era violado.

Em 2004, Morris escreveu a melhor carta da sua vida, descartando quatro rascunhos até encontrar o tom perfeito. Era uma carta para Cora Ann Hooper. Nela, contava que vivia com uns remorsos terríveis pelo que fizera e prometia que, se conseguisse liberdade condicional, passaria o resto

da vida a expiar o único ato de violência que cometera, resultante de um episódio de amnésia alcoólica.

«Assisto aqui a reuniões dos Alcoólicos Anônimos quatro vezes por semana», escreveu ele, «e agora sou padrinho de meia dúzia de alcoólicos e toxicodependentes em recuperação. Pretendo continuar esse trabalho lá fora, no centro de reinserção St. Patrick, em North Side. Tive um despertar espiritual, senhora Hooper, e permiti que Jesus entrasse na minha vida. Deve entender como isso é importante porque sei que também aceitou Cristo como seu salvador. “Perdoai as nossas ofensas”, disse Ele, “assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.” Não pode perdoar a minha ofensa contra si? Já não sou o homem que a magoou tanto naquela noite. Eu mudei. Rezo para que responda à minha carta.»

Dez dias depois, a sua súplica foi atendida. Não havia remetente no envelope, apenas o nome *C. A. Hooper*. Morris não teve de rasgar o envelope; algum idiota da receção, com a função de verificar a correspondência dos reclusos, já tinha tratado disso. Dentro havia uma única folha de papel com rebordo irregular. No canto superior direito e no inferior esquerdo, gatinhos fofos brincavam com novelos de cordel cinzento. Não havia saudação. Uma única frase fora escrita no meio da folha.

Espero que apodreça aí dentro.

A cabra apareceu na audiência no ano seguinte, já com meias de descanso e com os tornozelos gordos a caírem sobre os sapatos rasos. Parecia uma andorinha gorda e vingativa a voltar para a versão prisional da missão de San Juan de Capistrano. Mais uma vez, contou a história, e mais uma vez ele não conseguiu a liberdade condicional. Morris fora um prisioneiro modelo, e agora só havia um motivo escrito na folha verde: *A vítima declara que ainda*

sofre.

Morris disse a si mesmo que aquela merda não queria dizer merda nenhuma e voltou para a cela. Não era exatamente um apartamento de cobertura, só tinha dois metros por dois e meio, mas pelo menos havia livros. Os livros eram a sua fuga. Os livros eram liberdade. Deitou-se no catre, imaginando como seria agradável ter quinze minutos a sós com Cora Ann Hooper e uma pistola de pregos.

Morris passara a trabalhar na biblioteca, o que era uma mudança maravilhosa para melhor. Os guardas não se importavam como ele gastava o orçamento, portanto não foi difícil fazer a assinatura da *American Bibliographer's Newsletter*. Também encomendou uma grande quantidade de catálogos de vendedores de livros raros por todo o país, que eram de graça. Os livros de John Rothstein apareciam com frequência, oferecidos a preços cada vez maiores. Morris viu-se a torcer por aquilo da mesma forma que alguns prisioneiros torciam por equipas desportivas. O valor da maioria dos escritores baixava depois de eles morrerem, mas o de alguns poucos felizardos aumentava. Rothstein tornou-se um desses. De tempos a tempos, um Rothstein autografado aparecia num dos catálogos. Na edição de 2007 do catálogo de Natal da Bauman, um exemplar de *O Corredor* autografado e com dedicatória a Harper Lee foi vendido por dezassete mil dólares.

Morris também esteve de olho no jornal local durante os seus anos de encarceramento e, quando o século XXI trouxe as mudanças tecnológicas, em vários *sites* da cidade. O terreno entre a Sycamore e a Birch Street ainda estava estagnado no eterno litígio, exatamente como Morris queria. Um dia ele seria libertado, e a arca estaria lá, abraçada pelas raízes da árvore. Que o valor daqueles

cadernos provavelmente fosse astronómico hoje em dia importava cada vez menos.

Já fora jovem e achava que teria apreciado todas as coisas que os jovens queriam quando as suas pernas eram fortes e os seus tomates rijos: viagens e mulheres, carros e mulheres, casas grandes como as de Sugar Heights e mulheres. Agora, raramente sonhava com essas coisas, e a última mulher com quem fizera sexo continuava a ser a responsável por ele permanecer preso. A ironia não lhe passava despercebida. Mas tudo bem. As coisas do mundo iam ficando de lado, uma pessoa perdia a rapidez de movimento, a visão e a porra da vitalidade elétrica, mas a literatura era eterna, e era isso o que o esperava: uma geografia perdida ainda não vista por ninguém além do seu criador. Se ele só conseguisse ver aquela geografia depois dos setenta, tudo bem. Também havia o dinheiro, todos aqueles envelopes. Não era uma fortuna, mas era um bom começo.

Tenho uma razão por que viver, disse a si mesmo. Quantos homens aqui podem dizer isso, principalmente quando as coxas ficam flácidas e a pila só se levanta quando precisam de mijar?

Morris escreveu várias vezes a Andy Halliday, que agora *tinha* uma loja; ele sabia disso por causa da *American Bibliographer's Newsletter*. Também sabia que o seu velho amigo se metera em confusões com a polícia pelo menos uma vez, por tentar vender um exemplar roubado do livro mais famoso de James Agee, mas conseguira safar-se. Uma pena. Morris adoraria receber aquela bicha perfumada em Waynesville. Havia por lá muitos rufias que adorariam fazê-lo sofrer a pedido de Morris Bellamy. Mas tudo não passava de uma fantasia. Mesmo se Andy tivesse sido condenado, acabaria por pagar só uma multa. Na pior das

hipóteses, seria mandado para o *country club* na parte oeste do estado, onde estavam os ladrões de colarinho branco.

Nenhuma das cartas de Morris para Andy recebeu resposta.

Em 2010, a sua andorinha pessoal voltou mais uma vez a Capistrano, usando um fato preto de novo, como se vestida para o próprio funeral. É o que vai acontecer em breve se ela não perder peso, pensou Morris com crueldade. A papada de Cora Ann Hooper caía agora pelos lados do pescoço, os olhos encontravam-se afundados em gordura, a pele estava pálida. Tinha trocado a mala preta por uma azul, mas tudo o resto era igual. Pesadelos! Terapia sem fim! A vida destruída graças ao animal horrível que saltou da viela naquela noite! E assim por diante, blá-blá-blá.

Ainda não recuperaste daquela reles violação?, pensou Morris. Não vais seguir em frente *nunca*?

Morris voltou para a cela a pensar: Esta merda não quer dizer merda nenhuma. Não quer dizer merda nenhuma, *porra*.

Foi nesse ano que fez cinquenta e cinco anos.

Um dia, em março de 2014, um guarda foi buscar Morris à biblioteca, onde ele estava sentado atrás da mesa principal, a ler *Pastoral Americana* pela terceira vez. (Era de longe o melhor livro de Philip Roth, na opinião de Morris.) O guarda disse-lhe que queriam vê-lo na administração.

— Para quê? — perguntou Morris, levantando-se.

As idas à administração não costumavam ser coisas boas. Normalmente, eram polícias a querer que se denunciasse alguém e a ameaçar com uma data de coisas más se uma pessoa se recusasse a cooperar.

— Audiência da comissão de liberdade condicional.

— Não — disse Morris. — É um engano. A comissão só vai receber-me de novo no próximo ano.

— Só estou a cumprir ordens — retorquiu o guarda. — Se não queres que eu faça uma reclamação, é melhor arranjares alguém para te substituir e começares a andar.

A comissão, agora composta por três homens e três mulheres, aguardava na sala de reuniões. Philip Downs, o advogado, era a sétima pessoa. Leu uma carta de Cora Ann Hooper. Uma carta incrível. A cabra tinha cancro. Isso era uma boa notícia, mas o que veio em seguida era ainda melhor. Ela decidira retirar todas as objeções contra a liberdade condicional de Morris Bellamy. Dizia que lamentava ter demorado tanto tempo. Downs leu depois uma carta do Centro de Arte e Cultura do Midwest, conhecido como CACM. Tinham contratado muitos ex-presidiários em liberdade condicional de Waynesville ao longo dos anos e estavam dispostos a receber Morris Bellamy como arquivista e operador informático em *part-time* a partir de maio, se a liberdade condicional fosse concedida.

— Tendo em conta o seu bom comportamento nos últimos trinta e cinco anos e a carta da senhora Hooper — disse Downs —, achei que o correto era apresentar o assunto da sua liberdade condicional à comissão um ano antes da data. A senhora Hooper informa-nos que não tem muito tempo, e tenho a certeza de que quer deixar este assunto resolvido. — Virou-se para eles. — O que dizem, senhoras e senhores?

Morris já sabia o que diriam as senhoras e senhores, senão nunca teria sido levado ali. A votação foi de 6 a 0 a favor da liberdade condicional.

— O que lhe parece, Morris? — perguntou Downs.

Morris, que costumava ser bom com as palavras, estava demasiado atordoado para dizer alguma coisa, mas não precisou. Irrompeu em lágrimas.

Dois meses mais tarde, depois da conversa obrigatória com o psicólogo antes da libertação e pouco antes de o emprego no CACM começar, saiu pelo Portão A e entrou no mundo livre. No bolso estavam os ganhos de trinta e cinco anos a trabalhar na tinturaria, na marcenaria e na biblioteca. O total era de dois mil e setecentos dólares e alguns trocados.

Os cadernos de Rothstein estavam finalmente ao seu alcance.

SEGUNDA PARTE

VELHOS AMIGOS

Kermit William Hodges, ou Bill para os amigos, conduz pela Airport Road com as janelas abertas e o rádio ligado, e canta com Dylan «It Takes a Lot to Laugh, It Takes a Train to Cry». Tem sessenta e seis anos, já não é novo, mas está com muito bom ar para alguém que sobreviveu a um ataque cardíaco. Perdeu quase vinte quilos desde que o coração falhou e deixou de comer as porcarias que estavam a matá-lo aos poucos a cada dentada.

— Quer viver até aos setenta e cinco anos? — perguntou o cardiologista. Isso foi na primeira avaliação completa, duas semanas depois de pôr o *pacemaker*. — Se quiser, deixe de comer torresmos e *donuts*. Faça-se amigo das saladas.

Como conselho, não é tão bom como ama o próximo como a ti mesmo, mas Hodges levou-o a sério. Há uma salada num saco de papel branco no banco do passageiro. Vai ter bastante tempo para comê-la, e empurrá-la com uma garrafa de água, se o avião de Oliver Madden chegar a horas. Caso Madden chegue. Holly Gibney garantiu-lhe que ele já está a caminho (viu o plano de voo num *site* chamado AirTracker), mas é sempre possível que Madden tenha farejado alguma coisa e seguido noutra direção. Ele anda por aí a fazer merda há bastante tempo, e tipos assim têm um faro muito apurado.

Hodges passa pela via que leva aos principais terminais

do aeroporto e ao parque de estacionamento de curta duração e continua, seguindo as placas que dizem TRANSPORTE AÉREO, SIGNATURE AIR e THOMAS ZANE AVIATION. Vira nessa última. É uma companhia aérea independente, escondida (quase literalmente) na sombra da companhia maior, Signature Air, sua vizinha. Há ervas daninhas a sair do asfalto rachado do pequeno parque de estacionamento, que está vazio tirando a primeira fila, reservada para uns dez carros alugados. No meio dos carros económicos e médios há um *Lincoln Navigator* preto com janelas escuras. Hodges encara isso como um bom sinal. O homem que procuram gosta de fazer as coisas com estilo, uma característica comum entre a escumalha. E embora o homem use fatos de mil dólares, continua a ser escumalha.

Hodges passa o estacionamento e para na curva em frente, onde há uma placa a dizer SÓ CARGAS E DESCARGAS.

O ex-detetive espera estar ali para recolher a sua carga.

Olha para o relógio. São 10:45. Pensa na mãe a dizer «Deves sempre chegar cedo em ocasiões importantes, Billy», e a lembrança fá-lo sorrir. Tira o *iPhone* do cinto e liga para o escritório. Só toca uma vez.

— Finders Keepers — diz Holly. Anuncia sempre o nome da empresa, independentemente de quem estiver a ligar; é um dos seus tiques. Tem muitos. — Estás aí, Bill? Estás no aeroporto? Sim ou não?

Apesar dos tiques, aquela Holly Gibney é muito diferente da mulher que ele conheceu quatro anos antes, quando veio à cidade para o funeral da tia — e as mudanças foram todas para melhor. Se bem que fume às escondidas de vez em quando; ele já sentiu o cheiro no hálito dela.

— Sim, estou — diz ele. — Diz-me que vou ter sorte.

— Sorte não tem nada que ver com o assunto — retruca

ela. — O AirTracker é um *site* muito bom. Talvez gostes de saber que, de momento, há seis mil quatrocentos e doze voos no espaço aéreo americano. Não é interessante?

— Fascinante. A hora de chegada prevista do Madden ainda é onze e meia?

— Onze e trinta e sete, para ser mais exata. Deixaste o teu leite magro na secretária. Guardei-o no frigorífico. O leite magro azeda rapidamente nos dias quentes, sabes? Mesmo num ambiente de ar condicionado como o nosso. Finalmente.

Chateou Hodges para pôr o ar condicionado. Holly é muito boa a chatear, quando quer.

— Bebe-o — diz ele. — Tenho uma garrafa de água comigo.

— Não, obrigada. Estou a beber a minha *Diet Coke*. A Barbara Robinson ligou, queria falar contigo. Parecia sério. Disse-lhe que te podia ligar ao fim da tarde. Ou que tu lhe ligarias. — Um tom de incerteza surge na voz de Holly. — Fiz bem? Achei que ias querer manter o telemóvel desocupado.

— Tudo bem, Holly. Ela disse o motivo?

— Não.

— Liga-lhe e diz que a contacto assim que estiver despachado.

— Vais ter cuidado, não vais?

— Tenho sempre.

Mas Holly sabe que isso não é bem verdade; Bill quase se fez explodir, a Jerome, irmão de Barbara, e à própria Holly quatro anos antes... e a prima de Holly *explodiu mesmo*, embora isso tenha acontecido antes. Hodges, que estivera mais do que um pouco apaixonado por Janey Patterson, ainda sente a falta dela. E ainda se culpa. Atualmente, olha pela saúde porque quer, mas também

porque acredita ser o que Janey gostaria que ele fizesse.

Diz a Holly para aguentar o forte e devolve o *iPhone* ao mesmo sítio no cinto onde tinha a *Glock* antes de se tornar Det.-Ref. Na reforma, passava o tempo a esquecer-se do telemóvel, mas esses dias passaram. O que faz agora não é a mesma coisa que andar com um distintivo, mas não é mau. Na verdade, é ótimo. A maior parte dos peixes que a Finders Keepers apanha é pequena, mas hoje há um atum, e Hodges está animado. Quer ganhar umas boas massas, mas essa não é a razão principal. Está *motivado*, isso é o mais importante. Nasceu para prender tipos como Oliver Madden, e pretende continuar a fazê-lo até já não poder mais. Com sorte, talvez isso ainda demore uns oito ou nove anos a acontecer, e ele tenciona aproveitar cada dia até lá. Acredita que Janey também gostaria disso.

Pois sim, pode ouvi-la dizer e vê-a a franzir o nariz daquela forma engraçada.

Barbara Robinson também quase morreu quatro anos antes; estava no fatídico concerto com a mãe e um grupo de amigas. Barbs era uma miúda animada e feliz na altura e é uma adolescente animada e feliz agora; ele vê-a quando vai jantar de vez em quando a casa dos Robinson, mas faz isso menos agora que Jerome está longe, na faculdade. Ou talvez Jerome tenha voltado para as férias do verão. Há de perguntar isso a Barbara quando falar com ela. Hodges espera que não esteja metida em apuros. Parece pouco provável. Ela é boa rapariga, daquelas que ajudam as velhotas a atravessar a rua.

Hodges abre a salada, tempera-a com um molho de baixas calorias e começa a comer. Tem fome. É bom ter fome. Fome é sinal de saúde.

Morris Bellamy não tem fome nenhuma. Um *bagel* com queijo creme é o máximo que consegue comer ao almoço, e nem come tudo. Quando foi libertado comeu como um porco — hambúrgueres, farturas, fatias de piza, tudo o que tinha vontade de comer enquanto estava na prisão —, mas isso foi antes de passar uma noite inteira a vomitar após uma visita impensada ao Señor Taco em Lowtown. Nunca tivera problemas com comida mexicana quando era jovem, e a juventude parecia ter sido há algumas horas, mas uma noite passada de joelhos a rezar ao altar de porcelana bastou para deixar a verdade bem clara: Morris Bellamy tem cinquenta e nove anos e está à porta da terceira idade. Os melhores anos da sua vida foram passados a tingir calças de ganga, a envernizar mesas e cadeiras para serem vendidas no *outlet* em Waynesville e a escrever cartas para um fluxo interminável de zés-ninguém sem futuro vestidos com macacões da prisão.

Agora, encontra-se num mundo que quase não reconhece, onde os filmes são exibidos em ecrãs enormes chamados IMAX e toda a gente na rua tem um telemóvel na orelha ou olha para um ecrã minúsculo. Há câmaras de segurança a observar tudo dentro das lojas, ao que parece, e o preço das coisas mais comuns (como o pão, por exemplo, que custava cinquenta cêntimos quando ele foi preso) está tão alto que parece surreal. Tudo mudou; ele sente-se encandeado. Ficou para trás e sabe que o seu cérebro habituado à prisão nunca vai alcançar o mundo moderno. Nem o corpo. Está perro quando sai da cama de manhã, dorido quando vai para a cama à noite; um pouco de artrite, supõe. Depois daquela noite a vomitar (e, quando não estava a fazer isso, estava a cagar água

castanha), o seu apetite desapareceu.

Por comida, pelo menos. Pensa em mulheres; como poderia não pensar, se elas estão por toda a parte, as jovens quase sem roupa no calor do começo de verão? Mas, na idade dele, teria de pagar por uma com menos de trinta anos, e, se fosse a um lugar onde esse tipo de transação acontecia, estaria a violar a liberdade condicional. Se fosse apanhado, voltaria para Waynesville, e os cadernos de Rothstein continuariam enterrados naquele terreno baldio, sem terem sido lidos por ninguém além do próprio autor.

Morris sabe que ainda lá estão, e isso torna tudo pior. A vontade de ir recuperá-los para, por fim, tê-los nas mãos tem sido uma constante enlouquecedora, como um trecho de música (*Preciso de uma amante que não me deixe loucooo*) que se mete na cabeça e não sai, mas até ao momento ele fez quase tudo como mandam as regras, à espera que o seu agente de liberdade condicional se descontraia um pouco. Esse era o evangelho segundo Warren «Duck» Duckworth, transmitido pela primeira vez antes de Morris ir à primeira audiência com a comissão e da primeira aparição vingativa de Cora Ann Hooper.

— Tens de ser supercuidadoso no início — dissera Duck. — Porque, sabes, o filho da mãe vai aparecer quando menos esperares. Pode apostar nisso. Se tiveres vontade de fazer alguma coisa que possa ser considerada conduta duvidosa, uma das categorias deles, espera até *depois* de o teu agente te fazer uma visita de surpresa. Nessa altura, não deves ter problemas. Percebeste?

Morris percebeu.

E Duck tivera razão.

Depois de menos de cem horas como um homem livre (bem, *semilivre*), Morris voltou para o velho prédio onde agora vivia e encontrou o seu agente de liberdade condicional sentado no degrau de entrada, a fumar um cigarro. O edifício de betão decorado com grafítis, apelidado de Castelo dos Malucos pelas pessoas que lá moravam, era uma colmeia subsidiada pelo estado cheia de toxicodependentes e alcoólicos em recuperação e ex-presidiários em liberdade condicional, como ele. Morris tinha visto o seu agente naquela tarde e fora dispensado depois de algumas perguntas de rotina e de um *até para a semana*. Não era a semana seguinte, não era nem o *dia* seguinte, mas ali estava ele.

Ellis McFarland era um cavalheiro negro alto, com uma barriga grande e caída e uma careca brilhante. Naquela tarde, usava calças de ganga e uma *t-shirt* da *Harley-Davidson* tamanho XXL. Ao seu lado havia uma mochila velha.

— Oi, Morrie — disse ele, batendo no cimento ao lado do traseiro gigantesco. — Senta-te aqui.

— Olá, senhor McFarland.

Morris sentou-se, o coração a bater com tanta força que doía. Por favor, só uma advertência por conduta duvidosa, pensou ele, apesar de não conseguir imaginar o que fizera que pudesse ser duvidoso. Por favor, não me mandes de novo para lá, agora que estou tão perto.

— Por onde andaste, companheiro? O teu trabalho acaba às quatro. Já passa das seis.

— Eu... parei para comer uma sanduíche no Happy Cup. Nunca pensei que o Cup ainda lá estivesse, mas está.

Começara a tagarelar. Sem conseguir conter-se, apesar de saber que tagarelar era o que as pessoas faziam quando estavam pedradas.

— E levaste duas horas a comer uma sanduíche? A desgraçada devia ter um metro!

— Não, era uma sanduíche normal. De fiambre e queijo. Comi-a num dos bancos em Government Square e dei algumas côdeas aos pombos. Costumava fazer isso com um amigo. E acabei por... sabe, perder a noção do tempo.

Era tudo verdade, mas soava tão falso!

— Estiveste a saborear o ar puro — sugeriu McFarland.

— A curtir a liberdade. Foi mais ou menos isso?

— Sim.

— Bom, sabes que mais? Acho que devíamos subir para eu recolher uma amostra de urina. Só para ter a certeza de que não andaste a saborear o tipo errado de liberdade. — Deu uma palmada na mochila. — Tenho aqui o *kit*. Se a urina não ficar azul, deixo-te em paz e podes curtir o resto da noite. Não tens nenhuma objeção a esse plano, ou tens?

— Não. — Morris estava quase eufórico de alívio.

— E vou ficar a ver enquanto fazes chichi no copinho. Algum problema com isso?

— Não. — Morris tinha passado mais de trinta e cinco anos a mijar diante de outras pessoas. Estava habituado. — Não há problema nenhum, senhor McFarland.

McFarland atirou o cigarro para a sarjeta, pegou na mochila e levantou-se.

— Nesse caso, acho que vou dispensar o teste.

Morris ficou boquiaberto.

McFarland sorriu.

— Estás no bom caminho, Morrie. Pelo menos por enquanto. Então, o que achas?

Por um momento, Morris não conseguiu pensar no que devia dizer. Então ocorreu-lhe.

— Obrigado, senhor McFarland.

McFarland despenteou o seu ex-presidiário, um homem

vinte anos mais velho do que ele, e disse:

— Lindo menino. Vemo-nos na próxima semana.

Mais tarde, no quarto, Morris recordou aquele *lindo menino* indulgente e condescendente, enquanto olhava para a escassa mobília em segunda mão e para os poucos livros que pudera trazer do purgatório e ouvia os gritos animalescos e berros e batidas dos vizinhos. Pensou se McFarland teria ideia de quanto Morris o odiava e achou que sim.

Lindo menino. Vou fazer sessenta anos, mas sou o lindo menino do Ellis McFarland.

Ficou deitado na cama algum tempo, depois levantou-se e começou a andar de um lado para o outro no quarto, ainda a pensar no resto do conselho de Duck: *Se tiveres vontade de fazer alguma coisa que possa ser considerada conduta duvidosa, espera até depois de o teu agente te fazer uma visita de surpresa. Nessa altura, não debes ter problemas.*

Morris tomou uma decisão e vestiu o blusão de ganga. Desceu até à entrada no elevador a cheirar a mijo, andou dois quarteirões até à paragem de autocarro mais próxima e esperou por um que dissesse NORTHFIELD. O coração batia de novo muito depressa, e não conseguia deixar de pensar que o senhor McFarland podia estar ali perto. Que McFarland pensava *Ah, agora que o enganei, vou voltar. Quero ver o que aquele desgraçado está realmente a tramar.* Era pouco provável, claro; McFarland devia estar em casa a jantar com a mulher e os três filhos, tão gigantescos como ele. Mesmo assim, Morris não conseguia deixar de imaginá-lo.

E se ele voltasse *mesmo* e perguntasse onde fui? Eu responderia que quis ir ver a minha antiga casa, só isso. Não havia tascas nem bares de *striptease* naquele bairro, só algumas lojas de conveniência, algumas centenas de casas

construídas depois da Guerra da Coreia e uma série de ruas com nomes de árvores. Não havia nada além de um subúrbio decadente naquela parte de Northfield. E um terreno baldio do tamanho de um quarteirão cheio de mato e objeto de um litígio legal infinito, digno de um romance de Dickens.

Desceu do autocarro na Garner Street, perto da biblioteca onde passara tantas horas em criança. Aquele fora o seu refúgio, porque os miúdos grandes que podiam querer dar-lhe uma tarefa evitavam-na a todo o custo, como o Super-Homem evita a criptonite. Percorreu a pé os nove quarteirões até à Sycamore Street e parou em frente à sua antiga casa. Continuava bastante maltratada, todas as casas naquela parte da cidade estavam assim, mas o relvado tinha sido cortado e nas paredes havia tinta relativamente nova. Olhou para a garagem onde guardara o *Biscayne* trinta e seis anos antes, longe dos olhos bisbilhoteiros da senhora Muller. Lembrou-se de ter forrado a arca em segunda mão com plástico para os cadernos não ficarem húmidos. Uma excelente ideia, tendo em conta o tempo que lá tinham ficado.

As luzes estavam acesas no número 23; a família que lá vivia (de nome Saubers, de acordo com a pesquisa que fizera no computador da biblioteca da prisão) encontrava-se em casa. Olhou para a janela mais à direita no primeiro andar, com vista para a entrada de garagem, e pensou quem estaria no seu antigo quarto. Uma criança, provavelmente, e, numa época degenerada como a atual, uma criança que devia estar bastante mais interessada nos jogos do telemóvel do que em livros.

Morris seguiu caminho, virou na esquina da Elm Street e dirigiu-se à Birch Street. Quando chegou ao centro recreativo (fechado dois anos antes devido a cortes

orçamentais, o que ele também descobrira no computador), olhou em volta, viu que os passeios estavam desertos dos dois lados da rua e avançou rapidamente pela parede lateral do edifício. Quando chegou às traseiras, acelerou o passo, atravessou os campos de basquete (velhos, mas ainda usados, ao que parecia) e o campo de basebol com erva alta cheia de ervas daninhas.

A Lua brilhava, quase suficientemente cheia e luminosa para projetar a sombra dele. À sua frente havia um emaranhado de arbustos e árvores, com ramos entrelaçados e a lutar por espaço. Onde ficava o caminho? Ele achava que se encontrava no sítio certo, mas não estava a vê-lo. Começou a andar de um lado para o outro onde antes se encontrara uma das bases do campo de basebol, como um cão a tentar apanhar um rasto esquivo. O coração batia de novo à velocidade máxima, a boca seca e com gosto metálico. Revisitar o velho bairro era uma coisa, mas estar ali, atrás do centro recreativo abandonado, era outra. Aquilo era conduta duvidosa, sem dúvida.

Estava prestes a desistir quando viu uma embalagem de batatas fritas agitar-se num arbusto. Empurrou o arbusto para o lado e bingo, ali estava o trilho, apesar de agora ser apenas um fantasma do que já fora. Morris achava que fazia sentido. Alguns adolescentes ainda deviam usá-lo, mas o número devia ter caído depois de o centro recreativo fechar. Isso era bom. Se bem que, durante a maior parte dos anos em que estivera preso em Waynesville, o centro recreativo funcionara. Muita gente passara perto da arca enterrada.

Seguiu devagar pelo trilho, parando de cada vez que a Lua se escondia atrás de uma nuvem e andando novamente quando voltava a aparecer. Depois de cinco minutos, ouviu o barulho suave do riacho. Então esse também ainda ali

estava.

Morris desceu até à margem. O riacho era a céu aberto, e com a Lua agora diretamente acima, a água brilhava como seda preta. Não teve dificuldade em encontrar a árvore debaixo da qual enterrara a arca, na outra margem. A árvore tinha crescido e inclinara-se na direção do riacho. Viu algumas raízes retorcidas a surgirem da terra e a voltarem a enterrar-se, mas o resto estava igual.

Morris atravessou o riacho como fazia antigamente, saltando de pedra em pedra, quase sem molhar os sapatos. Olhou em volta uma vez (sabia que estava sozinho; se houvesse ali alguém ele teria ouvido, mas na prisão aprendera a proteger as costas) e ajoelhou-se sob a árvore. Ouvia a sua respiração a arranhar a garganta enquanto arrancava o mato com uma das mãos e se segurava a uma raiz com a outra, para não cair.

Limpou uma pequena zona circular na terra e começou a cavar, atirando seixos e pequenas pedras para o lado. Tinha o braço enfiado quase até ao cotovelo quando os dedos tocaram numa coisa dura e lisa. Apoiou a testa quente na curva torta de uma raiz e fechou os olhos.

Ainda ali estava.

A arca ainda ali estava.

Obrigado, meu Deus.

Bastava, pelo menos por enquanto. Era o melhor que podia fazer, e, ah, Deus, que alívio. Deitou a terra de novo no buraco e cobriu a zona com folhas mortas do outono que estavam na margem do riacho. Em pouco tempo, as ervas daninhas estariam de volta, pois cresciam depressa, principalmente num clima quente, e isso completaria o serviço.

Numa época mais livre, ele teria continuado pelo trilho até a Sycamore Street, porque era o caminho mais rápido

para a paragem de autocarro, mas não agora, porque o quintal onde o trilho ia dar pertencia à família Saubers. Se algum deles o visse e ligasse à polícia, ele provavelmente estaria em Waynesville no dia seguinte, com mais uns cinco anos somados à pena original, só para dar sorte.

Então voltou para a Birch Street, confirmou que os passeios continuavam vazios e dirigiu-se à paragem de autocarro na Garner Street. Sentia as pernas cansadas, e a mão com a qual cavara estava arranhada e dorida, mas parecia que tinha menos cem quilos. A arca ainda ali estava! Tivera a certeza de que estaria, mas a confirmação era *tão* boa.

Quando voltou ao Castelo dos Malucos, lavou a terra das mãos, tirou a roupa e deitou-se. O prédio estava mais barulhento do que nunca, mas não tão barulhento como a ala D em Waynesville, principalmente em noites de lua cheia como aquela. Morris adormeceu quase de imediato.

Agora que a presença da arca estava confirmada, ele precisava de ter cuidado: esse foi o seu último pensamento.

Mais cuidado do que nunca.

4

Tem tido cuidado no último mês; apareceu no trabalho à hora certa todos os dias e voltou cedo para o Castelo dos Malucos todas as noites. A única pessoa de Waynesville com quem ainda mantém contacto é Charlie Roberson, que saiu por causa do ADN com ajuda de Morris, e Charlie não se qualifica como cúmplice conhecido porque sempre foi inocente. Pelo menos do crime por que foi preso.

O chefe de Morris no CACM é um idiota gordo e presunçoso que mal sabe usar o computador, mas deve

ganhar uns cinco mil por mês. Cinco, pelo menos. E Morris? Onze dólares por hora. Compra comida com os vales oferecidos pelo governo e vive num apartamento do nono andar que não é muito maior do que a cela onde passou os ditos «melhores anos da sua vida». Morris não acha que o seu cantinho no trabalho seja vigiado, mas não ficaria admirado. Parece que *tudo* nos Estados Unidos é vigiado atualmente.

É uma vida de merda, mas de quem é a culpa? Ele disse repetidas vezes à comissão de liberdade condicional, sem hesitar, que era sua; aprendera a entrar no jogo da culpa nas sessões com Curt Cu. Aceitar as más escolhas era uma necessidade. Se não lhes déssemos o velho *mea culpa*, nunca sairíamos da prisão, independentemente do que uma cabra cancerosa escrevesse numa carta, na esperança de conquistar os favores de Jesus. Morris não precisava que Duck lhe dissesse isso. Não nascera ontem.

Mas fora *mesmo* culpa dele?

Ou culpa daquele idiota além?

Do outro lado da rua, a umas quatro portas de distância do banco onde Morris está sentado com os restos de um *bagel* indesejado, um careca obeso sai da Andrew Halliday Rare Editions, onde acabou de virar a placa na porta de ABERTO para FECHADO. É a terceira vez que Morris observa aquele ritual da hora de almoço, porque às terças-feiras só vai para o CACM à tarde. Entra às treze e ocupa-se até às dezasseis, esforçando-se por atualizar a vetusta base de dados. (Morris tem a certeza de que as pessoas que trabalham lá sabem muito sobre arte, música e teatro, mas não sabem porra nenhuma sobre o *Office Manager* do Mac.) Às quatro, apanha o autocarro para o maldito apartamento no nono andar.

Entretanto, está ali.

A observar o seu velho amigo.

Supondo que esta seja igual às outras duas terças-feiras, e Morris não tem motivo para pensar o contrário, pois o seu velho amigo foi sempre uma criatura de hábitos, Andy Halliday irá a pé (ou melhor, a *bambolear-se*) por Lacemaker Lane até um café chamado Jamais Toujours. Uma porra de nome que não quer dizer nada, mas soa pretensioso. Oh, mas isso é mesmo a cara de Andy, não é?

O velho amigo de Morris, com quem ele discutiu Camus, Ginsberg e John Rothstein durante muitos intervalos e almoços, ganhou pelo menos cinquenta quilos nos últimos anos, os óculos com armação de osso foram substituídos por dispendiosos óculos de marca, os sapatos parecem ter custado mais dinheiro do que Morris ganhou nos trinta e cinco anos que passou na prisão, mas Morris tem a certeza de que ele não mudou nada por dentro. Quem nasce torto tarde ou nunca se endireita, esse era outro ditado antigo, e, quando se é um idiota pretensioso, ser-se-á sempre um idiota pretensioso.

O dono da Andrew Halliday Rare Editions está a afastar-se, mas Morris não ficaria preocupado se Andy estivesse a atravessar a rua e a aproximar-se. Afinal, o que veria ele? Um idoso com ombros estreitos, papos sob os olhos e cabelo fino e grisalho, com um casaco barato e calças cinzentas ainda mais baratas. O velho amigo e a sua barriga enorme passariam por ele sem olhar sequer uma vez, muito menos duas.

Eu disse à comissão o que eles queriam ouvir, pensa Morris. Tive de fazer isso, mas a perda de todos aqueles anos é culpa tua, seu maricas convencido de merda. Se eu tivesse sido preso por causa do Rothstein e dos meus parceiros, teria sido diferente. Mas não foi. Nunca me perguntaram nada sobre os senhores Rothstein, Dow e

Rogers. Perdi todos estes anos por causa de um ato sexual forçado e desagradável do qual nem me lembro. E porque aconteceu isso? Uma coisa leva à outra. Eu estava no beco em vez de no bar quando a puta da Hooper apareceu. Fui expulso do bar porque dei um pontapé na *jukebox*. Dei um pontapé na *jukebox* pelo mesmo motivo por que me encontrava naquele bar: porque estava furioso *contigo*.

Porque não me entregas esses cadernos pela viragem do século vinte e um, se ainda estiverem em teu poder?

Morris vê Andy afastar-se, fecha as mãos em punhos e pensa: Parecias uma miúda naquele dia. A virgenzinha boazona que se leva para o banco de trás do carro e que diz *sim, querido, ah, sim, ah, sim, amo-te tanto*. Isso até lhe levantarmos a saia. Aí ela aperta os joelhos com força quase suficiente para nos partir o pulso e começa *ah, não, tira as mãos de cima de mim, que tipo de rapariga achas que sou?*

Podias pelo menos ter sido um pouco mais diplomático, pensa Morris. Um pouco de diplomacia podia ter poupado todos aqueles anos perdidos. Mas não tinhas nenhuma para mim, tinhas? Nem sequer um parabéns, isso deve ter exigido coragem. Só recebi um *não te atrevas a pôr as culpas em mim*.

O seu velho amigo entra com os seus sapatos caros no Jamais Toujours, onde sem dúvida vai ser bajulado pelo *maître*. Morris olha para o *bagel* e conclui que devia acabá-lo, ou pelo menos raspar com os dentes o queijo creme, mas o estômago está demasiado embrulhado para aceitar a ideia. Irá antes para o CACM e dedicará a tarde a tentar impor uma certa ordem no inoperante arquivo digital pré-histórico. Sabe que não devia voltar a Lacemaker Lane, que já não é uma rua, mas sim uma espécie de centro comercial caro a céu aberto onde os veículos estão proibidos de

circular, mas também sabe que provavelmente vai estar no mesmo banco na terça seguinte. E na terça depois dessa. A não ser que vá buscar os cadernos. Isso quebraria o feitiço. Então, não precisaria de se incomodar com o velho amigo.

Levanta-se e deita o resto do *bagel* num caixote próximo. Olha para o Jamais Toujours e sussurra:

— Não prestas, velho amigo. Não prestas mesmo. E por quase nada eu...

Mas não.

Não.

Só os cadernos importam, e, se Charlie Roberson o ajudar, Morris vai buscá-los na noite seguinte. E Charlie *vai* ajudar. Deve-lhe um favor enorme, que Morris pretende cobrar. Sabe que devia esperar um pouco mais, até Ellis McFarland ter a certeza absoluta de que ele é um dos bons e voltar a atenção para outra pessoa, mas a atração da arca e do que há dentro dela é demasiado forte. Adoraria vingar-se do filho da puta gordo naquele momento a enfardar comida para finórios, mas a sua vingança não é tão importante como o quarto romance de Jimmy Gold. Talvez haja até um quinto! Morris sabe que não é provável, mas é possível. Havia muita coisa escrita naqueles cadernos, muita mesmo. Vai em direção à paragem de autocarro e lança um olhar ameaçador ao Jamais Toujours, pensando: Nunca vais saber a sorte que tiveste.

Velho amigo.

Na mesma altura em que Morris Bellamy está a deitar fora o *bagel* e a dirigir-se à paragem de autocarro, Hodges está a terminar a salada e a pensar que seria capaz de

comer mais duas. Guarda a embalagem e o garfo de plástico no saco de papel e atira-o para o chão em frente ao banco do passageiro, pensando que não pode esquecer-se de o deitar fora depois. Gosta do seu carro novo, um *Prius* que ainda não tem quinze mil quilómetros, e esforça-se para mantê-lo limpo. O carro foi escolhido por Holly.

— Vais gastar menos gasolina e fazer bem ao ambiente — disse ela.

A mulher que antes mal se atrevia a sair de casa cuida agora de muitos aspetos da vida dele. Talvez o deixe um pouco de lado se arranjar namorado, mas Hodges sabe que isso não é provável. Ele é o mais parecido com um namorado que ela está em condições de ter.

Ainda bem que te adoro, Holly, pensa ele, senão teria de te matar.

Ouve o zumbido de um avião a aproximar-se, olha para o relógio e vê que são 11h34. Parece que Oliver Madden vai ser pontual, e isso é ótimo. Hodges também é sempre pontual. Tira o casaco do banco de trás e sai. Não assenta bem porque leva objetos pesados nos bolsos da frente.

Um toldo triangular protege as portas de entrada, e à sombra está bastante mais fresco. Hodges tira os novos óculos do bolso de dentro e observa o céu a oeste. O avião, agora a preparar-se para aterrar, passa de um pontinho a uma mancha e a uma forma identificável que corresponde às fotos que Holly imprimiu: um *Beechcraft King Air 350* de 2008, vermelho com turbinas pretas. Só tem mil e duzentas horas de voo e fez oitocentas e cinco aterragens. A que ele está prestes a observar será a número oitocentos e seis. O preço avaliado de venda é de quatro milhões e uns trocos.

Um homem de fato-macaco sai pela porta. Olha para o carro de Hodges, depois para Hodges.

— Não pode estacionar aí — diz ele.

— Não parece haver muito movimento hoje — responde Hodges em tom conciliador.

— Regras são regras, cavalheiro.

— Vou-me embora daqui a pouco.

— Daqui a pouco não é a mesma coisa que agora. A parte da frente é para cargas e descargas. Tem de usar o parque de estacionamento.

O *King Air* sobrevoa a extremidade da pista, a poucos metros do chão. Hodges indica o avião com o polegar.

— Está a ver aquele avião? O homem que o pilota é um grande filho da mãe. Muita gente o procura há vários anos, e ele está aqui agora.

O homem de fato-macaco pensa um pouco enquanto o grande filho da mãe pousa o avião com uma mera nuvenzinha azul-acinzentada de borracha queimada. Veem-no desaparecer atrás do edifício da Zane Aviation. Em seguida, o homem, provavelmente um mecânico, vira-se para Hodges.

— O senhor é polícia?

— Não — responde Hodges —, mas quase. Além disso, conheço presidentes.

Estende a mão fechada com a palma virada para baixo. Uma nota de cinquenta dólares espreita entre os nós dos seus dedos.

O mecânico estende a mão para ela, mas hesita.

— Vai haver confusão?

— Não — diz Hodges.

O homem aceita a nota.

— Mandaram-me ir buscar aquele *Navigator* para ele e estacioná-lo no lugar onde o senhor parou. Foi por isso que lhe chamei a atenção.

Agora que Hodges considera a opção, não é má ideia.

— Porque não faz isso? Pare atrás do meu carro. Depois,

é melhor arranjar alguma coisa para fazer noutro lado durante uns quinze minutos.

— Há sempre coisas a fazer no hangar A — concorda o homem. — Ei, não está armado, está?

— Não.

— E o tipo no *King Air*?

— Também não.

Quase de certeza é verdade, mas, no improvável caso de Madden *ter* uma arma, deve estar no trólei. Mesmo que esteja no bolso, o tipo não vai ter oportunidade de sacá-la e muito menos de usá-la. Hodges espera nunca ficar demasiado velho para um pouco de ação, mas não tem interesse nenhum num tiroteio.

Ouve naquele momento o som alto das turbinas do *King Air* a dirigir-se para o edifício.

— É melhor ir buscar o *Navigator*. E depois...

— Ir para o hangar A, claro. Boa sorte.

Hodges agradece com um movimento de cabeça.

— Tenha um bom dia.

6

Hodges está à esquerda da porta, com a mão direita no bolso do casaco, a saborear a sombra e o ar ameno de verão. O coração bate um pouco mais depressa do que o normal, mas isso não é um problema. É assim que deve ser. Oliver Madden é o tipo de ladrão que usa um computador, não uma arma (Holly descobriu que o cabrão, muito ativo nas redes sociais, tem oito contas no Facebook, cada uma com um nome diferente), mas não é bom tomar as coisas como certas. É assim que uma pessoa pode magoar-se. Ouve Madden desligar o *King Air* e imagina-o a entrar no

terminal da pequena e discreta operadora. Não só a entrar, mas a fazê-lo com uma *passada firme*. Com confiança. A dirigir-se ao balcão de atendimento, onde vai pedir que a aeronave cara seja guardada no hangar. E abastecida? Provavelmente não hoje. Tem planos na cidade. Esta semana, irá comprar licenças de casinos. Ou é o que pensa.

O *Navigator* é estacionado. O carro cromado brilha ao sol e o vidro escurecido de filmes de *gangsters* reflete a fachada do edifício... e o próprio Hodges. Ups! Ele chega-se mais para a esquerda. O homem do fato-macaco sai, acena a Hodges e segue para o hangar A.

Hodges espera, pensando o que querará Barbara, o que uma rapariga bonita cheia de amigos pode considerar suficientemente importante para a levar a procurar um homem com idade para ser seu avô. Seja o que for, ele irá fazer de tudo para resolver o problema. Porque não faria? Estima-a quase tanto como estima Jerome e Holly. Os quatro estiveram juntos na guerra.

Isso é para mais tarde, diz ele para si mesmo. Neste momento, o Madden é a prioridade. Concentra-te.

A porta abre-se e Oliver Madden sai. Além da *passada firme*, também vem a assobiar. É pelo menos dez centímetros mais alto do que o considerável metro e oitenta e quatro de Hodges. Os ombros são largos no fato de verão; a camisa está aberta no colarinho, e o nó da gravata largo. As feições são belas e bem definidas — entre George Clooney e Michael Douglas. Tem uma pasta na mão direita e um saco de viagem no ombro esquerdo. O corte de cabelo é do tipo que se consegue naqueles sítios em que é preciso marcar hora com uma semana de antecedência.

Hodges dá um passo à frente. Não sabe se já passa do meio-dia, então deseja a Madden um bom dia. Madden vira-se, sorrindo.

— Bom dia para si também. Eu conheço-o?

— Não, não conhece, senhor Madden — responde Hodges, retribuindo o sorriso. — Estou aqui por causa do avião.

O sorriso murcha um pouco. Uma linha aparece entre as sobrancelhas arranjadas.

— Desculpe?

— O avião — explica Hodges. — O *Beech King Air*? Com dez lugares? Número de identificação N114DK? Que na verdade pertence a Dwight Cramm, de El Paso, no Texas?

O sorriso continua ali, mas exige esforço.

— Confundi-me com outro, amigo. Chamo-me Mallon, não Madden. James Mallon. Quanto ao avião, é realmente um *King*, mas o número de identificação é N426LL e pertence-me. Deve estar à procura da Signature Air, aqui ao lado.

Hodges assente, como se Madden pudesse estar certo. Em seguida, pega no telemóvel com a mão esquerda para continuar com a direita no bolso.

— Que tal eu ligar ao senhor Cramm? Para esclarecer as coisas? Creio que estive no rancho dele a semana passada, certo? Entregou-lhe um cheque de duzentos mil dólares do First National of Reno?

— Não sei do que está a falar. — O sorriso desapareceu.

— Ah, que curioso. Porque o senhor Cramm conhece-o. Como James Mallon, não Oliver Madden, mas, quando lhe mandei as fotos de seis suspeitos por faxe, ele não teve dificuldade em identificá-lo.

O rosto de Madden fica totalmente inexpressivo, e Hodges vê que o homem não é bonito. Também não é feio. É comum, mesmo sendo tão alto, e foi assim que se safou durante tanto tempo, a dar golpe atrás de golpe, até mesmo a um coiole esperto como Dwight Cramm. Ele é *comum*, e

isso faz Hodges lembrar-se de Brady Hartsfield, que quase fez explodir um auditório cheio de miúdos não há muito tempo. Um arrepio sobe pela coluna do ex-detetive.

— O senhor é polícia? — pergunta Madden. Olha Hodges de cima a baixo. — Provavelmente não, é demasiado velho. Mas, se for, quero ver a sua identificação.

Hodges repete o que disse ao homem do fato-macaco:

— Não sou exatamente da polícia, mas quase.

— Então boa sorte para si, senhor Quase. Tenho compromissos e estou um pouco atrasado.

Começa a andar na direção do *Navigator*, não a correr, mas bastante depressa.

— Na verdade, o senhor está a ser bastante pontual — comenta Hodges, amigavelmente, acompanhando as passadas do outro.

Acompanhá-lo teria sido mais difícil logo depois da reforma, quando vivia à base de comida enlatada e nachos. Ficaria ofegante depois dos primeiros dez passos. Agora, faz cinco quilómetros todos os dias, na rua ou na passadeira.

— Deixe-me em paz — diz Madden —, senão chamo a polícia a sério.

— Só uma palavrinha — pede Hodges, e pensa: *Raios, pareço uma Testemunha de Jeová.*

Madden aproxima-se da traseira do *Navigator*. O saco no seu ombro balança de um lado para o outro.

— Não quero ouvir nenhuma palavrinha — responde Madden. — O senhor é louco.

— Sabe como é — responde Hodges quando Madden estica a mão para a porta do condutor. — De sábio e de louco, todos temos um pouco.

Madden abre a porta. *As coisas estão mesmo a correr bem*, pensa Hodges quando tira o porrete do bolso do casaco. O

porrete é uma meia com um nó. Sob o nó, está cheia de esferas de aço. Hodges balança-o e acerta na têmpora esquerda de Oliver Madden. É um golpe certo, nem muito forte, nem muito fraco, com a intensidade certa.

Madden cambaleia e solta a pasta. Os seus joelhos dobram-se, mas não cedem. Hodges segura-o acima do cotovelo com o aperto forte que aperfeiçoou como membro da polícia e ajuda Madden a sentar-se no banco do condutor. Os olhos dele têm a expressão vazia de um lutador que levou um golpe muito forte e agora só pode esperar que o assalto termine antes que o adversário o derrube de vez.

— Vamos lá — diz Hodges e, quando o traseiro de Madden pousa no estofado de pele do banco, inclina-se e levanta-lhe a perna esquerda, que ficou de fora.

Tira as algemas do bolso esquerdo e prende Madden ao volante com um movimento rápido. A chave do *Navigator*, num porta-chaves grande e amarelo da Hertz, está no porta-copos. Hodges pega-lhe, fecha a porta do condutor, apanha a pasta do chão e dá a volta até ao lado do passageiro. Antes de entrar, atira a chave para a relva perto da placa que diz SÓ CARGAS E DESCARGAS. Uma boa ideia, porque Madden recuperou o suficiente para premir o botão de arranque do SUV repetidas vezes. Cada vez que o faz, surge no tabliê a mensagem CHAVE NÃO DETETADA.

Hodges fecha a porta do passageiro e olha para Madden com animação.

— Aqui estamos, Oliver. Aconchegados como pombinhos.

— Não pode fazer isto — diz Madden. Soa bastante bem para um homem que ainda deve estar a ver estrelas. — Agrediu-me. Posso fazer uma queixa. Onde está a minha pasta?

Hodges levanta-a.

— Em segurança. Apanhei-a por si.

Madden estica a mão livre.

— Dê-ma cá.

Hodges pousa-a no chão e põe os pés em cima dela.

— Por enquanto, está à minha guarda.

— O que quer, seu idiota?

O grunhido contrasta bastante com o fato e o corte de cabelo caros.

— Vá lá, Oliver. Não lhe bati assim com tanta força. O avião. O avião de Cramm.

— Ele vendeu-mo. Tenho o recibo.

— Em nome de James Mallon.

— Esse é o meu nome. Mudei-o legalmente há quatro anos.

— Oliver, o senhor e a palavra legal não se conhecem sequer de vista. Mas essa não é a questão. O seu cheque não tem cobertura.

— Impossível. — Puxa o pulso algemado. — Tire-me isto!

— Podemos falar das algemas depois de falarmos do cheque. Homem, você superou-se mesmo. O First National of Reno é um banco real, e, quando o Cramm ligou para verificar o seu saldo, o identificador de chamadas confirmou que estava a ligar para o sítio certo. Ouviu a resposta automática de sempre, bem-vindo ao First National of Reno, onde o cliente é rei, blá-blá-blá, e, quando premiu o botão certo, foi atendido por alguém que se apresentou como gestor de conta. Acho que era o seu cunhado, Peter Jamieson, que foi preso hoje de manhã em Fields, na Virginia.

Madden pestaneja e encolhe-se, como se Hodges lhe tivesse dado uma bofetada. Jamieson é mesmo cunhado de

Madden, mas não foi preso. Pelo menos que Hodges saiba.

— Depois de dizer que se chamava Fred Dawlings, Jamieson garantiu ao senhor Cramm que o Oliver tinha mais de doze milhões de dólares no First National of Reno, em várias contas diferentes. Tenho a certeza de que foi convincente, mas o identificador de chamadas foi o elemento decisivo. Isso só foi possível com um programa de computador altamente ilegal. A minha assistente é boa com computadores e descobriu essa parte. Só isso já pode fazê-lo apanhar entre dezasseis a vinte meses numa prisão federal. Mas há muito mais. Há cinco anos, o senhor e Jamieson entraram na rede do General Accounting Office e conseguiram roubar quase quatro milhões de dólares.

— O senhor é louco.

— Para a maioria, quatro milhões divididos por duas pessoas seria o suficiente. Mas o senhor não dorme à sombra dos louros, pois não, Oliver? É um viciado em adrenalina.

— Não vou falar consigo. Agrediu-me e vai ser preso por isso.

— Dê-me a sua carteira.

Madden fita Hodges de olhos arregalados, verdadeiramente chocado. Como se nunca tivesse roubado carteiras e contas bancárias a sabe Deus quanta gente. Não gostas quando o feitiço se vira contra o feiticeiro, não é?, pensa Hodges. Que ironia.

O ex-detetive estende a mão.

— A carteira.

— Vá-se foder.

Hodges mostra-lhe o porrete. A meia pesa, parecendo uma gota sinistra.

— Dê-ma já, idiota, senão ponho-o a dormir e tiro-lha. A escolha é sua.

Madden encara Hodges nos olhos para ver se ele está a falar a sério. Em seguida, num movimento lento e relutante, enfia a mão no bolso interior do casaco e tira uma carteira gorda.

— Uau — diz Hodges. — É couro de avestruz?

— Por acaso, é.

Hodges percebe que Madden quer que ele estenda a mão para pegar na carteira. Pensa em mandá-lo pousá-la no espaço entre os bancos, mas desiste. Ao que parece, Madden aprende devagar e precisa que lhe recordem quem manda ali. Assim, quando ele estende a mão para a carteira e Madden a agarra com força, Hodges bate-lhe na mão com o porrete. A pressão cessa no mesmo instante.

— Ai! Ai! Merda!

Madden leva a mão à boca. Os seus olhos incrédulos enchem-se de lágrimas de dor.

— Quem tudo quer, tudo perde — diz Hodges.

Pega na carteira e pensa brevemente se a avestruz é uma espécie em perigo de extinção. Não é que aquele idiota se fosse ralar com isso.

Hodges vira-se para o idiota em questão.

— Esse foi o segundo aviso de cortesia, e dois é o máximo que dou. Não estamos numa sala de interrogatório. Se tentar qualquer outra coisa, bato-lhe como se fosse um saco de pancada, algemado ao volante ou não. Percebido?

— Sim. — A palavra sai por entre lábios ainda repuxados de dor.

— O senhor é procurado pelo FBI pelo ataque ao GAO. Sabia disso?

Há uma longa pausa enquanto Madden olha para o porrete. E responde de novo que sim.

— É procurado na Califórnia por roubar um *Rolls-Royce Silver Wraith*, no Arizona por roubar equipamento de

construção no valor de meio milhão de dólares, que revendeu no México. Também sabe essas coisas?

— Tem alguma escuta consigo?

— Não.

Madden decide acreditar na palavra de Hodges.

— Tudo bem, sei. Mas ganhei uma miséria com as escavadoras e os buldózers. Foi uma vigarice.

— Se alguém aqui é capaz de reconhecer uma vigarice, é o senhor.

Hodges abre a carteira. Não tem quase nada, talvez uns oitenta dólares, mas Madden não precisa de dinheiro; tem pelo menos uns vinte cartões de crédito com uns seis nomes diferentes. Olha para Madden com curiosidade.

— Como consegue manter estes cartões todos?

Madden não responde.

Com a mesma curiosidade, Hodges pergunta:

— Nunca sente vergonha?

— Aquele velho filho da mãe em El Paso tem cento e cinquenta milhões de dólares — responde Madden, ainda a olhar em frente. — Ganhou boa parte da fortuna a vender autorizações de exploração de petróleo que não valiam nada nas suas propriedades. É verdade que lhe roubei o avião. Agora só tem um *Cessna 172* e um *Lear 35*. Coitadinho.

Hodges pensa: Este tipo tem um sentido de ética muito pessoal. Falar não adianta... mas alguma vez adiantou?

Revira a carteira e encontra o recibo do *King Air*: duzentos mil de entrada e o resto a ser levantado do banco First National of Reno depois de um voo de teste satisfatório. O papel não vale nada no sentido prático, pois o avião foi comprado com um nome falso e dinheiro inexistente, mas Hodges nem sempre é prático e também não está demasiado velho para querer provar o que vale.

— Trancou o avião ou deixou a chave na recepção para os funcionários fazerem isso depois de o meterem no hangar?

— Deixei na recepção.

— Ah, ótimo. — Hodges olha para Madden com ar sério. — Agora vem a parte importante da nossa conversinha, Oliver, portanto ouça com atenção. Fui contratado para encontrar o avião e devolvê-lo ao dono. Só isso, fim da história. Não sou do FBI, da polícia e muito menos detetive particular. As minhas fontes são boas, no entanto, e sei que está prestes a fazer um acordo para comprar participações maioritárias em alguns casinos, um na ilha Grande Belle Coeur e um na P'tit Grand Coeur. — Toca na pasta com o pé. — Tenho a certeza de que a papelada está toda aqui, assim como tenho a certeza de que, se quer continuar a ser um homem livre, os papéis não vão ser assinados. — Eh, espere aí!

— Cale a matraca. Há um bilhete só de ida para Los Angeles em nome de James Mallon, no terminal da Delta. O voo sai daqui a —olha para o relógio— uns noventa minutos. O que lhe dá tempo à justa para passar por todas aquelas tretas da segurança. Embarque nesse avião, senão vai para a cadeia hoje mesmo. Entendido?

— Não posso...

— *Entendido?*

Madden, que também é Mallon, Morton, Mason, Dillon, Callen e só Deus sabe quantos outros, pensa nas opções, decide que não tem nenhuma e concorda com expressão sombria.

— Ótimo! Agora vou soltá-lo, pegar nas minhas algemas e sair do carro. Se tentar alguma coisa no entretanto, ponho-o a dormir até à próxima semana. Percebeu?

— Sim.

— A chave do carro está na relva. O porta-chaves da Hertz é grande e amarelo, não pode deixar de vê-lo. Agora, ponha as mãos no volante. Na posição das dez e das duas, como o seu pai lhe ensinou.

Madden pousa as mãos no volante. Hodges solta as algemas, guarda-as no bolso esquerdo e sai do *Navigator*. Madden não se mexe.

— Tenha um bom dia — diz Hodges, e fecha a porta.

7

Entra no *Prius*, conduz até ao fundo da pista da Zane Aviation, estaciona e vê Madden apanhar a chave do *Navigator* na relva. Acena quando Madden passa. O homem não retribui o aceno, o que não parte o coração a Hodges. Segue o SUV até ao aeroporto, não colado a ele, mas quase. Quando Madden vira na direção dos terminais principais, Hodges despede-se com um sinal de luzes.

Oitocentos metros à frente, para no parque de estacionamento do Midwest Airmotive e liga a Pete Huntley, o seu antigo parceiro. É saudado com um civilizado «Olá, Billy, como vais?», mas nada a que possa chamar efusivo. Desde que Hodges investigou sozinho o caso do chamado Assassino do Mercedes (e escapou por pouco de ter problemas legais sérios em consequência), o seu relacionamento com Pete arrefeceu. Talvez aquilo contribua para o degelo. Não sente remorsos por ter mentido ao idiota a caminho do terminal da Delta; se há um tipo que merece provar do próprio remédio, esse tipo é Oliver Madden.

— O que achas de apanhar um peru bem saboroso, Pete?

— Quão saboroso? — Ainda frio, mas interessado.

— Um dos dez mais procurados do FBI. É suficientemente saboroso? Está a fazer o *check-in* na Delta, pronto para partir para Los Angeles no voo cento e dezanove, às duas menos um quarto. O bilhete está em nome de James Mallon, mas o seu nome verdadeiro é Oliver Madden. Roubou dinheiro aos federais há cinco anos como Oliver Mason, e sabemos que o Tio Sam não gosta de ser roubado. — Acrescenta mais alguns pormenores sobre o currículo de Madden.

— Como sabes que ele está na Delta?

— Porque lhe comprei o bilhete. Estou agora a sair do aeroporto. Acabei de recuperar o avião dele. Que não era dele, por sinal, porque foi pago com um cheque sem cobertura. A Holly irá ligar para a Zane Aviation e dar todos os pormenores. Ela adora essa parte.

Há um longo momento de silêncio. E então:

— Não vais reformar-te nunca, Billy?

Aquilo dói um pouco.

— Podias agradecer. Não te iria matar.

Pete suspira.

— Vou ligar para a segurança do aeroporto e vou até aí pessoalmente. — Uma pausa. — Obrigado. *Kermit*.

Hodges sorri. Não é muito, mas pode ser um começo no processo de reparar o que ficou, senão danificado, talvez bastante comprometido.

— Agradece à Holly. Foi ela que o encontrou. Ainda fica tensa com pessoas que não conhece, mas, quando está no computador, é a maior.

— Vou fazer isso.

— E manda cumprimentos à Izzy.

Isabelle Jaynes é a parceira de Pete desde que Hodges pendurou as chuteiras. É uma ruiva explosiva e bastante

inteligente. Hodges pensa, quase em choque, que em breve ela irá trabalhar com um novo parceiro, pois Pete irá reformar-se não tarda muito.

— Mandarei. Que tal dares-me a descrição do tipo, para eu a passar aos seguranças do aeroporto?

— É difícil não o ver. Um metro e noventa e cinco, fato castanho-claro, provavelmente ainda meio atordoado.

— Bateste-lhe?

— *Acalmei-o.*

Pete ri. É bom ouvi-lo fazer isso. Hodges desliga e volta para a cidade, a caminho de ficar vinte mil dólares mais rico, graças a um velho texano casca-grossa chamado Dwight Cramm. Vai ligar-lhe para contar a boa nova depois de descobrir o que Barbara quer.

8

Drew Halliday (Drew é como ele prefere ser tratado agora pelo seu pequeno círculo de amigos) come uns ovos Benedict na mesa de sempre no Jamais Toujours. Mastiga lenta e contidamente, apesar de ser capaz de engolir tudo em quatro garfadas grandes, depois lambe o delicioso molho amarelo no prato como um cão a lambe a tigela. Não tem familiares próximos, a sua vida amorosa ficou para trás há quinze anos e (para falar a verdade) o seu pequeno círculo de amigos não passa de um grupo de conhecidos. As únicas coisas de que realmente gosta são livros e comida.

Bem, não.

Atualmente, há uma terceira coisa.

Os cadernos de John Rothstein reapareceram na sua vida.

O empregado de mesa, um jovem de camisa branca e calças pretas justas, aproxima-se. O cabelo louro-escuro comprido e limpo está preso num rabo de cavalo na nuca, para deixar as elegantes maçãs do rosto à mostra. Drew está num pequeno grupo de teatro há trinta anos (é engraçado como o tempo voa... só que na verdade não é nada engraçado), e acha que William seria um Romeu perfeito, supondo que saiba representar. E os bons empregados de mesa sabem sempre, um pouco.

— Mais alguma coisa, senhor Halliday?

Sim!, pensa ele. Mais dois destes, seguidos de dois *crème brûlés* e uma fatia de bolo de morango!

— Mais um café, por favor.

William sorri e exhibe dentes que receberam o melhor dos tratamentos dentários.

— Volto num segundo com o café.

Drew afasta o prato com tristeza, deixando um pouco da gema e do creme holandês. Pega na agenda. É *Moleskine*, claro, e cabe no bolso. Passa por quatro meses de anotações de endereços, lembretes, preços de livros que encomendou ou vai encomendar para vários clientes. Perto do fim, numa página quase em branco, há dois nomes. O primeiro é James Hawkins. Pergunta a si mesmo se é coincidência ou se o miúdo o escolheu deliberadamente. Será que os rapazes ainda leem Robert Louis Stevenson hoje em dia? Drew acha que aquele leu; afinal, alega ser estudante de literatura, e Jim Hawkins é o herói de *A Ilha do Tesouro*.

O nome escrito abaixo de James Hawkins é Peter Saubers.

Saubers, também conhecido como Hawkins, entrou na loja pela primeira vez duas semanas antes com um ridículo bigode pueril que não teve oportunidade de crescer muito. Usava óculos com armações pretas como os que Drew (Andy, na altura) usava quando Jimmy Carter era presidente. Os adolescentes não costumavam visitar a loja, e Drew preferia que assim fosse; ainda sentia atração por jovens do sexo masculino (o empregado de mesa William era um deles), mas os adolescentes eram um pouco descuidados com livros valiosos, manuseavam-nos sem carinho, devolviam-nos à prateleira de cabeça para baixo e até os deixavam cair. Além disso, tinham uma tendência lamentável para roubar.

Aquele tinha cara de que daria meia-volta e sairia a correr se Drew dissesse «bu!». Vestia um casaco do City College, apesar do dia quente. Drew, que lera a sua quota-parte de Sherlock Holmes, juntou o casaco ao bigode e aos óculos e deduziu que o rapaz tentava parecer mais velho, como se estivesse a querer entrar numa discoteca do centro, e não numa livraria especializada em livros raros.

Queres que pense que tens pelo menos vinte e um anos, pensou Drew, mas, se tiveres mais do que dezassete, como o meu chapéu. E também não estás aqui para olhar, pois não? És um jovem com uma missão.

Debaixo do braço, o rapaz trazia um livro grande e um envelope. O primeiro pensamento de Drew foi que aquele rapaz queria que ele avaliasse alguma coisa bolorenta que encontrara no sótão, mas, quando o senhor Bigode se aproximou com hesitação, Drew viu um autocolante roxo que reconheceu de imediato na lombada do livro.

O primeiro impulso de Drew foi dizer «Olá, filho», mas reprimiu-o. Ia fingir que acreditava no disfarce de universitário. Que mal faria?

— Boa tarde. Posso ajudá-lo?

Por um momento, o senhor Bigode não disse nada. O castanho dos novos pelos faciais contrastava com a palidez das bochechas. Drew percebeu que ele estava a decidir se ia ficar ou murmurar *Esqueça* e sair dali a correr. Uma palavra provavelmente bastaria para fazê-lo dar meia-volta, mas Drew sofria de uma doença muito comum no meio dos antiquários, chamada curiosidade. Assim, ofereceu ao miúdo o seu melhor sorriso de quem não faria mal a uma mosca, cruzou as mãos e ficou em silêncio.

— Bem... — acabou por dizer o rapaz. — Talvez.

Drew ergueu as sobrancelhas.

— O senhor compra e vende livros raros, certo? É o que diz o seu *site*.

— Isso mesmo. Se achar que posso vendê-los com lucro, claro. É nisso que consiste o negócio.

O rapaz reuniu coragem (Drew quase conseguia vê-lo a fazer isso) e aproximou-se do balcão, onde o brilho circular de um antiquado candeeiro *Anglepoise* iluminava um amontoado parcialmente organizado de papéis. Drew estendeu a mão.

— Andrew Halliday.

O rapaz apertou-a brevemente e então fez recuar o braço, como se com medo de ser agarrado.

— Sou o James Hawkins.

— É um prazer conhecê-lo.

— Hum. Acho... que tenho uma coisa que pode interessar-lhe. Uma coisa pela qual um colecionador poderia pagar muito dinheiro. Se for o colecionador certo.

— Não é o livro que tem aí, ou é?

Drew via o título agora: *Missivas do Olimpo*. O subtítulo não aparecia na lombada, mas Drew tivera um exemplar igual durante muitos anos e conhecia-o bem: *Cartas Escritas*

pelo Punho de Vinte Grandes Escritores Americanos.

— Ah, não. Não é este. — James Hawkins deu uma gargalhada nervosa. — Este é só para comparação.

— Muito bem, continue.

Por um momento, «James Hawkins» pareceu não saber o que fazer. Em seguida, prendeu o envelope com mais firmeza debaixo do braço e começou a folhear *Missivas do Olimpo*. Passou por um bilhete de Faulkner a reclamar junto de uma empresa de ração de Oxford, no Mississípi, um pedido extraviado, por uma carta de amor de Eudora Welty a Ernest Hemingway, por um rabisco quase ilegível de Sherwood Anderson sabia-se lá sobre o quê e por uma lista de compras que Robert Penn Warren decorara com um desenho de dois pinguins a dançar, um deles a fumar um cigarro.

Por fim, quando encontrou o que queria, o rapaz pousou o livro na mesa e virou-o para Drew.

— Aqui — disse ele. — Veja isto.

O coração de Drew deu um salto quando leu o título: *John Rothstein para Flannery O'Connor*. O bilhete fotografado com cuidado fora escrito em papel pautado com o lado esquerdo meio rasgado, pois a página fora arrancada de um caderno. A caligrafia pequena e bonita de Rothstein, bem diferente dos gatafunhos de tantos escritores, era inconfundível.

19 de fevereiro de 1953

Minha querida Flannery O'Connor,

Recebi o seu maravilhoso livro, Sangue Sábio, e agradeço a amável dedicatória. Posso dizer maravilhoso porque o comprei assim que foi lançado e li-o imediatamente. Estou encantado por ter um exemplar autografado, assim como a senhora deve estar

encantada por receber os direitos de autor de mais um livro vendido! Gostei do elenco de personagens, principalmente de Hazel Motes e de Enoch Emery, um guarda de jardim zoológico de quem tenho a certeza de que o meu Jimmy Gold teria gostado. Acho que seriam bons amigos. Já lhe chamaram «conhecedora do grotesco», senhora O'Connor, mas o que os críticos não entendem, provavelmente porque não têm nenhum, é o seu sentido de humor delirante, que é implacável. Sei que não está bem de saúde, mas espero que persevere na sua obra apesar disso. É uma obra importante!

Agradeço novamente,

John Rothstein

P.S.: Ainda estou a rir-me da Galinha Famosa!!!

Drew olhou para a carta por mais tempo do que o necessário para se acalmar, depois encarou o rapaz que se apresentara como James Hawkins.

— Percebeu a referência à Galinha Famosa? Posso explicar, se quiser. É um bom exemplo do que Rothstein chamava sentido de humor delirante.

— Eu pesquisei. Com seis ou sete anos, a senhora O'Connor tinha, ou dizia que tinha, uma galinha que andava para trás. Uns jornalistas foram até lá filmá-la, e a galinha apareceu no cinema. Ela dizia que aquele fora o ponto alto da sua vida e que tudo o que veio depois foi um anticlímax.

— Exato. Agora que esclarecemos a questão da Galinha Famosa, que posso fazer por si?

O rapaz respirou fundo e abriu o envelope. De dentro, tirou uma fotocópia e pousou-a ao lado da carta de

Rothstein em *Missivas do Olimpo*. O rosto de Drew Halliday permaneceu placidamente interessado enquanto olhava de um para o outro, mas, atrás do balcão, os dedos estavam entrelaçados com tanta força que as unhas arranjadas se enterraram nas costas das mãos. Soube, de imediato, para o que estava a olhar. As curvas nas pernas dos *y*, os *b* que estavam sempre sozinhos, os *h* muito altos e os *g* que iam até bem abaixo. A pergunta agora era quanto sabia «James Hawkins». Talvez não muito, mas com certeza bem mais do que um pouco. Senão, não estaria escondido atrás de um bigode ralo e óculos sem graduação que pareciam ter sido comprados numa farmácia ou numa loja de disfarces.

No cimo da página, o número 44 tinha um círculo em volta. Abaixo, havia um fragmento de poesia.

*O suicídio é circular, pelo menos é o que penso;
podes ter a tua opinião.
Porém, pensa no seguinte.*

*Uma praça logo após o amanhecer,
Talvez no México.
Ou na Guatemala, se preferires.
Qualquer lado onde os quartos ainda tenham
ventoinhas de madeira no teto.*

*De qualquer modo, tudo é blanco até ao céu azul,
Tirando as folhas de palmeira e
as rosas onde o rapaz em frente ao café
está a lavar a rua, ensonado.
Na esquina, à espera do primeiro*

Acabava ali. Drew olhou para o rapaz.

— Continua a falar sobre o primeiro autocarro do dia —

disse James Hawkins. — Daqueles que funcionam a eletricidade. *Trolebús* é como lhe chama. É a palavra espanhola para trólei. A mulher do homem que narra o poema, ou talvez seja a sua namorada, está morta no quarto. Matou-se com um tiro. Ele acabou de encontrá-la.

— Não me parece poesia imortal — comentou Drew.

No seu atual estado de estupefação, foi a única coisa que lhe *ocorreu* responder. Independentemente da qualidade, o poema era o primeiro texto inédito de John Rothstein a aparecer em mais de meio século. Ninguém o vira além do autor, daquele rapaz e do próprio Drew. A não ser que Morris Bellamy lhe tivesse dado uma olhadela, o que parecia improvável, considerando a grande quantidade de cadernos que ele alegava ter roubado.

A grande quantidade.

Meu Deus, a grande quantidade de cadernos.

— Não, sem dúvida não está à altura de Wilfred Owen ou de T. S. Eliot, mas acho que não é essa a questão, pois não?

Drew notou de repente que «James Hawkins» o observava com atenção. E via o quê? Provavelmente muita coisa. Drew estava habituado a ocultar as emoções; era necessário num negócio em que oferecer o preço mínimo ao vendedor era tão importante como obter o preço máximo do potencial comprador, mas aquilo era como o *Titanic* a subir de repente à superfície do oceano Atlântico, velho e enferrujado, mas *lá*.

Tudo bem, então admite.

— Não, provavelmente não.

A fotocópia e a carta para O'Connor ainda estavam lado a lado, e Drew não conseguiu evitar levar o dedo gorducho de uma a outra, entre os pontos de comparação.

— Se é uma falsificação, foi muito bem feita.

— Não é.

O rapaz parecia confiante.

— Onde a arranjou?

Ele desbobinou uma história ridícula que Drew mal ouviu, qualquer coisa sobre um tio Phil de Cleveland que morrera e deixara a coleção de livros ao jovem James, e entre eles estavam seis cadernos *Moleskine* com os livros e os volumes do Book of the Month Club, e acontece que, por acaso, esses seis cadernos, cheios de várias coisas interessantes, quase tudo poesia, alguns ensaios e contos fragmentados, eram textos de John Rothstein.

— Como soube que eram de Rothstein?

— Reconheci o estilo dele até nos poemas — respondeu Hawkins. Claramente era uma pergunta para a qual se preparara. — Estou a tirar literatura americana no City College e já li quase tudo dele. Mas há outras coisas. Por exemplo, este aqui é sobre o México, e Rothstein passou seis meses a viajar por lá depois de deixar de escrever.

— Como outra dezena de escritores americanos dignos de nota, incluindo Ernest Hemingway e o misterioso B. Traven.

— Pois, mas olhe para isto.

O rapaz tirou uma segunda fotocópia no envelope. Drew disse a si mesmo para não parecer ávido... e estendeu a mão para a folha com avidez. Comportava-se como se estivesse no negócio há três anos em vez de trinta, mas quem podia culpá-lo? Aquilo era grande. Era *enorme*. O problema era que «James Hawkins» parecia saber isso.

Ah, mas ele não sabe o que *eu* sei, o que inclui de onde vieram. A não ser que Morrie esteja a usá-lo como testa de ferro, mas qual é a probabilidade disso com Morrie ainda a apodrecer na Prisão Estadual de Waynesville?

A caligrafia na segunda fotocópia era da mesma pessoa,

mas não tão esmerada. Não houvera nada riscado ou coisas escritas na margem do fragmento de poesia, mas havia muito ali.

— Acho que ele estava bêbedo quando escreveu isto — disse o rapaz. — Bebia muito, sabe, até que parou. De repente. Leia. Vai ver sobre o que é.

O número no cimo da página era 77. O texto abaixo começava a meio de uma frase.

inesperados. Se bem que as boas críticas são sempre sobremesas doces a curto prazo, acabamos por descobrir que costumam causar indigestão — insónia, pesadelos e até dificuldades em fazer aquela importantíssima cagada da tarde — a longo prazo. E a estupidês é ainda mais impressionante nas boas do que nas más. Ver Jimmy Gold como algum tipo de referência, um HERÓI, até, é chamar a alguém como Billy the Kid (ou Charles Starkweather, o seu avatar mais próximo no século xx) ícone americano. Jimmy é como sempre foi, assim como tu ou eu; não segue o modelo de Huck Finn, mas de Etienne Lantier, a grande personagem da ficção do século xix! Se me afastei do olhar público, foi porque esse olhar está contaminado e não há motivo para lhe oferecer mais matereal. Como diria o próprio Jimmy, «Esta merda não quer dizer

Acabava ali, mas Drew sabia o que vinha depois, e tinha a certeza de que Hawkins também. Era o famoso lema de Jimmy, ainda visto às vezes em *t-shirts* tantos anos depois.

— Ele escreveu mal *estupidez* — foi tudo o que Drew conseguiu dizer.

— Sim, e *material*. Erros a sério, que não foram corrigidos por um revisor. — Os olhos do rapaz brilhavam.

Era um brilho que Drew já tinha visto muitas vezes, mas nunca numa pessoa tão jovem. — Está vivo, é o que acho. Vivo e a respirar. Vê o que ele diz sobre Étienne Lantier? É a personagem principal de *Germinal*, de Émile Zola. E é novidade! Percebe? É uma visão nova de uma personagem que toda a gente conhece, e vinda do próprio autor! Aposto que alguns colecionadores pagariam uma boa maquia por esse original e por todos os outros cadernos.

— Disse que tem seis em seu poder?

— Sim.

Seis. Não cem ou mais. Se o rapaz só tinha seis, não estava a agir em nome de Bellamy, a não ser que Morris tivesse encontrado um motivo para dividir a mercadoria. Drew não conseguia imaginar o velho amigo a fazer isso.

— São de tamanho médio, com oitenta páginas cada. Isso dá quatrocentas e oitenta páginas no total. Há muito espaço em branco, com poemas há sempre, mas nem tudo é poesia. Há também uns contos. Um é sobre Jimmy Gold em criança.

Mas havia uma pergunta: será que ele, Drew, *acreditava* mesmo que só havia seis? Seria possível que o rapaz estivesse a guardar a melhor parte? Se sim, estava a guardá-la porque queria vender o resto depois ou porque não queria vender? Para Drew, aquele brilho nos olhos sugeria a segunda opção, embora o rapaz talvez ainda não tivesse consciência disso.

— Senhor Halliday?

— Desculpe. Estou apenas a habituar-me à ideia de que isto pode mesmo ser material inédito de Rothstein.

— É, sim. — Não havia dúvida na voz dele. — E então, quanto?

— Quanto pagaria *eu*? — Drew achou que *filho* cairia bem agora, porque estavam prestes a começar a negociar.

— Filho, não sou propriamente feito de dinheiro. Nem estou totalmente convencido de que não são falsificações. Um embuste. Teria de ver os itens em questão.

Drew viu Hawkins a morder o lábio por trás do bigode ralo.

— Eu não estava a perguntar quanto pagaria *o senhor*, mas sim quanto pagariam os colecionadores particulares. Deve conhecer alguns que estejam dispostos a pagar bastante por coisas especiais.

— Conheço alguns, sim. — Conhecia mais de dez. — Mas não lhes escreveria com base em duas páginas fotocopiadas. Quanto a conseguir autenticação de um especialista em caligrafia... isso pode ser arriscado. Rothstein foi assassinado, sabe, o que torna isso mercadoria roubada.

— Se ele a deu a alguém antes de morrer, não — retorquiu o rapaz depressa, e Drew teve de se lembrar novamente de que ele se preparara para aquele encontro.

Mas eu tenho a experiência do meu lado, pensou ele. A experiência e a astúcia.

— Filho, não há como provar que foi isso que aconteceu.

— Também não há como provar que não foi.

Portanto: um impasse.

De repente, ele pegou nas duas fotocópias e enfiou-as no envelope.

— Espere aí — disse Drew, alarmado. — Eh lá. Calma.

— Não, foi um erro vir aqui. Há uma casa em Kansas City, a Jarrett's Fine Firsts and Rare Editions. É uma das maiores do país. Vou tentar lá.

— Se puder esperar uma semana, eu faço uns telefonemas — pediu Drew. — Mas terá de deixar as fotocópias.

O rapaz hesitou. Por fim, perguntou:

— Quanto acha que consegue?

— Por quase quinhentas páginas de material não publicado... caramba, talvez até nunca visto... de Rothstein? O comprador provavelmente iria querer uma análise de caligrafia feita por computador, há alguns bons programas que fazem isso, mas, partindo do princípio de que se provava a sua autenticidade, talvez... —Calculou o menor valor possível que poderia indicar sem parecer absurdo. — Talvez cinquenta mil dólares.

James Hawkins aceitou o valor, ou pareceu aceitar.

— E qual seria a sua comissão?

Drew riu com educação.

— Filho... James... nenhum negociante aceitaria comissão por um negócio destes, quando o autor, conhecido como proprietário em termos jurídicos, foi assassinado e o material provavelmente roubado. Dividiríamos o lucro a meio.

— Não. — A resposta foi imediata. Talvez o rapaz ainda não conseguisse ter um bigode de *motard*, mas tinha coragem e inteligência. — Setenta-trinta. Setenta para mim.

Drew poderia ceder agora, conseguir talvez duzentos e cinquenta mil dólares pelos seis cadernos e dar ao rapaz setenta por cento de cinquenta mil, mas não esperaria «James Hawkins» que ele regateasse, pelo menos um pouco? Não desconfiaria se ele aceitasse sem lutar?

— Sessenta-quarenta. É a minha última oferta, e é claro que na condição de conseguir um comprador. Seriam trinta mil dólares por cadernos que você encontrou enfiados numa caixa de cartão com exemplares velhos de *Tubarão* e *As Pontes de Madison County*. Não seria um lucro mau, diria eu.

O rapaz mudou o peso de um pé para o outro, inquieto, sem dizer nada, mas em conflito evidente.

Drew voltou a esboçar o sorriso de quem não faria mal a uma mosca.

— Deixe as fotocópias comigo. Volte daqui a uma semana e então digo-lhe como estamos. E vou dar-lhe um conselho: mantenha-se longe da loja do Jarrett. Ele vai deixá-lo sem nada.

— Quero receber em dinheiro.

Não queremos todos?, pensou Drew.

— Está a pôr a carroça à frente dos bois, filho.

O rapaz tomou uma decisão e pousou o envelope na secretária atulhada.

— Tudo bem. Eu volto.

Tenho a certeza de que sim. E acredito que a minha disposição para regatear vai ser maior quando apareceres, pensou Drew.

Estendeu a mão. O rapaz apertou-a de novo, o mais rapidamente que pôde sem deixar de ser educado. Como se tivesse medo de deixar impressões digitais. O que, de certa forma, já tinha feito.

Drew ficou parado até «Hawkins» sair, depois sentou-se na cadeira de escritório (que emitiu um gemido resignado) e ligou o *Macintosh*. Havia duas câmaras de segurança por cima da porta da frente, cada uma a apontar para um lado de Lacemaker Lane. Ele viu o rapaz dobrar a esquina da Crossway Avenue e desaparecer de vista.

O autocolante roxo na lombada de *Missivas do Olimpo* era a chave. Identificava o exemplar como um livro de biblioteca, e Drew conhecia todas as da cidade. O roxo queria dizer que era livro de referência na da Garner Street, e livros de referência não podiam ser requisitados. Se o rapaz tivesse tentado retirá-lo escondido debaixo do casaco

da faculdade, o alarme teria disparado quando ele passasse, porque o autocolante roxo também era um dispositivo antirroubo. O que levou a outra dedução digna de Sherlock Holmes quando se somava a isso o conhecimento óbvio que o rapaz tinha de literatura.

Drew entrou no *site* da biblioteca da Garner Street, onde havia todos os tipos de escolha: HORÁRIO DE VERÃO, CRIANÇAS & ADOLESCENTES, EVENTOS PRÓXIMOS, SÉRIES DE FILMES CLÁSSICOS e, por último, mas não menos importante, CONHEÇA A NOSSA EQUIPA.

Drew Halliday clicou no último *link* e não precisou de clicar mais, pelo menos por enquanto. Acima das pequenas biografias havia uma foto da equipa, umas vinte e poucas pessoas, reunidas no relvado da biblioteca. A estátua de Horace Garner, de livro aberto na mão, erguia-se atrás deles. Todos sorriam, inclusive um rapaz, sem o bigode e os óculos falsos. Na segunda fila, o terceiro a contar da esquerda. De acordo com a biografia, o jovem Peter Saubers estudava em Northfield High e trabalhava à tarde na biblioteca. Queria formar-se em Inglês e especializar-se em biblioteconomia.

Drew continuou a pesquisa, com a ajuda do apelido pouco comum. Estava a suar ligeiramente, e porque não? Seis cadernos já pareciam uma miséria, só provocação. *Todos* os cadernos, alguns com o quarto livro de Jimmy Gold — se o seu amigo maluco tivesse estado certo tantos anos antes —, podiam valer até cinquenta milhões de dólares se fossem vendidos a colecionadores diferentes. A continuação da trilogia Jimmy Gold por si só poderia chegar a vinte. E com Morris Bellamy enfiado na prisão, a única coisa no seu caminho era um adolescente que ainda não era capaz de deixar crescer o bigode.

O empregado de mesa William volta com a conta e Drew deposita o cartão American Express na pasta estreita de couro. Não será rejeitado, ele tem a certeza. Não tem tanta certeza quanto aos outros dois cartões, mas mantém o Amex relativamente limpo, pois é o que usa nas transações comerciais.

Os negócios não foram muito bons nos últimos anos, embora *devessem* ter sido. Deviam ter sido ótimos, principalmente entre 2008 e 2012, quando a economia americana se afundara e não parecera haver esperança de se reerguer. Em épocas assim, o valor de bens preciosos — coisas reais, não *bytes* de computador na Bolsa de Valores de Nova Iorque — subia sempre. Ouro e diamantes, claro, mas também arte, antiguidades e livros raros. O cabrão do Michael Jarrett em Kansas City andava montado num *Porsche*. Drew viu isso na página de Facebook dele.

Os seus pensamentos voltam-se para o segundo encontro com Peter Saubers. Quem lhe dera que o rapaz não tivesse descoberto a terceira hipoteca; isso fora um ponto de viragem. Talvez o ponto de viragem.

A maré de azar de Drew começara com o maldito livro de James Agee, *Let Us Now Praise Famous Men*. Era um belo exemplar, em perfeitas condições, assinado por Agee e Walker Evans, o homem que tirara as fotografias. Como iria Drew saber que era roubado?

Tudo bem, talvez *soubesse*, os sinais estavam todos lá, a saltar à vista, e ele devia ter desistido da compra, mas o vendedor não fizera ideia do verdadeiro valor do livro, e Drew baixara um pouco a guarda. Não o suficiente para ter de pagar uma multa ou ser preso, graças a Deus, mas os resultados tinham sido duradouros. Desde 1999 que o

acompanhava um certo *aroma* sempre que ia a convenções, simpósios e leilões de livros. Negociantes e compradores de boa reputação costumam evitá-lo, a não ser (e essa é a ironia) que tenham alguma coisa um pouco suspeita que queiram converter em dinheiro fácil. Às vezes, quando não consegue dormir, Drew pensa: *Estão a empurrar-me para o lado negro. A culpa não é minha. Eu sou a vítima nisto tudo.*

Tudo isto torna Peter Saubers ainda mais importante.

William volta com a pasta de couro, o rosto solene. Drew não gosta disso. Talvez o cartão tenha sido rejeitado. E então o seu empregado preferido sorri, e Drew solta o ar que estava a sustentar, com um suspiro ténue.

— Obrigado, senhor Halliday. É sempre um prazer vê-lo.

— Igualmente, William. Igualmente, a sério.

Assina com um floreado e enfia o Amex, um pouco abaulado, mas não partido, de novo na carteira.

Na rua, a caminho da loja (a ideia de que se bamboleia enquanto anda nunca lhe ocorre), os seus pensamentos voltam-se para a segunda visita do rapaz, que correu *relativamente* bem, mas não tanto como Drew esperara. No primeiro encontro, o rapaz parecera tão pouco à vontade que Drew tivera receio de ele se sentir tentado a destruir os preciosos manuscritos que encontrara por acaso. Mas o brilho nos seus olhos refutava isso, principalmente quando falara da segunda fotocópia, com as divagações bêbedas sobre os críticos.

A coisa ainda não morreu, dissera Saubers. *É o que acho.*

E o rapaz pode matá-la?, interroga-se Drew ao entrar na loja e virar a placa de FECHADO para ABERTO. Acho que não. Tal como não pode deixar as autoridades levarem o tesouro, apesar das suas ameaças.

Amanhã é sexta-feira. O rapaz prometeu visitá-lo logo

depois das aulas, para fecharem negócio. O rapaz acha que vai haver negociações. Acha que ainda tem algumas cartas na manga. Talvez até tenha... mas as de Drew são melhores.

A luz do atendedor de chamadas está a piscar. Deve ser alguém a querer vender-lhe um seguro ou prolongar a garantia do seu pequeno carro (a ideia de Jarrett montado num *Porsche* em Kansas City belisca-lhe momentaneamente o ego), mas não pode saber enquanto não verificar. Há milhões de dólares ao seu alcance, mas, até estarem na sua mão, é um negócio como outro qualquer.

Drew decide ver quem ligou enquanto ele estava a almoçar e reconhece a voz de Saubers desde a primeira palavra.

Cerra os punhos enquanto ouve a mensagem.

11

Quando o artista antes conhecido como Hawkins foi até lá na sexta seguinte à primeira visita, o bigode estava um pouco mais farto, mas os passos ainda eram hesitantes, um animal tímido a aproximar-se de um isco delicioso. Drew já descobrira muito sobre ele e a família naquela altura. E sobre as páginas fotocopiadas também. Três programas informáticos diferentes confirmaram que a carta para Flannery O'Connor e a caligrafia das fotocópias tinham sido escritas pelo mesmo homem. Dois desses programas comparavam caligrafia. O terceiro (não totalmente confiável, considerando o tamanho pequeno das amostras fotocopiadas) apontava para certas similaridades estilísticas, coisa que o próprio rapaz já notara. Os resultados eram ferramentas guardadas para o momento

em que Drew abordaria possíveis compradores. Pessoalmente não tinha dúvidas, depois de ter visto um dos cadernos com os próprios olhos trinta e seis anos antes, sentado a uma mesa no exterior do Happy Cup.

— Olá — cumprimentou Drew. Dessa vez, não estendeu a mão.

— Oi.

— Não trouxe os cadernos.

— Preciso primeiro de um número. O senhor disse que faria alguns telefonemas.

Drew não fizera nenhum. Ainda era demasiado cedo para isso.

— Se bem se lembra, *dei-lhe* um número. Disse que a sua parte seriam trinta mil dólares.

O rapaz abanou a cabeça.

— Isso não chega. E sessenta-quarenta também não. Teria de ser setenta-trinta. Não sou parvo. Sei o que tenho.

— Eu também sei algumas coisas. O seu verdadeiro nome é Peter Saubers. Não estuda no City College; estuda em Northfield High e trabalha a tempo parcial na biblioteca da Garner Street.

O rapaz arregalou os olhos. A boca abriu-se. Vacilou e, por um momento, Drew julgou que ia desmaiar.

— Como...?

— O livro que trouxe. *Missivas do Olimpo*. Reconheci o autocolante da Sala de Referência. Depois disso, foi fácil. Até sei onde mora: na Sycamore Street.

E isso fazia muito sentido, tinha até um toque divino. Morris Bellamy vivera naquela mesma casa na Sycamore Street. Drew nunca lá fora; desconfiava que Morris não queria que ele conhecesse a mãe vampira, mas os registos municipais provavam-no. Teriam os cadernos estado escondidos atrás de uma parede na cave ou enterrados no

chão da garagem? Drew apostava que fora uma coisa do gênero.

Inclinou-se o máximo que a barriga permitia e encarou os olhos consternados do rapaz.

— E há mais. O seu pai ficou gravemente ferido no Massacre do Centro Cívico de 2009. Estava lá porque ficou desempregado em 2008. Encontrei um artigo de jornal datado de há dois anos que falava da vida dos sobreviventes. Li-o, achei-o interessante. A sua família mudou-se para North Side depois de o seu pai ficar ferido, o que deve ter sido uma perda de nível considerável, mas os Saubers caíram de pé. Houve cortes aqui e ali por apenas a sua mãe estar a trabalhar, mas muitas famílias ficaram pior. A história do sucesso americano. Caiu? Levante-se e regresse à corrida! Só que a história não dizia como a sua família conseguiu isso, pois não?

O rapaz molhou os lábios, tentou falar, não conseguiu, aclarou a garganta, tentou de novo.

— Vou-me embora. Vir aqui foi um grande erro.

Afastou-se do balcão.

— Peter, se sair por aquela porta, posso garantir que será preso esta noite. O que seria uma pena com toda a sua vida pela frente.

Saubers virou-se com olhos arregalados e a boca aberta, a tremer.

— Também investiguei o homicídio de Rothstein. A polícia acreditava que os ladrões que o mataram só levaram os cadernos porque estavam no cofre juntamente com o dinheiro. Segundo a versão oficial, assaltaram a casa pela razão por que os ladrões costumam assaltar casas: dinheiro. Muita gente na cidade onde ele vivia sabia que o velhote guardava dinheiro em casa, talvez muito. Essas histórias circularam em Talbot Corners durante anos. Por

fim, as pessoas erradas decidiram descobrir se elas eram verdadeiras. E eram, não eram?

Saubers voltou para junto da secretária. Lentamente. Passo a passo.

— Você encontrou os cadernos roubados, mas também encontrou dinheiro roubado, é o que acho. O suficiente para ajudar a sua família até o seu pai voltar a endireitar-se. Literalmente, porque o artigo dizia que ele ficou muito ferido. Os seus pais sabem, Peter? Estão envolvidos? Mandaram-no aqui para vender os cadernos agora que o dinheiro acabou?

A maior parte do que disse foi palpite; se Morris dissera alguma coisa sobre dinheiro naquele dia em frente ao Happy Cup, Drew não se lembrava. Mas observou cada palpite acertar em cheio como socos no rosto e na barriga. Drew sentiu o prazer de qualquer detetive ao ver que seguira um trilha verdadeiro.

— Não sei do que está a falar. — O rapaz soava mais como um robô do que como um ser humano.

— E, quanto a haver só seis cadernos, isso não bate certo. Rothstein parou de produzir em 1960, depois de publicar o último conto na *New Yorker*. Foi assassinado em 78. É difícil acreditar que só tenha enchido seis cadernos de oitenta páginas em dezoito anos. Aposto que há mais. *Muito* mais.

— Não pode provar nada. — Ainda com aquele mesmo tom robótico. Saubers estava a cambalear; mais dois ou três socos, e cairia. Aquilo era emocionante.

— O que encontraria a polícia se fosse a sua casa com um mandado de busca, meu jovem amigo?

Em vez de cair, Saubers recompôs-se. Se não tivesse sido tão irritante, teria sido admirável.

— E quanto a si, senhor Halliday? Já estive em apuros

uma vez por tentar vender o que não era seu.

Tudo bem, aquele golpe acertou... mas só de raspão. Drew assentiu com alegria.

— Foi por isso que me procurou, não foi? Descobriu a história do Agee e achou que eu poderia ajudá-lo a fazer uma transação ilegal. Só que as minhas mãos estavam limpas na altura e estão limpas agora. — Abriu-as para demonstrar. — Eu diria que gastei algum tempo para ter a certeza de que o que estava a tentar vender-me era real, e, quando tive, cumpri o meu dever cívico e liguei para a polícia.

— Isso não é verdade! Não é e o senhor sabe!

Bem-vindo ao mundo real, Peter, pensou Drew. Não disse nada, só deixou o rapaz refletir sobre a confusão em que se metera.

— Eu posso queimar tudo. — Saubers parecia estar a falar consigo mesmo e não com Drew, como se a avaliar a ideia. — Posso ir para c... para onde eles estão e deitar fogo a tudo.

— Quantos são? Oitenta? Cento e vinte? Cento e *quarenta*? Encontrariam resíduos, filho. As cinzas. E, mesmo que não encontrassem, tenho as páginas fotocopiadas. Eles começariam por perguntar como é que a sua família *conseguiu* passar pela recessão tão bem, principalmente com os ferimentos do seu pai e todas as despesas médicas. Acho que um contabilista competente talvez descobrisse que as despesas da sua família ultrapassavam bem os rendimentos.

Drew não fazia ideia se era verdade, mas o rapaz também não. Estava quase em pânico agora, e isso era bom. Pessoas em pânico não pensavam com clareza.

— Não há provas. — A voz de Saubers era um sussurro. — O dinheiro acabou.

— Tenho a certeza de que acabou, senão você não estaria aqui. Mas o rasto financeiro continua a existir. E sabe quem vai segui-lo além da polícia? O fisco! Quem sabe, Peter, talvez os seus pais também acabem na prisão por fuga ao fisco. Isso deixaria a sua irmã... Tina, não é?... sozinha, mas talvez tenha uma tia velha e bondosa com quem possa viver até os pais serem libertados.

— O que quer?

— Não seja idiota. Quero os cadernos. *Todos*.

— Se eu lhos entregar, o que ganho com isso?

— A certeza de que está livre e limpo. O que, considerando a sua situação, tem um valor inestimável.

— Está a falar a *sério*?

— Filho...

— Não me chame isso! — O rapaz cerrou os punhos.

— Peter, pense bem. Se se recusar a dar-me os cadernos, vou denunciá-lo à polícia. Mas, se mos der, o meu poder sobre si desaparece, porque recebi propriedade roubada. Você estará em segurança.

Enquanto falava, Drew aproximou o indicador do botão do alarme silencioso sob a secretária. Premi-lo era a última coisa que queria fazer no mundo, mas não gostava de ver aqueles punhos fechados. No seu pânico, podia ocorrer a Saubers que só havia outra forma de silenciar Drew Halliday. Estavam a ser filmados por câmaras, mas o rapaz talvez não soubesse disso.

— E o senhor safa-se com centenas de milhares de dólares — disse Saubers com amargura. — Talvez até milhões.

— Você ajudou a sua família numa época difícil — disse Drew. Pensou em acrescentar «Porquê ser ganancioso?», mas, considerando as circunstâncias, isso poderia soar um pouco... inoportuno. — Acho que deve ficar satisfeito com

isso.

A expressão do rapaz oferecia uma resposta silenciosa: *É fácil falar.*

— Preciso de tempo para pensar.

Drew assentiu, mas não em concordância.

— Compreendo o que sente, mas não. Se sair daqui agora, posso prometer que uma viatura de polícia estará à sua espera quando chegar a casa.

— E o senhor vai perder um bom dinheiro.

Drew encolheu os ombros.

— Não seria a primeira vez.

Mas nunca fora uma quantia daquelas, isso era verdade.

— O meu pai trabalha com imóveis, sabia?

A mudança repentina de assunto abalou um pouco Drew.

— Sim, vi isso quando fiz a minha pesquisa. Tem o seu próprio negócio agora, que bom. Mas acredito que o dinheiro de John Rothstein deve ter sido usado para pagar parte dos custos iniciais.

— Pedi-lhe para investigar todas as livrarias da cidade — disse Saubers. — Disse que estava a fazer um trabalho para a escola sobre o impacto dos livros digitais nas livrarias tradicionais. Isso foi antes de vir falar consigo, quando ainda estava a decidir se devia correr o risco. Ele descobriu que o senhor pediu uma terceira hipoteca para esta propriedade o ano passado e que só a conseguiu por causa da localização, porque Lacemaker Lane é elegante e tal.

— O que tem isso que ver com o assunto em discus...

— Tem razão, a minha família passou um mau bocado, e sabe que mais? Ganhei um certo faro para identificar pessoas em apuros. Mesmo sendo adolescente. Talvez principalmente por ser adolescente. Acho que o senhor está

numa situação bastante complicada.

Drew ergueu o dedo que estivera próximo do alarme silencioso e apontou-o para Saubers.

— Não se meta comigo, rapaz.

A cor tinha voltado ao rosto de Saubers em áreas vermelhas intensas, e Drew viu algo de que não gostou e que não esperara: enfurecera o rapaz.

— Sei que está a tentar forçar-me a tomar uma decisão, e isso não vai resultar. Sim, é verdade, tenho os cadernos. São cento e sessenta e cinco. Nem todos estão cheios, mas a maioria está. E adivinhe? Não era uma trilogia Jimmy Gold, era uma *série* Jimmy Gold. Há mais dois romances naqueles cadernos. São rascunhos, é verdade, mas estão bastante limpos.

O rapaz falava cada vez mais depressa, percebendo tudo aquilo que Drew esperara que lhe escapasse por estar demasiado assustado.

— Estão escondidos, mas acho que tem razão: se chamar a polícia, vão encontrá-los. Só que os meus pais nunca souberam, e acho que os agentes vão acreditar neles. Quanto a mim... ainda sou menor. — Até esboçou um pequeno sorriso, como se tivesse acabado de reparar naquilo. — Não me vão fazer muita coisa, pois não roubei os cadernos nem o dinheiro. Nem sequer tinha nascido. O senhor vai sair limpo, mas também não vai ter nada para vender. Quando o banco se apoderar deste estabelecimento, e o meu pai disse que isso vai acontecer mais tarde ou mais cedo, e um Au Bon Pain abrir aqui, virei cá comer um *croissant* em sua honra.

— Foi um discurso e tanto — comentou Drew.

— Bem, agora acabou. Vou-me embora.

— Estou a avisar, está a ser muito idiota.

— Já lhe disse, preciso de tempo para pensar.

— Quanto tempo?

— Uma semana. E o senhor também precisa de pensar, senhor Halliday. Talvez ainda possamos fazer negócio.

— Espero que sim, *filho*. — Drew usou a palavra de propósito. — Porque, se não, vou fazer o telefonema. Não é nenhum *bluff*.

A bravata do rapaz desabou. Os seus olhos encheram-se de lágrimas, mas, antes que pudessem cair, ele deu meia-volta e saiu.

12

Agora, há esta mensagem de voz que Drew ouve com fúria, mas também medo, porque o rapaz soa tão frio e contido à superfície e tão desesperado por baixo.

— Não posso ir amanhã como prometi. Esqueci-me completamente do encontro para delegados de turma e fui eleito vice-presidente para o próximo ano. Sei que parece desculpa, mas não é. Acho que me esqueci porque o senhor ameaçou mandar prender-me e tudo o mais.

Apaga isto já, pensa Drew, com as unhas cravadas nas palmas das mãos.

— É no *resort* de River Bend, em Victor County. Apanhamos um autocarro amanhã às oito da manhã. É dia de formação profissional para os professores, portanto não há aulas. Voltamos domingo à noite. Somos vinte. Pensei em pedir para não ir, mas os meus pais já estão preocupados comigo. A minha irmã também. Se eu não for, vão perceber que se passa alguma coisa. Acho que a minha mãe pensa que engravidei alguma rapariga.

O rapaz dá uma gargalhada curta e meio histérica. Drew acha que não existe coisa mais aterradora do que rapazes

de dezassete anos. Não se tem ideia nenhuma do que eles vão fazer.

— Vou aí na segunda — continua Saubers. — Se esperar até lá, talvez possamos chegar a algum acordo. A um meio-termo. Tive uma ideia. E se acha que estou a inventar esta história do retiro, ligue para o *resort* e verifique a reserva. Conselho diretivo da Northfield High School. Talvez o veja na segunda. Se não, não. Ad...

É nesse momento que o tempo da mensagem, mais longo do que o normal para clientes que ligam de madrugada, em geral da Costa Oeste, finalmente acaba. *Bip.*

Drew senta-se na cadeira (ignorando o seu gemido desesperado, como sempre) e olha para o atendedor de chamadas durante quase um minuto. Não sente necessidade de ligar para o *resort* de River Bend... que, curiosamente, fica a apenas nove ou dez quilómetros da penitenciária onde o verdadeiro ladrão dos cadernos está agora a cumprir prisão perpétua. Drew tem a certeza de que Saubers está a dizer a verdade sobre o retiro, porque é muito fácil de verificar. Não tem tanta certeza sobre o motivo de não querer saltar fora. Talvez Saubers tenha decidido que Drew estava a fazer *bluff* sobre envolver a polícia. Mas não é um *bluff*. Ele não tem intenção de deixar o rapaz ficar com o que ele próprio não pode ter. De uma forma ou de outra, o estuporzinho vai abrir mão dos cadernos.

Vou esperar até segunda à tarde, pensa Drew. Posso esperar até lá, mas então esta situação vai ser resolvida, de uma forma ou de outra. Já lhe dei demasiada corda.

Drew reflete que o jovem Saubers e o seu velho amigo Morris Bellamy, embora em extremos opostos do espectro etário, são muito parecidos no que diz respeito aos

cadernos de Rothstein. Desejam o que há *dentro* deles. Era por isso que o rapaz só queria vender-lhe seis, provavelmente os seis que achava menos interessantes. Já Drew não liga muito a John Rothstein. Leu *O Corredor*, mas só porque Morris insistiu. Nunca se deu ao trabalho de ler os outros dois nem o livro de contos.

Esse é o teu calcanhar de Aquiles, filho, pensa Drew. Essa tara de colecionador. Já eu, por outro lado, só ligo ao dinheiro, e o dinheiro simplifica tudo. Então, força. Desfruta do teu fim de semana de política a fingir. Quando voltares, vamos conversar a sério.

Drew inclina-se por cima da barriga e apaga a mensagem.

13

No regresso à cidade, Hodges apercebe-se de que tresanda e decide fazer um desvio rápido por casa para comer um hambúrguer vegetariano e tomar um duche rápido. E também mudar de roupa. A Harper Road não fica muito fora de mão, e Hodges estará bastante mais confortável com calças de ganga. Uma das maiores vantagens de trabalhar por conta própria, na opinião dele, é poder usar calças de ganga.

Pete Huntley liga quando ele está a sair de casa, para informar o antigo parceiro de que Oliver Madden está preso. Hodges felicita Pete e acabou de se sentar ao volante do *Prius* quando o telemóvel toca de novo. Dessa vez, é Holly.

— Onde estás, Bill?

Hodges olha para o relógio e vê que já são três e um quarto. Como o tempo voa quando estamos a divertir-nos,

pensa.

— Em casa. A caminho do escritório.

— Que foste *aí* fazer?

— Parei para tomar um duche. Não quis ofender o teu olfato delicado. E não me esqueci da Barbara. Vou ligar assim que...

— Não é preciso. Ela está aqui com uma amiga chamada Tina. Vieram de táxi.

— De táxi?

Normalmente, as crianças nem *pensam* em apanhar táxis. Talvez o que Barbara queira discutir seja mais sério do que ele imaginava.

— Sim. Pus as duas no teu gabinete. — Holly baixa a voz. — A Barbara está apenas preocupada, mas a outra parece morta de medo. Acho que se meteu em apuros. Vem assim que puderes, Bill.

— Está descansada.

— E despacha-te. Sabes que não sou boa a lidar com emoções fortes. Estou a tratar disso com a minha psicóloga, mas neste momento *não* consigo.

— Vou a caminho. Chego dentro de vinte minutos.

— Devo ir comprar-lhes *Coca-Cola*?

— Não sei. — O semáforo ao fundo da colina fica amarelo. Hodges carrega no acelerador e passa por ele. — Usa o teu bom senso.

— Mas eu tenho tão pouco — queixa-se Holly, e, antes que ele possa responder, ela diz-lhe de novo que se apresse e desliga.

atordado Oliver Madden e Drew Halliday comia os seus ovos Benedict, Peter Saubers encontrava-se na enfermaria de Northfield High, alegando ter uma enxaqueca e a pedir para ser dispensado das aulas da tarde. A enfermeira preencheu o papel sem hesitar, porque Pete é dos bons alunos: tira boas notas, faz muitas atividades escolares (ainda que nenhum desporto) e apresenta assiduidade quase perfeita. Além do mais, *parecia* mesmo ter uma enxaqueca. Estava pálido e tinha olheiras. Ela perguntou se ele precisava de boleia para casa.

— Não — respondeu Pete. — Vou de autocarro.

Ela deu-lhe um *Advil*, era a única coisa que podia prescrever para dores de cabeça, mas Pete recusou e disse que tinha comprimidos especiais para enxaquecas. Esquecera-se de levá-los naquele dia, mas disse que tomaria um assim que chegasse a casa. Mentiou tranquilamente porque estava mesmo com dor de cabeça. Mas não do tipo físico. A dor de cabeça dele era Andrew Halliday, e nem sequer um dos analgésicos da mãe (é ela quem sofre de enxaquecas na família) a faria desaparecer.

Pete sabia que ele próprio tinha de cuidar disso.

15

Não tenciona apanhar o autocarro. O próximo é só dali a meia hora, e ele pode estar na Sycamore Street em quinze minutos se correr, e vai correr, porque aquela tarde de quinta é tudo o que tem. Os pais estão no trabalho e só voltam às quatro. Tina não vai estar em casa. *Diz* que foi convidada para passar duas noites com a antiga amiga Barbara Robinson em Teaberry Lane, mas Pete acha que talvez ela se tenha convidado. Se for isso, deve querer dizer

que a irmã ainda não perdeu a esperança de estudar em Chapel Ridge. Pete acha que talvez ainda possa ajudá-la com isso, mas só se tudo correr bem. É um «se» muito grande, mas ele tem de fazer *alguma coisa*. Se não fizer, vai enlouquecer.

Perdeu peso depois de cometer o erro de ir ter com Andrew Halliday. Além disso, a acne do começo da adolescência está a voltar em força e, claro, há aquelas olheiras. Anda a dormir mal, e o pouco sono que tem é assombrado por pesadelos. Depois de acordar, geralmente encolhido na posição fetal, com o pijama húmido de suor, Pete fica na cama a tentar pensar numa saída da armadilha em que se meteu.

Tinha-se mesmo esquecido do encontro, e quando a senhora Gibson, que iria acompanhá-los, o recordou no dia anterior, o seu cérebro começou a trabalhar a grande velocidade. Isso foi depois da aula de francês, no quinto tempo, e antes de chegar à aula de cálculo, a duas portas de distância, já tem o esboço de um plano na cabeça. Depende parcialmente de um velho carrinho vermelho e mais ainda de um certo molho de chaves.

Quando se afasta da escola, Pete liga para a Andrew Halliday Rare Editions, um número que deseja não ter gravado na memória do telemóvel. Ouve o atendedor de chamadas, o que pelo menos o poupa a outra discussão. A mensagem que deixa é longa, e a máquina interrompe-o quando está a terminar, mas não faz mal.

Se conseguir tirar os cadernos de casa, a polícia não vai encontrar nada, com ou sem mandado. Está confiante de que os pais vão ficar calados sobre o dinheiro misterioso, como sempre ficaram. Quando Pete enfia o telemóvel no bolso das calças de sarja, uma frase da aula de latim do primeiro ano surge na sua mente. É assustadora em

qualquer língua, mas encaixa perfeitamente na situação.

Alea iacta est.

A sorte está lançada.

16

Antes de entrar em casa, Pete passa na garagem para ter a certeza de que o carrinho de mão de Tina ainda está lá. Muitas coisas foram despachadas na venda de garagem que fizeram antes de sair da antiga casa, mas Tina fez uma birra tão grande por causa do carrinho com as antiquadas partes laterais de madeira que a mãe acabou por ceder. Pete não o vê logo e fica preocupado. Depois, encontra o carrinho no canto e solta um suspiro de alívio. Lembra-se de Tina andar de um lado para o outro no relvado com todos os bonecos de peluche lá dentro (a *Senhora Beasley* tinha um lugar de honra, claro), dizendo-lhes que iam fazer um niquenique no bosque, com sandubiches de fiambe e bolachas de gengibe para quem se portasse bem. Tinham sido dias bons, antes de o alucinado ao volante do *Mercedes* roubado mudar tudo.

Nunca mais houve niqueniques depois disso.

Pete entra em casa e vai direito ao pequeno escritório do pai. O seu coração bate furiosamente, porque este é o cerne do plano. As coisas podem correr mal mesmo que encontre as chaves de que precisa, mas, se não encontrar, tudo acaba antes mesmo de começar. Ele não tem um plano B.

Apesar de o negócio de Tom Saubers ser mais voltado para pesquisa imobiliária — encontrar propriedades interessantes à venda ou que possam ficar à venda em breve e passá-las para pequenas imobiliárias e operadores

independentes —, ele começou a voltar aos poucos às vendas, embora de forma modesta e só em North Side. Isso não rendeu muito em 2012, mas, nos últimos dois anos, conseguiu várias comissões razoáveis, e tem exclusividade numas dez propriedades no bairro das ruas com nomes de árvores. Uma destas, e a ironia não passou despercebida a nenhum deles, é o número 49 da Elm Street, a casa que pertenceu a Deborah Hartsfield e ao filho, Brady, mais conhecido como Assassino do Mercedes.

— Devo demorar um pouco a vender aquela — disse o pai certa noite durante o jantar, e depois até se rira.

Há um quadro de cortiça na parede à esquerda do computador. As chaves das várias propriedades que o pai representa estão penduradas ali, cada uma num porta-chaves. Pete analisa o quadro ansiosamente, encontra o que quer, o que *precisa*, e comemora dando um soco no ar. A etiqueta no porta-chaves diz C. R. BIRCH STREET.

— É pouco provável que eu consiga vender aquele elefante de tijolo — comentou Tom Saubers noutro jantar —, mas, se conseguir, podemos dizer adeus a esta casa e voltar para a Terra dos Jacúzis e dos *BMW*.

É o que ele chama sempre ao West Side.

Pete enfia as chaves do centro recreativo no bolso, juntamente com o telemóvel, depois sobe as escadas e vai buscar as mesmas malas que usou quando levou os cadernos para casa. Dessa vez, precisa delas para um transporte curto. Sobe até ao sótão e enfia os cadernos nas malas (tratando-os com cuidado mesmo na pressa). Desce-as para o primeiro andar uma a uma, descarrega os cadernos na cama, devolve as malas ao armário dos pais e corre para *baixo*, até à cave. Está a suar profusamente devido ao esforço e deve tresandar como a jaula dos macacos no jardim zoológico, mas só vai ter tempo de

tomar duche mais tarde. No entanto, devia trocar a camisola. Tem um polo do Key Club que vai servir perfeitamente para o que vem a seguir. O Key Club está sempre a fazer serviço comunitário.

A mãe guarda algumas caixas vazias na cave. Pete agarra em duas das maiores e sobe novamente, passando primeiro pelo escritório do pai para ir buscar um marcador.

Lembra-te de o devolver quando arrumares a chave, pensa ele. Lembra-te de devolver *tudo*.

Guarda os cadernos nas caixas, todos, menos os seis que ainda pretende vender a Andrew Halliday, e fecha as abas. Usa o marcador para escrever UTENSÍLIOS DE COZINHA nas duas, em maiúsculas grandes. Olha para o relógio. Tem tempo de sobra... desde que Halliday não ouça a mensagem e o denuncie, claro. Pete não acredita que isso vá acontecer, mas sabe que não é impossível. Está em território desconhecido. Antes de sair do quarto, esconde os seis cadernos restantes atrás da tábua solta do armário. Mal tem espaço suficiente, porém, se tudo correr bem, eles não vão ficar ali muito tempo.

Carrega as caixas para a garagem e larga-as no antigo carrinho de mão de Tina. Avança pela entrada da garagem, mas lembra-se de que não trocou o polo, e sobe a escada de novo. Quando está a tirá-lo pela cabeça, percebe uma coisa: deixou os cadernos na entrada da garagem. Valem uma pipa de massa, e ali estão, em plena luz do dia, onde qualquer pessoa poderia aparecer e levá-los.

Idiota!, repreende-se. Idiota, idiota, idiota de merda!

Pete desce a escada a correr, com o polo novo já colado pelo suor às costas. O carrinho está lá, claro, quem se daria ao trabalho de roubar caixas identificadas como utensílios de cozinha? Dââ! Mas foi uma coisa idiota de se fazer, as pessoas roubam tudo a que podem deitar a mão, e isso faz

surgir uma pergunta válida: quantas outras idiotices está ele a fazer?

Pete pensa: Nunca me devia ter metido nisto, devia ter chamado a polícia e entregado o dinheiro e os cadernos assim que os encontrei.

Mas, como tem o hábito desconfortável de ser sincero consigo mesmo (na maior parte do tempo, pelo menos), sabe que, se pudesse voltar atrás no tempo, provavelmente faria quase tudo da mesma maneira, porque na altura os pais estavam prestes a separar-se, e ele amava-os muito para não tentar impedir que isso acontecesse.

E resultou, pensa. O grande problema foi não ter parado quando estava a ganhar.

Mas.

Demasiado tarde agora.

17

O seu primeiro impulso fora guardar os cadernos na arca enterrada, mas rejeitou essa ideia quase de imediato. Se a polícia aparecesse com um mandado de busca, como Halliday ameaçara, onde procuraria depois de não encontrar os cadernos na casa? Bastaria ir à cozinha e reparar no terreno baldio atrás do quintal. O local perfeito. Se seguissem o trilho e vissem uma área de terra remexida recentemente perto do riacho, seria o fim. Não, assim é melhor.

Mas mais assustador.

Puxa o velho carrinho de Tina pelo passeio e vira para a Elm Street. John Tighe, que vive na esquina da Sycamore com a Elm, está a cortar a relva. O seu filho, Bill, lança um disco ao cão da família. O disco voador passa por cima da

cabeça do cão e cai no carrinho, entre as duas caixas.

— Lança-mo! — grita Billy Tighe, correndo pelo relvado. O cabelo castanho balança. — Lança-mo com força!

Pete lança-o, mas faz que não a Billy quando ele tentar lançar-lho de novo. Alguém buzina quando ele vira para a Birch Street, e Pete quase morre de susto, mas é só Andrea Kellogg, a mulher que arranja o cabelo a Linda Saubers uma vez por mês. Ele levanta-lhe os polegares e esboça o que espera ser um sorriso alegre. *Pelo menos, ela não quer jogar ao disco*, pensa.

E ali está o edifício, uma caixa de tijolo de dois andares com uma placa à frente a dizer VENDE-SE e LIGUE PARA THOMAS SAUBERS IMÓVEIS, e o telemóvel do pai logo abaixo. As janelas do rés do chão foram entaipadas para evitar que os miúdos as partissem, mas, de resto, o aspeto do prédio é ótimo. Há alguns grafítis, claro, mas o centro recreativo já era alvo deles quando estava aberto. O relvado na frente está aparado. É obra do pai, pensa Pete com certo orgulho. Deve ter contratado algum rapaz para fazer isto. Eu teria feito de graça se ele me tivesse pedido.

Estaciona o carrinho junto aos degraus da entrada, sobe com uma caixa de cada vez e está a tirar as chaves do bolso quando um *Datsun* velho para. É o senhor Evans, que treinava a liga infantil quando ainda havia liga de basebol naquele lado da cidade. Pete jogou para ele quando o senhor Evans treinava os Zebras do Zoney's Go-Mart.

— Olá, defesa central!

Inclina-se para abrir a janela do passageiro.

Merda, Pete pensa. Merda, merda, merda.

— Olá, treinador Evans.

— O que estás a fazer? Vão voltar a abrir o centro?

— Que eu saiba, não. — Pete preparou uma história

para essa situação, mas esperava não precisar de usá-la. — Vai haver qualquer coisa política na semana que vem. Liga das Mulheres Eleitoras? Talvez um debate? Não tenho a certeza.

Pelo menos é plausível, porque é ano de eleições — as primárias teriam lugar dali a poucas semanas — e não faltam problemas municipais.

— Há muito que discutir, sem dúvida. — O senhor Evans, acima do peso, simpático, que nunca foi bom estratega mas era ótimo a animar a equipa e gostava sempre de distribuir refrigerantes depois dos jogos e dos treinos, usa o velho boné dos Zoney Zebras, agora desbotado e manchado de suor. — Precisas de ajuda?

Ah, por favor, não. *Por favor.*

— Não, eu desenrasco-me.

— Ei, tenho muito gosto em dar-te uma mãozinha.

O antigo treinador de Pete desliga o *Datsun* e começa a mexer-se no banco, pronto para sair.

— A sério, treinador, não é preciso. Se me ajudar, vou terminar muito depressa e terei de voltar para a aula.

O senhor Evans ri e volta a acomodar-se no banco.

— Percebo. — Liga o motor, e o *Datsun* peida fumo azul. — Mas não te esqueças de trancar tudo quando terminares, ouviste?

— Certo — responde Pete.

As chaves do centro recreativo escorregam pelos dedos suados, e ele inclina-se para as apanhar. Quando se endireita, o senhor Evans está a afastar-se.

Obrigado, meu Deus. E não permitas que ele ligue ao meu pai para o felicitar pelo filho dedicado.

A primeira chave que Pete experimenta não entra na fechadura. A segunda entra, mas não roda. Ele inclina-a de um lado para o outro enquanto o suor lhe escorre pelo

rosto e pinga no olho esquerdo, fazendo-o arder. Nada. Pete começa a pensar que afinal talvez tenha de desenterrar a arca, o que significa voltar à garagem para ir buscar ferramentas, quando o trinco velho e teimoso finalmente decide cooperar. Abre a porta, leva as caixas para dentro e volta para ir buscar o carrinho de mão. Não quer que ninguém se interrogue porque está um carrinho na entrada daquele edifício.

As grandes salas do centro recreativo encontram-se quase vazias, o que faz com que pareçam ainda maiores. Está calor lá dentro sem o ar condicionado, e o ar parece parado e poeirento. Com as janelas entaipadas, também está escuro. Os passos de Pete ecoam enquanto ele carrega as caixas pelo salão principal, onde as crianças jogavam jogos de tabuleiro e viam televisão. Entra na cozinha. A porta que leva à cave também está trancada, mas a primeira chave que experimentou na porta da frente abre-a, e pelo menos ainda não cortaram a luz. É uma boa notícia, porque ele não se lembrou de levar uma lanterna.

Desce com a primeira caixa e vê uma coisa bestial: a cave está cheia de tralha. Há dezenas de mesas de cartas empilhadas contra uma parede, há pelo menos cem cadeiras desdobráveis organizadas em filas, há velhos componentes de aparelhagens e consolas de jogos ultrapassadas e, o melhor de tudo, dezenas de caixas parecidas com as de Pete. Ele abre algumas e vê velhos troféus de desporto, fotos emolduradas de equipas locais das décadas de 1980 e 1990, equipamento de basebol em péssimo estado e um monte de peças de *Lego*. Caramba, há até algumas caixas em que se lê COZINHA! Pete põe as suas caixas junto dessas, onde não dão nas vistas.

É o melhor que posso fazer, pensa. E, se conseguir sair daqui sem que ninguém me venha perguntar o que estou a

fazer, acho que vai ser suficiente.

Tranca a cave e volta para a entrada principal, ouvindo o eco dos passos e lembrando-se de todas as vezes que levou Tina ali para ela não ter de ouvir os pais a discutir. Para que nenhum dos dois tivesse.

Olha para a Birch Street, vê que está vazia e puxa o carrinho de Tina pelos degraus abaixo. Volta para a porta, tranca-a e segue para casa, certificando-se de que acena ao *Sr. Tighe*. Acenar é mais fácil agora; até lança o disco algumas vezes ao filho dele, Billy. O cão rouba-o na segunda tentativa, fazendo todos rir. Com os cadernos guardados na cave do centro recreativo abandonado, escondidos entre todas aquelas caixas, rir também se torna mais fácil. Pete sente-se uns vinte quilos mais leve.

Talvez até quarenta.

18

Quando Hodges entra na antessala do seu pequeno escritório no sétimo andar do Turner Building, no início da Marlborough Street, Holly está a andar em círculos, preocupada, com uma *Bic* enfiada na boca. Para quando o vê.

— Até que enfim!

— Holly, falámos ao telefone há quinze minutos.

Tira-lhe delicadamente a caneta dos lábios e observa as marcas de dentes na tampa.

— Pareceu muito mais. Elas estão lá dentro. Tenho a certeza de que a amiga da Barbara esteve a chorar. Tinha os olhos vermelhos quando lhes levei as *Coca-Colas*. Vai, Bill. Vai, vai, vai.

Ele não vai tentar tocar em Holly agora, assim nervosa

como está. Reagiria mal. Mesmo assim, melhorou muito desde que a conheceu. Sob os cuidados pacientes de Tanya Robinson, a mãe de Barbara e Jerome, até aprendeu a vestir-se de forma bastante decente.

— Vou, sim — promete ele —, mas queria ter uma ideia daquilo com que estou a lidar. Sabes do que se trata?

Há muitas possibilidades, porque os miúdos bons nem *sempre* são bons. Podia ser alguma coisa como furto ou erva. Talvez *bullying* na escola ou um tio com mãos ousadas. Pelo menos, tem a certeza (*quase* a certeza, nada é impossível) de que a amiga de Barbara não matou ninguém.

— É alguma coisa relacionada com o irmão da Tina. Tina é o nome da amiga da Barbara, já te disse? — Holly não o vê assentir; está a olhar com desejo para a caneta. Como não pode tê-la, começa a morder o lábio. — A Tina acha que o irmão roubou dinheiro.

— Quantos anos tem o irmão dela?

— Está no secundário. É só o que sei. Dás-me a minha caneta?

— Não. Vai lá fora fumar um cigarro.

— Deixei de fumar.

Ela desvia o olhar para a esquerda e para cima, um sinal que Hodges viu muitas vezes na sua carreira policial. Até Oliver Madden fez isso uma ou duas vezes, e quando se tratava de mentir Madden era profissional.

— Deixei...

— Só um. Vai acalmar-te. Deste-lhes alguma coisa para comer?

— Não pensei nisso. Desc...

— Não, tudo bem. Vai à rua e compra uns *snacks*. *NutraBars*, essas coisas.

— *NutraBars* são para cães, Bill.

— Barras de cereais, então. Algo saudável. Nada de chocolate — responde ele, pacientemente.

— Está bem.

Ela parte, a saia a balançar e as sabrinhas a bater. Hodges respira fundo e entra no escritório.

19

As raparigas estão no sofá. Barbara é negra, e a amiga, Tina, branca. A primeira coisa em que pensa é sal e pimenta em recipientes iguais. Só que os recipientes não são assim tão iguais. Sim, têm rabos de cavalo quase idênticos. Sim, calçam ténis parecidos, o item na moda para adolescentes naquele ano. E sim, cada uma tem na mão uma revista da mesa baixa: *Pursuit*, uma revista sobre a localização de devedores e fugitivos, não o que normalmente leriam, mas tudo bem, porque é evidente que nenhuma delas está a ler.

Barbara veste o uniforme da escola e parece relativamente calma. A outra rapariga tem calças pretas e uma *t-shirt* azul com uma borboleta à frente. O rosto é pálido, e os olhos avermelhados viram-se para ele com uma mistura de esperança e pavor que lhe faz doer o coração.

Barbara levanta-se e abraça-o, quando antigamente teria apenas batido com o punho no dele e pronto.

— Olá, Bill. Que bom vê-lo.

Parece uma adulta a falar, e como está alta! Já tem catorze anos? É possível?

— Também é bom ver-te, Barbara. Como está o Jerome? Ele vem a casa no verão?

Jerome estuda agora em Harvard, e o seu *alter ego*, um tipo cheio de lérias chamado Tyrone Feelgood Delight,

parece ter-se aposentado. Quando Jerome estava no secundário e fazia uns trabalhos para Hodges, Tyrone aparecia com frequência. Hodges não sente muita falta dele — Tyrone foi sempre um pouco infantil —, mas tem saudades de Jerome.

Barbara franze o nariz.

— Passou uma semana em casa, mas já se foi embora. Vai levar a namorada, que é de algures na Pensilvânia, a um *baile de debutantes*. Isso parece racista? Para mim, parece.

Hodges não quer entrar nesse assunto.

— Que tal apresentares-me a tua amiga?

— Esta é a Tina. Vivia na Hanover Street, no nosso quarteirão. Quer estudar em Chapel Ridge comigo no próximo ano. Tina, este é o Bill Hodges. Ele pode ajudar-te.

Hodges inclina-se um pouco para estender a mão à rapariga ainda sentada no sofá. Ela encolhe-se a princípio, mas depois aperta-a com timidez. Quando a solta, começa a chorar.

— Não devia ter vindo. O Pete vai ficar *tão zangado* comigo.

Ah, merda, pensa Hodges. Tira um punhado de lenços de papel da caixa que tem na secretária, mas, antes que possa oferecê-los a Tina, Barbara pega-lhes e limpa os olhos da amiga. Em seguida, senta-se no sofá e abraça-a.

— Tina — diz Barbara com uma certa severidade —, vieste ter comigo e disseste que precisavas de ajuda. Isto é a ajuda. — Hodges fica impressionado ao ouvir como ela soa igual à mãe. — Só tens de lhe contar o que me contaste.

Barbara volta a atenção para Hodges.

— E não pode contar aos meus pais, Bill. Nem a Holly. Se contarem ao meu pai, ele vai contar ao pai da Tina.

Então, o irmão dela vai mesmo estar em sarilhos.

— Vamos deixar isso de parte por enquanto. — Hodges puxa a cadeira de rodinhas de trás da secretária; é à justa, mas consegue. Não quer uma mesa entre ele e a amiga assustada de Barbara; pareceria o diretor de uma escola. Senta-se, une as mãos entre os joelhos e sorri a Tina. — Vamos começar pelo teu nome completo.

— Tina Annette Saubers.

Saubers. O apelido não me é estranho. Um caso antigo? Talvez.

— O que te aflige, Tina?

— O meu irmão roubou dinheiro — sussurra ela, os olhos a encherem-se de lágrimas. — Talvez muito dinheiro. E não pode devolvê-lo, porque já foi gasto. Conteï à Barbara porque sabia que o irmão dela ajudou a apanhar o maluco que feriu o meu pai quando esse maluco tentou fazer explodir uma bomba no concerto no CACM. Achei que talvez o Jerome pudesse ajudar, porque ele recebeu uma medalha especial por bravura e tudo. Apareceu na televisão.

— Sim — diz Hodges.

Holly também devia ter aparecido na televisão, pois foi tão corajosa como Jerome, e queriam que ela aparecesse, mas, durante aquela fase da sua vida, Holly Gibney preferiria engolir desentupidor de canos a aparecer diante das câmaras de televisão e responder a perguntas.

— Mas a Barbs disse que o Jerome estava na Pensilvânia e que eu devia falar consigo, porque o senhor já foi polícia. — Olha para ele com olhos enormes e cheios de lágrimas.

Saubers, pensa Hodges. Ah, sim.

Não se lembra do primeiro nome do homem, mas o apelido é difícil de esquecer e agora sabe porque lhe soou

tão familiar. Saubers foi um dos que se feriram gravemente no Centro Cívico, quando Hartsfield acelerou o carro contra as pessoas que aguardavam na fila para a feira de emprego.

— Primeiro, eu ia falar consigo sozinha — acrescenta Barbara. — Foi o que eu e a Tina combinámos. Para o sondar e ver se estaria disposto a ajudar. Mas então a Tina foi até à minha escola hoje e estava muito aflita...

— Porque ele *piorou*! — explode Tina. — Não sei o que aconteceu, mas, desde que deixou aquele bigode idiota crescer, está *pior*! Fala a dormir, eu ouço-o, está a perder peso e apareceram-lhe borbulhas de novo. Na aula de saúde, a professora disse que isso pode dever-se ao stresse, e... e... acho que às vezes ele *chora*. — Parece impressionada com isso, como se não conseguisse aceitar a ideia de o irmão mais velho chorar. — E se ele tentar matar-se? É disso que tenho medo, porque o suicídio na adolescência é um *problema real*!

Mais factos divertidos aprendidos na aula de saúde, pensa Hodges. Não é que não seja verdade.

— Ela não está a inventar — afirma Barbara. — É uma história e tanto.

— Então, vamos ouvi-la — diz Hodges. — Desde o princípio.

Tina respira fundo e começa.

20

Se alguém lhe perguntasse, Hodges diria que duvidava que a história triste de uma adolescente de treze anos pudesse surpreendê-lo ou até mesmo impressioná-lo, mas está impressionado, sim, senhor. Está estupefacto. E

acredita em cada palavra; é demasiado maluca para ser inventada.

Quanto Tina termina a sua história, acalmou-se bastante. Hodges já viu isso acontecer. A confissão pode ou não ser boa para a alma, mas é sem dúvida boa para os nervos.

Ele abre a porta do escritório e vê Holly sentada à sua secretária, a jogar paciência no computador. Ao lado dela, há um saco com barras de cereais suficientes para os quatro sobreviverem durante um apocalipse *zombie*.

— Anda cá, Holly — pede ele. — Preciso da tua ajuda. E traz isso.

Holly entra com hesitação, mas olha para Tina Saubers e parece ficar aliviada. As raparigas tiram uma barra de cereais cada uma, o que parece deixá-la mais aliviada ainda. Hodges também tira uma. A salada que comeu ao almoço parece ter desaparecido do estômago há um mês, e o hambúrguer vegetariano foi pelo mesmo caminho. Às vezes, ainda sonha em ir ao McDonald's e pedir tudo o que há na ementa.

— Que bom — comenta Barbara, mastigando. — Calhou-me framboesa. A tua é de quê, Tina?

— Limão — responde ela. — É *mesmo* boa. Obrigada, senhor Hodges. Obrigada, senhora Holly.

— Barb — diz Holly —, onde pensa a tua mãe que estás agora?

— No cinema — responde Barbara. — A ver o *Frozen* mais uma vez, a versão em que cantamos também. Passa todas as tardes no Cinema Seven há uma *eternidade*. — Revira os olhos para Tina, que revira os dela em cumplicidade. — A minha mãe disse que podíamos ir de autocarro para casa, mas temos de estar de volta no máximo às seis. A Tina vai dormir lá.

Isso dá-nos algum tempo, pensa Hodges.

— Tina, quero que contes tudo outra vez, agora para a Holly ouvir. Ela é a minha assistente e é bastante inteligente. Além disso, sabe guardar segredos.

Tina recomeça a história, desta vez com mais pormenores, já que está mais calma. Holly ouve com atenção, e os tiques típicos da síndrome de Asperger desaparecem, como sempre acontece quando ela está concentrada. Só os dedos continuam inquietos, e batem nas coxas como se Holly estivesse a tocar num teclado invisível.

Quando Tina termina, Holly pergunta:

— O dinheiro começou a chegar em fevereiro de 2010?

— Por volta de fevereiro ou março — responde Tina. — Lembro-me porque os nossos pais discutiam muito na altura. O meu pai perdeu o emprego, sabem... e tinha as pernas muito magoadas... e a minha mãe gritava com ele por fumar e por causa do preço do tabaco...

— Detesto gritos — comenta Holly, com simplicidade. — Fico enjoada.

Tina olha para ela com gratidão.

— A conversa sobre os dobrões — intervém Hodges. — Foi antes ou depois de o dinheiro começar a chegar?

— Antes. Mas não *muito* antes — responde ela sem hesitar.

— E eram quinhentos dólares por mês? — pergunta Holly.

— Às vezes o intervalo era um pouco mais curto, tipo umas três semanas, e às vezes era um pouco mais longo. Quando passava de um mês, os meus pais pensavam que tinha acabado. Uma vez demorou seis semanas, e lembro-me de o meu pai dizer à minha mãe: «Ah, foi bom enquanto durou.»

— Quando foi isso? — Holly está inclinada para a frente, os olhos a brilhar, os dedos parados. Hodges adora quando ela fica assim.

— Hum... — Tina franze a testa. — Perto do meu aniversário, com certeza. Quando fiz doze anos. O Pete não foi à minha festa. Estávamos nas férias da Páscoa, e um amigo dele, o Rory, convidou-o a ir à Disney com a família. Foi um aniversário mau, porque tive tantos ciúmes por ele ir e...

Para, olha primeiro para Barbara, depois para Hodges e, por fim, para Holly, a quem parece considerar a figura no comando.

— Foi *por isso* que se atrasou daquela vez! Não foi? *Porque ele estava na Florida!*

Holly olha para Hodges com um leve sorriso, depois volta a atenção para Tina.

— Provavelmente. Sempre notas de vinte e cinquenta?

— Sempre. Vi muitas vezes.

— E quando parou?

— Setembro do ano passado. Por volta do início das aulas. Havia um bilhete no último envelope. Dizia qualquer coisa como: «Este é o último, lamento não haver mais.»

— Quanto tempo depois disto contaste ao teu irmão que desconfiavas que era ele que estava a mandar o dinheiro?

— Não muito. O Pete nunca admitiu, mas sei que foi ele. E talvez tudo isso seja culpa minha, porque eu passava a vida a falar de Chapel Ridge... e o meu irmão disse que desejava que o dinheiro não tivesse acabado para eu poder estudar lá... Talvez ele tenha feito alguma estupidez e agora esteja arrependido, mas é demasiado tarde!

Recomeça a chorar. Barbara abraça-a e faz sons reconfortantes. Holly volta a bater nas coxas, mas não demonstra outros sinais de perturbação; está perdida em

pensamentos. Hodges quase vê as engrenagens a girar. Ele tem as próprias perguntas, mas, por enquanto, está mais do que disposto a deixar Holly dirigir a conversa.

Quando o choro de Tina se reduz a fungadelas, Holly diz:

— Disseste que entraste no quarto do Pete certa noite e que ele tinha um caderno, e quis escondê-lo. Enfiou-o debaixo da almofada.

— Sim.

— Foi perto do fim da chegada do dinheiro?

— Acho que foi, sim.

— Era um caderno normal?

— Não. Era preto e parecia caro. Tinha um elástico de lado.

— O Jerome tem uns cadernos assim — comentou Barbara. — São *Moleskines*. Posso comer outra barra?

— Quantas quiseres — responde Hodges. Tira um bloco na mesa e escreve «Moleskine». Então volta a sua atenção para Tina: — Poderia ser um livro de contabilidade?

Tina franze a testa enquanto desembulha a sua barra.

— Não entendi.

— É possível que ele estivesse a registar quanto dinheiro sobrou?

— Talvez, mas parecia mais um diário chique.

Holly olha para Hodges. Ele assente: *Continua*.

— Isto foi ótimo, Tina. És uma excelente testemunha. Não achas, Bill?

Ele assente.

— Tudo bem. Quando deixou ele crescer o bigode?

— No mês passado. Ou talvez tenha sido no fim de abril. Os meus pais comentaram que o bigode era ridículo, e o meu pai disse que ele parecia um «chulo de esquina», seja isso o que for, mas o Pete não o quis tirar. Achei que

era só uma fase. — Vira-se para Barbara. — Tal como quando éramos pequenas e tentaste cortar o teu cabelo para pareceres a Hannah Montana.

Barbara faz uma careta.

— Não vamos falar sobre isso. — E, para Hodges: — A minha mãe ficou *danada*.

— E ele anda chateado desde essa altura — diz Holly. — Desde o bigode.

— De início não tanto, mas percebi que já estava nervoso. Nas últimas duas semanas, começou a ficar com medo. E agora, *eu* tenho medo. *Muito* medo!

Hodges olha para ver se Holly tem mais alguma coisa para perguntar. Ela lança-lhe um olhar que diz: *É contigo*.

— Tina, estou disposto a investigar isto, mas vou precisar de falar com o teu irmão. Sabes isso, não sabes?

— Sei — sussurra ela, e pousa a segunda barra de cereais, na qual só deu uma dentada, no braço do sofá. — Oh, meu Deus, ele vai ficar tão zangado comigo.

— Talvez te surpresas — diz Holly. — Ele pode ficar aliviado por alguém ter finalmente insistido no assunto.

Hodges sabe que Holly diz aquilo por experiência.

— Acha mesmo? — pergunta Tina, baixinho.

— Acho. — Holly confirma com um movimento brusco de cabeça.

— Tudo bem, mas não pode ser este fim de semana. Ele vai para o *resort* de River Bend. É uma coisa para delegados de turma: ele vai ser o vice-presidente no próximo ano. Se ainda estiver na escola, claro. — Tina leva a palma da mão à testa num gesto de consternação tão adulto que enche Hodges de pena. — Se não estiver na *cadeia*. Por *roubo*.

Holly parece tão angustiada como Hodges, mas não gosta de tocar em pessoas, e Barbara está demasiado horrorizada com a ideia para ser maternal. Dependia dele.

O ex-detetive estica os braços e segura as pequenas mãos da rapariga.

— Acho que isso não vai acontecer. Mas *acho* que o Pete pode estar a precisar de ajuda. Quando volta ele?

— Do... domingo à noite.

— Que tal eu encontrar-me com ele na segunda, depois das aulas?

— Pode ser. — Tina parece completamente arrasada. — O Pete volta de autocarro, mas devem conseguir apanhá-lo à saída da escola.

— *Tu* ficas bem este fim de semana, Tina?

— Eu tomo conta dela — afirma Barbara, e dá um beijo no rosto da amiga. Tina responde com um débil sorriso.

— O que vão fazer agora? — pergunta Hodges. — Já é tarde para irem ao cinema.

— Vamos voltar para minha casa — decide Barbara. — Digo à minha mãe que decidimos não ver o filme. Não é exatamente mentira, pois não?

— Não — concorda Hodges. — Têm dinheiro para o táxi?

— Posso dar-lhes boleia, se não tiverem — oferece Holly.

— Vamos de autocarro — diz Barbara. — Temos passe. Só viemos de táxi porque estávamos com pressa. Não foi, Tina?

— Foi. — Ela olha para Hodges, depois para Holly de novo. — Estou muito preocupada com ele, mas não podem contar aos nossos pais, pelo menos por enquanto. Prometem?

Hodges diz que promete. Não vê mal nenhum em prometer isso se o rapaz vai passar o fim de semana fora da cidade com um grupo de amigos da escola. Pergunta a Holly se ela pode acompanhar as raparigas até à paragem

de autocarro.

Holly concorda e faz as duas levarem as barras de cereais que sobraram. São pelo menos umas doze.

21

Quando Holly volta, pega no *iPad*.

— Missão cumprida. Estão a caminho de Teaberry Lane no autocarro número quatro.

— Como te pareceu a Tina?

— Melhor. Ela e a Barbara estavam a treinar um passo de dança que aprenderam na televisão enquanto esperavam pelo autocarro. Tentaram fazer-me dançar com elas.

— E dançaste?

— Não. Eu não danço.

Não sorri quando diz isso, mas ainda pode estar a brincar. Ele sabe que ela às vezes brinca, mas é sempre difícil dizer. Boa parte de Holly Gibney ainda é um mistério para Hodges, e ele acredita que vai sempre ser assim.

— Achas que a mãe da Barbara lhes vai arrancar a história? É bastante perspicaz, e um fim de semana pode ser muito tempo quando se guarda um grande segredo.

— Talvez, mas acho que não — responde Holly. — A Tina ficou muito mais calma assim que desabafou.

Hodges sorri.

— Se estava a dançar na paragem de autocarro, acho que sim. Então o que achas, Holly?

— Sobre que parte?

— Vamos começar pelo dinheiro.

Ela digita no *iPad* e tira a franja dos olhos, distraidamente.

— Começou a chegar em fevereiro de 2010 e parou em

setembro do ano passado. São quarenta e quatro meses. Se o irmão...

— Pete.

— Se o Pete mandou quinhentos dólares por mês nesse período, o total são vinte e dois mil dólares. Mais ou menos. Não é exatamente uma fortuna, mas...

— Mas muita coisa para um adolescente — conclui Hodges. — Principalmente se ele começou a mandá-lo quando tinha a idade da Tina.

Entreolham-se. Ela fitá-lo assim, de forma direta, é a parte mais extraordinária da mudança da mulher apavorada que Hodges conheceu. Depois de uns cinco segundos de silêncio, falam ao mesmo tempo:

— Então...

— Como foi...

— Tu primeiro — pede Hodges, rindo.

Sem olhar para ele (é uma coisa que ela só consegue fazer durante pouco tempo, mesmo quando está absorta em algum problema), Holly diz:

— Aquela conversa que ele teve com a Tina sobre o tesouro enterrado, ouro, joias e dobrões. Acho importante. Não acredito que ele tenha roubado o dinheiro. Acho que o *encontrou*.

— Deve ter encontrado. Poucos rapazes de treze anos assaltam bancos, por mais desesperados que estejam. Mas onde pode ele ter encontrado aquele dinheiro todo?

— Não sei. Acho que posso fazer uma busca no computador, baseada nesse intervalo de tempo, por roubos de numerário. Temos a certeza de que aconteceu antes de 2010, se ele encontrou o dinheiro em fevereiro daquele ano. Vinte e dois mil dólares é uma quantia suficientemente grande para ter aparecido nos jornais, mas qual é o protocolo de busca? Quais são os parâmetros? Até

quando pesquisar? Cinco anos atrás? Dez? Aposto que o resultado das buscas a partir de 2005 seria abundante, porque teria de procurar em toda a zona dos três estados. Não achas?

— Só terias um resultado parcial mesmo que procurasses por todo o Midwest.

Hodges está a pensar em Oliver Madden, que deve ter enganado centenas de pessoas e dezenas de organizações ao longo da carreira. Era especialista em criar contas bancárias falsas, mas Hodges aposta que Oliver não confiava muito em bancos quando se tratava do próprio dinheiro. Não, ele faria uma boa reserva em numerário.

— Porquê parcial?

— Estás a pensar em bancos, sítios que trocam cheques, agências que oferecem crédito rápido. Talvez corridas de cães ou o dinheiro de bilheteira num jogo dos Groundhogs. Mas pode não ter sido dinheiro público. O ladrão, ou os ladrões, podem ter levado a massa de um jogo de póquer de peixe graúdo ou roubado um traficante de metanfetaminas. Tanto quanto sabemos, o dinheiro pode ter vindo do assalto a uma casa em Atlanta, em San Diego ou em qualquer outro sítio. Esse roubo pode nem ter sido comunicado.

— Principalmente se o dinheiro não tiver sido declarado ao fisco — diz Holly. — Certo. Então, como ficamos?

— A precisar de falar com o Peter Saubers, e, sinceramente, mal posso esperar. Achei que já tinha visto de tudo, mas nunca vi nada assim.

— Podíamos falar com ele hoje. Só vai viajar amanhã. Tenho o número de telefone da Tina. Posso ligar para ela e pedir o do irmão.

— Não, vamos deixá-lo gozar o fim de semana. Já deve até ter partido. Talvez isso o acalme, lhe dê tempo para

pensar. E vamos deixar a Tina em paz. Segunda à tarde está ótimo.

— E o caderno preto que ela viu? O *Moleskine*. Alguma ideia sobre isso?

— Não deve ter nada que ver com o dinheiro. Pode ser o diário onde escreve as suas *Cinquenta Sombras de Diversão* sobre a rapariga que se senta atrás dele nas aulas.

Holly faz um som desgostoso para demonstrar o que pensa disso e começa a andar de um lado para o outro.

— Sabes o que me incomoda? O intervalo de tempo.

— O intervalo de tempo?

— O dinheiro parou de chegar em setembro, juntamente com o bilhete a lamentar não haver mais. Mas, tanto quanto sabemos, o Pete só começou a ficar estranho em abril ou maio deste ano. Esteve bem durante sete meses, até que de repente deixa o bigode crescer e começa a exibir sintomas de ansiedade. O que aconteceu? Tens alguma ideia?

Uma possibilidade destaca-se na mente de Hodges.

— Ele decidiu que precisava de mais dinheiro, talvez para a irmã poder estudar na escola da Barbara. Achou que sabia uma forma de o conseguir, mas alguma coisa correu mal.

— Isso! É o que acho também! — Ela cruza os braços e aninha os cotovelos nas mãos, um gesto para se reconfortar que Hodges já viu muitas vezes. — Mas quem me dera que a Tina tivesse visto o que continha o caderno. O tal *Moleskine*.

— É um palpite ou estás a seguir uma lógica que não percebi?

— Gostava de saber por que motivo ele não queria que ela o visse, só isso. — Depois de se esquivar à pergunta de Hodges, ela dirige-se à porta. — Vou fazer uma busca sobre

roubos entre 2001 e 2009. Sei que é um tiro no escuro, mas é melhor do que nada. O que vais fazer?

— Vou para casa. Quero pensar mais no assunto. Amanhã, vou apreender uns carros e procurar um fugitivo chamado Dejohn Frasier. Pagou a caução, mas não compareceu a tribunal, e provavelmente está com a madrastra ou a ex-mulher. Além disso, vou ver o jogo dos Indians e talvez vá ao cinema.

Holly anima-se.

— Posso ir ao cinema contigo?

— Se quiseres.

— Posso escolher o filme?

— Só se prometeres não me arrastar para uma comédia romântica idiota com a Jennifer Aniston.

— A Jennifer Aniston é uma ótima atriz e comediante pouco reconhecida. Sabias que ela entra no filme original de *O Duende*, de 1993?

— Holly, és uma enciclopédia ambulante, mas estás a desviar-te do assunto. Promete apenas que não vai ser uma comédia romântica, senão vou sozinho.

— Tenho a certeza de que podemos encontrar um filme que agrade a ambos — diz Holly, sem olhá-lo nos olhos. — O irmão da Tina vai ficar bem? Não achas que ele vai tentar matar-se, achas?

— Com base nas suas ações, não. Ele sacrifica-se pela família. Tipos assim, com tanta empatia, não costumam ser suicidas. Holly, não achas estranho uma miúda ter-se dado conta de que era o Pete quem estava a mandar o dinheiro e os pais não parecerem fazer ideia?

Os olhos de Holly perdem o brilho, e, por um momento, ela parece a Holly de antigamente, a que passou boa parte da adolescência enfiada no quarto, o tipo de neurótica isolada a que os japoneses chamam *hikikomori*.

— Os pais podem ser muito estúpidos — diz ela, e sai.

Bem, pensa Hodges, os teus eram-no com certeza, acho que estamos de acordo nisso.

Vai até a janela, junta as mãos atrás das costas e olha para a Marlborough Street, onde a hora de ponta da tarde está a começar. Pergunta a si mesmo se Holly considerou a segunda fonte plausível da ansiedade do rapaz: que os bandidos que esconderam o dinheiro tenham voltado para buscá-lo e descoberto que desapareceu.

E, de alguma forma, descoberto quem o levou.

22

A Statewide Motorcycle & Small Engine Repair não é uma loja de âmbito estadual nem municipal; é um erro de planeamento urbano a cair aos bocados, feito de chapas de metal enferrujado, que fica no South Side, a metros do estádio dos Groundhogs. À frente, há uma fila de motos à venda debaixo de bandeirinhas de plástico a tremular apaticamente num cabo lasso. A maioria das motos parece de segundo nível para Morris. Um gordo de colete de couro está encostado ao edifício a limpar uma escoriação com uma mão-cheia de lenços de papel. Olha para Morris e não diz nada. Morris também não diz nada. Teve de ir a pé até ali desde a Edgemont Avenue, mais de um quilómetro e meio sob o sol quente da manhã, porque os autocarros só vão até ali quando os Groundhogs jogam.

Entra na garagem, e lá está Charlie Roberson, sentado num banco de carro sujo de óleo diante de uma *Harley* parcialmente desmontada. A princípio ele não vê Morris; tem na mão a bateria da *Harley* e observa-a com atenção. Enquanto isso, Morris estuda-o. Roberson ainda é um tipo

grande e musculado, embora deva ter mais de setenta anos e tenha uma careca no cimo da cabeça rodeada por cabelo grisalho. Veste uma *t-shirt* sem mangas, e Morris lê uma tatuagem de prisão meio apagada num dos bíceps: PODER BRANCO PARA SEMPRE.

Uma das minhas histórias de sucesso, pensa Morris, e sorri.

Roberson estava a cumprir pena de prisão perpétua em Waynesville por ter matado uma velha rica à paulada na Wieland Avenue, no Branson Park. Parece que a mulher acordou e o viu a andar por sua casa. Ele também a violou, possivelmente antes de a espancar, ou talvez depois, enquanto ela jazia no chão do corredor do andar de cima, a morrer. O caso foi simples. Roberson já tinha sido visto na zona em várias ocasiões antes do roubo, fora captado pelas câmaras de segurança junto ao portão da velha rica dias antes do assalto, discutira a possibilidade de entrar naquela mesma casa e de roubar aquela mesma velha com os seus amigos bandidos (todos com motivos mais do que suficientes para testemunharem contra ele, considerando que também tinham problemas com a justiça) e possuía um longo cadastro de roubos e agressões. O júri declarou-o culpado; o juiz condenou-o a perpétua sem direito a condicional; Roberson passou de reparar motos a coser calças de ganga e envernizar móveis.

— Fiz muita coisa, mas não fiz aquilo — disse ele a Morris várias vezes. — *Teria feito*, já tinha a porra do código, mas alguém chegou antes de mim. E sei quem foi, porque só disse os números a um tipo. Foi um dos gajos que testemunhou contra mim, e, se um dia eu sair daqui, aquele gajo vai morrer. Podes acreditar.

Morris não acreditou nem deixou de acreditar; os seus primeiros dois anos na prisão mostraram-lhe que o local

estava cheio de homens que alegavam ser tão inocentes como cordeiros. Mas, quando Charlie lhe pediu para escrever a Barry Scheck, Morris prontificou-se. Era o que ele fazia, era o seu trabalho.

Acontece que o ladrão-agressor-violador deixara sémen nas cuecas da velha, que por acaso ainda estava numa das cavernosas salas de provas da cidade, e o advogado que o Innocence Project mandou investigar o caso de Charlie Roberson encontrou-as. O teste de ADN — que não existia na época da condenação de Charlie — provou que o esperma não era dele. O advogado contratou um detetive particular para encontrar as testemunhas de acusação. Uma delas, a morrer de cancro no fígado, não só alterou o depoimento, como admitiu ser o autor do crime, talvez na esperança de ganhar uma entrada livre para o Céu.

— Olá, Charlie — cumprimenta Morris. — Adivinha quem é.

Roberson vira-se, semicerra os olhos e levanta-se.

— Morrie? Morrie Bellamy?

— Em carne e osso.

— Caralhos me fodam.

Provavelmente não, pensa Morris, mas, quando Roberson pousa a bateria no assento da *Harley* e se aproxima com os braços abertos, Morris aceita o indispensável abraço, com direito a palmadinhas nas costas e tudo. Até corresponde, tanto quanto pode. A quantidade de músculos sob a *t-shirt* imunda de Roberson é um pouco alarmante.

Roberson dá um passo para trás e mostra os poucos dentes que lhe restam num sorriso.

— Caramba! Condicional?

— Sim.

— A velha tirou-te o pé do pescoço?

— Sim.

— Caramba, isso é *ótimo*! Vem beber um copo ao escritório? Tenho *bourbon*.

Morris abana a cabeça.

— Obrigado, mas não me dou bem com a bebida. Além disso, o gajo pode aparecer a qualquer momento e pedir-me para mijar num copinho. Avisei no trabalho que estava doente, e isso já é um risco grande por si só.

— Quem é o teu agente?

— O McFarland.

— Um preto grande, não é?

— Ele é preto, sim.

— Ah, não é o pior, mas eles vigiam-nos no início, sem dúvida. Vamos até à minha sala mesmo assim, eu bebo por ti. Ei, soubeste que o Duck morreu?

Morris tinha sabido; recebera a notícia pouco antes de sair da prisão. Duck Duckworth, o seu primeiro protetor, o homem que pusera um fim às violações que o companheiro de cela de Morris e os amigos dele perpetravam. Morris não sentiu nada de especial. As pessoas vinham e iam. Aquela merda não queria dizer merda nenhuma.

Roberson abana a cabeça enquanto tira uma garrafa da prateleira de cima de um armário de metal cheio de ferramentas e peças.

— Foi qualquer coisa no cérebro. É como dizem: no meio da porra da vida, estamos na porra da morte. — Deita o *bourbon* numa caneca que diz MELHOR ABRAÇADOR DO MUNDO e leva-a à boca. — Ao velho Ducky. — Bebe um gole, estala os lábios e levanta a caneca de novo. — E à tua, Morrie Bellamy, agora um homem livre. O que te arranjaram? Aposto que foi algum tipo de trabalho burocrático.

Morris fala-lhe do emprego no CACM e conversa sobre

trivialidades enquanto Roberson emborca outra dose de *bourbon*. Morris não inveja Charlie por poder beber quanto quiser — já perdeu demasiados anos da sua vida graças à bebida —, mas sente que Roberson vai ficar mais recetivo ao seu pedido se estiver um pouco embriagado.

Quando julga que o momento é propício, diz:

— Disseste-me para te procurar se saísse da prisão e precisasse de um favor.

— É verdade... mas nunca imaginei que fosses sair, com aquela fanática por Jesus que violaste determinada a lixarte a vida.

Roberson ri e serve-se de mais uma dose.

— Preciso de um carro emprestado, Charlie. Por pouco tempo. Menos de doze horas.

— Quando?

— Hoje. Bem... ao fim da tarde. Preciso para esta noite. Posso devolvê-lo mais tarde.

Roberson parou de rir.

— É um risco maior do que ser apanhado a beber, Morrie.

— Não para ti; estás aqui fora, livre e limpo.

— Não, não para mim, eu só levaria uma admoestação. Mas conduzir sem carta é uma violação grave. Podes acabar por voltar para lá. Não me entendas mal, estou disposto a ajudar, só quero ter a certeza de que compreendes os riscos.

— Compreendo-os.

Roberson põe mais bebida na caneca e beberica enquanto pensa. Morris não gostaria de ser o dono da moto que Charlie vai montar quando a conversa deles terminar.

Finalmente, Roberson pergunta:

— Pode ser uma carrinha de caixa aberta em vez de um carro? Estou a pensar numa que está aqui para um arranjo

no painel. É automática. Tem escrito «Jones Flowers» de lado, mas já quase não se lê. Está lá atrás. Posso mostrar-ta, se quiseres.

Morris quer, e uma olhadela fá-lo decidir que a carrinha preta é uma dádiva de Deus... supondo que funcione bem. Roberson garante que funciona, apesar da idade e da quilometragem, que já passou os cem mil.

— Fecho a loja cedo às sextas. Por volta das três. Posso meter-lhe gasolina e deixar a chave debaixo do pneu dianteiro direito.

— Perfeito. — Morris pode ir ao CACM, dizer ao chefe gordo de merda que teve uma gastroenterite mas que já está melhor, esperar até às quatro da tarde como um bom funcionário e voltar até ali.

— Ouve, os Groundhogs jogam hoje, não jogam?

— Sim, contra os Dayton Dragons. Porquê? Queres ir ver o jogo? Posso ir contigo.

— Outro dia, talvez. Estou a pensar que posso devolver a carrinha por volta das dez, estacionar no mesmo sítio e apanhar um autocarro do estádio para a cidade.

— O mesmo Morrie de sempre — comenta Roberson, e bate na têmpora. Os olhos estão a ficar avermelhados. — Sempre a pensar em tudo.

— Lembra-te de deixar a chave debaixo do pneu. — A última coisa de que Morris precisa é que Roberson se emborrache com *bourbon* barato e esqueça.

— Lembrarei. Devo-te muito, companheiro. Devo-te a porra do *mundo*.

Esse sentimento exige outro abraço e palmadinhas nas costas, com fedor a suor, *bourbon* e loção pós-barba barata. Roberson aperta-o tanto que Morris fica com dificuldade em respirar, mas finalmente é solto. Acompanha Charlie até à oficina, pensando que naquela noite, dali a doze

horas, talvez menos, os cadernos de Rothstein vão estar novamente nas suas mãos. Com essa perspectiva tão inebriante, quem precisa de *bourbon*?

— Importas-te que pergunte porque trabalhas aqui, Charlie? Achei que fosses receber uma pipa de massa do estado por encarceramento indevido.

— Oh, pá, eles ameaçaram trazer a lume uma série de acusações antigas. — Roberson volta a sentar-se em frente da *Harley*. Pega numa chave-inglesa e bate na perna das calças sujas de óleo. — Incluindo uma bastante má, no Missouri, que poderia ter-me levado de volta para lá para sempre. Qualquer coisa sobre uma lei de reincidência ou uma merda do género. Então, a modos que fizemos um acordo.

Olha para Morris com os olhos injetados, e, apesar dos bíceps enormes (é evidente que não perdeu o hábito de se exercitar adquirido na prisão), Morris percebe que está muito velho e que a saúde não vai durar mais muito tempo. Se é que ainda dura.

— Eles acabam por nos foder, companheiro. Pelo cu. E se nos metermos com eles, fodem-nos ainda mais. Então aceitamos o que podemos. Foi isso que consegui, e está bom para mim.

— Esta merda não quer dizer merda nenhuma — afirma Morris.

Roberson solta uma gargalhada.

— Dizias sempre isso! E é a porra da verdade!

— Só não te esqueças de deixar a chave.

— Está descansado. — Roberson aponta um dedo sujo de óleo para Morris. — E não sejas apanhado. Ouve o teu amigo.

Não vou ser apanhado, pensa Morris. Esperei demasiado tempo.

— Posso pedir mais uma coisa?

Roberson espera para saber o que é.

— Preciso de uma arma. — Morris vê a expressão de Charlie e acrescenta rapidamente: — Não é para usar, só como segurança.

Roberson abana a cabeça.

— Nada de armas. Eu levaria muito mais do que uma admoestação por isso.

— Eu nunca diria que ma arranjaste.

Os olhos vermelhos encaram Morris de forma penetrante.

— Posso ser sincero? Passaste demasiado tempo na cadeia para te meteres com armas. Acabarias por dar um tiro nos tomates. A carrinha, tudo bem. Devo-te um favor. Mas, se queres uma arma, arranja-a noutro lado.

23

Às três da tarde daquela sexta-feira, Morris está perto de estragar doze milhões de dólares em arte moderna.

Bem, não, não propriamente, mas *está* perto de apagar os ficheiros correspondentes a essa arte, que incluem a proveniência e a informação sobre uma dezena de doadores ricos do CACM. Passou semanas a criar um novo protocolo de busca que abarca todas as aquisições do complexo cultural desde o começo do século XXI. O protocolo é uma obra de arte em si mesmo, e, naquela tarde, em vez de incorporar o maior número de subficheiros no ficheiro principal, Morris arrasta-o para o lixo com várias outras coisas das quais precisa de se livrar. O sistema informático lento e ultrapassado do CACM está cheio de merda inútil, inclusive uma tonelada de coisas que já nem fazem parte

do acervo. Em 2005, foi tudo levado para o Metropolitan em Nova Iorque. Morris está prestes a esvaziar o caixote do lixo para arranjar mais espaço, o dedo a pairar sobre o botão, quando se dá conta de que está prestes a enviar uma pasta muito valiosa para o paraíso dos dados.

Por um momento, volta a Waynesville e está a tentar esconder contrabando antes de uma alegada inspeção às celas, talvez algo tão inofensivo como um pacote de bolachas *Keebler*, mas o bastante para fazer com que seja advertido se o carcereiro estiver de mau humor. Olha para o dedo a meros centímetros do botão e puxa a mão para o peito, onde sente o coração a galopar. No que estava a pensar, pelo amor de Deus?

O gordo de merda do seu chefe escolhe aquele momento para enfiar a cabeça no cubículo de Morris, que mais parece um armário. Os cubículos dos outros funcionários estão cobertos com fotos de namorados, namoradas e famílias, até da porra do cão, mas Morris não pendurou nada além de um postal de Paris, uma cidade que sempre quis visitar. Como se *isso* fosse acontecer.

— Tudo bem, Morris? — pergunta o gordo de merda.

— Tudo — responde Morris, rezando para que o chefe não entre e olhe para o ecrã. Se bem que provavelmente não soubesse o que estava a ver. O filho da mãe obeso sabe mandar *e-mails*, até parece ter uma vaga ideia de para que serve o Google, mas, fora isso, não pesca nada. No entanto, mora num casarão dos subúrbios com a mulher e os filhos em vez de no Castelo dos Malucos, onde os doidos gritam com inimigos invisíveis a meio da noite.

— É bom saber. Continua.

Morris pensa: E tu continua com esse rabo gordo longe daqui.

O gordo de merda vai-se embora, provavelmente

enfardar na cafetaria. Quando ele sai, Morris clica no ícone do lixo, pega no que quase apagou e recoloca tudo no ficheiro principal. Não é uma operação complicada, mas, quando acaba, ele exala como um homem que acabou de desativar uma bomba.

Onde tinhas a cabeça?, repreende-se. No que estavas a pensar?

Perguntas retóricas. Estava a pensar nos cadernos de Rothstein, agora tão próximos. E também na pequena carrinha e no quanto vai ser assustador conduzir de novo depois de tantos anos preso. Basta um pequeno acidente... um polícia que o ache suspeito...

Tenho de manter a calma mais um pouco, pensa Morris. Tenho mesmo.

Mas o seu cérebro está a mil, a funcionar a todo o gás. Ele acha que vai sentir-se melhor quando os cadernos estiverem nas suas mãos (e o dinheiro também, apesar de isso ser menos importante). Quando esconder aquelas belezas no fundo do armário do quarto, no nono andar do Castelo dos Malucos, vai poder desconstrair-se, mas agora o stresse está a dar cabo dele. E também o facto de viver num mundo mudado, de ter um emprego a sério com um chefe que não usa farda cinzenta, mas que tem de ser engraxado mesmo assim. Há ainda a acrescer o stresse de ter de conduzir um veículo sem matrícula e sem ter carta.

Pensa: Hoje, às dez da noite, as coisas serão melhores. Enquanto isso, tem calma. Esta merda não quer dizer merda nenhuma.

— Certo — sussurra Morris, e limpa uma gota de suor entre a boca e o nariz.

Às quatro da tarde, salva o trabalho, fecha todos os programas que estava a usar e desliga o computador. Entra no átrio alcatifado do CACM e ali espedado, como um pesadelo tornado realidade, as pernas entreabertas e as mãos unidas atrás costas, encontra-se Ellis McFarland. O seu agente da condicional está a admirar um quadro de Edward Hopper como o aficionado de arte que certamente não é.

Sem se virar (Morris dá-se conta de que o homem deve ter visto o seu reflexo no vidro que cobre o quadro, mas é sinistro mesmo assim), McFarland diz:

— E então, Morrie? Como vai isso, amigo?

Ele sabe, pensa Morris. E não só sobre a carrinha. Sabe tudo.

Não é verdade, Morris sabe que não é, mas a parte dele que ainda está na prisão e vai estar sempre garante que *é*, sim. Para McFarland, a testa de Morris Bellamy é um painel de vidro. Tudo o que há lá dentro é visível, cada engrenagem a girar e cada junta sobreaquecida.

— Estou bem, senhor McFarland.

Hoje, McFarland veste um casaco axadrezado mais ou menos do tamanho de um tapete. Observa Morris de cima a baixo, e, quando o seu olhar se concentra no rosto de Morris, este tem dificuldade em sustentá-lo.

— Não *pareces* bem. Estás pálido e com olheiras. Andas a consumir alguma coisa que não devas, Morrie?

— Não, senhor.

— A fazer alguma coisa que não devias estar a fazer?

— Não — responde ele, pensando na carrinha, com JONES FLOWERS ainda visível de lado, à sua espera em South Side. A chave já deve estar debaixo do pneu.

— Não o quê?

— Não, senhor.

— É. Talvez seja gripe. Porque, sinceramente, estás com cara de merda.

— Quase cometi um erro — explica Morris. — Um erro que provavelmente teria remédio, mas significaria chamar um informático de fora, talvez até desligar o servidor principal. Eu teria ficado em apuros.

— Bem-vindo ao mundo do trabalho — diz McFarland, sem a menor solidariedade.

— Bem, para mim é diferente! — exclama Morris, e, céus, é um *alívio* explodir, e ainda por cima por causa de uma coisa segura. — Se alguém devia saber disso, é você! Se qualquer outra pessoa aqui fizesse a mesma coisa levaria apenas uma reprimenda, mas eu não. E, se por acaso me despedissem, e por um lapso de atenção, não uma coisa que fiz de propósito, poderia acabar lá dentro de novo.

— Talvez — responde McFarland, virando-se novamente para o quadro, que mostra um homem e uma mulher sentados numa sala, aparentemente a esforçarem-se para não se olharem. — Talvez não.

— O meu chefe não gosta de mim. — Morris sabe que parece estar a lamuriar-se, e provavelmente *está* mesmo. — Sei o quádruplo dele sobre o funcionamento do sistema informático, e isso deixa-o furioso. Adoraria ver-me pelas costas.

— Pareces um pouco paranoico — comenta McFarland.

As mãos dele estão novamente unidas acima do traseiro gigantesco, e de repente Morris compreende por que motivo McFarland ali está. O seu agente da condicional seguiu-o até à oficina onde Charlie Roberson trabalha e concluiu que ele está a tramar alguma coisa. Morris sabe que não é verdade. E sabe que é.

— E porque deixam um tipo como eu mexer nos ficheiros? Um ex-presidiário em condicional? Se eu fizer

alguma coisa errada, o que quase fiz hoje, podem perder muito dinheiro.

— O que achaste que farias aqui fora? — pergunta McFarland, ainda a examinar o quadro de Hopper, chamado *Apartament 16-A*. Parece fascinado, mas Morris não se deixa enganar. McFarland está de novo a observar o seu reflexo. A avaliá-lo. — És velho e demasiado mole para carregar caixas num armazém ou trabalhar em jardinagem.

Vira-se.

— Chama-se reinserção, Morris, e eu não criei as regras. Se queres queixar-te disso, encontra alguém que se importe.

— Desculpe — diz Morris.

— Desculpe *o quê?*

— Desculpe, senhor McFarland.

— Obrigado, Morris, assim é melhor. Agora, vamos até à casa de banho, onde vais mijar neste copinho para me provares que a tua paranoia não é induzida por drogas.

Os últimos funcionários estão a terminar o dia de trabalho. Vários olham para Morris e para o enorme negro com o casaco berrante, então desviam o olhar rapidamente. Morris sente vontade de gritar: *Isso mesmo, ele é o meu agente da condicional, deem uma boa olhadela!*

Segue McFarland até à casa de banho, que está vazia, graças a Deus. McFarland encosta-se à parede com os braços cruzados sobre o peito, a ver Morris libertar a pila velha e fornecer uma amostra de urina. Como ela não fica azul ao fim de trinta segundos, McFarland devolve o copinho de plástico a Morris.

— Parabéns. Deita isso fora, companheiro.

Morris faz isso. McFarland está a lavar as mãos metodicamente, ensaboando-as até aos pulsos.

— Não tenho sida, se é com isso que está preocupado.

Tive de fazer o exame antes de sair em liberdade.

McFarland seca bem as mãos grandes. Observa-se ao espelho por um momento (talvez desejando ter cabelo para pentear), depois vira-se para Morris.

— Podes estar limpo de substâncias, mas não gosto mesmo do teu aspeto, Morrie.

Morris fica em silêncio.

— Deixa-me dizer-te uma coisa que dezoito anos neste trabalho me ensinaram. Há apenas dois tipos de ex-presidiários: os lobos e os cordeiros. Tu és demasiado velho para ser um lobo, mas não tenho a certeza absoluta se o sabes. Podes não ter *interiorizado* isso, como dizem os psicólogos. Não sei que merda estás a planear, talvez apenas roubar clipes do economato, mas, seja lá o que for, é melhor esqueceres. És velho de mais para uivar e ainda *mais* para correr.

Depois de partilhar aquela pérola de sabedoria, McFarland vai-se embora. Morris vai em direção à porta, mas as pernas transformam-se em borracha antes de lá chegar. Dá meia-volta e apoia-se no lavatório para não cair, e corre para um dos cubículos. Ali, senta-se e baixa a cabeça até quase tocar nos joelhos. Fecha os olhos e respira fundo. Quando o rugido na sua cabeça diminui, levanta-se e vai-se embora.

Ele ainda vai estar aqui, pensa Morris. A olhar para a porcaria do quadro com as mãos atrás das costas.

Mas, dessa vez, no átrio só está o segurança, que olha para Morris com desconfiança quando ele passa.

começa às sete, mas os autocarros com JOGO DE BASEBOL HOJE no destino começam a passar às cinco da tarde. Morris apanha um até ao parque e segue a pé até à Statewide Motorcycle, ciente de cada carro que passa por ele e censurando-se por se descontrolar na casa de banho depois da saída de McFarland. Se o tivesse seguido, talvez pudesse ter visto o que o filho da mãe conduzia. Mas não o fez, e agora qualquer carro pode ser o de McFarland. O agente da condicional seria fácil de reconhecer, considerando o seu tamanho, mas Morris não se atreve a olhar para dentro de nenhum dos carros com atenção. Há dois motivos para isso. Primeiro, pareceria culpado, não é? Sem dúvida, pareceria um homem a planear fazer alguma merda e atento ao que o rodeava. Segundo, talvez visse McFarland mesmo que ele não estivesse lá, porque se encontra a um passo de um ataque de nervos. O que também não é de admirar. Ninguém aguenta tanto stresse.

Quantos anos tem, afinal? Vinte e dois?, perguntara Rothstein. *Vinte e três?*

Fora um bom palpite de um homem observador. Morris tivera vinte e três. Agora, está a chegar aos sessenta, e os anos entre essas idades desapareceram como fumo no vento. Dizem que os sessenta são os novos quarenta, mas isso é uma treta. Quando se passou boa parte da vida na prisão, sessenta são os novos setenta e cinco. Ou oitenta. Demasiado velho para ser um lobo, de acordo com McFarland.

Bem, logo veremos, não é verdade?

Entra no pátio da Statewide Motorcycle, que tem os estores corridos, e as motos que de manhã estavam na rua estão guardadas, e espera ouvir a porta de um carro bater atrás de si assim que entra na propriedade privada. Espera ouvir McFarland a dizer: *Então, companheiro? Que estás aqui*

a fazer?

Mas o único som é o do tráfego intenso a caminho do estádio e, quando chega às traseiras, a faixa invisível que lhe aperta o peito alarga-se um pouco. Há um muro alto de chapa ondulada a separar aquela zona do pátio do resto do mundo, e os muros tranquilizam Morris. Não gosta disso, sabe que não é natural, mas é a verdade. Um homem é a soma das suas experiências.

Vai até à carrinha — pequena, empoeirada, abençoadamente comum — e procura de baixo do pneu dianteiro direito. A chave está ali. Entra e sente-se grato quando o motor pega à primeira. O rádio começa a tocar uma música *rock*. Morris desliga-o.

— Consigo fazer isto — afirma ele, ajeitando primeiro o banco e depois agarrando o volante. — Consigo.

E consegue mesmo. É como andar de bicicleta. A única parte difícil é ir contra o fluxo de carros que segue para o estádio, e nem isso é muito mau; depois de mais ou menos um minuto, um dos autocarros para, e o condutor faz sinal a Morris para passar. As faixas em direção a norte estão quase vazias, e ele consegue evitar o centro usando a nova circular. Quase sente prazer em conduzir de novo. *Quase*, se não fosse a desconfiança irritante de que McFarland está a segui-lo. Mas ainda não vai apanhá-lo; só o vai fazer quando vir o que o velho amigo, o seu *companheiro*, está a tramar.

Morris para no centro comercial da Bellows Avenue e entra no Home Depot. Avança calmamente sob as luzes fluorescentes intensas; não pode fazer o que tem para fazer antes do anoitecer e, em junho, há luz até às oito e meia ou nove horas. Na secção de jardinagem, compra uma pá e um machado, para o caso de ter de cortar algumas raízes; aquela árvore parece ter prendido bem a arca. No corredor

assinalado com LIQUIDAÇÃO, pega em dois sacos *Tuff Tote*, à venda por vinte dólares cada. Guarda as compras na parte de trás da carrinha e segue para a porta do condutor.

— Ei! — grita alguém atrás dele.

Morris para, ouve o som de passos e espera que McFarland lhe agarre o ombro.

— Sabe se há um supermercado neste centro comercial?

A voz é jovem. E de um branco. Morris descobre que consegue respirar de novo.

— Há um Safeway — diz ele sem se virar. Não faz ideia se há um supermercado no centro comercial ou não.

— Ah. Certo. Obrigado.

Morris entra na carrinha e liga o motor. Consigo fazer isto, pensa ele.

Consigo e farei.

26

Segue lentamente pelas ruas com nomes de árvores em Northfield, que antigamente haviam sido o seu território. Não é que o tivesse explorado muito; estava sempre com o nariz enfiado num livro. Ainda é muito cedo, então estaciona na Elm Street algum tempo. Há um velho mapa empoeirado no porta-luvas, e ele finge analisá-lo. Depois de uns vinte minutos, vai até à Maple Street e faz a mesma coisa. A seguir vai ao Zoney's Go-Mart, onde comprava guloseimas quando era criança. E cigarros para o pai. Isso foi na altura em que um maço custava quarenta cêntimos e era comum as crianças comprarem tabaco aos adultos. Pede um batido e fá-lo durar. Em seguida, vai para a Palm Street e volta a fingir que está a analisar o mapa. As sombras estão a alongar-se, mas bastante devagar.

Devia ter trazido um livro, pensa ele, e logo de seguida: Não, um homem com um mapa não chama a atenção, mas um homem a ler um livro numa carrinha velha provavelmente pareceria um potencial pedófilo.

Isso é paranoia ou esperteza? Já não sabe dizer. Só sabe que os cadernos estão muito próximos agora. Apitam como um sonar.

Pouco a pouco, aquele dia de junho vai escurecendo. As crianças que estavam a brincar nos passeios e relvados entram para ver televisão ou entreter-se com jogos de vídeo, ou passar uma noite educativa a mandar várias mensagens de texto cheias de erros ortográficos e de *emoticons* idiotas aos amigos.

Confiante de que McFarland não está por perto (embora não *totalmente* confiante), Morris liga a *pick-up* e conduz lentamente para o destino final: o centro recreativo da Birch Street, onde ia quando a biblioteca da Garner Street estava fechada. Magricela, viciado em livros e com uma lamentável tendência para não conter a língua, raramente era escolhido para os jogos ao ar livre, e quase sempre lhe gritavam quando era: ei, dedos de manteiga, ei, burro, ei, mão de aranha. Por causa dos lábios vermelhos, ganhou a alcunha de Revlon. Quando ia ao centro recreativo, ficava lá dentro, a ler ou a fazer um quebra-cabeças. Agora, o município fechou o edifício de tijolo e pô-lo à venda na sequência dos cortes orçamentais.

Alguns rapazes estão a jogar basquete nos campos cheios de ervas daninhas das traseiras, mas já não há candeeiros de rua e eles desistem quando fica demasiado escuro para ver, vociferando, driblando e fazendo passes. Quando se vão embora, Morris liga a carrinha e entra no caminho de acesso ao lado do edifício. Não acende os faróis, e a carrinha preta é da cor certa para aquele tipo de

trabalho. Vai até às traseiras, onde uma placa apagada ainda diz RESERVADO A VEÍCULOS DO CENTRO RECREATIVO. Desliga o motor, sai e sente o cheiro do ar noturno de junho, com aroma a relva e trevo. Ele ouve os grilos e o som do tráfego na via rápida, mas, fora isso, a noite é dele.

Vá-se foder, senhor McFarland, pensa ele. Vá-se foder.

Tira as ferramentas e os sacos da parte de trás da carrinha e segue na direção do terreno baldio atrás do campo de basebol, onde deixou cair tantas bolas. Mas uma ideia surge na sua cabeça, e Morris vira-se. Apoia a palma da mão no tijolo velho, ainda quente do sol, agacha-se e puxa algumas ervas para poder espreitar pelas janelas da cave. Estas não foram entaipadas. A lua tinha acabado de surgir no céu, alaranjada e cheia. Oferece luz suficiente para ele ver cadeiras desdobráveis, mesas de cartas e pilhas de caixas.

Morris planeou levar os cadernos para o apartamento do Castelo dos Malucos, mas é arriscado; o senhor McFarland pode revistar-lhe o quarto quando quiser, faz parte do acordo. O centro recreativo fica mais perto de onde os cadernos estão enterrados, e a cave, onde todo o tipo de material inútil já foi guardado, seria o esconderijo perfeito. Talvez seja possível esconder a maioria ali, levando apenas alguns para casa, onde pode lê-los. Morris é suficientemente magro para passar pela janela, embora talvez precise de se espremer um pouco, e por acaso seria muito difícil forçar o fecho simples que vê do lado de dentro? Uma chave de fendas provavelmente resolveria o problema. Não tem nenhuma, mas há muitas no Home Depot. Até viu uma pequena prateleira de ferramentas quando foi ao Zoney's.

Aproxima-se da janela suja e estuda-a. Sabe procurar alarmes (a prisão estadual é um lugar muito educativo

quando se trata de arrombamento e invasão de propriedade privada), mas não vê nada. E se o alarme usar um sistema de contactos magnéticos? Não os veria, e talvez também não ouvisse o alarme disparar. Alguns são silenciosos.

Observa mais um pouco, depois levanta-se com relutância. Não parece provável que um edifício antigo como aquele tenha alarme, pois as coisas valiosas sem dúvida já foram retiradas há muito tempo, mas não quer arriscar.

É melhor seguir o plano original.

Pega nas ferramentas e nos sacos e volta a ir em direção ao terreno baldio, tendo o cuidado de contornar o campo de baseball. Não vai para ali, não senhor. A lua irá ajudá-lo quando estiver no meio da vegetação, mas, a céu aberto, o mundo parece um palco iluminado.

O saco de batatas fritas que o ajudou da última vez já lá não está, e ele leva algum tempo a encontrar o caminho. Anda de um lado para outro pela vegetação a seguir ao campo da direita (local de várias humilhações na infância) até finalmente encontrar o caminho e seguir por ele. Quando ouve o som suave do riacho, tem de se conter para não desatar a correr.

Os tempos têm sido difíceis, pensa ele. Pode haver alguns sem-abrigo a dormir aqui. Se um deles me vir...

Se um deles o vir, ele vai usar o machado. Sem hesitar. O senhor McFarland pode achar que ele está demasiado velho para ser um lobo, mas o que o seu agente da condicional não sabe é que Morris já matou três pessoas, e conduzir um carro não é a única coisa que é como andar de bicicleta.

São muitas árvores, a lutar umas contra as outras por espaço e por luz do Sol, mas são suficientemente altas para filtrar o luar. Duas ou três vezes, Morris perde-se e anda às cegas, a tentar encontrar de novo o trilho. Isso deixa-o satisfeito. Tem o som do riacho para guiá-lo, e a pouca visibilidade do trilho confirma que foi praticamente abandonado pelos miúdos. Morris só espera não estar a passar por alguma planta venenosa.

O som do riacho está muito próximo quando ele encontra o trilho pela última vez, e, menos de cinco minutos depois, está na margem em frente à árvore. Detém-se por um momento sob o luar, procurando sinal de ocupação humana: cobertores, um saco-cama, um carrinho de supermercado, um plástico sobre os ramos para criar uma tenda improvisada. Não há nada. Apenas a água a seguir pelo caminho cheio de pedras e a árvore inclinada no lado oposto do riacho. A árvore que protegeu fielmente o seu tesouro ao longo de todos aqueles anos.

— Árvore linda — sussurra Morris, e atravessa o riacho.

Ajoelha-se e põe as ferramentas e os sacos de lado para um momento de meditação.

— Aqui estou — sussurra, e pousa as palmas das mãos na terra, como se procurasse pulsação.

E parece que *sente* uma. É o pulso do génio de John Rothstein. O velho transformou Jimmy Gold numa piada, mas quem sabe se Rothstein não redimi Jimmy durante os anos de escrita solitária? Se ele fez isso... *se...* então tudo pelo que Morris passou valeu a pena.

— Cheguei, Jimmy. Finalmente, cheguei.

Pega na pá e começa a cavar. Não leva muito a chegar de novo à arca, mas, como imaginou, as raízes cercaram-na, e Morris leva quase uma hora a conseguir cortar o suficiente para puxá-la de lá. Há anos que não faz trabalho

braçal, e fica exausto. Pensa em todos os condenados que conheceu, Charles Roberson, por exemplo, que treinavam constantemente, e no quanto escarnecia deles pelo que considerava um comportamento obsessivo-compulsivo (em pensamento, pelo menos; nunca na cara). Morris não está a escarnecer agora. Doem-lhe as coxas, as costas, e, pior de tudo, a sua cabeça lateja como um dente infetado. Começou a soprar uma brisa leve que arrefece o suor que lhe cobre a pele, mas também faz os ramos balançarem, criando sombras em movimento que o deixam assustado. Fazem-no pensar de novo em McFarland. McFarland a seguir pelo trilho, movendo-se com o silêncio espectral de que são capazes certos homens grandes, especialmente soldados e ex-atletas.

Quando recupera o fôlego e o seu coração abrandar, Morris estica a mão para a pega da arca e vê que já lá não está. Inclina-se para a frente, apoiado nas mãos, e espreita pelo buraco, desejando ter-se lembrado de levar uma lanterna.

A pega *ainda* lá está, mas partiu-se.

Isso não está certo, pensa Morris. Está?

Volta no tempo todos aqueles anos, tentando lembrar-se se alguma das pegas estava partida. Acha que não. Na verdade, tem quase a certeza. Mas lembra-se de ter tombado a arca na garagem e solta um suspiro de alívio suficientemente intenso para inflar as faces. Deve ter-se partido quando ele pôs a arca no carrinho. Ou talvez quando estava a seguir pelo trilho até àquele local. Cavara o buraco à pressa e enfiara a arca ao calhas. Querendo sair dali e com a mente demasiado cheia para reparar num pormenor como uma pega partida. Era isso. Só podia ser. Afinal, a arca não era nova quando a comprara.

Morris agarra-a pelos lados e a arca desliza para fora do

buraco com tanta facilidade que Morris perde o equilíbrio e cai para trás. Fica ali deitado, a olhar para a forma redonda da Lua, e tenta dizer a si mesmo que não há nada errado. Mas ele sabe. Pode ter-se conseguido convencer em relação à pega partida, mas não àquilo.

A arca está demasiado leve.

Morris senta-se, e tem terra na pele húmida de suor. Tira o cabelo da testa com a mão trémula e deixa uma nova mancha no local.

A arca está demasiado leve.

Estica a mão, mas recolhe-a.

Não posso, pensa. Não posso. Se a abrir e os cadernos não estiverem ali, eu... *passo-me*.

Mas porque levaria alguém um monte de cadernos? O dinheiro, tudo bem, mas os cadernos? Não havia sequer espaço para escrever na maioria; Rothstein tinha usado cada cantinho.

E se alguém levou o dinheiro e *queimou* os cadernos? Sem entender o seu valor incalculável, só querendo livrar-se de algo que um ladrão poderia ver como prova?

— Não — sussurra Morris. — Ninguém faria isso. Eles ainda estão ali dentro. Têm de estar.

Mas a arca está demasiado leve.

Olha fixamente para o pequeno caixão exumado inclinado na margem ao luar. Atrás dele está o buraco, aberto como uma boca que acabou de vomitar. Morris estica de novo a mão para a arca e hesita, então avança e abre os fechos, rezando a um Deus que sabe não ligar a pessoas como ele.

Olha para dentro.

A arca não está completamente vazia. O plástico que ele usou para a forrar ainda ali se encontra. Tira-o numa nuvem de detritos, esperando que alguns dos cadernos

tenham ficado por baixo, dois ou três ou, por favor, meu Deus, pelo menos um. Mas só há alguns montinhos de terra nos cantos.

Morris leva as mãos imundas ao rosto, que já foi jovem e agora está cheio de rugas, e começa a chorar.

28

Prometeu devolver a carrinha às dez, mas passa da meia-noite quando a estaciona atrás da Statewide Motorcycle e mete a chave de novo sob o pneu dianteiro direito. Não tira as ferramentas nem os sacos vazios que deviam estar cheios; que Charlie Roberson fique com tudo, se quiser.

As luzes do estádio de baseball a quatro quarteirões dali foram apagadas uma hora antes. Os autocarros do estádio já pararam de circular, mas os bares (naquele bairro há muitos) vibram com bandas e música de *jukeboxes*, as portas abertas, homens e mulheres de camisolas e bonés dos Groundhogs nos passeios, a fumar cigarros e a beber por copos de plástico. Morris passa por eles sem olhar, ignorando os gritos amistosos dos fãs embriagados, eufóricos da cerveja e uma vitória da equipa da casa, a perguntar se ele aceita uma bebida. Em pouco tempo, os bares ficam para trás.

Parou de pensar em McFarland, e ter de percorrer a pé quase cinco quilómetros até ao Castelo dos Malucos não se regista na sua mente. Também não liga às pernas doridas. É como se pertencessem a outra pessoa. Morris sente-se tão vazio como aquela arca velha ao luar. Tudo por que viveu nos últimos trinta e seis anos foi destruído como uma barraca numa cheia.

Chega a Government Square, e é lá que as suas pernas cedem. Não se senta num dos bancos, desaba. Olha em volta para a área ampla de betão, percebendo que deve parecer suspeito a qualquer agente que passe num carro-patrolha. Não devia estar na rua àquela hora (como um adolescente, tem *recolher obrigatório*), mas quem se importa? Essa merda não quer dizer merda nenhuma. Eles que o mandem de volta para Waynesville. Porque não? Pelo menos lá já não tem de aguentar o chefe gordo de merda. Nem mijar com Ellis McFarland a assistir.

Do outro lado da rua fica o Happy Cup, onde teve muitas conversas agradáveis sobre livros com Andrew Halliday. Menos a *última* conversa, que foi longe de ser agradável. *Mantém-te longe de mim*, dissera Andy. Fora assim que a última conversa terminara.

O cérebro de Morris, que estivera em ponto-morto, mete de novo a mudança, e o olhar atordoado no seu rosto começa a ficar lúcido. *Mantém-te longe de mim, senão eu mesmo chamo a polícia*, disse Andy... mas não foi *tudo* o que ele disse nesse dia. O seu velho amigo também lhe deu um conselho.

Esconde-os algures. Enterra-os!

Andy Halliday disse mesmo aquilo ou foi a sua imaginação?

— Disse — sussurra Morris. Olha para as mãos e vê que estão fechadas em punhos imundos. — Disse, sim. Esconde-os. *Enterra-os!*

E isso leva a certas perguntas.

Quem era a única pessoa que sabia que ele tinha os cadernos de Rothstein?

Quem era a única pessoa que *vira* um dos cadernos de Rothstein?

Quem sabia onde ficava a sua antiga casa?

E, essa era a melhor de todas, quem sabia daquele terreno baldio, alguns hectares abandonados presos numa batalha legal infinita e usados só por crianças e adolescentes a caminho do centro recreativo da Birch Street?

A resposta a todas aquelas perguntas era a mesma.

Talvez possamos voltar a falar do assunto daqui a dez ou vinte anos, dissera o seu velho amigo.

Bem, fora bastante mais do que dez ou vinte anos, não fora? O tempo passara a voar. E o seu velho amigo começara a pensar sobre aqueles cadernos valiosos, que nunca tinham aparecido, nem quando Morris fora preso por violação nem mais tarde, quando a casa fora vendida.

Teria o velho amigo em algum momento decidido visitar o antigo bairro de Morris? Quem sabe passear algumas vezes pelo trilho entre a Sycamore e a Birch Street? Teria ele passeado por ali com um detetor de metal, à espera que este detetasse as peças da arca e começasse a apitar?

Morris *mencionou* a arca naquele dia?

Talvez não, mas que mais podia ser? Que mais fazia sentido? Até uma caixa grande seria pequena. Sacos de papel ou lona teriam apodrecido. Morris pensa quantos buracos Andy teve de cavar antes de encontrar o tesouro. Dez? Quarenta? Quarenta era muito, mas, nos anos setenta Andy era magro, não um badocha como agora. E haveria motivação. Ou talvez ele não tenha precisado de cavar nada. Talvez tenha havido uma inundação e a cheia erodisse o suficiente para deixar a arca à mostra no meio das raízes. Não era possível?

Morris levanta-se e começa a caminhar, agora a pensar em McFarland e a olhar ocasionalmente em volta para ter a certeza de que não está a ser seguido. Tornou a importar-se

de novo, porque tem uma coisa pela qual viver. Um objetivo. É possível que o seu velho amigo tenha vendido os cadernos, vender é o negócio dele tal como era o de Jimmy Gold em *O Corredor Abranda*, mas também é possível que ainda tenha alguns. Ou talvez todos. Só há uma maneira de descobrir, e só uma maneira de descobrir se o velho lobo ainda tem dentes. Tem de fazer uma visitinha ao *companheiro*.

O seu velho amigo.

TERCEIRA PARTE

PETER E O LOBO

É sábado à tarde na cidade, e Hodges está no cinema com Holly. Entram numa negociação animada enquanto consultam os horários de exibição dos filmes na entrada. A sugestão dele de *A Purga: Anarquia* é rejeitada como demasiado assustadora. Holly diz gostar de filmes de terror, mas só no computador, onde pode parar o filme e andar um pouco para aliviar a tensão. A sugestão dela é *A Culpa É das Estrelas*, que é rejeitada por Hodges, que diz que vai ser demasiado sentimental. Na verdade quer dizer demasiado emotiva. Uma história sobre alguém jovem que morre vai fazê-lo pensar em Janey Patterson, que deixou o mundo numa explosão destinada a Hodges. Decidem ver *Agentes Universitários*, uma comédia com Jonah Hill e Channing Tatum. É muito boa. Riem-se bastante e dividem uma embalagem grande de pipocas, mas a cabeça de Hodges está sempre a voltar para a história de Tina sobre o dinheiro que ajudou os pais durante uma época difícil. Onde diabo Peter Saubers conseguiu deitar mão a mais de vinte mil dólares?

Quando os créditos estão a passar, Holly segura a mão de Hodges, e ele fica alarmado ao ver lágrimas nos olhos dela. Pergunta-lhe o que se passa.

— Nada. Mas é bom ter alguém com quem ir ao cinema. Ainda bem que és meu amigo, Bill.

Hodges fica mais do que sensibilizado.

— E ainda bem que és minha amiga. O que vais fazer o resto do sábado?

— Esta noite vou mandar vir comida chinesa e fazer uma maratona da *Orange Is the New Black* — responde ela.

— Mas, agora à tarde, vou navegar na Internet para procurar mais roubos. Já tenho uma lista e tanto.

— Algum parece promissor?

Ela abana a cabeça.

— Vou continuar a procurar, mas acho que é outra coisa, apesar de não ter ideia do quê. Achas que o irmão da Tina te vai contar?

Ele não responde, a princípio. Estão a andar pelo corredor e em breve sairão daquele oásis de faz de conta e regressarão ao mundo real.

— Bill? Terra para Bill.

— Espero que sim — responde ele por fim. — Para bem dele. Porque dinheiro vindo do nada quase sempre é sinónimo de problemas.

2

Tina, Barbara e a mãe de Barbara passam a tarde de sábado na cozinha dos Robinson a fazer bolas de pipocas, uma tarefa ao mesmo tempo suja e hilariante. Estão a divertir-se imenso e, pela primeira vez desde que foi visitar a amiga, Tina não parece nervosa. Tanya Robinson acha isso bom. Não sabe qual é o problema de Tina, mas uma série de pormenores (como ela dar um salto sempre que uma corrente de ar faz bater uma porta no primeiro andar, ou a suspeita vermelhidão de choro nos seus olhos) diz a Tanya que se passa alguma coisa. Não sabe se é uma coisa grande ou pequena, mas tem a certeza do seguinte: Tina

Saubers precisa de dar umas boas gargalhadas.

Estão a terminar (e a ameaçarem-se umas às outras com as mãos pegajosas de xarope) quando uma voz divertida diz:

— Vejam só tantas mulheres atarefadas na cozinha. Que espanto!

Barbara vira-se, vê o irmão encostado à ombreira da porta da cozinha e grita:

— *Jerome!*

Corre para ele e salta. Ele agarra-a, fá-la rodar duas vezes e pousa-a.

— Pensei que ias a um *baile de debutantes!*

Jerome sorri.

— Infelizmente, o meu *smoking* voltou para a loja sem uso. Depois de uma troca intensa de opiniões, a Priscilla e eu concordámos em terminar. É uma história longa e pouco interessante. Por isso, decidi passar por casa e saborear um pouco da comida da cota.

— Não me chames cota — diz Tanya. — É ofensivo.

Mas também parece bastante contente por ver Jerome.

Ele vira-se para Tina e faz uma pequena vénia.

— É um prazer conhecê-la, menina. Qualquer amiga da Barbara, etc...

— Sou a Tina.

Consegue dizer aquilo num tom de voz quase normal, mas não é fácil. Jerome é alto, Jerome tem ombros largos, Jerome é muito bonito, e Tina Saubers apaixona-se por ele imediatamente. Em breve vai começar a calcular quantos anos precisa de ter para que ele a veja como alguém que não a menina com um avental enorme, as mãos pegajosas de fazer bolas de pipocas. Mas, de momento, está demasiado atordoada com a beleza dele para pensar em números. E, mais tarde, Barbara não precisa de insistir

muito para que Tina conte tudo ao irmão. Se bem que nem sempre seja fácil manter a concentração, com os olhos escuros do rapaz fixos nos dela.

3

A tarde de sábado de Pete não é tão agradável. Na verdade, é bastante merdosa.

Às duas, os delegados de turma de três escolas de secundário reúnem-se no maior auditório do River Bend Resort para ouvir um dos dois senadores do estado fazer um discurso longo e chato chamado «Governança no secundário: a vossa introdução à política e ao serviço público». O senador, que usa um fato de três peças e tem uma farta cabeleira grisalha penteada para trás (a que Pete chama «cabelo de vilão de telenovela»), parece pronto para falar até à hora do jantar. Talvez mais. Pelos vistos, a tese está relacionada com eles serem a PRÓXIMA GERAÇÃO, e que serem delegados de turma vai prepará-los para lidarem com a poluição, o aquecimento global, a diminuição dos recursos naturais e, talvez, o primeiro contacto com alienígenas de Proxima Centauri. Cada minuto daquela interminável tarde de sábado parece durar um século, tornando-se agonizante enquanto o senador continua no seu tom monocórdico.

Pete não podia sentir maior indiferença ante a perspectiva de assumir o cargo de vice-presidente dos alunos de Northfield High em setembro. No que lhe diz respeito, setembro está tão distante como a Proxima Centauri e os alienígenas. O único futuro que importa é segunda à tarde, quando vai enfrentar Andrew Halliday, um homem que agora deseja de todo o coração nunca ter conhecido.

Mas posso sair disto, pensa ele. Se conseguir manter a calma, claro. E tiver em mente o que a tia do Jimmy Gold diz em *O Corredor Levanta a Bandeira*.

Pete concluiu que vai começar a sua conversa com Halliday com esta citação: *Dizem que meio pão é melhor do que pão nenhum, Jimmy, mas, num mundo de escassez, até uma fatia é melhor do que pão nenhum.*

Ele sabe o que Halliday quer e vai oferecer-lhe mais do que uma fatia, mas não meio pão e certamente não um pão inteiro. Isso não vai acontecer. Com os cadernos bem escondidos na cave do centro recreativo da Birch Street, ele pode negociar, e se Halliday quiser sair da história com algum lucro, vai ter de negociar também.

Chega de ultimatoss.

Vou dar-lhe trinta e seis cadernos, imagina-se Pete a dizer. Contêm poemas, ensaios e nove contos completos. Vou até dividir o dinheiro a meio, só para me ver livre de si.

Tem de insistir em receber dinheiro, embora não tenha como verificar quanto Halliday vai realmente receber do comprador ou compradores. Pete acha que vai sofrer um desfalque, e um desfalque violento. Mas tudo bem. O importante é ter a certeza de que Halliday saiba que ele está a falar a sério. Que não aceita ser, na expressão pungente de Jimmy Gold, «a queca de aniversário de ninguém». Mais importante ainda é não deixar Halliday ver o quanto está assustado.

Apavorado.

O senador encerra a apresentação com algumas frases grandiloquentes sobre como o TRABALHO VITAL da PRÓXIMA GERAÇÃO começa NAS ESCOLAS DOS ESTADOS UNIDOS e que eles, os eleitos, devem manter acesa A TOCHA DA DEMOCRACIA. Os aplausos são entusiasmados, possivelmente porque a palestra acabou e podem ir-se embora. Pete quer sair dali

depressa, fazer uma longa caminhada e rever os planos algumas vezes, à procura de falhas e obstáculos.

Mas isso não vai ser possível. A diretora de escola que tão magnanimamente organizou a infundável palestra daquela tarde dá uns passos em frente para anunciar que o senador aceitou ficar mais uma hora para responder a perguntas.

— Estou certa de que têm muitas — afirma ela, e as mãos dos graxistas e dos cromos (parece haver muitos na plateia) sobem de imediato.

Pete pensa: Esta merda não quer dizer merda nenhuma.

Olha para a porta, calcula as suas possibilidades de sair sem ser notado e recosta-se na cadeira. Dali a uma semana, tudo vai estar resolvido, diz para si mesmo.

O pensamento consola-o um pouco.

4

Um certo ex-presidiário em liberdade condicional acorda quando Hodges e Holly estão a sair do cinema e Tina está a apaixonar-se pelo irmão de Barbara. Morris dormiu toda a manhã e parte da tarde depois de uma noite insone e agitada, na qual só conciliou o sono quando os primeiros raios de luz de sábado começaram a entrar no quarto. Os seus sonhos foram piores do que pesadelos. Naquele que o acordou, ele abria a arca e encontrava-a cheia de viúvas-negras, milhares delas, todas emaranhadas e inchadas de veneno, a pulsar ao luar. Saíam em jorro, subindo pelas suas mãos e correndo pelos seus braços.

Morris grita e engasga-se até voltar ao mundo real, abraçando o peito com tanta força que mal consegue respirar.

Senta-se na beira da cama com a cabeça baixa, tal como se sentou na sanita depois de McFarland sair da casa de banho do CACM na tarde anterior. É o facto de não saber o que aconteceu que está a dar cabo dele, e tem de dissipar essa incerteza o mais depressa possível.

O Andy *deve* tê-los levado, pensa. Nada mais faz sentido. E mais vale que ainda os tenhas, velho amigo. Deus te ajude se não tiveres.

Morris veste calças de ganga lavadas e apanha um autocarro para South Side, porque decidiu que afinal vai precisar de uma das ferramentas. Também quer os sacos. Porque é fundamental ter pensamentos positivos.

Charlie Roberson está novamente sentado diante da *Harley*, agora tão desmontada que quase já não se assemelha a uma moto. Não parece ficar muito contente com o reaparecimento do homem que o ajudou a sair da prisão.

— Como correu ontem? Fizeste o que precisavas de fazer?

— Está tudo ótimo — diz Morris, e esboça um sorriso que parece demasiado largo e frouxo para ser convincente. — Tranquilo.

Roberson não sorri.

— Desde que *a bófia* não esteja envolvida. Não me pareces muito bem, Morrie.

— Bem, sabes como é. As coisas raramente se resolvem todas de uma vez. Tenho mais algumas pontas soltas para amarrar.

— Se precisas da carrinha de novo...

— Não, não. Deixei umas coisas lá dentro, só isso. Posso ir buscá-las?

— Não é nada que vá sobrar para mim, pois não?

— Nada disso. Só dois sacos.

E o machado, mas ele não menciona isso. Poderia comprar uma faca, mas um machado é mais assustador. Morris mete-o num dos sacos, despede-se de Charlie e volta para a paragem de autocarro. O machado balança de um lado para o outro no saco a cada passo.

Não me faças usá-lo, vai ele dizer a Andy. Não quero magoar-te.

Mas é claro que parte dele *quer* usá-lo. Parte dele *quer* magoar o velho amigo. Porque, independentemente dos cadernos, os dois ainda têm contas a acertar. Afinal, é como se costuma dizer: cá se fazem, cá se pagam.

5

Lacemaker Lane e a zona comercial de que ela faz parte estão bastante concorridas na tarde de sábado. Há centenas de lojas com nomes mimosos como Deb, Buckle e Forever 21. Há também uma chamada Lids, que só vende chapéus. Morris entra nela e compra um boné dos Groundhogs com pala extralonga. Já próximo da Andrew Halliday Rare Editions, para de novo e compra um par de óculos de sol num quiosque da Sunglass Hut.

Quando vê a placa do estabelecimento do velho amigo, com as letras douradas, ocorre-lhe uma possibilidade desalentadora: e se Andy fechar cedo aos sábados? Todas as outras lojas parecem estar abertas, mas algumas livrarias de edições raras têm horários menos alargados. Seria um grande azar.

Mas, quando passa pela loja, a balançar os sacos (*clanc* e *bamp* faz o machado), seguro atrás dos óculos escuros, vê a placa de ABERTO pendurada na porta. Vê outra coisa também: câmaras a apontar para a esquerda e para a

direita no passeio. Deve haver mais lá dentro, mas tudo bem; Morris fez dezenas de cursos de pós-graduação com ladrões.

Demora-se na rua a olhar para a montra de uma padaria e a observar a mercadoria de uma banca de recordações (embora não consiga imaginar quem compraria uma recordação daquela cidadezinha imunda). Até se detém para ver um mimo fazer malabarismos com bolas coloridas e fingir subir uma escada invisível. Morris atira duas moedas de vinte e cinco centavos para o chapéu do mimo. Para dar sorte, diz a si mesmo. Música *pop* soa nos altifalantes da esquina. Há cheiro a chocolate no ar.

Então dá meia-volta. Vê dois jovens a sair da loja de Andy e continuar pelo passeio. Dessa vez, Morris detém-se e olha para a montra, onde há três livros abertos em suportes, sob projetores: *Não Matem a Cotovia*, *À Espera no Centeio* e (só pode ser um presságio) *O Corredor Entra em Ação*. A loja por trás da montra é estreita e com pé-direito alto. Não vê nenhum outro cliente, mas vê o seu velho amigo, o único e inigualável Andy Halliday, sentado ao balcão, a ler um livro.

Morris finge atar o sapato e abre o saco com o machado. Levanta-se e, sem hesitar, abre a porta da Andrew Halliday Rare Editions.

O seu velho amigo levanta o rosto do livro e observa os óculos de sol, o boné de pala e os sacos. Franze a testa, mas só um pouco, porque *toda a gente* na zona anda com sacos e o dia está quente e ensolarado. Morris vê cautela, mas nenhum sinal de verdadeiro alarme, o que é bom.

— Importa-se de deixar os sacos debaixo do bengaleiro?
— pergunta Andy. Sorri. — É a regra da loja.

— Ora essa — responde Morris.

Deixa os sacos no chão, tira os óculos de sol e guarda-os

no bolso. Em seguida, tira o boné novo e passa a mão pelo cabelo branco curto. Pensa: Estás a ver? Sou só um idoso que entrou para se abrigar do sol quente e olhar para os livros. Não tens com que te preocupar.

— Ufa! Está calor lá fora.

Volta a pôr o boné.

— Sim, e dizem que amanhã ainda vai estar mais. Posso ajudá-lo em alguma coisa?

— Estou só a ver. Se bem que... Tenho *andado* à procura de um livro bastante raro chamado *O Cabo do Medo*. É de um escritor de *suspense* chamado John D. MacDonald. — Os livros de MacDonald eram muito populares na biblioteca da prisão.

— Conheço bem! — diz Andy, jovialmente. — Escreveu todas aquelas histórias de Travis McGee. Aquelas com os títulos coloridos. Era escritor de muitos livros de bolso, não era? Eu só trabalho com capa dura, de modo geral. Poucos têm qualidade suficiente para colecionadores.

E cadernos?, pensa Morris. *Moleskines*, para ser mais específico. Trabalhas com isso, seu ladrão gordo de merda?

— *O Cabo do Medo* foi publicado em capa dura — diz ele, examinando uma prateleira de livros perto da porta. Quer ficar perto da porta por enquanto. E do saco com o machado. — Deu origem ao filme com o mesmo nome. Comprava-lhe um exemplar se por acaso tivesse um em boas condições. Algo a que vocês do meio chamam «seminovo». Se o preço for bom, claro.

Andy parece animado agora, e porque não estaria? Tem um peixe no anzol.

— De certeza de que não o tenho em *stock*, mas posso procurá-lo no BookFinder para si. É uma base de dados. Se estiver listado, e um livro de capa dura do MacDonald deve estar, principalmente se deu um filme... e se for uma

primeira edição... posso consegui-lo para si até terça. Quarta, no máximo. Quer que dê uma olhadela?

— Quero — diz Morris. — Mas o preço tem de ser bom.

— Claro, claro.

O riso de Andy é tão expansivo como a sua barriga. Baixa os olhos para o ecrã do portátil. Assim que o faz, Morris vira a placa pendurada na porta de ABERTO para FECHADO. Inclina-se e tira o machado do saco. Atravessa a loja com ele ao lado da perna. Não se apressa. Não precisa de se apressar. Andy está a escrever no portátil, absorto no que vê no ecrã.

— Encontrei! — exclama o seu velho amigo. — O James Graham tem um, seminovo, por apenas trezentos dóla...

Andy para de falar quando a lâmina do machado surge na sua visão periférica, depois à frente. Ergue o olhar, o rosto parado do choque.

— Quero as tuas mãos onde possa vê-las — ordena Morris. — Deve haver um botão de alarme no balcão. Se queres manter os dedos todos, não tentes premi-lo.

— O que quer? Porque...?

— Ainda não me reconheceste, pois não? — Morris não sabe se deve achar graça ou ficar furioso. — Nem mesmo assim, de perto.

— Não, eu... eu...

— Acho que não devo ficar admirado. Passou muito tempo desde o Happy Cup, não é?

Halliday olha para o rosto maltratado e cheio de rugas de Morris com fascínio e medo. Morris pensa: É como um pássaro a olhar para uma cobra. É um pensamento agradável que o faz sorrir.

— Meu Deus! — O rosto de Andy adquiriu a cor de queijo velho. — Não podes ser tu. Estás preso.

Morris abana a cabeça, ainda a sorrir.

— Deve haver uma base de dados para ex-presidiários em liberdade condicional, assim como há para livros raros, mas acho que nunca tiveste curiosidade de a consultar. Bom para mim, não tão bom para ti.

Uma das mãos de Andy está a afastar-se do teclado. Morris balança o machado.

— Não faças isso, Andy. Quero ver as tuas mãos perto do computador, as palmas para baixo. E não tentes bater no botão com o joelho. Saberei se tentares, e as consequências vão ser extremamente desagradáveis.

— O que queres?

A pergunta deixa-o furioso, mas o seu sorriso alarga-se.

— Como se não soubesses.

— Não sei, Morrie, meu Deus! — A boca de Andy está a mentir, mas os seus olhos dizem a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade.

— Vamos até ao teu escritório. Tenho a certeza de que tens um nas traseiras.

— Não!

Morris balança o machado de novo.

— Podes sair disto inteiro e intacto ou com alguns dedos a menos. Acredita em mim, Andy, não sou o homem que conhecias.

Andy levanta-se, sem nunca tirar os olhos do rosto de Morris, mas Morris não tem a certeza se o velho amigo o vê. Oscila como se dançasse ao som de uma música invisível, prestes a desmaiar. Se isso acontecer, só vai poder responder às suas perguntas quando voltar a si. Além disso, Morris teria de *arrastá-lo* até ao escritório e não sabe se iria conseguir; se Andy não tiver chegado aos cento e cinquenta quilos, deve andar perto.

— Respira fundo — diz ele. — Acalma-te. Só quero algumas respostas. Depois vou-me embora.

— Prometes? — O lábio inferior de Andy está projetado e brilha de saliva. Parece um miúdo gordo a levar uma descompostura do pai.

— Prometo. Agora, respira.

Andy respira.

— De novo.

O peito enorme de Andy sobe, forçando os botões da camisa, depois desce. Um pouco da cor volta ao seu rosto.

— Para o escritório. Agora.

Andy vira-se e vai até às traseiras da loja, contornando caixas e pilhas de livros com a graciosidade meticulosa que alguns homens gordos têm. Morris segue-o. A sua fúria está a aumentar. É alguma coisa no gingar quase feminino das nádegas de Andy dentro das calças de gabardina que desperta isso.

Há um teclado ao lado da porta. Andy digita quatro números (9118) e uma luz verde acende-se. Quando ele entra, Morris lê a mente do velho amigo através daquela nuca careca.

— Não és suficientemente rápido para me bateres com a porta na cara. Se tentares, vais perder uma coisa que não pode ser substituída. Acredita.

Os ombros de Andy, que se tinham endireitado quando ele decidiu fazer uma tentativa, curvam-se de novo. Ele entra. Morris segue-o e fecha a porta.

O escritório é pequeno, forrado com estantes cheias e iluminado por globos suspensos. No chão, há um tapete turco. A secretária ali é muito mais bonita, de mogno, teca ou alguma outra madeira cara. Nela há um candeeiro com um abajur que parece vidro *Tiffany* verdadeiro. À esquerda da porta há um aparador com quatro decantadores pesados de cristal. Morris não sabe o que contêm os dois com líquido transparente, mas aposta que os outros dois têm

scotch e *bourbon*. E dos bons, se ele conhece o velho amigo. Para brindar às grandes vendas, sem dúvida.

Morris só se lembra dos tipos de bebida disponíveis na prisão, aguardente de ameixa e aguardente de passas, e apesar de só as ter bebido em ocasiões raras, como o seu aniversário (e o de John Rothstein, que ele assinalava sempre com uma dose só), a sua fúria cresce. Bebida boa e comida boa, foi o que Andy Halliday teve sempre enquanto Morris tingia calças de ganga, respirava vapores de verniz e vivia numa cela do tamanho de um caixão. Foi para a prisão por violação, era verdade, mas nunca teria ido parar àquele beco depois de se embebedar se aquele homem não o tivesse rejeitado e mandado embora. *Morris, eu nem devia ser visto contigo*, dissera ele naquele dia. E chamara-lhe maluco.

— Vives no luxo, hein, amigo?

Andy olha em volta, como se reparasse nas instalações luxuosas pela primeira vez.

— É o que parece — admite ele —, mas as aparências iludem, Morrie. A verdade é que estou quase falido. Esta loja nunca recuperou da recessão e de certas... inverdades. Tens de acreditar em mim.

Morris raramente pensa nos envelopes de dinheiro que Curtis Rogers encontrou naquela noite com os cadernos no cofre de Rothstein, mas pensa neles agora. O seu velho amigo tirou o dinheiro e os cadernos. Tanto quanto Morris sabe, aquele dinheiro pagou a secretária, o tapete e os decantadores elegantes.

Com isso, o balão de fúria finalmente explode. Morris balança o machado num arco lateral, e o boné cai-lhe da cabeça. O machado corta o tecido cinzento e enterra-se na nádega gorda com um som abafado. Andy grita e cambaleia para a frente. Ampara a queda apoiando-se na

beira da secretária com os antebraços, depois cai de joelhos. O sangue escorre por um corte de quinze centímetros nas calças. Tenta tapá-lo com as mãos, e mais sangue escorre por entre os dedos. Cai de lado e rola no tapete turco. Com certa satisfação, Morris pensa: Nunca vais conseguir tirar essa nódoa, companheiro.

— Disseste que não ias magoar-me! — berra Andy.

Morris pensa nisso e abana a cabeça.

— Não me lembro de ter dito isso com todas as palavras, mas acho que devo tê-lo dado a entender. — Olha para o rosto contorcido de Andy com franca sinceridade. — Pensa nisso como uma lipoaspiração feita em casa. E ainda podes sair vivo daqui. Só precisas de me contar onde estão os cadernos.

Dessa vez, Andy não finge não saber do que Morris está a falar, agora que tem o traseiro em chamas e sangue a escorrer pela coxa.

— Não os tenho!

Morris apoia-se num joelho, com cuidado para evitar a poça crescente de sangue.

— Não acredito em ti. Eles desapareceram, só ficou a arca onde estavam escondidos, e ninguém sabia que eu os tinha além de ti. Então, vou perguntar mais uma vez, e se não quiseses dar uma boa olhadela às tuas entranhas ou ao que comeste ao almoço, é melhor responderes com cuidado. *Onde estão os cadernos?*

— Um miúdo encontrou-os! Não fui eu, foi um miúdo! Vive na tua antiga casa, Morrie! Deve tê-los encontrado enterrados na cave, sei lá!

Morris observa o rosto do velho amigo. Procura sinais de mentira, mas também está a tentar absorver aquela mudança repentina do que achava que sabia. É como uma curva apertada à esquerda num carro que vai a cem

quilómetros por hora.

— Por favor, Morrie, por favor! Ele chama-se Peter Saubers!

É o que o convence, porque Morris sabe o nome da família que agora vive na casa onde passou a infância. Além do mais, um homem com um corte profundo no traseiro não consegue inventar uma coisa específica dessas no calor do momento.

— Como sabes?

— *Porque ele está a tentar vender-mos!* Morrie, preciso de um médico! Estou a sangrar como um porco!

És um porco, pensa Morris. Mas não te preocupes, velho amigo, em breve estarás livre da tua infelicidade. Vou mandar-te para a grande livraria no céu. Mas ainda não, porque Morris vê um raio de esperança.

Ele está a tentar, disse Andy, não *Ele tentou*.

— Conta-me tudo — pede Morris. — E depois vou-me embora. Vais ter de chamar a ambulância sozinho, mas tenho a certeza de que consegues.

— Como sei se estás a dizer a verdade?!

— Porque, se o miúdo tem os cadernos, já não tenho mais interesse em ti. É claro que tens de prometer não contar a ninguém quem te fez isto. Foi um homem mascarado, não foi? Provavelmente um toxicodependente. Queria dinheiro, certo?

Andy assente, ansioso.

— Não teve nada que ver com os cadernos, certo?

— Não, nada! Achas que quero o meu nome envolvido nisto?

— Imagino que não. Mas se tentasses inventar uma história, e se o meu nome aparecesse nessa história, eu teria de voltar.

— Não vou fazer isso, Morrie, não vou! — Em seguida,

faz uma declaração tão infantil como aquele lábio inferior projetado húmido de saliva: — Palavra de honra!

— Então conta-me tudo.

Andy conta. A primeira visita de Saubers, com fotocópias dos cadernos e *Missivas do Olimpo* para comparação. A identificação do rapaz que se apresentou como James Hawkins, usando como ponto de partida o autocolante da biblioteca na lombada do livro. A segunda visita do rapaz, quando Andy o ameaçou. A mensagem no atendedor de chamadas sobre a excursão da escola no fim de semana ao *resort* de River Bend e a promessa de voltar segunda à tarde, dali a dois dias.

— A que horas na segunda?

— Ele... ele não disse. Depois das aulas, imagino. Ele estuda na Northfield High. Morrie, ainda estou a sangrar.

— Sim — diz Morris num tom ausente. — Acho que sim.

A sua cabeça está a mil. O rapaz alega ter todos os cadernos. Pode estar a mentir, mas provavelmente não. O número que ele deu a Andy parece certo. *E ele leu-os*. Isso gera uma centelha de inveja venenosa na mente de Morris Bellamy e acende uma chama que se espalha rapidamente até ao coração. Saubers leu o que era destinado a Morris e só a Morris. É uma injustiça grave que precisa de ser resolvida.

Inclina-se para Andy.

— És *gay*? És, não és?

Os olhos do outro tremem.

— Se sou... que importância tem isso? Morrie, preciso de uma *ambulância*!

— Tens namorado?

O seu velho amigo está ferido, mas não é burro. Vê o que uma pergunta dessas pressagia.

— Tenho!

Não tens, não, pensa Morris, e balança o machado: *champ*.

Andy grita e começa a contorcer-se no tapete ensopado de sangue. Morris atinge-o de novo, e Andy volta a gritar. Que sorte a sala estar cheia de livros, pensa ele. Os livros proporcionam um bom isolamento acústico.

— Está quieto, bolas — ordena ele, mas Andy não obedece.

São necessários quatro golpes no total. O último acerta na cana do nariz de Andy e corta os seus olhos como uvas, e, por fim, ele para de se contorcer. Morris puxa o machado com um barulho abafado de aço em osso e larga-o no tapete, ao lado de uma das mãos inertes de Andy.

— Pronto — diz ele. — Terminei.

O tapete ficou encharcado de sangue. A parte da frente da mesa está cheia de salpicos. Uma das paredes também, assim como o próprio Morris. O escritório parece um matadouro. Isso não o incomoda muito; está bastante calmo. Deve ser o choque, pensa, mas e depois? Ele *precisa* de estar calmo. As pessoas nervosas esquecem-se de coisas.

Há duas portas atrás da secretária. Uma dá para a casa de banho particular do seu velho amigo, a outra é de um armário. Há muita roupa no armário, inclusive dois fatos de aspeto caro. Mas não têm utilidade para Morris. Ficar-lhe-iam enormes.

Gostaria que a casa de banho tivesse um chuveiro, mas se a vida fosse assim tão fácil... O lavatório vai ter de servir. Enquanto tira a camisa cheia de sangue e se lava, tenta relembrar-se de tudo em que tocou desde que entrou na loja. Acha que não é muita coisa. Mas vai ter de se lembrar de limpar a placa pendurada na porta. E as maçanetas do armário e da casa de banho.

Seca-se e volta para o escritório, largando a toalha e a camisa cheia de sangue junto ao corpo. As calças de ganga também estão salpicadas, um problema resolvido com facilidade por uma coisa que ele encontra numa prateleira do armário: mais de vinte *t-shirts* dobradas, com papel de seda entre elas. Encontra uma XL que lhe vai cobrir as calças até meio da coxa, onde a maior parte das manchas está, e desdobra-a. Estampado à frente está ANDREW HALLIDAY RARE EDITIONS, juntamente com o número de telefone da loja, o endereço do *site* e uma imagem de um livro aberto. Morris pensa: Ele deve dar isto aos clientes endinheirados. Que aceitam, agradecem e nunca as usam.

Começa a vestir a *t-shirt*, decide que não quer ser visto com o nome do local do seu último homicídio no peito e vira-a do avesso. As letras veem-se um pouco, mas não o suficiente para alguém conseguir lê-las, e o livro podia ser qualquer objeto retangular.

Mas os sapatos são um problema. A parte de cima está cheia de sangue, e a sola também. Morris olha para os pés do velho amigo, assente e volta ao armário. A circunferência da cintura de Andy deve ser o dobro da de Morris, mas os sapatos parecem ser mais ou menos do mesmo tamanho. Ele escolhe um par de mocassins e experimenta-os. Apertam um pouco e podem deixar uma ou duas bolhas, mas bolhas são um preço baixo a pagar pelo que ele descobriu e para a vingança atrasada que conseguiu ter.

Além do mais, são ótimos sapatos.

Acrescenta os antigos sapatos à pilha de coisas sujas no tapete, depois examina o boné. Não tem uma única gota de sangue. Teve sorte. Morris enfia-o na cabeça e dá uma volta pelo escritório, limpando todas as superfícies em que sabe que tocou e outras em que pode ter tocado.

Ajoelha-se junto ao corpo uma última vez e revista os bolsos, ciente de que está a sujar as mãos com sangue de novo e que vai ter de lavá-las mais uma vez. Paciência, é assim mesmo.

Isso é Vonnegut, não Rothstein, pensa ele, e ri. As alusões literárias agradam-lhe sempre.

As chaves de Andy estão no bolso da frente, a carteira está enfiada atrás da nádega que Morris não cortou com o machado. Mais sorte. Não há muito dinheiro, menos de trinta dólares, mas grão a grão enche a galinha o papo. Morris guarda as notas junto das chaves. Depois, lava as mãos e limpa as torneiras novamente.

Antes de sair do santo dos santos de Andy, olha para o machado. A lâmina está cheia de gosma e cabelo. O cabo de borracha tem a marca evidente da palma da mão dele. Devia levá-lo num dos sacos com a *t-shirt* e os sapatos, mas um pressentimento, demasiado profundo para pôr em palavras, porém muito poderoso, manda-o deixá-lo, pelo menos por enquanto.

Morris pega-lhe, limpa a lâmina e o cabo para apagar as impressões digitais e pausa-a delicadamente na secretária elegante. Como um aviso. Ou um cartão de visita.

— Quem diz que não sou um lobo, senhor McFarland?
— pergunta ele ao escritório vazio. — Quem diz?

E sai, usando a toalha suja de sangue para rodar a maçaneta.

6

De volta à loja, Morris mete as coisas sujas de sangue num dos sacos e puxa o fecho. Em seguida, senta-se para investigar o portátil de Andy.

É um *Mac*, bastante mais moderno do que o da biblioteca da prisão, mas basicamente igual. Como ainda está ligado, não precisa de perder tempo a tentar descobrir a senha. Há muitas pastas no ecrã, além de um programa chamado SEGURANÇA na barra de tarefas. Vai querer investigar aquilo, e com atenção, mas primeiro abre um ficheiro chamado JAMES HAWKINS, e sim, ali estão as informações que ele procura: a morada de Peter Saubers (que ele já sabe) e o número do seu telemóvel, presumivelmente retirado do atendedor de chamadas que o velho amigo mencionou. O pai chama-se Thomas. A mãe, Linda. A irmã é Tina. Há até uma foto do jovem Saubers, também conhecido como James Hawkins, de pé com um grupo de bibliotecários da filial da Garner Street, que Morris conhece bem. Abaixo dessa informação, que pode vir a ser útil, quem sabe, há uma bibliografia de John Rothstein para a qual Morris mal olha; conhece o trabalho de Rothstein de cor.

Tirando as coisas que o jovem Saubers tem em seu poder, claro. As coisas que roubou do seu legítimo dono.

Há um bloco ao lado do computador. Morris anota o número do telemóvel do rapaz e enfia-o no bolso. Em seguida, clica no ícone de segurança e em CÂMARAS. Seis imagens aparecem. Duas mostram Lacemaker Lane em toda a sua glória consumista. Duas mostram o interior estreito da loja. A quinta mostra exatamente aquela secretária, com Morris sentado atrás dela a envergar a *t-shirt* nova. A sexta mostra o escritório de Andy e o corpo caído no tapete turco. A preto-e-branco, as manchas e salpicos de sangue parecem tinta.

Morris clica na imagem, que enche o ecrã. Na parte inferior aparecem setas. Clica na seta dupla para voltar atrás, espera um pouco e carrega no *play*. Assiste à cena em

que assassina o velho amigo. Fascinante. Mas não é um filme caseiro que quer que alguém veja, o que significa que aquele portátil terá de ir com ele.

Desliga os vários fios, inclusive o que sai de uma caixa brilhante com o selo SERVIÇOS DE SEGURANÇA VIGILANT. As imagens das câmaras são gravadas diretamente no disco rígido do portátil, então não há DVD. Faz sentido. Um sistema assim seria demasiado caro para um negócio pequeno como a Andrew Halliday Rare Editions. Mas um dos fios que ele soltou estava ligado a um gravador de DVD externo, para que o velho amigo pudesse guardar as imagens das câmaras de segurança se quisesse.

Morris revista metodicamente a secretária à procura de DVD. Há cinco gavetas no total. Não encontra nada interessante nas primeiras quatro, mas a última está trancada. Morris acha aquilo sugestivo. Procura nas chaves de Andy, seleciona a menor, destranca a gaveta e encontra um tesouro. Não se interessa pelas seis ou oito fotos do velho amigo a chupar um jovem corpulento cheio de tatuagens, mas sim pela arma. É uma *SIG Sauer P238* toda trabalhada, vermelha e preta, com flores douradas no cano. Morris verifica o carregador e vê que está cheio. Até tem uma bala engatilhada. Enfia o carregador no sítio e pousa a arma na secretária, outra coisa para levar. Continua à procura na gaveta e encontra um envelope branco mesmo no fundo, com a aba enfiada para dentro e não colada. Abre-o à espera de mais fotos pornográficas e fica encantado ao encontrar dinheiro, pelo menos quinhentos dólares. A sorte continua a sorrir-lhe. Pousa o envelope ao lado da arma.

Não há mais nada, e ele praticamente concluiu que, se há DVD, Andy guardou-os algures num cofre. Mas a sorte ainda não abandonou Morris Bellamy. Quando se levanta,

o seu ombro bate numa prateleira à esquerda da mesa. Alguns livros velhos caem ao chão, e, atrás deles, encontra uma pilha de caixas plásticas de DVD presas com elásticos.

— Ora, olá — diz Morris baixinho.

Senta-se e passa-os rapidamente, como um homem a baralhar cartas. Andy escreveu um nome em cada DVD com marcador preto. Só o último tem algum significado para ele, e é exatamente o que procurava. Na superfície brilhante está escrito «HAWKINS».

Teve muita sorte naquela tarde (possivelmente para compensar a terrível decepção da noite anterior), mas não faz sentido forçar as coisas. Leva o computador, a arma, o envelope com o dinheiro e o DVD com HAWKINS escrito para a entrada da loja. Enfia tudo num dos sacos, ignorando as pessoas que passam junto à montra. Se alguém parece à vontade num sítio, a maior parte das pessoas nem dá pela sua presença. Sai da loja confiante e tranca a porta. A placa de FECHADO balança um pouco até parar. Morris baixa a pala comprida do boné dos Groundhogs e afasta-se.

Faz mais uma paragem antes de voltar para o Castelo dos Malucos, num cybercafé chamado Bytes 'N Bites. Usando doze dólares do dinheiro de Andy Halliday, compra um café merdoso demasiado caro e vinte minutos num computador com leitor de DVD. Demora menos de cinco minutos a ter a certeza do que ali está: o seu velho amigo a falar com um rapaz que parece usar óculos falsos e o bigode do pai. No primeiro filme, Saubers tem um livro que só pode ser *Missivas do Olimpo* e um envelope com várias folhas de papel, provavelmente as fotocópias que Andy mencionou. No segundo, Saubers e Andy parecem estar a discutir. Não há som em nenhuma das gravações a preto-e-branco, mas isso não é um problema. O rapaz podia estar a dizer qualquer coisa. Na segunda, a da discussão, ele podia

até estar a dizer: Da próxima vez que cá vier trago o meu machado, seu gordo de merda.

Quando sai da Bytes 'N Bites, Morris sorri. O empregado atrás do balcão retribui o sorriso e comenta:

— Calculo que se tenha divertido.

— Sim — responde o homem que passou mais de dois terços da vida na prisão. — Mas o seu café é uma merda, rapazinho. Devia entornar-lho na porra da cabeça.

O sorriso desaparece do rosto do rapaz. Vão ali muitos malucos. Com gente assim, é melhor ficar calado e esperar que não voltem.

7

Hodges disse a Holly que pretendia passar pelo menos parte do fim de semana sentado na sua poltrona *La-Z-Boy* a ver baseball, e na tarde de domingo chega mesmo a ver os três primeiros *innings* do jogo dos Indians, mas então uma certa agitação começa a tomar conta do seu corpo e ele decide ir visitar uma pessoa. Não um velho amigo, mas sim um velho conhecido. Depois de cada uma dessas visitas, diz a si mesmo: «Certo, foi a última vez, isto não faz sentido.» E fala a sério. Mas então, quatro semanas depois, ou oito, ou mesmo dez, faz o caminho de novo. Alguma coisa o leva a isso. Além do mais, os Indians já estão a perder por cinco com os Rangers, e o jogo ainda só está no terceiro *inning*.

Desliga a televisão, veste uma *t-shirt* velha da Liga Atlético da Polícia (nos seus dias de peso-pesado, evitava *t-shirts*, mas agora gosta de as ver cair a direito, quase sem marcar a barriga) e tranca a porta. Há pouco trânsito ao domingo, e vinte minutos depois estaciona o *Prius* num lugar do terceiro andar da garagem dos visitantes,

adjacente ao enorme edifício de betão sempre em metástase do John M. Kiner Hospital. Enquanto se dirige ao elevador, envia uma oração, como quase sempre, a agradecer a Deus por estar ali como visitante e não como paciente. Com muita noção, mesmo enquanto agradece, de que a maioria das pessoas *se torna* um paciente mais cedo ou mais tarde, ali ou num dos quatro outros hospitais bons ou não tão bons da cidade. Não há viagens à borla, e, no fim, até os melhores barcos afundam, glu-glu-glu. A única forma de equilibrar isso, na opinião de Hodges, é aproveitar ao máximo cada dia à superfície.

Mas, se isso for verdade, o que está ele a fazer ali?

O pensamento traz-lhe à cabeça um trecho de poesia, ouvido ou lido muito tempo antes e alojado no cérebro por virtude das palavras simples: *Oh, não perguntes o que é, vem comigo e fazemos a nossa visita.*

8

É fácil uma pessoa perder-se em qualquer grande hospital, mas Hodges fez o mesmo trajeto várias vezes, e atualmente está mais preparado para dar indicações do que para pedi-las. O elevador da garagem leva-o até uma passagem coberta; a passagem leva-o ao átrio do tamanho de uma estação de comboios; o elevador do Corredor A leva-o ao terceiro andar; um corredor envidraçado leva-o por cima do Kiner Boulevard até ao seu destino final, onde as paredes estão pintadas de um tom rosa tranquilizador e a atmosfera é calma. A placa por cima da receção diz:

BEM-VINDO À CLÍNICA DE
LESÕES CEREBRAIS TRAUMÁTICAS
DA REGIÃO DOS LAGOS

NÃO SÃO PERMITIDOS
TELEMÓVEIS E OUTROS APARELHOS
AJUDE-NOS A MANTER UM AMBIENTE CALMO
AGRADECEMOS A SUA COLABORAÇÃO

Hodges vai até à receção, onde o crachá de visitante já o aguarda. A enfermeira-chefe conhece-o; depois de quatro anos, são quase velhos amigos.

— Como vai a família, Becky?

Ela responde que vai bem.

— O braço partido do seu filho já está bom?

Ela diz que sim. Já tirou o gesso e vai deixar de usar a charpa dali a uma semana ou duas, no máximo.

— Que bom. O meu rapaz está no quarto ou na fisioterapia?

Ela diz que está no quarto.

Hodges segue pelo corredor em direção ao quarto 217, onde certo paciente reside à custa do estado. Antes de Hodges lá chegar, encontra o auxiliar a que os enfermeiros chamam Al da Biblioteca. Está na casa dos sessenta anos e, como sempre, empurra um carrinho cheio de livros e jornais. Recentemente, houve uma nova adição ao pequeno arsenal de diversões: um recipiente de plástico cheio de leitores de livros digitais.

— Olá, Al — cumprimenta Hodges. — Como vai isso?

Apesar de Al ser normalmente tagarela, naquela tarde parece meio a dormir, e tem olheiras profundas. Alguém teve uma noite difícil, pensa Hodges, divertido. Conhece os sintomas, pois também já teve algumas bastante difíceis. Pensa em estalar os dedos diante do rosto de Al, como um hipnotista de palco, mas decide que seria crueldade. O homem que sofra a sua ressaca em paz. Se está assim tão mal à tarde, Hodges nem quer pensar em como devia estar de manhã.

Mas Al volta a si e sorri antes que Hodges possa passar.

— Olá, detetive! Não o via por aqui há muito tempo.

— Já não sou detetive, Al. Sente-se bem?

— Claro. Só estava a pensar em... — Al encolhe os ombros. — Caramba, não sei no que estava a pensar. — Ri-se. — Envelhecer não é para os fracos.

— Você não está velho — afirma Hodges. — Alguém se esqueceu de lhe dar a notícia: os sessenta são os novos quarenta.

Al ri-se.

— Mas que grande balela!

Hodges não pode concordar mais. Aponta para o carrinho.

— O meu rapaz nunca pede um livro, pois não?

Al dá outra risada.

— O Hartsfield? Hoje em dia nem consegue ler um livro infantil. — Toca na testa com seriedade. — Aqui só tem papas de aveia. Se bem que às vezes quer um destes. — Pega num leitor digital *Zappit* cor-de-rosa e bastante feminino. — Estas coisas têm jogos.

— Ele joga? — Hodges fica perplexo.

— Ah, não. A coordenação motora dele é má. Mas, se eu ligar uma das demonstrações, como o Desfile de Moda da Barbie ou a Pescaria, ele fica a olhar durante horas. As demonstrações repetem a mesma coisa sem parar, mas ele por acaso sabe isso?

— Imagino que não.

— Imagina bem. Acho que ele gosta dos sons, dos bipes, bopes e goincs. Volto duas horas depois, o leitor está na cama ou na janela, o ecrã está preto, e a bateria descarregada. Mas não faz mal, três horas no carregador e o aparelho está prontinho a trabalhar de novo. Já *ele* não tem como ser recarregado. O que deve ser bom.

Al franze o nariz como se estivesse a sentir um cheiro desagradável.

Talvez sim, talvez não, pensa Hodges. Desde que ele não melhore, está aqui, num bom quarto de hospital. Não tem uma grande vista, mas tem ar condicionado, televisão a cores e, de vez em quando, um *Zappit* cor-de-rosa para onde olhar. Se estivesse são, se conseguisse colaborar na própria defesa, como a lei exige, teria de ir a julgamento por mais de uma dezena de crimes, inclusive nove homicídios. Dez se o advogado de acusação decidisse acrescentar a mãe do idiota, que morreu envenenada. Depois, seria a Prisão Estadual de Waynesville para o resto da vida.

E lá não há ar condicionado.

— Vá com calma, Al. Parece cansado.

— Nada disso, estou bem, detetive Hutchinson. Boa visita.

Al segue pelo corredor, e Hodges observa-o, com as sobranceiras franzidas. Hutchinson? Onde foi ele buscar *aquilo*? Hodges visita aquele hospital há anos, e Al sabe perfeitamente o seu nome. Ou sabia. Caramba, espera que o homem não sofra de demência precoce.

Durante os primeiros quatro meses havia dois guardas à porta do quarto 217. Depois, um. Agora, não há nenhum, porque vigiar Brady é um desperdício de tempo e dinheiro. Não há muito perigo de fuga quando o criminoso não consegue sequer ir à casa de banho sozinho. Todos os anos, fala-se em transferi-lo para uma instituição mais barata a norte do estado, e todos os anos o promotor lembra que aquele cavalheiro, com danos cerebrais ou não, tecnicamente ainda está a aguardar julgamento. É fácil mantê-lo ali porque a clínica paga boa parte das contas. A equipa de neurologia, principalmente o doutor Felix

Babineau, o médico responsável, acha Brady Hartsfield um caso extremamente interessante.

Naquela tarde, ele está sentado em frente à janela, e veste calças de ganga e camisa aos quadrados. Tem o cabelo louro comprido e a precisar de ser cortado, mas foi lavado e brilha à luz do sol. *É um cabelo a que as raparigas adorariam fazer festas*, pensa Hodges. *Se não soubessem o monstro que ele era.*

— Olá, Brady.

Hartsfield não se mexe. Está a olhar pela janela, sim, mas estará a ver a parede de tijolo do parque de estacionamento, que é a sua única vista? Saberá que Hodges está no quarto com ele? Sabe que está *alguém* no quarto com ele? São perguntas cujas respostas uma equipa inteira de neurologistas adoraria descobrir. Hodges também, e senta-se na ponta da cama a pensar: *Era um monstro? Ou ainda é?*

— Pergunta o cego ao paralítico: «Então, como tens andado?» «Olha, como tens visto.»

Hartsfield não responde.

— Já sei, essa é velha. Tenho centenas, pergunta à minha filha. Como te sentes?

Hartsfield não responde. Tem as mãos no colo, os dedos longos e brancos unidos flacidamente.

Em abril de 2009, Brady Hartsfield roubou o *Mercedes-Benz* que pertencia à prima de Holly e conduziu propositadamente o veículo a grande velocidade para cima de um grupo de pessoas à procura de emprego no Centro Cívico. Matou oito e feriu gravemente doze, incluindo Thomas Saubers, pai de Pete e Tina. E safou-se. O erro de Hartsfield foi mandar a Hodges, já aposentado na altura, uma carta provocadora.

No ano seguinte, Brady matou a prima de Holly, uma

mulher por quem Hodges estava apaixonado. De forma bastante apropriada, foi a própria Holly quem impediu Brady Hartsfield de detonar uma bomba que teria matado milhares de crianças e adolescentes no concerto de uma *boy band*, esmagando-lhe quase literalmente o cérebro com o porrete de Hodges.

O primeiro golpe do porrete fraturara o crânio de Hartsfield, mas fora o segundo que provocara aquilo que se considerava um dano irreparável. Ele seguira para a Clínica de Lesões Cerebrais Traumáticas em coma profundo, do qual era improvável que saísse. Ou foi o que disse o doutor Babineau. Mas, numa noite escura e tempestuosa de novembro de 2011, Hartsfield abriu os olhos e falou com a enfermeira que lhe estava a mudar o soro. (Quando pensa naquele momento, Hodges imagina sempre o Dr. Frankenstein a gritar «Está vivo! Está vivo!») Hartsfield disse que lhe doía a cabeça e perguntou pela mãe. Quando o doutor Babineau foi chamado e pediu ao paciente que seguisse o dedo dele para verificar o movimento dos músculos extraoculares, Hartsfield passou no teste.

Nos últimos trinta meses, Brady Hartsfield falou em muitas ocasiões (mas nunca com Hodges). Em geral, pergunta pela mãe. Quando dizem que ela morreu, ele às vezes assente, como se entendesse... mas então, um dia ou uma semana depois, repete a pergunta. Consegue seguir instruções simples durante a fisioterapia e é capaz de andar um pouco, embora com um passo arrastado e com ajuda. Nos dias bons, come sozinho, mas não consegue vestir-se. Está classificado como semicatatónico. Em geral, fica sentado no quarto, a olhar pela janela para o edifício do estacionamento ou para uma fotografia de flores na parede do quarto.

Mas houve algumas ocorrências peculiares em volta de

Brady Hartsfield durante o último ano, mais ou menos, e, como resultado, ele tornou-se uma espécie de lenda na clínica. Há boatos e especulações. O doutor Babineau reage com desdém a isso e recusa-se a falar do assunto... mas alguns auxiliares e enfermeiros falam, e um certo detetive reformado mostrou-se um ouvinte ávido ao longo dos anos.

Hodges inclina-se para a frente, com as mãos entre os joelhos, e sorri a Hartsfield.

— Estás a fingir, Brady?

Brady não responde.

— Para quê dares-te a todo esse trabalho? Vais ficar trancado pelo resto da vida, de uma forma ou de outra.

Brady não responde, mas levanta uma das mãos lentamente. Quase enfia o dedo no olho, depois consegue fazer o que pretendia e tira o cabelo da testa.

— Queres perguntar pela tua mãe?

Brady não responde.

— Está morta. A apodrecer no caixão. Tu deste-lhe veneno. Ela deve ter sofrido muito. Sofreu enquanto morria? Estavas lá? Viste tudo?

Nenhuma resposta.

— Estás aí, Brady? Truz-truz. Olá?

Nenhuma resposta.

— Acho que estás. Espero que estejas. Ei, vou dizer-te uma coisa: eu bebia muito. E sabes do que mais me lembro daqueles dias?

Nada.

— Das ressacas. De lutar para sair da cama com a cabeça a latejar, como um martelo a bater numa bigorna. De me levantar de manhã para mijar e pensar o que fizera na noite anterior. Às vezes, nem sabia como chegara a casa. Também me lembro de procurar amolgadelas no carro. Era como estar perdido dentro da porra da minha cabeça, à

procura de uma porta para poder fugir de lá e só a encontrando por volta do meio-dia, quando as coisas finalmente começavam a fazer sentido.

Isso fá-lo pensar brevemente no Al da Biblioteca.

— Espero que seja aí que estás agora, Brady. A vaguear dentro do teu cérebro semicatatónico e à procura da saída. Só que não há saída para ti. Para ti, a ressaca é eterna. É assim? Caramba, espero que sim.

Doem-lhe as mãos. Olha para baixo e vê as unhas enterradas nas palmas. Abre-as e vê as marcas ficarem vermelhas. E renova o sorriso.

— Só estou a falar, amigo. Só a falar. Tens alguma coisa para dizer?

Hartsfield não diz nada.

Hodges levanta-se.

— Tudo bem. Podes ficar aí a olhar pela janela, a tentar encontrar a saída. A saída que não está aí. Enquanto fazes isso, vou lá fora apanhar ar. Está um dia lindo.

Na mesa entre a cadeira e a cama está uma foto que Hodges viu pela primeira vez na casa da Elm Street, onde Hartsfield vivia com a mãe. É uma versão menor, numa moldura prateada. Mostra Brady e a mãe abraçados numa praia qualquer, as bochechas coladas, parecendo mais namorados do que mãe e filho. Quando Hodges se vira para ir embora, a foto cai com um estalido seco. *Clac*.

Ele olha para a moldura, olha para Hartsfield e então novamente para a moldura tombada.

— Brady.

Não há resposta. Nunca há. Para ele, pelo menos.

— Brady, fizeste aquilo?

Nada. Brady está a olhar para o colo, onde os dedos estão de novo entrelaçados.

— Os enfermeiros dizem... — Hodges não termina o

pensamento. Endireita a foto. — Se foste tu, fá-lo de novo.

Nada de Hartsfield e nada da foto. Mãe e filho em dias mais felizes. Deborah Ann Hartsfield e o seu fofinho.

— Tudo bem, Brady. Adeus ó vai-te embora.

Sai e fecha a porta. Então Brady Hartsfield levanta o rosto. E sorri.

Na mesa, a foto cai de novo.

Clac.

9

Ellen Bran (conhecida como Bran Stoker pelos alunos que tiveram com ela a disciplina de fantasia e horror do departamento de inglês de Northfield High) está ao lado da porta de um autocarro escolar estacionado à entrada do *resort* de River Bend. Tem na mão o telemóvel. São quatro da tarde de domingo, e está prestes a ligar para o 112 a comunicar o desaparecimento de um aluno. É então que Peter Saubers aparece a contornar o restaurante do hotel, correndo tão depressa que o cabelo voa para longe da testa.

Ellen é sempre correta com os alunos, gosta de deixar clara a divisão, e nunca tenta ser amiga deles, mas naquela ocasião deixa de lado o comportamento apropriado e envolve Pete num abraço tão forte e frenético que quase impede o rapaz de respirar. Do autocarro, onde os outros delegados e futuros delegados de turma aguardam, vem uma salva sarcástica de palmas.

Ellen solta Pete, segura-lhe os ombros e faz outra coisa que nunca fez com um aluno: dá-lhe uma boa sacudidela.

— Onde te *meteste*? Perdeste os três seminários da manhã e o almoço, e eu estava quase a ligar para a *polícia*!

— Desculpe, senhora Bran. Estava maldisposto. Pensei

que o ar fresco me ajudaria.

A senhora Bran, acompanhante e conselheira naquele passeio porque dá aulas de política americana, assim como de história americana, acredita nele. Não só porque Pete é um dos seus melhores alunos e nunca deu problemas antes, mas porque o rapaz *parece* de facto maldisposto.

— Bem... devias ter-me informado — diz ela. — Pensei que tinhas decidido voltar à boleia para casa ou algo do género. Se alguma coisa te acontecesse, a culpa seria minha. Não percebes que vocês são responsabilidade minha quando fazemos um passeio de turma?

— Perdi a noção do tempo. Comecei a vomitar e não quis ficar lá dentro. Deve ter sido alguma coisa que comi. Ou uma dessas viroses.

Não foi nada que tenha comido e não apanhou nenhuma virose, mas a parte do vómito é verdade. É nervosismo. Medo puro, para ser preciso. Ele está a morrer de medo de encarar Andrew Halliday amanhã. Pode correr tudo bem, sabe que há uma possibilidade de correr bem, mas vai ser como enfiar uma linha numa agulha em movimento. Se correr mal, ele vai ter problemas com os pais e com a polícia. Bolsas para a faculdade? Pode esquecê-las. Talvez até seja preso. Então, passou o dia a vaguear pelos trilhos que atravessam os doze hectares da área do *resort*, imaginando repetidamente o futuro confronto. O que vai dizer; o que Halliday vai dizer; o que vai responder. E, sim, perdeu a noção do tempo.

Pete só queria nunca ter visto aquela maldita arca.

Pensa: Mas só estava a tentar fazer o correto. Caramba, era só isso que eu estava a tentar fazer!

Ellen vê as lágrimas nos olhos do rapaz e repara pela primeira vez, talvez porque ele agora rapou aquele bigode ridículo, como o rosto dele está magro. Pete está quase

esquelético. Ela guarda o telemóvel na mala e tira um pacote de lenços de papel.

— Limpa a cara — diz ela.

Uma voz do autocarro grita:

— Ei, Saubers! Molhaste o bico?

— Cala-te, Jeremy — grita Ellen sem se virar. E então, para Pete: — Devias ser suspenso uma semana por esta gracinha, mas vou dar-te outra oportunidade.

E vai mesmo, porque uma semana de suspensão exigiria um relatório verbal ao vice-presidente Waters, que também é o responsável pela disciplina. Waters questionaria as ações dela e iria querer saber por que motivo não dera o alarme mais cedo, especialmente se ela fosse obrigada a admitir que não via Pete Saubers desde o jantar na noite anterior. Ele desaparecera de vista e da supervisão dela durante quase um dia inteiro, e isso era demasiado tempo para uma viagem organizada pela escola.

— Obrigado, senhora Bran.

— Achas que vais vomitar?

— Não. Não resta nada.

— Então entra no autocarro e vamos para casa.

Há mais aplausos sarcásticos quando Pete sobe os degraus e segue pelo corredor. Tenta sorrir, como se estivesse tudo bem. Só quer voltar para a Sycamore Street e esconder-se no quarto, esperar o dia seguinte e poder pôr fim àquele pesadelo.

10

Quando Hodges chega a casa após a visita ao hospital, um jovem de boa aparência e *t-shirt* de Harvard está sentado nos degraus da sua entrada, a ler um livro de bolso

grosso com uma série de gregos ou romanos a lutar na capa. Sentado ao lado dele está um *setter* irlandês com o sorriso típico de cães criados em lares afetuosos. O rapaz e o cão levantam-se quando Hodges entra no pequeno telheiro que serve de garagem.

O jovem encontra-o a meio do jardim, com o punho esticado. Hodges bate com o seu no dele, em reconhecimento de que Jerome é negro, e depois aperta-lhe a mão, em reconhecimento da sua própria condição de branco.

Jerome recua, segurando os antebraços do ex-detetive e examinando-o.

— Olhem só para si! — exclama ele. — Mais magro que nunca!

— Ando todos os dias — explica Hodges. — E comprei uma passadeira para os dias de chuva.

— Excelente! Vai viver para sempre!

— Quem me dera — diz Hodges, e baixa-se. O cão estica a pata, e Hodges aperta-a. — Como estás, *Odell*?

Odell late, o que deve querer dizer que está bem.

— Entra — convida Hodges. — Há *Coca-Cola*. A não ser que prefiras uma cerveja.

— *Coca-Cola* está ótimo. Aposto que o *Odell* quer um pouco de água. Viemos a pé. Ele já não anda tão depressa como antes.

— A tigela dele ainda está debaixo do lava-louça.

Entram e fazem um brinde com copos gelados de refrigerante. *Odell* bebe água, depois deita-se no sítio do costume ao lado do televisor. Hodges era obcecado por televisão durante os primeiros meses de reforma, mas agora o aparelho quase não é ligado, a não ser para ver Scott Pelley no *CBS Evening News* ou um ou outro jogo dos Indians.

— Como está o *pacemaker*, Bill?

— Nem dou por ele. E é assim que gosto. O que se passou com o grande baile a que ias em Pittsburgh com a não sei quantas?

— Não resultou. Disse aos meus pais que eu e a não sei quantas percebemos que não temos interesses académicos e pessoais em comum.

Hodges levanta as sobrancelhas.

— Parece legalês de mais para um estudante de filosofia que tem história antiga como opção complementar.

Jerome bebe um gole do refrigerante, estica as longas pernas e sorri.

— A verdade? A não sei quantas, a Priscilla, estava a usar-me para fazer ciúmes ao namorado do secundário. E resultou. Pediu desculpa por me enganar, espera que ainda possamos ser amigos etc. Foi um pouco constrangedor, mas deve ter sido melhor assim. — Faz uma pausa. — Ela ainda tem as Barbies e as Bratz todas numa prateleira do quarto, e isso deixou-me um pouco nervoso. Acho que não me importaria *muito* se os meus pais descobrissem que fui o tempero que ela usou na poção do amor, mas, se contar à Barbster, ela nunca me vai deixar em paz.

— Sou um túmulo — diz Hodges. — E agora? Voltas para o Massachusetts?

— Não, passo cá as férias de verão. Consegui um emprego no cais, a carregar e descarregar contentores.

— Isso não é trabalho para um aluno de Harvard, Jerome.

— É para este aqui. Tirei a carta de equipamento pesado no inverno, o ordenado é ótimo e Harvard não é barata, mesmo com uma bolsa parcial. — Tyrone Feelgood Delight faz uma aparição misericordiosamente curta: — Aqui os minino vai cargar carga pesada, sinhô Hodges! — E

volta a falar como Jerome num estalar de dedos. — Quem tem cortado a sua relva? Está bonita! Não tem a qualidade do Jerome Robinson, mas está boa.

— Um rapaz do bairro — responde Hodges. — Isto é uma visita de cortesia ou...?

— A Barbara e a amiga dela, a Tina, contaram-me uma história e tanto — diz Jerome. — De início, a Tina estava relutante em falar, mas a minha irmã convenceu-a. Ela é boa nessas coisas. Ouça, sabe que o pai da Tina ficou ferido naquela coisa do Centro Cívico, certo?

— Sim.

— Se foi mesmo o irmão dela que mandou o dinheiro para tirar a família de apuros, bom para ele... Mas de onde veio a massa? Não consigo descobrir, por mais que pense.

— Nem eu.

— A Tina diz que vai questioná-lo.

— Amanhã depois das aulas, é esse o plano.

— A Holly está envolvida?

— Até certo ponto. Está a tratar das investigações.

— Boa! — Jerome esboça um sorriso largo. — Que tal eu ir consigo amanhã? Vamos reunir a banda de novo, meu! Tocar todos os êxitos!

Hodges pensa.

— Não sei, Jerome. Um tipo, um cota como eu, pode não assustar muito o jovem Saubers. Mas *dois* tipos, principalmente sendo um deles um negro com um metro e noventa e dois...

— Quinze assaltos e continuo lindo! — proclama Jerome, agitando as mãos unidas acima da cabeça. *Odell* baixa as orelhas. — Continuo lindo! Aquele Sonny Liston nem me tocou! Pairo como uma borboleta, dou ferroadas como uma... — Avalia a expressão paciente de Hodges. — Tudo bem, desculpe, às vezes deixo-me levar. Onde vai

esperar o rapaz?

— Em frente à escola. Não é por ali que os alunos saem?

— Nem todos saem por ali, e ele talvez não saia, principalmente se a Tina lhe disser que falou consigo. — Vê Hodges prestes a interrompê-lo e levanta a mão. — Ela garante que não lhe vai dizer nada, mas os irmãos mais velhos conhecem as irmãs mais novas, posso afirmar por experiência própria. Se o rapaz souber que alguém anda à procura dele, deve sair pelas traseiras e atravessar o campo de futebol até à Westfield Street. Eu podia esperar lá no carro e ligar-lhe se ele aparecer.

— Sabes como ele é?

— Sei, a Tina tinha uma foto na carteira. Quero fazer parte disto, Bill. A Barbie gosta daquela miúda. Eu também gostei. E foi preciso coragem para falar consigo, mesmo com a minha irmã a estalar o chicote.

— Eu sei.

— Além do mais, estou muito curioso. A Tina disse que o dinheiro começou a chegar quando o irmão tinha treze anos. Um miúdo tão novo com acesso a tanto dinheiro... — Jerome abana a cabeça. — Não me admira que ele esteja em apuros.

— Nem a mim. Acho que, se queres mesmo participar, tudo bem.

— Meu irmão!

Esse grito exige outro toque de punhos.

— Tu andaste na Northfield. Há alguma outra forma de ele sair que não seja pela frente ou pela Westfield Street?

Jerome pensa.

— Se ele fosse até à cave, há uma porta que dá para um lado do edifício, onde antigamente ficava a zona de fumadores. Acho que ele podia sair por lá, atravessar o auditório e sair pela Garner Street.

— Posso pedir à Holly que espere aí — diz Hodges, pensativo.

— Ótima ideia! — exclama Jerome. — Estamos a reunir a banda! Como eu disse!

— Mas não o abordes — pede Hodges. — Liga-me. *Eu* faço a abordagem. Vou dizer a mesma coisa à Holly. Não é que ela fosse fazer isso.

— Desde que possamos ouvir a história.

— Se eu descobrir, tu vais saber — promete Hodges, esperando não ter feito uma promessa precipitada. — Passa no meu escritório por volta das duas, e vamos para a Northfield High às duas e um quarto. Assim estaremos em posição às duas e quarenta e cinco.

— Tem a certeza de que a Holly vai concordar com isso?

— Vai. Ela não se importa de vigiar. É o confronto que é problemático para ela.

— Nem sempre.

— Não — diz Hodges —, nem sempre.

Estão ambos a pensar num determinado confronto, no CACM, com Brady Hartsfield, com o qual Holly lidou muito bem.

Jerome olha para o relógio.

— Tenho de ir. Prometi levar a Barbara ao centro comercial. Ela quer um *Swatch*. — Revira os olhos.

Hodges sorri.

— Adoro a tua irmã, Jerome.

Jerome também sorri.

— Na verdade, eu também. Anda, *Odell*. Vamos para casa.

Odell levanta-se e segue para a porta. Jerome segura na maçaneta, depois vira-se. O sorriso desapareceu.

— O senhor foi onde acho que foi?

— Provavelmente.

— A Holly sabe que o visita?

— Não. E não vais contar-lhe. Ela acharia muito perturbador.

— Sim, é verdade. Como está ele?

— Na mesma. Se bem que...

Hodges está a pensar na moldura caída. Naquele *clac*.

— Se bem que o quê?

— Nada. Ele está na mesma. Podes fazer-me um favor? Diz à Barbara para falar comigo se a Tina ligar e disser que o irmão descobriu o nosso encontro na sexta.

— Fique descansado. Até amanhã.

Jerome afasta-se. Hodges liga o televisor e fica encantando ao ver que o jogo dos Indians ainda está a dar. Empataram. O jogo vai ter *innings* adicionais.

11

Holly passa a tarde de domingo em casa, a tentar ver *O Padrinho: Parte II* no computador. Num dia normal, seria uma ocupação muito agradável, porque o considera um dos dois ou três melhores filmes já produzidos, juntamente com *O Mundo a Seus Pés* e *Horizontes de Glória*, mas naquela tarde faz várias pausas para poder andar em círculos pelo apartamento, preocupada. Tem bastante espaço para andar. O apartamento atual não é tão luxuoso como o outro à beira do lago, no qual viveu durante algum tempo quando se mudou para a cidade, mas fica num bairro agradável e é bastante grande. Pode pagar a renda; segundo o testamento da sua prima Janey, Holly herdou meio milhão de dólares. Um pouco menos devido aos impostos, claro, mas ainda um belo pé de meia. E, graças ao trabalho com Bill Hodges,

pode fazer esse pé de meia crescer.

Enquanto anda, murmura algumas das suas falas preferidas do filme.

— «Não tenho de matar toda a gente, só os meus inimigos.»

— «Como se diz *daiquiri* de banana?»

— «O teu país não é o teu sangue, lembra-te disso.»

E, claro, a fala de que toda a gente se lembra.

— «Sei que foste tu, Fredo. E isso partiu-me o coração.»

Se estivesse a ver outro filme, citaria outras falas. É uma forma de auto-hipnose que pratica desde que viu *Música no Coração* quando tinha sete anos. (Fala favorita desse filme: «A que saberá a relva?»)

Na realidade, está a pensar no *Moleskine* que o irmão de Tina escondeu tão depressa debaixo da almofada. Bill acha que não tem ligação ao dinheiro que Pete enviou aos pais, mas Holly não tem assim tanta certeza.

Teve diários durante quase toda a vida, listando todos os filmes que viu, todos os livros que leu, as pessoas com quem falou, as horas a que acordava, as horas a que ia para a cama. Até as idas à casa de banho, que estão em código (afinal, alguém pode ler os diários depois de ela morrer), como FC, que significa «Fiz Cocó». Sabe que isso é uma espécie de comportamento obsessivo-compulsivo — ela e a terapeuta discutiram que a elaboração obsessiva de listas é apenas outra forma de pensamento mágico —, mas não faz mal a ninguém, e se prefere escrever as listas em *Moleskines*, é com ela. A questão é que *sabe* que os *Moleskines* não são baratos. Com dois dólares e cinquenta cêntimos compra-se um caderno em espiral, mas um *Moleskine* com o mesmo número de páginas custa dez. Porque iria um rapaz comprar um caderno tão caro, principalmente se a família estava sem dinheiro?

— Não faz sentido. — E então, seguindo essa linha de pensamento: — «Deixa a arma, traz os *cannoli*.»

É da primeira parte de *O Padrinho*, mas é uma boa fala. Uma das melhores.

Manda o dinheiro, fica com o caderno.

Um caderno *caro* que foi enfiado debaixo da almofada quando a irmã apareceu inesperadamente no quarto. Quanto mais Holly pensa, mais acha que pode haver aí alguma coisa.

Volta ao filme, mas não consegue prestar atenção à adorada história com aquela coisa do caderno na cabeça, então faz algo quase inédito, pelo menos antes de ir para a cama: desliga o computador. E volta a andar, com as mãos unidas às costas.

Manda o dinheiro, fica com o caderno.

— E o intervalo de tempo! — exclama ela para o aposento vazio. — Não te esqueças!

Sim. Os sete meses de espera entre o momento em que o dinheiro acabou e o momento em que o jovem Saubers começou a demonstrar sinais de ansiedade. Será que foi porque demorou sete meses a pensar numa forma de conseguir *mais* dinheiro? Holly acha que sim. Acha que ele teve uma ideia, mas não foi uma *boa* ideia. Foi uma ideia que o meteu em apuros.

— O que mete as pessoas em apuros quando se trata de dinheiro? — pergunta Holly à sala vazia, andando cada vez mais depressa. — Roubo. Chantagem.

Seria isso? Peter Saubers tentou chantagear alguém por causa de alguma coisa no *Moleskine*? Alguma coisa relacionada com o dinheiro roubado, talvez? Mas como poderia o rapaz chantagear alguém por causa daquele dinheiro se ele é que deve tê-lo roubado?

Holly vai até ao telefone e estende a mão para o

aparelho, mas hesita. Durante quase um minuto, fica ali parada, a morder o lábio. Não está habituada a tomar a iniciativa. Talvez devesse ligar primeiro a Bill e perguntar se não há problema.

— Mas o Bill não acha que o caderno é importante — diz ela para a sala. — Eu penso o contrário. E posso pensar o contrário se quiser.

Agarra no telemóvel que está na mesa de centro e liga para Tina Saubers antes de perder a coragem.

— Estou? — atende Tina, com cautela e quase a sussurrar. — Quem fala?

— Holly Gibney. O meu número não apareceu no ecrã porque é privado. Sou muito cuidadosa com ele, mas teria todo o gosto em dar-to, se quiseres. Podemos falar a qualquer momento, porque somos amigas, e é isso que as amigas fazem. O teu irmão já voltou da excursão de fim de semana?

— Sim. Chegou pelas seis da tarde, quando estávamos a acabar de jantar. A minha mãe disse que ainda havia carne assada e batatas com fartura, que os aqueceria se ele quisesse, mas ele disse que pararam no Denny's pelo caminho. Depois, foi para o quarto. Nem quis bolo de morango, que adora. Estou muito preocupada, senhora Holly.

— Podes tratar-me só por Holly, Tina.

Holly detesta que lhe chamem «senhora»: o S soa como o zumbido de um mosquito em volta da cabeça.

— Combinado.

— Ele disse-te alguma coisa?

— Só olá — responde Tina em voz baixa.

— E não lhe contaste que vieste ao escritório com a Barbara na sexta?

— Claro que não!

— Onde está ele agora?

— Ainda no quarto. A ouvir os Black Keys. Detesto os Black Keys.

— Sim, eu também.

Holly não faz ideia de quem são os Black Keys, apesar de ser capaz de citar todo o elenco de *Fargo*. (Melhor fala desse filme, dita por Steve Buscemi: «Fuma a porra de um cachimbo da paz.»)

— Tina, o Pete tem algum amigo com quem podia ter falado sobre o que está a acontecer?

Tina pensa no assunto. Holly aproveita a oportunidade para tirar uma *Nicorette* de um pacote aberto ao lado do computador e enfiá-la na boca.

— Acho que não — diz Tina, por fim. — Ele tem amigos na escola, é bastante popular, mas o seu único amigo chegado era o Bob Pearson, aqui do bairro. Mudou-se para Denver no ano passado.

— E namorada?

— Ele costumava passar bastante tempo com a Gloria Moore, mas terminaram depois do Natal. O Pete disse que ela não gostava de ler, e que não podia andar com uma rapariga que não gostava de livros. — Com tristeza, Tina acrescenta: — Eu gostava da Gloria. Ensinou-me a pintar os olhos.

— As raparigas só precisam de pintar os olhos quando chegam aos trinta — diz Holly de forma autoritária, apesar de nunca ter usado maquilhagem. A mãe diz que só as vadias pintam os olhos.

— A sério? — Tina parece perplexa.

— E os professores? Ele tinha algum preferido com quem possa ter falado?

Holly duvida que qualquer irmão mais velho fosse falar com a irmã mais nova sobre professores favoritos, e

também que qualquer irmã mais nova fosse prestar atenção a isso. Pergunta porque é a única outra opção que lhe ocorre.

Mas Tina nem hesita.

— O Ricky Hippie — diz ela, e ri.

Holly para de andar.

— Quem?

— O senhor Ricker. O Pete diz que alguns alunos lhe chamam Ricky Hippie porque ele usa aquelas camisas e gravatas floridas e antiquadas. O meu irmão teve-o no oitavo ano. Ou talvez no sétimo. Não me lembro. Dizia que o senhor Ricker sabia o que eram bons livros. Senhora... quer dizer, Holly, o senhor Hodges ainda vai falar com o Pete amanhã?

— Vai. Não te preocupes.

Mas Tina está muito preocupada. Na verdade, parece estar à beira das lágrimas, e isso faz o estômago de Holly embrulhar-se.

— Ah, bolas. Espero que ele não me odeie.

— Ele não te vai odiar — garante Holly. Está a mastigar a *Nicorette* a velocidade *warp*. — O Bill vai descobrir qual é o problema e ajudar o Pete. E o teu irmão vai amar-te mais do que nunca.

— Promete?

— Prometo! *Ai!*

— O que foi?

— Nada. — Limpa a boca e olha para a mancha de sangue nos dedos. — Mordi o lábio. Tenho de desligar, Tina. Ligas-me se te lembrares de alguém com quem ele possa ter falado sobre o dinheiro?

— Não há ninguém — responde Tina, desesperada, e começa a chorar.

— Certo... tudo bem. — E, como parece ser necessário

dizer mais alguma coisa: — Não te preocupes em pintar os olhos. Os teus olhos são muito bonitos assim. Tchau.

Desliga sem esperar que Tina se despeça e volta a andar. Cospe a *Nicorette* para o cesto dos papéis ao lado da mesa e limpa o lábio com um lenço de papel, mas o corte já parou de sangrar.

Nenhum amigo chegado nem namorada. Nenhum nome exceto o daquele professor.

Holly senta-se e liga o computador de novo. Abre o *Firefox*, entra no *site* da Northfield High, clica em O NOSSO CORPO DOCENTE, e ali está Howard Ricker, de camisa florida com mangas largas, como Tina descreveu. Além disso, uma gravata muito ridícula. É mesmo tão impossível Pete Saubers ter dito alguma coisa ao seu professor de inglês preferido, principalmente se tinha que ver com o que ele estava a escrever (ou a ler) num caderno *Moleskine*?

Alguns cliques depois, o telefone de Howard Ricker aparece no ecrã do computador. Ainda é cedo, mas ela não consegue obrigar-se a ligar para um desconhecido. Ligar para Tina já foi difícil, e esse telefonema terminou em lágrimas.

Conto ao Bill amanhã, decide ela. Ele pode ligar ao Ricky Hippie se achar que vale a pena.

Clica na volumosa pasta de filmes e em breve está novamente perdida em *O Padrinho: Parte II*.

12

Morris visita outro cibercafé naquela noite de domingo e faz uma pesquisa rápida. Quando encontra o que quer, tira o papel com o telemóvel de Peter Saubers e anota o endereço de Andrew Halliday. A Coleridge Street fica no

West Side. Na década de 1970, era um bairro de classe média e gente branca, onde todas as casas tentavam parecer um pouco mais caras do que realmente eram, e como resultado acabavam todas iguais.

Uma visita rápida a vários *sites* de agências imobiliárias locais mostra a Morris que as coisas ali não mudaram muito, embora tenha sido acrescentado um centro comercial elegante: o Valley Plaza. O carro de Andy ainda deve estar estacionado junto à casa dele. Claro que pode estar perto da loja, Morris não verificou (Caramba, é impossível uma pessoa verificar *tudo*, pensa ele), mas parece improvável. Porque iria alguém dar-se ao trabalho de conduzir cinco quilómetros até à cidade todos os dias de manhã e mais cinco à noite em hora de ponta quando podia comprar um passe de autocarro de trinta dias por dez dólares ou um passe de seis meses por cinquenta? Morris tem as chaves da casa do velho amigo, embora nunca fosse tentar usá-las; a casa deve ter mais alarmes do que o centro recreativo da Birch Street.

Mas também tem as chaves do carro de Andy, e o carro pode ser útil.

Regressa a pé ao Castelo dos Malucos, convencido de que McFarland vai estar à sua espera, e não irá contentar-se só com fazê-lo mijar num copinho. Não, desta vez não. Desta vez também vai querer revistar o quarto, e, quando o fizer, vai encontrar o saco com o portátil roubado e a camisa e os sapatos sujos de sangue. Já para não falar no envelope cheio de dinheiro que ele tirou da secretária do velho amigo.

Eu matava-o, pensa Morris, que agora (pelo menos na sua cabeça) é Morris, *o Lobo*.

Mas não podia usar a arma, muita gente no Castelo dos Malucos reconhece o som de tiros, mesmo o *pum* delicado

de uma arma mariconça como a P238 de Andy, e ele deixou o machado no escritório da loja. Talvez não servisse, mesmo que o tivesse consigo. McFarland é gordo como Andy, mas não todo flácido como o velho amigo. McFarland parece *forte*.

Tudo bem, diz Morris para si mesmo. Esta merda não quer dizer merda nenhuma. Porque um lobo velho é um lobo astuto, e é isso que tenho de ser agora: astuto.

McFarland não está à espera na entrada, mas antes que Morris possa dar um suspiro de alívio, convence-se de que o seu agente da liberdade condicional vai estar à espera lá em cima. E não no corredor — deve ter uma chave mestra que lhe permite entrar em todos os apartamentos daquele prédio de merda com cheiro a mijo.

Experimenta, pensa ele. Experimenta, seu filho da puta.

Mas a porta está trancada, o quarto vazio, e não parece ter sido revistado, embora ele ache que, se McFarland o fizesse com cuidado... *com astúcia*...

Mas Morris chama a si mesmo idiota. Se McFarland tivesse revistado o seu quarto, estaria à espera com pelo menos dois agentes, e os agentes teriam algemas.

Ainda assim, escancara a porta do armário para ter a certeza de que os sacos estão onde os deixou. E estão. Pega no dinheiro e conta-o. Seiscentos e quarenta dólares. Não é muito, não chega nem perto do que havia no cofre de Rothstein, mas não é mau. Guarda o dinheiro, fecha o saco, senta-se na cama e olha para as mãos. Estão a tremer.

Tenho de levar estas coisas daqui, pensa ele, e tenho de o fazer até amanhã de manhã. Mas levá-las para onde?

Morris deita-se na cama e olha para o teto, a pensar. Finalmente, adormece.

A segunda-feira amanhece limpa e quente, com o termómetro diante do Centro Cívico a marcar vinte e um graus antes mesmo de o sol surgir completamente no horizonte. As aulas ainda vão continuar por mais duas semanas, mas hoje será o primeiro dia quente de verão, o tipo de dia que faz as pessoas secarem o suor da nuca, olharem para o sol e falarem do aquecimento global.

Quando Hodges chega ao escritório às oito e meia, Holly já lá está. Conta-lhe a conversa que teve com Tina na noite anterior e pergunta se Hodges vai falar com Howard Ricker, também conhecido como Ricky Hippie, se não conseguir arrancar a história do próprio Pete. Hodges concorda em fazer isso e diz a Holly que foi uma boa ideia (ela resplandece ao ouvir isso), mas, por dentro, acredita que falar com Ricker não vai ser necessário. Se não conseguir fazer um rapaz de dezassete anos falar — um rapaz que deve estar morto de vontade de contar o que o aflige —, mais vale deixar de trabalhar e mudar-se para a Florida, lar de muitos outros agentes aposentados.

Pergunta a Holly se ela aceita vigiar a Garner Street para ver se Pete sairá por lá quando as aulas acabarem. Ela concorda, desde que não precise de falar com ele.

— Não vais precisar — garante Hodges. — Se vires o rapaz, basta ligares-me. Eu contorno o quarteirão e vou ao encontro dele. Tens fotografias do rapaz?

— Descarreguei umas seis para o computador. Cinco do anuário e uma da Biblioteca da Garner Street, onde ele trabalha como voluntário, ou coisa parecida. Anda ver.

A melhor foto, na qual Peter Saubers usa gravata e casaco escuro, identifica-o como VICE-PRESIDENTE DOS ALUNOS DE 2015. Tem cabelo castanho e é bonito. As parecenças

com a irmã não são grandes, mas existem. Uns olhos azuis inteligentes encaram Hodges de frente. Neles, há um leve brilho de humor.

— Podes mandá-las por *e-mail* ao Jerome?

— Já mandei.

Holly sorri, e Hodges pensa, como sempre, que ela devia fazer isso mais vezes. Quando sorri, Holly fica quase bonita. Com um pouco de rímel, provavelmente ficaria.

— Ena, vai ser bom ver o Jerome outra vez.

— O que tenho na agenda esta manhã, Holly?

— Tribunal às dez. Aquela história da agressão.

— Ah, certo. O gajo que atacou o cunhado. Belson, o *Brutamontes Careca*.

— Não é simpático pôr alcunhas às pessoas — diz Holly.

Ela provavelmente tem razão, mas o tribunal é sempre uma chatice, e ter de ir lá hoje é particularmente cansativo, embora não deva demorar mais de uma hora, a não ser que a juíza Wiggins se tenha tornado mais lenta desde que Hodges saiu da polícia. Pete Huntley chamava FedEx a Brenda Wiggins, porque era rápida e de confiança.

O Brutamontes Careca é James Belson, cuja foto devia ilustrar o verbete *escória* no dicionário. Vive no bairro da Edgemont Avenue, às vezes chamado Paraíso Saloio. Como parte do seu contrato com um dos concessionários de carros da cidade, Hodges recebeu a incumbência de confiscar o *Acura MDX* de Belson, que ele tinha deixado de pagar alguns meses antes. Quando Hodges chegou à casa decrepita do tipo, ele não estava lá. Nem o carro. A senhora Belson, uma mulher que parecia já ter passado por muito, disse que o *Acura* fora roubado pelo irmão dela, Howie. Deu-lhe a morada, que também ficava no Paraíso Saloio.

— Não morro de amores pelo Howie — disse ela a

Hodges. — Mas é melhor ir lá antes que o Jimmy o mate. Quando o Jimmy está zangado, não acredita em conversar. Começa logo a bater.

Quando Hodges chegou, James Belson estava realmente a bater em Howie. Fazia-o com o cabo de um ancinho, a careca brilhante de suor à luz do sol. O cunhado de Belson encontrava-se caído no caminho de acesso cheio de ervas daninhas, perto do para-choques traseiro do *Acura*, a tentar ao mesmo tempo pontapear Belson e proteger com as mãos o rosto ensanguentado e o nariz partido. Hodges aproximou-se pelas costas de Belson e acalmou-o com o porrete. O *Acura* estava de volta ao concessionário ao meio-dia, e Belson, o *Brutamontes Careca*, ia ser julgado por agressão.

— O advogado dele vai fazer-te parecer o mau da fita — diz Holly. — Irá perguntar-te como dominaste o senhor Belson. Tens de estar pronto para isso, Bill.

— Ah, pelo amor de Deus! — exclama Hodges. — Deilhe uma pera para evitar que matasse o cunhado, só isso. Chama-se uso moderado da força.

— Mas recorreste a uma arma. Uma meia cheia de esferas de aço, para ser precisa.

— É verdade, mas o Belson não sabe isso. Estava de costas. E o outro estava quase inconsciente.

— Tudo bem... — Mas ela parece preocupada, e está a morder o mesmo sítio no lábio que mordeu quando falava com Tina. — Só não quero que te metas em problemas. Promete que te vais conter: não vais *gritar*, não vais agitar os *braços* nem...

— Holly. — Ele segura-a pelos ombros com delicadeza. — Vai lá fora. Fuma um cigarro. Descontra-te. Tudo vai correr bem no tribunal e com o Pete Saubers.

Ela olha para ele de olhos arregalados.

— Prometes?

— Prometo.

— Tudo bem. Vou só fumar *meio* cigarro. — Dirige-se para a porta, mexendo na mala. — Vamos ter um dia *tão* agitado.

— Parece que sim. Uma última coisa antes de saíres.

Ela vira-se, curiosa.

— Devias sorrir mais. Ficas linda quando sorris.

Holly cora até ao couro cabeludo e sai rapidamente. Mas está a sorrir de novo, e isso deixa Hodges feliz.

14

Morris também está a ter um dia agitado, e agitado é bom. Contanto que esteja ocupado, as dúvidas e os medos não têm a oportunidade de lhe invadir os pensamentos. O facto de ter acordado totalmente seguro de uma coisa ajuda: este é o dia em que vai tornar-se um lobo a sério. Acabou de organizar o arquivo ultrapassado do CACM para que o seu chefe gordo de merda possa parecer bem ao chefe *dele*, e também já não vai ser o cordeiro de estimação de Ellis McFarland. Acabaram-se os *sim*, *senhor* e *não*, *senhor* sempre que McFarland aparecer. Chega de condicional. Assim que tiver os cadernos de Rothstein, vai sair daquela cidade de merda. Não tem interesse em ir para norte, para o Canadá, mas isso deixa como opção os quarenta e oito estados abaixo. Talvez vá para a Nova Inglaterra. Quem sabe, talvez até ao New Hampshire. Ler os cadernos lá, perto das mesmas montanhas para onde Rothstein deve ter olhado enquanto escrevia, tem uma certa circularidade de romance, não tem? Sim, e isso era o mais incrível nos livros: a circularidade. A forma como as

coisas se equilibravam sempre no fim. Ele devia saber que Rothstein não podia deixar Jimmy a trabalhar naquela porra de agência de publicidade, porque não havia circularidade naquilo, só um monte de merda. Talvez, no fundo do coração, Morris *soubesse*. Talvez tenha sido o que o manteve são todos aqueles anos.

Nunca se sentiu tão são na vida.

Quando não aparecer no trabalho naquele dia, o chefe gordo de merda provavelmente vai ligar a McFarland. Isso, pelo menos, é o que ele deve fazer no caso de uma ausência sem explicação. Então, Morris tem de desaparecer. Sair do mapa. Sumir-se.

Tudo bem.

Ótimo, na verdade.

Às oito da manhã, apanha o autocarro da Main Street, vai até à última paragem, onde a Lower Main termina, e segue a pé até Lacemaker Lane. Vestiu o seu único casaco e a sua única gravata, e isso basta para que não pareça deslocado ali, apesar de ser demasiado cedo para as lojas chiques terem aberto. Vira para o beco entre a Andrew Halliday Rare Editions e a loja ao lado, La Bella Flora Children's Boutique. Há lugares de estacionamento no pequeno pátio atrás dos edifícios, dois da loja de roupa e uma da livraria. Um *Volvo* ocupa um dos lugares da La Bella Flora. O outro está vazio. E o espaço reservado para Andrew Halliday também.

O que é igualmente ótimo.

Morris sai do pátio a andar depressa, para e dá uma olhada reconfortante ao letreiro de FECHADO pendurado na porta da livraria, depois volta à Lower Main, onde apanha um autocarro para o centro. Após duas mudanças de autocarro, desce em frente ao centro comercial Valley Plaza, a dois quarteirões da casa do falecido Andrew

Halliday.

Anda depressa outra vez, não passeia. Como se soubesse onde está, para onde vai e tivesse todo o direito de estar ali. A Coleridge Street encontra-se quase deserta, o que não o surpreende. São nove e um quarto (o seu chefe gordo de merda deve estar agora a olhar furioso para a secretária vazia de Morris). As crianças estão na escola; os pais e as mães que trabalham fora desdobram-se em quatro para pagar as dívidas do cartão de crédito; a maioria das entregas e outros serviços só vai começar a percorrer o bairro às dez. O único horário melhor seriam as horas sonolentas do meio da tarde, mas ele não pode esperar tanto tempo. Tem demasiados sítios onde ir, demasiadas coisas a fazer. Este é o grande dia de Morris Bellamy. A sua vida sofreu um longo desvio, mas ele está quase de volta ao caminho principal.

15

Tina começa a sentir-se mal por volta da altura em que Morris está a passar pelo caminho de acesso do falecido Drew Halliday e a ver o carro do velho amigo estacionado na garagem. Quase não pregou olho a pensar em como Pete vai receber a notícia de que ela o denunciou. O pequeno-almoço pesa-lhe na barriga como uma pedra, e, de repente, enquanto a senhora Sloan está a interpretar «Annabel Lee» (a senhora Sloan nunca se limita a ler), o bolo de comida não digerida começa a subir-lhe pela garganta em direcção à saída.

Ela levanta a mão. Parece pesar cinco quilos, mas sustenta-a no ar até a senhora Sloan levantar os olhos.

— Sim, Tina, o que foi?

Soa irritada, mas Tina não se importa. Já passou desse ponto.

— Estou maldisposta. Preciso de ir à casa de banho.

— Então vai, mas despacha-te.

Tina sai da sala. Algumas raparigas estão a rir; aos treze anos, visitas inesperadas à casa de banho são sempre engraçadas. Mas Tina está demasiado preocupada com o estômago revirado para sentir vergonha. Quando chega ao corredor, desata a correr para a casa de banho o mais depressa que consegue, mas o bolo é mais rápido, e ela inclina-se antes de conseguir chegar lá e vomita o pequeno-almoço nos próprios ténis.

O senhor Haggerty, o zelador principal da escola, vem a subir as escadas. Vê-a recuar a cambalear da poça de vómito e corre até ela, o cinto de ferramentas a tinir.

— Ei, rapariga, estás bem?

Tina estende para a parede um braço que parece feito de plástico. O mundo está a rodar. Parte disso é porque ela vomitou com tanta intensidade que ficou com os olhos marejados, mas não é a única causa. Queria de todo o coração não ter deixado Barbara convencê-la a falar com o senhor Hodges, ter deixado Pete em paz para resolver sozinho o problema. E se ele nunca mais falar com ela?

— Estou — afirma ela. — Desculpe o chiqu...

Mas a tontura piora antes de conseguir acabar. Não é bem um desmaio, mas o mundo parece ficar distante, torna-se uma coisa para a qual ela olha através de uma janela suja e não uma coisa na qual *está*. Desliza pela parede, espantada pela visão dos próprios joelhos cobertos pelos colãs verdes a irem ao seu encontro. É nesse momento que o senhor Haggerty lhe pega ao colo e a leva escada abaixo, para a enfermaria.

O pequeno *Subaru* verde de Andy é perfeito, na opinião de Morris: dificilmente alguém olhará duas vezes para ele. Só existem milhares iguais. Faz marcha-atrás e segue para North Side, atento a viaturas da polícia e obedecendo ao limite de velocidade.

A princípio, é quase uma repetição da noite de sexta. Para uma vez mais no centro comercial da Bellows Avenue e vai ao Home Depot. Dirige-se à secção de ferramentas, onde escolhe uma chave de fendas comprida e um cinzel. Em seguida, segue até ao edifício quadrado de tijolo que já foi o centro recreativo da Birch Street e estaciona de novo no espaço com a indicação RESERVADO A VEÍCULOS DO CENTRO RECREATIVO.

É um bom sítio para tratar de assuntos obscuros. Há um cais de carga de um lado e uma cerca alta do outro. Ele só é visível por trás, onde ficam o campo de basebol e o de básquete a cair aos bocados, mas, como há aulas, estão desertos. Morris vai até à janela da cave na qual reparou antes, agacha-se e enfia a chave de fendas na abertura em cima. Entra facilmente porque a madeira está podre. Usa o cinzel para ampliar a abertura. O vidro treme, mas não parte, porque a massa de vidraceiro está velha e cede com facilidade. A possibilidade de aquele edifício enorme ter um alarme é menor a cada momento.

Morris troca o cinzel pela chave de fendas de novo. Enfia-a pela abertura que fez, chega à tranca e empurra. Olha em volta para ter a certeza de que continua a não ser observado (a localização é boa, sim, mas invasão de propriedade privada em plena luz do dia ainda é uma ideia assustadora) e não vê nada além de um corvo empoleirado num poste telefónico. Insere o cinzel na parte de baixo da

janela e bate-lhe com a base da mão para o fazer entrar até ao fim, depois faz força para baixo. Por um momento, nada acontece. Em seguida, a janela desliza para cima com um gemido de madeira e uma chuva de pó. Bingo. Ele limpa o suor do rosto enquanto olha para as cadeiras desdobráveis empilhadas, as mesas de cartas e as caixas de tralha, verificando que vai ser fácil entrar.

Mas ainda não, enquanto houver a menor possibilidade de um alarme silencioso estar a ser acionado algures.

Morris leva as ferramentas até ao pequeno *Subaru* verde e arranca.

17

Linda Saubers está a supervisionar o período de atividades do meio da manhã na Northfield Elementary School quando Peggy Moran entra e diz que a filha dela está doente na Dorton Middle, a quase cinco quilómetros dali.

— Foi para a enfermaria — conta Peggy, mantendo a voz baixa. — Sei que vomitou e desmaiou alguns minutos.

— Meu Deus — murmura Linda. — Ela estava pálida ao pequeno-almoço, mas, quando perguntei se estava bem, disse que sim.

— Os adolescentes são assim mesmo — comenta Peggy, revirando os olhos. — Ou é tudo um melodrama ou «Estou bem, mãe, mete-te na tua vida». Vai lá e leva-a para casa. Eu trato das coisas aqui, e o senhor Jablonski já chamou uma substituta.

— És um anjo.

Linda está a pegar nos livros e a metê-los na pasta.

— Deve ser alguma coisa de estômago — sugere Peggy,

sentando-se na cadeira que Linda vagou. — Podes levá-la a uma clínica aqui perto, mas para quê gastar trinta dólares? O vírus anda no ar.

— Eu sei — diz Linda... mas fica na dúvida.

Ela e Tom têm estado lentamente a sair de dois buracos: o das finanças e o do casamento. No ano seguinte ao acidente de Tom, estiveram perigosamente perto do divórcio. De repente, o dinheiro misterioso começou a chegar, uma espécie de milagre, e as coisas começaram a mudar. Ainda não saíram de nenhum dos dois buracos, mas Linda acredita que *vão* conseguir.

Com os pais concentrados na sobrevivência da família (e Tom, claro, a enfrentar o desafio adicional de recuperar dos ferimentos), as crianças passaram demasiado tempo em piloto automático. Só agora, quando sente que finalmente tem algum espaço para respirar e tempo para olhar em volta, Linda começa a intuir que há algum problema com Pete e Tina. São bons miúdos, *inteligentes*, e ela acha que nenhum dos dois se deixou apanhar pelas armadilhas habituais da adolescência: bebida, droga, furtos em lojas e sexo, mas há *alguma coisa*, e ela acha que sabe o que é. E acha que Tom também sabe.

Deus mandou maná do céu quando os israelitas estavam a passar fome, mas o dinheiro vem de fontes mais prosaicas: bancos, amigos, heranças e parentes que podem ajudar. O dinheiro misterioso não veio de nenhuma dessas fontes. Sem dúvida não veio de parentes. Em 2010, as famílias dos dois estavam com tantas dificuldades como eles próprios. Mas os filhos também são parentes, não são? É fácil esquecê-lo porque estão muito próximos, mas são. É absurdo achar que o dinheiro veio de Tina, que só tinha nove anos quando os envelopes começaram a chegar e não conseguiria guardar um segredo assim.

Já Pete... é o mais reservado da família. Linda lembra-se do que a sua mãe disse quando o filho tinha só cinco anos:

— Aquele tem um cadeado nos lábios.

Mas onde podia um rapaz de treze anos ter conseguido tanto dinheiro?

Enquanto conduz até à Dorton Middle para ir buscar a filha doente, Linda pensa: nós nunca fizemos *nenhuma* pergunta, realmente, e isso porque tivemos medo da resposta. Ninguém que não tivesse passado por aqueles meses terríveis depois do acidente do Tommy entenderia, e não vou pedir desculpa. Tínhamos motivos para ser cobardes. Muitos. Os dois maiores motivos viviam sob o nosso teto e contavam connosco para cuidar deles. Mas está na hora de perguntar quem estava a cuidar de quem. Se foi o Pete, se a Tina descobriu e isso a está a perturbar, tenho de parar de ser cobarde. Preciso de abrir os olhos.

Preciso de respostas.

18

Meio da manhã.

Hodges está no tribunal e o seu comportamento é exemplar. Holly ficaria orgulhosa. Responde de forma concisa às perguntas feitas pelo advogado do Brutamontes Careca. O advogado dá-lhe muitas oportunidades para entrar em polémicas, e apesar de ser uma armadilha na qual Hodges caiu algumas vezes nos seus dias de detetive, evita-a agora.

Linda Saubers está a levar a filha pálida e silenciosa para casa, onde vai dar a Tina um copo de *ginger ale* para lhe acalmar o estômago e a enfiará na cama. Está

finalmente preparada para perguntar a Tina o que sabe ela sobre o dinheiro misterioso, mas só quando a filha se sentir melhor. Haverá tempo de sobra à tarde, e deve incluir Pete na conversa quando ele chegar da escola. Vão ser só os três, e provavelmente é melhor assim. Tom e um grupo de clientes da imobiliária estão a visitar um complexo de escritórios, vagado recentemente pela IBM oitenta quilómetros a norte da cidade, e só vai voltar às sete. Talvez até mais tarde, se pararem para jantar no regresso.

Pete está no terceiro tempo, física avançada, e apesar de o olhar se encontrar pousado no senhor Norton, que fala sobre o bosão de Higgs e sobre o Grande Colisor de Hadrões do CERN, na Suíça, a mente está bastante longe. Revê novamente o guião do encontro dessa tarde e lembra a si mesmo que *ter* um guião não quer dizer que Halliday vá segui-lo. Halliday trabalha no ramo há bastante tempo e deve ter contornado a lei durante boa parte da carreira. Pete é apenas um rapaz, e não convém esquecer-se disso. Tem de ser cuidadoso e levar a sua inexperiência em conta. Deve pensar antes de falar, de cada uma das vezes.

Acima de tudo, deve ser corajoso.

Diz a Halliday: Meio pão é melhor do que pão nenhum, mas, num mundo de escassez, até uma fatia é melhor do que pão nenhum. Estou a oferecer-lhe três dúzias de fatias. Tem de pensar nisso.

Diz a Halliday: Não vou ser a queca de aniversário de ninguém. É melhor também pensar nisso.

Diz a Halliday: Se acha que estou a fazer *bluff*, ponha-me à prova. Mas, se o fizer, saímos os dois a perder.

Pensa: Se eu conseguir dominar os nervos, posso sair disto. E vou dominar. Vou. Preciso de dominar.

Morris Bellamy estaciona o *Subaru* roubado a dois quarteirões do Castelo dos Malucos e vai a pé até lá. Para à

entrada de uma loja de coisas em segunda mão para garantir que Ellis McFarland não está por perto, depois corre até ao miserável prédio e sobe a pé os nove andares até ao apartamento. Os dois elevadores estão avariados hoje, o que é bastante comum. Enfia alguma roupa num dos sacos e sai do quarto de merda pela última vez. Durante todo o caminho até à primeira esquina sente as costas quentes, e o pescoço hirtos como uma tábua de engomar. Leva um saco em cada mão, e eles parecem pesar cinquenta quilos cada. Está sempre à espera que McFarland o chame. Que surja das sombras de um toldo e lhe pergunte porque não está no trabalho. Que pergunte onde pensa que vai. Que pergunte o que contêm os sacos. E que lhe diga que vai voltar para a prisão: ao passar pela casa de partida não recolhas os duzentos dólares. Morris só se descontrai quando o Castelo dos Malucos desaparece de vista.

Tom Saubers está a fazer uma visita com o seu grupo de agentes imobiliários pelo edifício vazio da IBM, assinalando diversas características e encorajando-os a tirarem fotografias. Estão todos animados com as possibilidades. Ao fim do dia, as pernas e as ancas cirurgicamente reparadas irão doer-lhe como o diabo, mas, de momento, ele sente-se bem. O complexo de escritórios e fábricas abandonado pode ser um grande negócio. A vida está finalmente a entrar nos eixos.

Jerome foi ao escritório de Hodges surpreender Holly, que dá gritinhos de alegria quando o vê, depois de apreensão quando ele a agarra pela cintura e a gira no ar, como faz com a irmã. Conversam durante mais de uma hora, a pôr a escrita em dia, e ela conta-lhe o que pensa sobre o caso Saubers. Holly fica contente quando Jerome leva a sério as preocupações com o *Moleskine* e mais

contente ainda ao descobrir que ele viu *Agentes Universitários*. Deixam de lado o assunto Pete Saubers e discutem o filme, comparando-o com outros da filmografia de Jonah Hill. Em seguida, passam a debater vários programas de computador.

Andrew Halliday é o único que não está a fazer nada. As primeiras edições já não lhe interessam, nem empregados de mesa jovens com calças pretas justas. Óleo e água são a mesma coisa que vento e ar para Andy agora. Está a dormir o sono eterno numa poça de sangue coagulado, e a atrair moscas.

19

Onze da manhã. A temperatura na cidade é de vinte e sete graus e na rádio dizem que é capaz de chegar aos trinta e dois antes de anoitecer. *Só pode* ser o aquecimento global, dizem as pessoas umas às outras.

Morris passa pelo centro recreativo da Birch Street duas vezes e fica contente (embora não surpreendido) ao ver que continua deserto, como sempre, apenas uma caixa de tijolo vazia a assar ao sol. Não vê a polícia nem seguranças ali. Até o corvo partiu em busca de um local mais fresco. Dá a volta ao quarteirão e repara que agora há um *Ford Focus* bem cuidado em frente à garagem da sua antiga casa. O senhor ou a senhora Saubers voltou cedo. Talvez até os dois. Não tem importância. Morris volta para o centro recreativo e, uma vez ali, segue até às traseiras e estaciona no lugar que passou a considerar seu.

Está confiante de que não é observado, mas é boa ideia fazer aquilo depressa. Carrega os sacos até à janela que arrombou e deixa-os cair no chão da cave, onde aterram

com uma reverberação oca e nuvens gémeas de pó. Dá uma olhadela rápida em volta e enfia os pés pela janela, descendo de barriga para baixo.

Fica tonto quando inspira o ar frio e com cheiro de mofo. Cambaleia um pouco e estica os braços para se equilibrar. É o calor, pensa. Andaste demasiado ocupado para reparar, mas estás encharcado em suor. Além disso, não tomaste o pequeno-almoço.

As duas coisas são verdade, mas a questão principal é mais simples e evidente: já não é tão novo como era, e passaram-se anos desde os esforços físicos do trabalho de tingimento de roupa. Tem de ir com calma. Perto da caldeira há algumas caixas grandes com UTENSÍLIOS DE COZINHA escrito. Morris senta-se numa delas até o coração se acalmar e as tonturas passarem. Em seguida, abre o saco com a pistola de Andy lá dentro, enfia a arma na parte de trás do cós das calças e tapa-a com a camisa. Tira cem dólares do dinheiro de Andy, para o caso de ter despesas imprevistas, e deixa o resto para depois. Vai voltar mais tarde, quem sabe até passe a noite lá. Depende do rapaz que roubou os cadernos e das medidas que Morris precise de usar para recuperá-los.

Farei o que for preciso, idiota, pensa ele. O que for preciso.

De momento, é hora de seguir em frente. Quando era mais novo, conseguiria sair por aquela janela da cave com facilidade, mas não agora. Arrasta uma das caixas dos UTENSÍLIOS DE COZINHA (surpreendentemente pesada, deve ter algum eletrodoméstico avariado lá dentro) e usa-a como degrau. Cinco minutos depois, está a caminho da Andrew Halliday Rare Editions, onde vai estacionar o *Subaru* no lugar do velho amigo e passar o resto do dia a saborear o ar condicionado e à espera que o jovem ladrão de cadernos

apareça.

James Hawkins, precisamente, pensa ele.

20

Duas e um quarto.

Hodges, Holly e Jerome estão a caminho das suas posições em volta da Northfield High: Hodges à frente, Jerome na esquina da Westfield Street e Holly atrás do auditório da escola na Garner Street. Quando se encontram a postos, avisam Hodges.

Na livraria de Lacemaker Lane, Morris ajeita a gravata, vira a placa de FECHADO para ABERTO e destranca a porta. Vai até ao balcão e senta-se. Se um cliente entrar para dar uma olhadela, o que não é provável, considerando a hora do dia, mas é possível, irá atendê-lo de boa vontade. Se houver um cliente quando o rapaz chegar, terá de pensar em alguma coisa. Irá improvisar. O seu coração bate depressa, mas as mãos estão firmes. Os tremores desapareceram. *Sou um lobo*, diz para si mesmo. *Mordo, se precisar.*

Pete está na aula de escrita criativa. O texto é *The Elements of Style*, de Strunk e White, e estão a discutir a famosa Regra 13: *Omitir palavras desnecessárias*. Tiveram de ler «Os assassinos», o conto de Hemingway, e a discussão está animada. Falam muito da forma como Hemingway omite palavras desnecessárias. Pete quase não ouve nada. Está a olhar para o relógio, onde os ponteiros seguem com determinação na direção do seu encontro com Andrew Halliday. E continua a rever as suas falas.

Às duas e vinte e cinco sente o telemóvel vibrar. Puxa-o discretamente do bolso e olha para o ecrã.

Mãe: Vem logo para casa depois das aulas, temos de conversar.

O seu estômago contrai-se e o coração começa a bater mais depressa. Pode ser só alguma coisa que precise de ser feita, mas Pete não acredita nisso. *Temos de conversar* é o equivalente da mãe para *Houston, temos um problema*. Pode ser sobre o dinheiro, e é provável que seja, porque uma desgraça nunca vem só. Se for, então Tina deu com a língua nos dentes.

Tudo bem. Se tem de ser assim, tudo bem. Irá para casa, e vão conversar, mas tem de resolver antes o problema de Halliday. Os pais não são responsáveis pela confusão em que ele se meteu, e não vai *torná-los* responsáveis. Também não vai culpar-se. Fez o que tinha de fazer. Se Halliday se recusar a chegar a acordo, se chamar a polícia apesar de todos os motivos que Pete pode dar-lhe para não fazer isso, então, quanto menos os pais souberem, melhor. Não quer que sejam acusados como cúmplices nem nada.

Pensa em desligar o telemóvel, mas decide não o fazer. Se a mãe, ou Tina, lhe mandar outra mensagem de texto, é melhor saber. Pete olha para o relógio e vê que são vinte para as três. Daí a pouco tempo a campainha vai tocar e ele sairá da escola.

Pensa se irá voltar.

21

Hodges estaciona o *Prius* a uns quinze metros da entrada principal da escola. Está parado num local com a berma pintada de amarelo, mas tem um cartão antigo de AGENTE EM TRABALHO no porta-luvas, que guarda para esse

tipo de situação. Coloca-o no tabliê. Quando a campainha toca, sai do carro, recosta-se no capô com os braços cruzados e fica a olhar para as portas. Acima da entrada está gravado o lema da escola: A EDUCAÇÃO É A LUZ DA VIDA. Hodges segura o telemóvel, pronto para fazer ou receber uma chamada, dependendo de quem sair e quem não sair.

A espera não é longa, pois Pete Saubers está na primeira leva de alunos que sai para aquele dia quente de junho e desce rapidamente os degraus amplos de granito. A maior parte dos estudantes está com amigos. O jovem Saubers está sozinho. Não é o único sozinho, claro, mas tem uma expressão determinada, como se estivesse a viver no futuro em vez de no presente. O olhar de Hodges continua apurado como sempre, e ele acha que parece o rosto de um soldado a ir para a batalha.

Ou talvez só esteja preocupado com os exames finais.

Em vez de seguir para os autocarros amarelos estacionados à esquerda da escola, Pete vira para a direita, na direção de onde Hodges está. Hodges avança para interceptá-lo e liga para Holly enquanto anda.

— Encontrei o rapaz. Avisa o Jerome.

Desliga sem esperar que ela responda.

Pete faz menção de contornar Hodges pela rua. O ex-detetive para à frente dele.

— Ei, Pete, tens um minuto?

Os olhos do rapaz concentram-se nele. É bem-parecido, mas tem o rosto demasiado magro, e a testa cheia de acne. Os lábios estão tão comprimidos que a boca quase desapareceu.

— Quem é você? — pergunta ele. Não *Sim, senhor* ou *Em que posso ajudá-lo?* Só *Quem é você?* A voz está tão tensa como o rosto.

— Chamo-me Bill Hodges. Gostaria de falar contigo.

Há adolescentes a passar por eles, a conversar, à cotovelada, a rir, a dizer disparates, a ajeitar as mochilas. Alguns olham para Pete e para o homem com cabelo grisalho a rarear, mas nenhum mostra interesse. Todos têm para onde ir e o que fazer.

— Sobre o quê?

— No meu carro seria melhor. Para termos alguma privacidade.

Aponta para o *Prius*.

O rapaz repete:

— Sobre o quê?

Não se mexe.

— A questão é a seguinte, Pete. A tua irmã, Tina, é amiga da Barbara Robinson. Conheço a família Robinson há anos, e a Barbara convenceu a Tina a ir falar comigo. Ela está muito preocupada contigo.

— Porquê?

— Se queres saber por que motivo a Barbara me recomendou, é porque já fui detetive. — Os olhos do rapaz revelam alarme. — Se queres saber por que motivo a Tina está preocupada, é melhor não discutirmos isso na rua.

De repente, a expressão alarmada desaparece e o rosto do rapaz fica inexpressivo de novo. É o rosto de um bom jogador de póquer. Hodges já interrogou suspeitos capazes de pôr o rosto assim, e costumam ser os mais difíceis de ceder. Se é que cedem.

— Não sei o que a Tina lhe disse, mas ela não tem nada com que se preocupar.

— Se o que ela me disse é verdade, talvez tenha. — Hodges oferece ao rapaz o seu melhor sorriso. — Vá, Pete. Não vou raptar-te. Juro por Deus.

Pete assente com relutância. Quando chegam ao *Prius*, o rapaz para. Está a ler o cartão amarelo no tabliê.

— *Era* detetive ou ainda é?

— Era — diz Hodges. — Esse cartão... podemos chamar-lhe uma recordação. Às vezes dá jeito. Estou reformado há cinco anos. Entra, por favor, para podermos conversar. Vim como amigo. Se ficarmos aqui muito tempo, vou derreter.

— E se eu não entrar?

Hodges encolhe os ombros.

— Então vais-te embora.

— Tudo bem, mas só um minuto — diz Pete. — Tenho de passar na farmácia para o meu pai. Ele toma um medicamento chamado *Vioxx*. Porque se magoou há uns anos.

Hodges assente.

— Eu sei. No Centro Cívico. O caso era meu.

— Era?

— Era.

Pete abre a porta do passageiro e entra no *Prius*. Não parece nervoso por estar no carro de um estranho. Cuidadoso e cauteloso, mas não nervoso. Hodges, que já interrogou uns dez mil suspeitos e testemunhas ao longo dos anos, tem a certeza de que o rapaz tomou uma decisão, embora não consiga saber se é contar o que tem na cabeça ou guardar segredo. Seja como for, não vai levar muito tempo a descobrir.

Contorna o carro e senta-se ao volante. Pete não se importa com isso, mas, quando Hodges liga o motor, fica tenso e pousa a mão no puxador.

— Descontraí-te. Só quero ligar o ar condicionado. Está imenso calor, caso não tenhas reparado. Principalmente para esta época do ano. Deve ser o aquecimento glob...

— Vamos despachar isto para eu poder ir comprar o medicamento do meu pai e seguir para casa. O que disse a

minha irmã? Sabe que ela só tem treze anos, não sabe? Adoro-a, mas a minha mãe chama à Tina a rainha do drama. — E então, como se isso explicasse tudo: — Ela e a amiga, Ellen, não perdem um episódio de *Pequenas Mentirosas*.

Certo, então a decisão inicial é não falar. Não é muito surpreendente. O trabalho agora consiste em fazê-lo mudar de ideias.

— Fala-me do dinheiro que chegava pelo correio, Pete.

Não fica tenso; nenhuma expressão de alarme surge no seu rosto. Ele sabia que o assunto era este, pensa Hodges. Soube assim que o nome da irmã foi mencionado. Talvez até tivesse recebido um aviso. Tina podia ter mudado de ideias e mandado uma mensagem.

— Refere-se ao dinheiro misterioso — diz Pete. — Era assim que lhe chamávamos.

— Sim. É a isso que me refiro.

— Começou a chegar há cerca de quatro anos. Eu tinha a idade que a Tina tem agora. Todos os meses, mais ou menos, chegava um envelope endereçado ao meu pai. Nunca vinha nenhuma carta a acompanhar, só o dinheiro.

— Quinhentos dólares.

— Uma ou duas vezes talvez tenha vindo um pouco menos ou um pouco mais, acho. Nem sempre estava em casa quando o envelope chegava, e, depois das duas primeiras vezes, os meus pais deixaram de falar no assunto.

— Como se falar pudesse dar azar?

— Sim, tipo isso. E, a determinada altura, a Tina meteu na cabeça que era eu quem o mandava. Até parece. Na altura, eu nem sequer tinha mesada.

— Se não foste tu, quem foi?

— Não sei.

Parece que ele vai parar aí, mas depois continua.

Hodges ouve calmamente, esperando que Pete fale de mais. O rapaz é inteligente, mas às vezes até as pessoas inteligentes falam de mais. Se as deixarmos.

— Sabe como todos os Natais surgem histórias nos noticiários sobre alguém que distribuiu notas de cem dólares no Walmart ou noutra sítio qualquer?

— Claro.

— Acho que foi alguma coisa assim. Algum ricoço decidiu armar-se em Pai Natal com uma das pessoas que se feriu naquele dia no Centro Cívico e tirou o nome do meu pai da cartola. — Vira-se para olhar para Hodges pela primeira vez desde que entraram no carro, os olhos arregalados e uma expressão séria, nada digna de confiança. — Tanto quanto sei, ele também pode estar a mandar dinheiro a outras pessoas. Provavelmente aos que ficaram pior e não podem trabalhar.

Hodges pensa: Essa é boa, rapaz. A tua teoria até faz sentido.

— Dar mil dólares a dez ou vinte pessoas aleatórias no Natal é uma coisa. Dar mais de vinte mil a uma família ao longo de quatro anos é bastante diferente. Se acrescentares outras famílias, estaríamos a falar de uma pequena fortuna.

— Pode ser alguém que trabalhe em fundos de investimento — sugere Pete. — Um daqueles tipos que ficou rico quando toda a gente estava a ficar pobre e se sentiu culpado.

Já não está a olhar para Hodges, está a olhar em frente pelo para-brisas. Exala um certo odor, ou é o que parece a Hodges; não a suor, mas a fatalismo. Mais uma vez, ele pensa em soldados a prepararem-se para a guerra, sabendo que a probabilidade de serem mortos ou feridos é de pelo menos cinquenta por cento.

— Ouve, Pete. Não me interessa o dinheiro.

— Não o mandei!

Hodges continua a pressionar. Foi sempre bom nisso.

— Foi um dinheiro que apareceu inesperadamente, e usaste-o para ajudar os teus pais a ultrapassar um momento difícil. Não é uma coisa má, é admirável.

— Muita gente não acharia isso — diz Pete. — Se fosse verdade, claro.

— Estás enganado. A maioria das pessoas *acharia* isso, sim. E vou dizer-te uma coisa em que podes acreditar, porque é baseada em quarenta anos de experiência como polícia. Nenhum promotor público desta cidade, nenhum promotor público deste *país*, faria acusações contra um rapaz que encontrou dinheiro e o usou para ajudar a família depois de o pai perder o emprego e de um lunático lhe esmagar as pernas. A imprensa crucificaria qualquer um que tentasse levar *essa* merda a tribunal.

Pete fica em silêncio, mas a maçã de Adão move-se, como se ele estivesse a conter um soluço. Quer contar, mas alguma coisa o impede. Não o dinheiro, mas algo relacionado com o dinheiro. Tem de ser. Hodges tem curiosidade em saber de onde veio o dinheiro daqueles envelopes mensais, qualquer pessoa teria, mas tem muito mais curiosidade em saber o que se passa com o rapaz naquele momento.

— Mandaste o dinheiro...

— Pela última vez, *não mandei!*

— ... e tudo correu bem, mas depois meteste-te numa alhada qualquer. Diz-me o que é, Pete. Deixa-me ajudar-te a encontrar uma solução. Deixa-me ajudar-te a resolver o problema.

Por um momento, o rapaz treme, à beira da revelação. Então desvia os olhos para a esquerda. Hodges segue o olhar e vê o cartão que pôs no tabliê. É amarelo, a cor da

cautela. A cor do perigo. AGENTE EM TRABALHO. Agora deseja ter deixado aquilo no porta-luvas e estacionado cem metros à frente. Caramba, ele anda a pé todos os dias. Cem metros teriam sido canja.

— Não há problema nenhum — afirma Pete. Agora está a falar tão mecanicamente como a voz robotizada que sai do GPS do carro de Hodges, mas uma veia lateja nas suas têmporas, tem as mãos unidas no colo e suor no rosto, apesar do ar condicionado. — Não mandei o dinheiro. Tenho de ir buscar os comprimidos do meu pai.

— Pete, ouve. Mesmo que eu ainda fosse polícia, esta conversa seria inadmissível em tribunal. És menor e não há um adulto responsável presente para te orientar. Além disso, não li os teus direitos...

Hodges vê o rosto do rapaz fechar-se como a porta do cofre de um banco. Bastaram duas palavras: *teus direitos*.

— Agradeço a preocupação — diz Pete com a mesma voz robótica e educada. Abre a porta do carro. — Mas não há problema nenhum. A sério.

— Há, sim. — Hodges tira um cartão no bolso da camisa e entrega-lho. — Toma isto. Liga-me se mudares de ideia. Seja lá o que for, posso ajud...

A porta fecha-se. Hodges vê Pete Saubers afastar-se rapidamente, guarda o cartão no bolso e pensa: *Porra, estraguei tudo. Há seis anos, talvez até dois, tê-lo-ia feito falar.*

Mas culpar a idade é demasiado fácil. Uma parte mais profunda dele, mais analítica e menos emocional, sabe que nunca esteve perto de o conseguir. Achar que sim era iludir-se. Pete preparou-se tão bem para a batalha que é psicologicamente incapaz de ceder.

O rapaz chega à City Drug, tira a receita do pai do bolso de trás das calças e entra.

Hodges liga a Jerome.

— Bill! Como correu?

— Não muito bem. Conheces a City Drug?

— Claro.

— Ele está lá a aviar uma receita. Contorna o quarteirão o mais depressa possível. Disse-me que ia para casa, e pode ser que vá, mas, se não for, quero saber para *onde* vai. Achas que consegues segui-lo? Ele conhece o meu carro. Não vai conhecer o teu.

— Com certeza. Vou a caminho.

Menos de três minutos depois, Jerome dobra a esquina. Enfia o carro num lugar acabado de vagar por uma mãe que foi buscar duas crianças que parecem pequenas de mais para estarem no secundário. Hodges arranca, acena a Jerome e segue para a localização de Holly na Garner Street, marcando o número dela enquanto conduz. Podem esperar juntos pelo relatório de Jerome.

22

O pai de Pete toma mesmo *Vioxx* desde que se livrou do *OxyContin*, mas, de momento, tem bastante em casa. A folha dobrada que ele tira do bolso de trás e para a qual olha antes de entrar na City Drug é um aviso do subdiretor a lembrar os alunos que o Dia de Balda é um mito e que a direção vai examinar todas as ausências daquele dia com especial atenção.

Pete não exagera no gesto de tirar o aviso do bolso; Bill Hodges pode estar aposentado, mas não pareceu atrasado mental. Não, olha apenas para ele um momento, como se a certificar-se de que tem o papel certo, e entra. Dirige-se depressa ao balcão ao fundo, onde o senhor Pelkey o cumprimenta com uma continência amistosa.

— Olá, Pete. Do que precisas hoje?

— De nenhum medicamento, senhor Pelkey, estamos todos bem, mas vêm uns rapazes atrás de mim porque não os deixei copiar os trabalhos de casa de história. Será que me pode ajudar?

O senhor Pelkey franze a testa e dirige-se à cancela de vaivém. Gosta de Pete, que está sempre alegre apesar de a família ter passado por maus bocados.

— Mostra-me quem são. Vou afugentá-los.

— Não, eu trato disso, mas amanhã. Depois de eles se acalmarem. Mas se eu pudesse sair pelas traseiras...

O senhor Pelkey pisca-lhe o olho com um ar conspirador que diz que também já foi adolescente.

— Claro. Passa pela cancela.

Conduz Pete por entre prateleiras cheias de pomadas e comprimidos, depois até um escritório pequeno ao fundo. Há ali uma porta com um letreiro grande e vermelho que diz IRÁ SOAR UM ALARME. O senhor Pelkey oculta o teclado com uma das mãos e digita o código com a outra. Pete ouve um zumbido.

— Podes ir — diz o senhor Pelkey.

Pete agradece, sai para o cais de carga atrás da farmácia e salta para o passeio rachado. Um beco leva-o até à Frederick Street. Olha para os dois lados, à procura do *Prius* do ex-detetive, e desata a correr quando não o vê. Leva vinte minutos a chegar à Lower Main Street, e, apesar de não ver o *Prius* azul, faz alguns desvios repentinos no caminho, só por garantia. Está a entrar em Lacemaker Lane quando o telemóvel vibra de novo. Dessa vez, a mensagem é da irmã.

Tina: Falaste c o senhor Hodges? Espero k sim. A mãe sabe. Não lhe contei, ela SABIA. Não fiques zangado comigo. L

Como se eu conseguisse zangar-me contigo, pensa Pete. Se tivessem só dois anos de diferença, talvez essa rivalidade entre irmãos tivesse acontecido, mas é possível que nem assim. Às vezes ele irrita-se com ela, mas nunca ficou zangado, nem quando Tina se comporta como uma verdadeira peste.

A verdade sobre o dinheiro foi revelada, mas talvez ele possa dizer que só encontrou o dinheiro e esconder o facto de ter tentado vender os bens pessoais de um homem assassinado só para que a irmã pudesse estudar numa escola onde não precisaria de tomar banho em grupo. E que faria a parva da amiga Ellen ser esquecida.

Sabe que a probabilidade de escapar daquela situação é reduzida, na verdade, quase inexistente, mas, em algum momento (talvez naquela tarde, ao ver os ponteiros do relógio seguirem implacavelmente para as três horas), isso adquiriu uma importância secundária. O que ele quer mesmo é enviar os cadernos, principalmente os que contêm os dois últimos livros de Jimmy Gold, para a Universidade de Nova Iorque. Ou talvez para a *New Yorker*, já que a revista publicou quase todos os contos de Rothstein na década de 1950. E que Andrew Halliday enfiasse tudo no cu. Isso mesmo, e com força. Até lá acima. Não pode permitir que Halliday venda *parte* do trabalho posterior de Rothstein a um colecionador rico e maluco que vai guardar os cadernos numa sala secreta com temperatura controlada juntamente com os Renoirs, ou os Picassos, ou com uma Bíblia preciosa do século xv.

Quando era mais novo, Pete considerava os cadernos apenas um tesouro enterrado. O *seu* tesouro. Agora, sabe que não é bem assim, e não só porque se apaixonou pela prosa cruel, engraçada e às vezes delirantemente comovente de John Rothstein. Os cadernos nunca foram só

seus. Também nunca foram só de Rothstein, independentemente do que ele pudesse ter pensado quando estava escondido na quinta no New Hampshire. Merecem ser vistos e lidos por todos. Talvez o pequeno deslizamento de terras que revelou a arca naquele dia de inverno tenha sido apenas um acaso, mas Pete não acredita nisso. Acredita que, tal como o sangue de Abel, os cadernos gritaram debaixo da terra. Se isso o torna um raio de um romântico, que seja. Algumas merdas *querem* dizer alguma merda.

A meio de Lacemaker Lane, vê o letreiro antiquado da livraria. É parecido com algo que se veria no letreiro de um *pub* inglês, embora nele esteja escrito Andrew Halliday Rare Editions em vez de The Plowman's Rest ou coisa do género. Ao olhar para lá, as últimas dúvidas de Pete dissipam-se como fumo.

Pensa: O John Rothstein também não é a sua queca de aniversário, senhor Halliday. Não é agora, nem nunca foi. Azarinho, querido, como diria Jimmy Gold. Se chamar a polícia, eu conto tudo, e depois do que se passou com o livro do James Agee, veremos em quem vão acreditar.

Um peso (invisível, mas enorme) desaparece-lhe dos ombros. Alguma coisa no seu coração parece ter voltado ao normal pela primeira vez em muito tempo. Pete segue em direção à loja a passo rápido, sem perceber que tem os punhos cerrados.

Alguns minutos depois das três da tarde, por volta da altura em que Pete está a entrar no *Prius* de Hodges, um cliente entra *mesmo* na livraria. É um tipo gorducho cujos

óculos grossos e barbicha grisalha não disfarçam a sua semelhança com Elmer Fudd.

— Posso ajudá-lo? — pergunta Morris, embora a primeira coisa que lhe ocorra seja *Como vai isso, doutor?*

— Não sei — responde Elmer, com dúvida na voz. — Onde está o Drew?

— Teve uma emergência familiar no Michigan.

Morris sabe que Andy é do Michigan, portanto não há problema, mas terá de ser cuidadoso com a história de família; se Andy alguma vez lhe falou dos parentes, Morris já se esqueceu.

— Sou um velho amigo. Ele pediu-me para ficar hoje na loja.

Elmer pondera a resposta. A mão de Morris, enquanto isso, vai até às costas e toca na forma tranquilizadora da pequena pistola. Não quer dar um tiro no homem, não quer correr o risco de fazer muito barulho, mas dará, se for preciso. Há bastante espaço para Elmer no escritório de Andy.

— Ele tinha-me guardado um livro, pelo qual já paguei o depósito. Era uma primeira edição de *Os Cavalos também Se Abatem*. É de...

— Horace McCoy — conclui Morris por ele.

Os livros na prateleira à esquerda do balcão, atrás dos quais os DVD das câmaras de segurança estavam escondidos, tinham folhas de papel enfiadas, e, desde que chegou à loja hoje, Morris examinou-os todos. São encomendas de clientes, e o McCoy está entre eles.

— Ótimo exemplar, autografado. Só a assinatura, sem dedicatória. Um pouco rachado na lombada.

Elmer sorri.

— Esse mesmo.

Morris tira-o da prateleira, lançando um olhar ao

relógio enquanto isso. 15:13. As aulas no Northfield High terminam às três, o que quer dizer que o rapaz deve chegar o mais tardar às três e meia.

Puxa a folha de papel e vê *Irving Yankovic, U\$ 750*. Entrega o livro a Elmer com um sorriso.

— Lembro-me especificamente deste. O Andy, mas acho que agora ele prefere ser tratado por Drew, disse-me que só vai cobrar-lhe quinhentos. Conseguiu um bom negócio e queria partilhar a poupança.

Qualquer desconfiança que Elmer pudesse ter sentido ao encontrar um desconhecido no local habitual de Drew evapora-se com a perspectiva de poupar duzentos e cinquenta dólares. Tira do bolso o livro de cheques.

— Então... com o depósito, faltam...

Morris faz um gesto magnânimo com a mão.

— Ele não me disse de quanto foi o depósito. É só deduzir a diferença. Tenho a certeza de que confia em si.

— Ao fim de tantos anos, é melhor que confie. — Elmer inclina-se sobre o balcão e começa a preencher o cheque. Fá-lo com uma lentidão aflitiva. Morris olha para o relógio. 15h16. — Já leu *Os Cavalos também Se Abatem*?

— Não — responde Morris. — Ainda não li esse.

O que fará ele se o rapaz entrar enquanto aquele idiota pretensioso de barbicha ainda estiver debruçado sobre o livro de cheques? Não vai poder dizer a Saubers que Andy está no escritório, depois de ter dito a Elmer Fudd que ele está no Michigan. O suor começa a escorrer do couro cabeludo e a descer pela cara. Consegue senti-lo. Suava assim na prisão, enquanto estava à espera de ser violado.

— É um livro maravilhoso — comenta Elmer, parando com a caneta acima do cheque parcialmente preenchido. — Um *noir* maravilhoso e também uma crítica social que mete *As Vinhas da Ira* a um canto. — Faz uma pausa e pensa em

vez de escrever, e agora são 15h18. — Bem... talvez não *As Vinhas da Ira*, isso seria um exagero, mas certamente *Batalha Incerta*, que é mais um tratado socialista do que um romance, não acha?

Morris diz que acha. Tem as mãos dormentes. Se tiver de pegar na arma, é capaz de deixá-la cair. Ou de dar um tiro no traseiro. Isso fá-lo dar uma gargalhada curta e repentina, um som surpreendente no espaço estreito e cheio de livros.

Elmer levanta o rosto com a testa franzida.

— Eu disse alguma coisa engraçada? Sobre Steinbeck, talvez?

— Nada disso — responde Morris. — É que... tenho um problema de saúde. — Passa a mão pela cara húmida. — Suo muito e rio-me sem motivo.

A expressão de Elmer Fudd fá-lo rir de novo. Pergunta a si mesmo se Andy e Elmer alguma vez fizeram sexo, e a ideia de toda aquela pele balouçante e fremente fá-lo rir mais.

— Desculpe, senhor Yankovic. Não é pessoal. A propósito... o senhor é da família do famoso humorista da música *pop* «Weird Al» Yankovic?

— Não.

Yankovic assina o cheque à pressa e entrega-o a Morris, que está a sorrir e a pensar que aquilo é o tipo de cena que John Rothstein poderia ter escrito. Quando entrega o cheque, Yankovic tem o cuidado de não tocar com os dedos nos dele.

— Desculpe as gargalhadas — diz Morris, rindo ainda mais. Está a lembrar-se de que costumavam chamar ao famoso humorista da música *pop* Weird Al Yank-My-Dick¹.

— Não consigo contê-las.

O relógio agora marca 15h21, e até isso é engraçado.

— Compreendo. — Elmer está a recuar com o livro contra o peito. — Obrigado.

Dirige-se rapidamente à porta. Morris grita:

— Não se esqueça de dizer ao Andy que lhe fiz o desconto. Quando o vir.

Morris ri-se ainda mais, porque aquela foi boa. Quando o vir! Percebeu?

Quando o ataque de riso passa, são 15h25, e ocorre a Morris que talvez tenha apressado o senhor Irving «Elmer Fudd» Yankovic sem motivo algum. Talvez o rapaz tenha mudado de ideias. Talvez não venha, e não há nada de engraçado nisso.

Bem, pensa Morris, se ele não aparecer aqui, vou ter de lhe fazer uma visitinha. Então a piada será à custa dele, certo?

24

Vinte para as quatro.

Não há necessidade de estacionar junto ao passeio pintado de amarelo; todos os pais que tinham ocupado a zona em volta da escola mais cedo, à espera dos filhos, já se foram embora. Os autocarros também. Hodges, Holly e Jerome estão num *Mercedes* que em tempos pertenceu à prima de Holly, Olivia. Foi usado como arma do crime no Centro Cívico, mas nenhum deles está a pensar nisso agora. Têm outras coisas na cabeça, principalmente o filho de Thomas Saubers.

— O miúdo pode estar em apuros, mas tem de admitir que pensa depressa — comenta Jerome. Após dez minutos parado em frente à City Drug, entrou e confirmou que o rapaz que ele tinha de seguir fugira. — Um profissional não

teria feito melhor.

— É verdade — diz Hodges.

O rapaz tornou-se um desafio, um desafio maior do que o ladrão de aviões, o senhor Madden. Hodges não interrogou o farmacêutico, nem precisa. Pete vai ali aviar receitas há anos, conhece o farmacêutico e o farmacêutico conhece-o. O rapaz inventou uma história qualquer, o farmacêutico deixou-o sair pelas traseiras e pronto. Não vigiaram a Frederick Street porque parecera não haver necessidade.

— E agora? — pergunta Jerome.

— Acho que devíamos vigiar a casa dos Saubers. Tínhamos uma pequena possibilidade de deixar os pais dele de fora, porque a Tina pediu, mas acho que isso já era.

— Eles já devem ter ideia de que foi o Pete — diz Jerome. — Afinal, são os *pais*.

Hodges pensa em dizer *O pior cego é aquele que não quer ver*, mas limita-se a encolher os ombros.

Holly não entrou na conversa até ao momento, limitou-se a estar sentada ao volante da banheira que é aquele carro, com os braços cruzados, a bater com os dedos ao de leve nos ombros. Agora, vira-se para Hodges, que está esparramado no banco de trás.

— Perguntaste ao Pete pelo caderno?

— Não tive oportunidade — responde Hodges. Holly está com a pulga atrás da orelha por causa do caderno, e ele *devia* ter perguntado, só para satisfazê-la, mas a verdade é que tal nem lhe passou pela cabeça. — Ele decidiu ir-se embora e foi. Nem quis ficar com o meu cartão.

Holly aponta para a escola.

— Acho que devíamos falar com o Ricky Hippie antes de nos irmos embora. — Quando nenhum dos dois responde, ela acrescenta: — A *casa* do Pete não *vai* a lado

nenhum, sabem? Não vai voar nem nada.

— Acho que mal não faria — diz Jerome.

Hodges suspira.

— E dizemos o quê, exatamente? Que um dos alunos dele encontrou ou roubou dinheiro e o mandou para os pais como mesada? Os pais deviam ser informados antes de um professor que provavelmente não sabe de nada. E devia ser o Pete a contar-lhe. Pelo menos, para ilibar a irmã.

— Mas se ele estiver metido em alguma alhada que não quer que os pais saibam, e quisesse contar a alguém... sabem, um adulto...

Jerome tem quatro anos a mais do que quando ajudou Hodges com a confusão de Brady Hartsfield, tem idade suficiente para votar e comprar bebidas alcoólicas, mas ainda é suficientemente jovem para se lembrar de como é ter dezassete anos e perceber de repente que se está numa alhada. Quando isso acontece, uma pessoa quer falar com alguém que já tenha alguma experiência.

— O Jerome tem razão. — Holly vira-se para Hodges. — Vamos falar com o professor e descobrir se o Pete lhe pediu conselhos sobre alguma coisa. Se ele perguntar porque queremos saber...

— *Claro* que vai perguntar — interrompe Hodges —, e não posso alegar confidencialidade. Não sou advogado.

— Nem padre — acrescenta Jerome, sem ajudar.

— Podes dizer que somos amigos da família — diz Holly, com firmeza. — E é verdade.

Ela abre a porta.

— Tens um palpite quanto a isto — diz Hodges. — Não tens?

— Tenho — responde ela. — É uma daquelas minhas intuições. Agora, vamos.

Quando estão a subir os degraus amplos do colégio e a passar por baixo do lema A EDUCAÇÃO É A LUZ DA VIDA, a porta da Andrew Halliday Rare Editions abre-se de novo e Pete Saubers entra. Segue pelo corredor principal, mas para, com a testa franzida. O homem ao balcão não é o senhor Halliday. É, de várias formas, o *oposto* exato do senhor Halliday: pálido em vez de corado (exceto os lábios, que são estranhamente vermelhos), cabelo branco em vez de careca e magro em vez de gordo. Quase cadavérico. Caramba. Pete esperava que o seu guião descambasse, mas não tão depressa.

— Onde está o senhor Halliday? Eu tinha um encontro com ele.

O estranho sorri.

— Sim, claro, embora ele não me tenha dado o teu nome. Disse apenas que era um jovem. Ele está à tua espera no escritório, lá atrás. — Isso é verdade. De certa forma. — É só bater e entrar.

Pete descontraí-se um pouco. Faz sentido Halliday não querer um encontro tão importante ali, onde qualquer pessoa à procura de um exemplar usado de *Não Matem a Cotovia* poderia entrar e interrompê-los. Está a ser cuidadoso, a pensar alguns passos à frente. Se Pete não fizer o mesmo, a sua pequena oportunidade de se sair bem daquilo vai por água abaixo.

— Obrigado — diz ele, e avança por entre as estantes altas na direção das traseiras da loja.

Assim que o rapaz se afasta do balcão, Morris levanta-se e vai rápida e silenciosamente até à frente da loja. Vira a placa de ABERTO para FECHADO.

Em seguida, tranca a porta.

A mulher na secretaria do Northfield High olha com curiosidade para o trio de visitantes, mas não faz perguntas. Talvez parta do princípio de que são familiares que foram suplicar a subida de uma nota de algum aluno em risco de chumbar. Quem quer que sejam, são problema de Howie Ricker, não dela.

Olha para um quadro magnético coberto de etiquetas multicoloridas e diz:

— Ele ainda deve estar na sala. É a 309, no terceiro andar, mas espreitem antes pela janelinha para ver se não está com algum aluno. Ele tem reuniões hoje até às quatro e, com as aulas a terminarem dentro em algumas semanas, muitos alunos vão lá pedir ajuda com os trabalhos finais. Ou pedir alargamento dos prazos.

Hodges agradece, e sobem a escada, os passos a ecoar. Algures abaixo, um quarteto de músicos toca «Greensleeves». Algures acima, uma voz masculina vigorosa exclama com jovialidade:

— Não *presta*, Malone!

A sala 309 fica a meio do corredor do terceiro andar, e o senhor Ricker, com uma camisa às cornucópias que faz doer os olhos, o colarinho desabotoado e o nó da gravata largo, está a falar com uma rapariga que gesticula de forma dramática. Ricker levanta o olhar, vê que tem visitas e volta a atenção para a rapariga.

Os três ficam encostados à parede, onde pósteres anunciam cursos de verão, *workshops*, destinos para férias e um baile de fim de ano. Duas raparigas passam pelo corredor a saltitar, ambas com camisolas e bonés de *softball*. Uma lança uma luva de apanhadora de uma mão para a outra, como se estivesse a brincar com uma batata

quente.

O telemóvel de Holly toca algumas notas sinistras do tema de *Tubarão*. Sem diminuir a velocidade, uma das raparigas diz:

— Vai precisar de um barco maior.

E desatam às gargalhadas.

Holly olha para o telemóvel e guarda-o.

— É uma mensagem da Tina — diz.

Hodges ergue uma sobrancelha.

— A mãe sabe do dinheiro. O pai também vai saber assim que chegar do trabalho. — Indica a porta fechada da sala do senhor Ricker. — Não há motivo para não contar tudo agora.

27

A primeira coisa em que Pete repara quando abre a porta do escritório escuro é no fedor. É ao mesmo tempo metálico e orgânico, como aparas de aço misturadas com couve estragada. A segunda coisa é no som, um zumbido baixo. *Moscas*, pensa ele, e, apesar de não conseguir ver o que está lá dentro, o cheiro e o som unem-se na mente dele com um baque, como um móvel pesado a cair. Vira-se para fugir.

O empregado de lábios vermelhos encontra-se ali sob um dos candeeiros em forma de globo que iluminam as traseiras da loja e segura uma arma engraçada, vermelha e preta com enfeites dourados. O primeiro pensamento de Pete é: Parece falsa. Elas nunca parecem falsas no cinema.

— Mantém a calma, Pete — diz o funcionário. — Não faças nenhum disparate e não te vais magoar. Isto é só uma conversa.

O segundo pensamento de Pete é: está a mentir. Vejo-o nos seus olhos.

— Vira-te, dá um passo à frente e acende a luz. O interruptor fica à esquerda da porta. Depois, entra, mas não tentes fechar a porta, a não ser que queiras uma bala nas costas.

Pete dá um passo à frente. Todos os órgãos dentro dele, do peito para baixo, parecem soltos e em movimento. Espera não se mijar pelas pernas abaixo, como um bebé. Provavelmente não seria nada de especial, com certeza não seria a primeira pessoa a molhar as calças com uma arma apontada a si, mas *parece* algo terrível. Mexe a mão esquerda, encontra o interruptor e liga-o. Quando vê a coisa caída no tapete encharcado, tenta gritar, mas os músculos do diafragma não estão a funcionar, e o que sai não passa de um gemido. As moscas zumbem e pousam no que resta do rosto do senhor Halliday. O que não é muito.

— Eu sei — diz o empregado com solidariedade. — Não está muito bonito, pois não? É difícil continuar bonito depois de se aprender uma lição. Ele irritou-me, Pete. Também queres irritar-me?

— Não — responde ele, com a voz aguda e trémula. Parece mais a de Tina do que a sua. — Não quero.

— Então já aprendeste a lição. Entra. Mexe-te devagar, mas podes evitar o chiqueiro.

Pete avança com pernas que quase não sente, seguindo perto das estantes, tentando manter os sapatos na parte do tapete que não está encharcada. Não é muito grande. O seu pânico inicial foi substituído por um manto vítreo de terror. Continua a pensar naqueles lábios vermelhos. Continua a imaginar o Lobo Mau a dizer ao Capuchinho Vermelho: *Para te beijar melhor, minha querida.*

Tenho de pensar, diz para si mesmo. Tenho de pensar,

senão vou morrer aqui. Devo morrer de qualquer forma, mas, se não conseguir pensar, é certinho.

Continua a desviar-se da mancha enegrecida até um aparador de cerejeira lhe bloquear o caminho. Para seguir em frente, teria de pisar a parte do tapete que está cheia de sangue, que talvez ainda esteja suficientemente molhado para fazer barulho. No aparador, há decantadores de cristal com algumas bebidas e copos quadrados. Na mesa, vê um machado, com a lâmina a refletir a luz do candeeiro do teto. Foi a arma que o homem de lábios vermelhos usou para matar o senhor Halliday, e Pete acha que a descoberta devia deixá-lo mais assustado, mas, em vez disso, a visão clareia-lhe a mente como uma bofetada dada com força.

A porta fecha-se atrás dele. O empregado, que não deve ser empregado, encosta-se a ela e continua a apontar a pequena pistola engraçada a Pete.

— Muito bem — diz ele, e sorri. — Agora, podemos conversar.

— O q... q... — Aclara a garganta e, dessa vez, a sua voz soa mais normal. — O quê? Falar sobre o quê?

— Não te armes em sonso. Estou a falar dos cadernos. Dos que roubaste.

O quebra-cabeças junta-se na mente de Pete. A boca abre-se.

O empregado que não é empregado sorri.

— Ah. Estou a ver que se fez luz. Diz-me onde estão e talvez saias disto com vida.

Pete acha que não.

Já sabe demasiado para isso.

A rapariga sai da sala do senhor Ricker a sorrir, portanto a reunião deve ter corrido bem. Até balança os dedos num aceno, talvez para os três, provavelmente só para Jerome, ao seguir pelo corredor.

O senhor Ricker, que a acompanhou até à porta, olha para Hodges e companheiros.

— Posso ajudá-los, senhora e senhores?

— Provavelmente, não — diz Hodges —, mas vale a pena tentar. Podemos entrar?

— Claro.

Sentam-se em carteiras na primeira fila, como alunos atentos. Ricker empoleira-se na beira da mesa, informalidade que evitou ao conversar com a aluna.

— Tenho a certeza de que não são pais, então o que se passa?

— É sobre um dos seus alunos — começa Hodges. — Um rapaz chamado Peter Saubers. Achamos que ele pode estar em apuros.

Ricker franze a testa.

— O Pete? Improvável. É um dos melhores alunos que já tive. Demonstra verdadeiro interesse pela literatura, principalmente a americana. É aluno do quadro de honra em todos os trimestres. Em que tipo de apuros acham que ele se meteu?

— Esta é a questão: não sabemos. Eu perguntei, mas ele recusou-se a colaborar.

Ricker franze mais a testa.

— Esse não parece o Pete Saubers que conheço.

— Tem que ver com um dinheiro que ele parece ter arranjado há alguns anos. Gostaria de lhe contar o que sabemos. Não vai demorar.

— Por favor, diga-me que não tem nada que ver com drogas.

— Não tem.

Ricker parece aliviado.

— Que bom. Já vi demasiado disso, e os rapazes inteligentes correm tanto risco como os burros. Mais, em alguns casos. Contem-me. Ajudarei, se puder.

Hodges fala do dinheiro que começou a chegar a casa dos Saubers naquele que foi o pior momento da família. Conta a Ricker que, sete meses depois de o dinheiro misterioso deixar de chegar, Pete começou a parecer stressado e infeliz. Encerra com a convicção de Tina de que o irmão tentou conseguir mais dinheiro, talvez da mesma fonte de onde tirou o dinheiro misterioso, e agora está numa alhada.

— Deixou crescer o bigode — reflete Ricker quando Hodges termina. — Está na turma de escrita criativa da senhora Davis agora, mas vi-o no corredor um dia destes e brinquei com ele por causa disso.

— Como reagiu à brincadeira? — pergunta Jerome.

— Nem sei se me ouviu. Parecia estar noutro planeta. Mas isso não é estranho nos adolescentes, como tenho a certeza de que sabe. Principalmente com as férias de verão tão próximas.

— Ele alguma vez lhe falou de um caderno? Um *Moleskine*? — pergunta Holly.

Ricker pensa enquanto Holly o observa, esperançosa.

— Não — responde. — Acho que não.

Ela murcha.

— Ele procurou-o para falar de *alguma coisa*? — insiste Hodges. — Qualquer coisa que estivesse a preocupá-lo, por menor que fosse? Criei uma filha e sei como os miúdos às vezes falam dos problemas em código. O senhor também deve saber isso.

Ricker sorri.

— O famoso «amigo que».

— Desculpe?

— Dizem «tenho um amigo que talvez tenha engravidado a namorada». Ou: «Tenho um amigo que escreveu com *spray* coisas homofóbicas na parede do balneário dos rapazes.» Depois de alguns anos neste trabalho, todos os professores conhecem o famoso «amigo que».

— O Peter Saubers tinha um «amigo que»? — pergunta Jerome.

— Não que me lembre. Sinto muito. Ajudava-os, se pudesse.

— Nem um amigo que tinha um diário secreto ou que talvez tivesse descoberto informações valiosas num caderno? — pergunta Holly, baixinho, sem muitas expectativas.

Ricker abana a cabeça.

— Não. Desculpe. Caramba, detesto pensar que o Pete está em sarilhos. Escreveu um dos melhores trabalhos que já li. Era sobre a trilogia Jimmy Gold.

— John Rothstein — comenta Jerome, sorrindo. — Eu tinha uma *t-shirt* que dizia...

— Não me diga — diz Ricker. — Esta merda não quer dizer merda nenhuma.

— Na verdade, não. Era aquela sobre não ser a... hã, *coisa* de aniversário de ninguém.

— Ah. — O professor sorri. — *Essa*.

Hodges levanta-se.

— Gosto mais do Michael Connelly. Obrigado pelo seu tempo.

Estende a mão. Ricker aperta-a. Jerome também está a levantar-se, mas Holly permanece sentada.

— John Rothstein... Ele escreveu aquele livro sobre o

rapaz que se fartou dos pais e fugiu para Nova Iorque, não é?

— Esse foi o primeiro livro da trilogia Jimmy Gold, sim. O Pete era doido pelo Rothstein. Ainda deve ser. Pode encontrar novos heróis na faculdade, mas, quando era da minha turma, achava que era Deus no Céu e Rothstein na Terra. Já o leram?

— Nunca — diz Holly, levantando-se também. — Mas adoro cinema, portanto farto-me de visitar um *site* chamado Deadline. Para ler as últimas notícias de Hollywood. Saiu um artigo a dizer que vários produtores queriam fazer um filme de *O Corredor*. Só que, mesmo oferecendo-lhe muito dinheiro, Rothstein mandou-os todos à fava.

— É mesmo dele — afirma Ricker. — Um famoso rabugento. Odiava filmes. Dizia que era arte para idiotas. Desprezava a palavra *cinema*. Escreveu um ensaio sobre isso, acho.

Holly anima-se.

— Então foi *assassinado* e não deixou *testamento*, e ainda não conseguem fazer um filme por causa de todos os problemas *legais*.

— Holly, temos de ir — avisa Hodges.

Quer ir a casa dos Saubers. Onde quer que Pete esteja agora, vai acabar por voltar para lá.

— Está bem... acho...

Ela suspira. Apesar de ter quase cinquenta anos e dos medicamentos que toma para controlar o humor, Holly ainda passa muito tempo numa montanha-russa emocional. Agora, a luz nos olhos dela está a apagar-se, e parece terrivelmente desanimada. Hodges sente-se mal por ela e quer dizer que, apesar de poucos palpites levarem a alguma coisa, ninguém devia deixar de acreditar neles. Porque os

poucos que levam são ouro. Não é exatamente uma pérola de sabedoria, mas depois, quando estiverem sozinhos, vai dizer-lhe aquilo. Para tentar aliviar um pouco a dor.

— Obrigado pelo seu tempo, senhor Ricker.

Hodges abre a porta. Baixinho, como música ouvida em sonhos, chegam-lhe os acordes de «Greensleeves».

— Ah, caramba — diz Ricker. — Lembrei-me de uma coisa.

Os três viram-se para ele.

— O Pete *procurou-me* para conversar, e nem foi há muito tempo. É que vejo tantos alunos...

Hodges assente, compreensivo.

— E não era nada de especial, nenhum dilema adolescente, foi uma conversa bastante agradável, na verdade. Só me veio à cabeça agora porque foi sobre o livro que mencionou, senhora Gibney. *O Corredor*. — Sorri. — Mas o Pete não tinha um «amigo que». Tinha um «tio que».

Hodges sente uma faísca de algo luminoso e quente, como um pavio aceso.

— O que tinha o tio do Pete que o tornou digno de uma conversa?

— Ele disse que o tio tinha uma primeira edição autografada de *O Corredor*. Ofereceu-a ao Pete porque sabia que ele era fã do Rothstein, ou pelo menos era essa a história. Disse-me que estava interessado em vendê-la. Perguntei-lhe se tinha a certeza de querer abrir mão de um livro autografado pelo seu ídolo literário, e ele disse que estava a considerar isso seriamente. Queria ajudar a mandar a irmã para um colégio particular, não me lembro de qual...

— Chapel Ridge. — A luz nos olhos de Holly voltou.

— Acho que era esse mesmo.

Hodges regressa lentamente à mesa.

— Conte-me... conte-*nos*... tudo o que se lembra dessa conversa.

— Isso é tudo, tirando um pormenor que me fez duvidar um pouco da história. Ele disse que o tio ganhou o livro num jogo de póquer. Lembro-me de ter pensado que isso é o tipo de coisa que acontece em livros ou filmes, mas raramente na vida real. Embora, claro, às vezes a vida *imite* a arte.

Hodges elabora na cabeça a pergunta óbvia, mas Jerome fá-la primeiro.

— Ele perguntou-lhe por livreiros?

— Sim, foi por isso que me procurou. Tinha uma lista de vendedores locais, provavelmente encontrada na Internet. Aconselhei-o a afastar-se de um deles, que tem uma reputação algo duvidosa.

Jerome olha para Holly. Holly olha para Hodges. Hodges olha para Howard Ricker e faz a pergunta óbvia. Já está lançado, com o pavio no seu cérebro a arder intensamente.

— Qual é o nome desse vendedor de reputação duvidosa?

29

Pete vê apenas uma possibilidade de continuar vivo. Enquanto o homem de lábios vermelhos e pele pálida não souber onde estão os cadernos de Rothstein, não vai apertar o gatilho da arma, que parece menos engraçada a cada segundo.

— O senhor é o sócio do senhor Halliday, não é? — pergunta ele, não exatamente a olhar para o cadáver, pois

está demasiado horrível, mas indicando-o com o queixo. — Estava em conluio com ele.

Lábios Vermelhos solta uma risada curta, depois faz uma coisa que choca Pete, que até então pensava que não podia ficar mais chocado. Cospe no corpo.

— Ele *nunca* foi meu sócio. Embora tenha tido essa oportunidade, no passado. Muito antes de seres uma ideia na cabeça dos teus pais, Pete. E, apesar de eu achar admirável a tua tentativa de me distraíres, insisto que voltemos ao assunto que importa. Onde estão os cadernos? Em tua casa? Aquela era a *minha* casa, aliás. Não é uma coincidência interessante?

Outra onda de choque.

— A *sua*...

— Outra história antiga. Esquece. É lá que estão?

— Não. Estiveram algum tempo, mas tirei-os de lá.

— E porque devo acreditar nisso?

— Por causa dele. — Pete volta a indicar o corpo com o queixo. — Tentei vender-lhe alguns cadernos, e ele ameaçou contar tudo à polícia. *Tive* de os tirar de casa.

Lábios Vermelhos pensa e assente.

— Muito bem, percebo isso. Bate certo com o que ele me contou. E onde os meteste? Desembucha, Pete. Confessa tudo. Vamos sentir-nos melhor, principalmente tu. Se era para ser feito, seria bom fazermo-lo rapidamente. *Macbeth*, primeiro ato.

Pete não pode confessar. Confessar é morrer. Aquele é o homem que roubou os cadernos, ele sabe isso agora. Roubou os cadernos e matou John Rothstein trinta anos antes. E matou o senhor Halliday. O que o impediria de adicionar Peter Saubers à lista?

Lábios Vermelhos não tem dificuldade em ler os pensamentos dele.

— Não preciso de te matar, sabes. Não agora, pelo menos. Posso enfiar-te uma bala na perna. Se isso não te soltar a língua, meto-te uma nos tomates. Sem eles, um jovem como tu não teria muito por que viver. Ou teria?

Encurralado, Pete não tem mais nada além da indignação ardente e impotente que só os adolescentes conseguem sentir.

— Você matou-o! *Você matou o John Rothstein!* — Lágrimas surgem nos seus olhos; escorrem pelas faces em gotas quentes. — O melhor escritor do século vinte, e você entrou em casa dele e matou-o! Por dinheiro! Só por dinheiro!

— *Não por dinheiro!* — grita Lábios Vermelhos. — *Ele vendeu-se!*

Dá um passo à frente, e o cano da arma baixa um pouco.

— Ele mandou o Jimmy Gold para o inferno e chamou-lhe publicidade! E, aliás, quem és tu para te armares em superior? Tentaste vender os cadernos! *Eu* não quero vendê-los. Talvez no passado, quando era jovem e estúpido, mas não agora. Quero lê-los. São meus. Quero passar a mão pela tinta e sentir as palavras que ele escreveu com o próprio punho. Pensar nisso foi o que me manteve são durante trinta e seis anos!

Dá outro passo à frente.

— E o dinheiro na arca? Também levaste o dinheiro? Claro que sim. Tu és o ladrão, não eu! *Tu!*

Naquele momento, Pete está demasiado furioso para pensar em fugir, porque aquela última acusação, por mais injusta que seja, é verdadeira. Pega simplesmente num dos decantadores de cristal e lança-o ao agressor com o máximo de força que consegue. Lábios Vermelhos é apanhado de surpresa. Encolhe-se e desvia-se um pouco

para a direita, e o decantador acerta-lhe no ombro. A tampa de vidro voa quando bate no tapete. O odor intenso e acre a uísque junta-se ao cheiro a sangue velho. As moscas zumbem numa nuvem agitada, a refeição interrompida.

Pete pega noutro decantador e lança-se a Lábios Vermelhos, erguendo-o como uma clava, a arma esquecida. Tropeça nas pernas estendidas de Halliday, cai sobre um joelho, e, quando Lábios Vermelhos dispara (o som na sala fechada parece um palmada), a bala voa por cima da sua cabeça quase suficientemente perto para lhe fazer um risco ao meio. Os ouvidos de Pete começam a zumbir. Atira o segundo decantador, e este acerta em Lábios Vermelhos abaixo da boca, fazendo sangue. Ele grita, recua a cambalear e bate na parede.

Os dois últimos decantadores estão agora atrás dele, e não há tempo para se virar e agarrar noutro. Pete levanta-se e pega no machado que estava na secretária, não pelo cabo de borracha, mas pela cabeça. Sente a dor quando a lâmina lhe corta a palma da mão, mas é distante, a dor de uma pessoa que vive noutro país. Lábios Vermelhos não largou a arma e agora está a virá-la para disparar outro tiro. Pete não consegue pensar bem, mas uma parte mais profunda da sua mente, talvez nunca utilizada até hoje, compreende que, se estivesse mais perto, poderia lutar pela arma com Lábios Vermelhos e talvez tirar-lha. Com facilidade. Ele é mais novo, mais forte. Mas a secretária está entre os dois, portanto Pete lança o machado. Este roda na direção de Lábios Vermelhos, como um *tomahawk*.

Lábios Vermelhos grita e encolhe-se, levantando a mão que segura a arma para proteger o rosto. O lado rombo da cabeça do machado acerta-lhe no antebraço. A arma voa, bate numa das estantes e cai no chão. Ouve-se outra

palmada seca quando dispara. Pete não sabe para onde foi aquela segunda bala, mas não lhe acertou, e é só com isso que se importa.

Lábios Vermelhos rasteja na direção da arma com o cabelo branco fino diante dos olhos e o sangue a pingar do queixo. É assustadoramente rápido, como um lagarto. Pete faz as contas, ainda sem pensar, e vê que, se tentar apanhar a arma, vai perder. Será por pouco, mas vai perder para Lábios Vermelhos. Há uma possibilidade de conseguir segurar o braço do homem antes de ele se virar para disparar, mas não é boa.

Por isso, corre para a porta.

— Anda cá, seu merdas! — grita Lábios Vermelhos. — Ainda não acabámos.

O pensamento racional faz uma breve reaparição. Ah, acabámos, sim, pensa Pete.

Abre a porta e sai agachado. Fecha-a com força e corre para a frente da loja, na direção de Lacemaker Lane e das vidas abençoadas de outras pessoas. Ouve outro disparo, abafado desta vez, e curva-se mais, mas não sente impacto nem dor.

Puxa a porta da frente. Não se abre. Olha depressa por cima do ombro e vê Lábios Vermelhos a sair do escritório de Halliday, com o queixo coberto por uma pera de sangue. Está a tentar fazer pontaria com a arma. Pete procura a tranca com dedos que parecem anestesiados, consegue prendê-la na mão e girá-la. Um momento depois, sai para o passeio ensolarado. Ninguém olha para ele; não há ninguém nas proximidades. Naquela tarde quente de semana, Lacemaker Lane está deserta.

Pete corre às cegas, sem saber para onde vai.

É Hodges quem está ao volante do *Mercedes* de Holly. Obedece aos sinais de trânsito e não guina de uma faixa para a outra, mas vai o mais depressa que consegue. Não o surpreende que aquela corrida de North Side até à livraria Halliday em Lacemaker Lane traga lembranças de um percurso bastante mais alucinado no mesmo carro. Fora Jerome ao volante naquela noite.

— Quanta certeza tens de que o irmão da Tina foi ter com esse tal Halliday? — pergunta Jerome. Está no banco de trás.

— A certeza absoluta — responde Holly, sem tirar o rosto do *iPad* que tirou do espaçoso porta-luvas do *Mercedes*. — Sei que foi e acho que sei porquê. Também não era um livro autografado qualquer. — Bate no ecrã e murmura: — Vamos, vamos, vamos. *Carrega*, seu estupor!

— O que procuras, Hollyberry? — pergunta Jerome, inclinando-se para a frente entre os bancos.

Ela vira-se para o olhar com irritação.

— Não me chames isso, sabes que detesto.

— Desculpa, desculpa. — Jerome revira os olhos.

— Digo-te já. Estou quase lá. Quem me dera que tivéssemos *wi-fi* em vez desta porcaria do 3G. É tão *lento* e *merdoso*!

Hodges ri. Não consegue evitar. Daquela vez, Holly faz-lhe cara feia enquanto esmurra o ecrã do *iPad*.

Hodges sobe por uma rampa de acesso e entra na via rápida.

— As coisas começam a encaixar-se — diz ele a Jerome. — Isto supondo que o livro de que o Pete falou ao Ricker fosse na verdade o caderno de um escritor... o mesmo que a Tina viu. O que o Pete se apressou a esconder debaixo da

almofada.

— Ah, era — afirma Holly, sem tirar os olhos do *iPad*.
— A Holly Gibney diz que é isso mesmo. — Digita mais alguma coisa, passa o dedo no ecrã e dá um grito de frustração que faz saltar os outros dois. — Ah, estes malditos anúncios *pop-up* deixam-me *completamente louca!*

— Calma, Holly — pede Hodges.

Ela ignora-o.

— Espera. Espera e vê.

— O dinheiro e o caderno estão ligados — sugere Jerome. — O jovem Saubers encontrou os dois juntos. É isso que acha, não é?

— É — responde o ex-detetive.

— E o que estava no caderno valia mais dinheiro. Mas um comerciante de livros raros de boa reputação não tocaria nele nem com uma vara de três met...

— *ENCONTREI!* — grita Holly, fazendo os dois dar um salto.

O *Mercedes* oscila. O homem da faixa ao lado buzina com irritação e faz um gesto inconfundível.

— Encontrei o quê? — pergunta Jerome.

— Não *o quê*, Jerome, *quem!* O maldito *John Rothstein!* Assassinado em setenta e oito! Pelo menos três homens forçaram a entrada na quinta dele, no New Hampshire, e mataram-no. Também lhe arrombaram o cofre. Ouçam isto. É do *Union Leader*, de Manchester, três dias depois de ele ter sido morto.

Enquanto ela lê, Hodges apanha a saída para a Lower Main.

— «Há a crescente certeza de que os ladrões estavam atrás de mais do que dinheiro. Também podem ter levado alguns cadernos com vários textos escritos pelo senhor Rothstein depois de ele se retirar da vida pública», disse

uma fonte próxima da investigação. A fonte especulou que os cadernos, cuja existência foi confirmada ao fim da tarde de ontem pela empregada de John Rothstein, devem valer muito dinheiro no mercado negro.»

Os olhos de Holly brilham. Ela está a ter um daqueles momentos divinos que a fazem perder toda a inibição.

— Os ladrões esconderam-no — diz ela.

— Esconderam o dinheiro — completa Jerome. — Os vinte mil.

— *E os cadernos.* O Pete encontrou pelo menos alguns, talvez todos. Usou o dinheiro para ajudar os pais. Só ficou em apuros quando tentou vender os cadernos para ajudar a irmã. O Halliday sabe. Agora, talvez até já os tenha. Despacha-te, Bill. Depressa, depressa, *depressa!*

31

Morris corre até à frente da loja, com o coração a bater disparado e as têmporas a latejar. Enfia a arma de Andy no bolso do casaco, pega num livro da mesa de exposição, abre-o e pressiona-o contra o queixo para estancar o sangue. Podia tê-lo limpado à manga do casaco, e quase o fez, mas voltou a raciocinar e sabe que não deve. Vai ter de sair para a rua e não quer ir sujo de sangue. Mas o rapaz tinha um pouco de sangue nas calças, e isso é bom. É ótimo, na verdade.

Estou a raciocinar de novo, e é melhor que o rapaz também esteja. Se estiver, talvez eu ainda consiga salvar esta situação.

Abre a porta da loja e olha para os dois lados. Nenhum sinal de Saubers. Não se surpreende. Os adolescentes são rápidos, parecem baratas.

Morris procura no bolso o papel com o telemóvel de Pete e entra em pânico quando não o encontra. Por fim, os seus dedos tocam numa coisa amarfanhada no canto do bolso, e suspira de alívio. O seu coração está a bater acelerado, acelerado, acelerado, e ele bate com uma mão no peito magro.

Não me falhes agora, pensa ele. Não te atrevas.

Usa o telefone fixo da loja para ligar a Saubers, porque isso também se encaixa na história que está a elaborar na cabeça. Morris acha que é uma boa história. Duvida que John Rothstein fosse capaz de inventar uma melhor.

32

Quando Pete volta a si, está num sítio que Morris Bellamy conhece bem: Government Square, em frente ao Happy Cup Café. Senta-se num banco para recuperar o fôlego, olhando com ansiedade para o caminho de onde veio. Não vê sinal de Lábios Vermelhos, mas isso não o surpreende. Pete também está a raciocinar de novo e sabe que o homem que tentou matá-lo chamaria a atenção na rua. Eu acertei-lhe com força, pensa Pete, sombriamente. O Lábios Vermelhos é agora o Queixo Ensanguentado.

Até ali tudo bem, mas e agora?

Como que em resposta, o telemóvel vibra. Pete tira-o do bolso e olha para o número. Reconhece os quatro últimos dígitos, 8877, de quando ligou a Halliday e deixou recado sobre a excursão de fim de semana ao *resort* de River Bend. Só pode ser Lábios Vermelhos; com certeza não é o senhor Halliday. Esse pensamento é tão horrível que o faz rir, embora o som que sai pareça mais um soluço.

O seu primeiro impulso é não atender. O que o faz

mudar de ideias é uma coisa que Lábios Vermelhos disse: *Aquela era a minha casa, aliás. Não é uma coincidência interessante?*

A mensagem da mãe mandava-o ir para casa logo depois das aulas. A de Tina dizia que a mãe sabia do dinheiro. Portanto estão juntas em casa, à espera dele. Pete não quer assustá-las sem necessidade, principalmente sendo *ele* a causa de pânico, mas precisa de saber sobre que é aquele telefonema, principalmente porque o pai não está lá para proteger as duas se o maluco aparecer na Sycamore Street. O pai está em Victor County, a mostrar um imóvel.

Vou chamar a polícia, pensa Pete. Quando eu lhe disser isso, ele vai fugir. Vai ter de fugir. O pensamento dá-lhe um certo consolo, e ele prime o botão verde.

— Olá, Peter — diz Lábios Vermelhos.

— Não preciso de falar consigo — retruca Pete. — É melhor fugir porque vou chamar a polícia.

— Ainda bem que consegui falar contigo antes de fazeres uma coisa tão idiota. Não vais acreditar, mas estou a dizer isto para teu bem.

— Tem razão — responde Pete. — Não acredito. O senhor tentou matar-me.

— Eis outra coisa em que não vais acreditar: ainda bem que não consegui. Porque então nunca descobriria onde estão os cadernos do Rothstein.

— E nunca vai descobrir — diz Pete, e acrescenta: — Estou a dizer isto para seu bem.

Sente-se mais confiante agora. Lábios Vermelhos não está atrás dele nem a caminho da Sycamore Street. Está escondido na livraria, a usar o telefone fixo.

— É o que achas agora, porque não pensaste no futuro. Eu, sim. A situação é a seguinte: tu procuraste o Andy para lhe vender os cadernos. Ele tentou chantagear-te, e tu

mataste-o.

Pete não diz nada. Não consegue. Está perplexo.

— Peter, ainda estás aí? Se não quiseses passar um ano no Centro de Detenção Juvenil de Riverview, seguido de uns vinte anos em Waynesville, é melhor estares. Já estive nos dois e posso dizer que não são lugares bons para jovens com traseiros virgens. A faculdade seria bastante melhor, não achas?

— Eu nem estava na cidade o fim de semana passado — afirma Pete. — Estava numa excursão da escola. Posso prová-lo.

Lábios Vermelhos nem hesita.

— Então mataste-o antes de ires. Ou quem sabe na noite de domingo, depois de voltares. A polícia vai encontrar a mensagem no atendedor de chamadas, eu guardei-a. Há ainda os DVD com os vídeos das câmaras que te mostram a discutir com o Andy. Levei os discos, mas a polícia irá recebê-los se não conseguirmos chegar a um acordo. Há também as impressões digitais. Vão encontrar as tuas na maçaneta do escritório. Melhor ainda, vão encontrá-las na arma do crime. Acho que estás lixado, mesmo que consigas explicar cada minuto do teu dia.

Pete percebe com consternação que não pode sequer fazer isso. Faltou a *tudo* no domingo. Lembra-se da senhora Bran, também conhecida como Bran Stoker, junto à porta do autocarro apenas vinte e quatro horas antes, com o telemóvel na mão, pronta para chamar o 112 e comunicar o desaparecimento de um aluno.

Desculpe, senhora Bran, dissera ele. Estava maldisposto. Pensei que o ar fresco me ajudaria. Comecei a vomitar.

Consegue vê-la no tribunal com clareza, a dizer que sim, que Pete *parecia* enjoado naquela tarde. E consegue ouvir o promotor a dizer ao júri que qualquer adolescente

provavelmente *pareceria* enjoado depois de cortar um vendedor de livros idoso aos bocados com um machado.

Senhoras e senhores do júri, informo que Peter Saubers voltou para a cidade à boleia naquela manhã de domingo porque tinha um encontro com o senhor Halliday, que achava que o senhor Saubers tinha finalmente decidido aceitar as exigências da sua chantagem. Só que o senhor Saubers não tinha intenção de ceder.

É um pesadelo, pensa Pete. É como lidar com o Halliday outra vez, só que mil vezes pior.

— Peter, ainda aí estás?

— Ninguém acreditaria. Nem por um segundo, quando soubessem de si.

— E quem sou eu exatamente?

O lobo, pensa ele. O senhor é o lobo mau.

As pessoas devem tê-lo visto naquele domingo a andar pelo terreno do *resort*. Muitas pessoas, porque ele se manteve nos carreiros. Algumas lembrar-se-iam dele e apareceriam para prestar declarações. Mas, como Lábios Vermelhos disse, isso deixava de fora o antes e o depois da viagem. Principalmente a noite de domingo, quando ele fora direito ao quarto e fechara a porta. No *CSI* e no *Mentes Criminosas* os técnicos da polícia eram sempre capazes de descobrir a hora exata da morte de uma pessoa assassinada mas, na vida real, quem podia saber? Pete é que não. E, se a polícia tinha um bom suspeito, cujas impressões digitais estavam na arma do crime, a hora da morte passava a ser discutível.

Mas eu *tive* de lhe atirar o machado!, pensa ele. Era tudo o que tinha!

Acreditando que as coisas não podem piorar, Pete olha para baixo e vê uma mancha de sangue no joelho.

Sangue do senhor Halliday.

— Posso resolver isto — diz Lábios Vermelhos, persuasivo — e, se nos entendermos, vou resolver. Posso limpar as tuas impressões digitais. Posso apagar a mensagem do atendedor de chamadas. Posso destruir os DVD. Tudo o que tens a fazer é dizer-me onde estão os cadernos.

— Como se eu devesse confiar em si!

— Devias. — A voz dele é baixa; persuasiva e racional. — Pensa bem, Pete. Contigo fora da história, o assassinio do Andy parece uma tentativa de roubo que correu mal. Obra de um drogado qualquer. Isso é bom para nós os dois. Contigo *na* história, a existência dos cadernos vem ao de cima. Porque iria eu querer isso?

O senhor não se vai importar, pensa Pete. Não vai ter de se importar porque não vai estar por perto quando o corpo de Halliday for encontrado no escritório. Disse que esteve em Waynesville, isso torna-o ex-presidiário, e conhecia o senhor Halliday. É só juntar as peças, e o senhor também seria suspeito. As suas impressões digitais estão lá tanto como as minhas, e duvido que consiga limpar tudo. O que pode fazer, se eu deixar, é pegar nos cadernos e fugir. E, quando fizer isso, o que o impediria de enviar as gravações das câmaras à polícia, só por vingança? Para se vingar de eu lhe ter batido com aquele decantador e fugido? Se eu concordar com o que está a dizer...

Termina o pensamento em voz alta:

— Isso só vai piorar a minha situação. Não importa o que o senhor disser.

— Garanto que não é verdade.

Fala como um advogado, daqueles sórdidos com um corte de cabelo caro e publicidade nos canais de televisão por cabo ao fim da noite. A indignação de Pete volta e fá-lo empertigar-se no banco como se tivesse recebido um

choque elétrico.

— Vá-se foder. *Nunca* há de ter os cadernos.

Desliga. O telemóvel vibra na sua mão quase imediatamente, o mesmo número: é Lábios Vermelhos a ligar de novo. Pete prime o botão vermelho e desliga o aparelho. Agora, precisa de pensar melhor e com mais inteligência do que em qualquer outro momento da sua vida.

A mãe e a Tina, elas são o mais importante. Pete tem de avisar a mãe, dizer-lhe que ela e a irmã precisam de sair de casa agora. De ir para um motel ou coisa parecida. Têm de...

Não, com a mãe, não. É com a irmã que tem de falar, pelo menos de início.

Não ficou com o cartão daquele senhor Hodges, mas Tina deve saber como entrar em contacto com ele. Se isso não resultar, vai ter de ligar à polícia e arriscar. Não vai pôr a família em perigo, aconteça o que acontecer.

Liga para a irmã.

33

— Estou? Peter? Estou? *Estou?*

Nada. O ladrão filho da mãe desligou. O primeiro impulso de Morris é arrancar o telefone da parede e atirá-lo a uma das estantes, mas contém-se no último segundo. Não é o momento de se deixar arrastar pela cólera.

E agora? O que fazer? Saubers vai mesmo ligar para a polícia apesar de todas as provas contra ele?

Morris não pode permitir-se acreditar nisso, porque, se acreditar, nunca terá os cadernos. E tem de considerar o seguinte: o rapaz daria um passo tão irrevogável sem

primeiro falar com os pais? Sem lhes pedir conselho? Sem os avisar?

Tenho de agir depressa, pensa Morris, e, em voz alta, enquanto limpa as impressões digitais do telefone:

— Se era para ser feito, seria bom fazermo-lo rapidamente.

E seria bom lavar a cara e sair pela porta das traseiras. Morris não acredita que os tiros tenham sido ouvidos na rua, o escritório deve ser quase insonorizado, com as paredes tão cheias de livros, mas não quer correr o risco.

Limpa a pera de sangue na casa de banho de Halliday, tendo o cuidado de deixar a toalha manchada de vermelho no lavatório, onde a polícia a irá encontrar quando por fim aparecer. Com isso feito, segue por um corredor estreito até uma porta com a indicação de SAÍDA por cima e umas caixas de livros empilhadas à frente. Afasta-as, pensando na estupidez que é bloquear a saída de emergência daquela forma. Estupidez e imprevidência.

Esse podia ser o epitáfio do meu velho amigo, pensa Morris. Aqui jaz Andrew Halliday, uma bicha gorda, estúpida e imprevidente. Não deixa saudades.

O calor da tarde atinge-o como um martelo, e Morris cambaleia. Tem a cabeça a latejar por ter levado com aquele maldito decantador, mas o cérebro lá dentro está em velocidade máxima. Entra no *Subaru*, onde está ainda mais calor, e põe o ar condicionado no máximo assim que liga o carro. Examina-se no espelho retrovisor. Tem um hematoma roxo feio em volta de um pequeno corte no queixo, mas a hemorragia parou, e, de um modo geral, não está com muito mau aspeto. Quem lhe dera ter aspirinas, mas isso pode esperar.

Faz marcha-atrás do lugar de Andy e segue pela viela que leva à Grant Street. Esta é mais decadente do que

Lacemaker Lane, que tem lojas chiques, mas pelo menos ali é permitido circular de carro.

Enquanto Morris se dirige para a entrada da viela, Hodges e os dois companheiros chegam ao outro lado do edifício e ficam a olhar para a placa de FECHADO pendurada na porta da Andrew Halliday Rare Editions. Surge uma aberta no trânsito intenso da Grant na altura em que Hodges está a tentar abrir a porta da livraria e vê que se encontra destrancada. Morris vira rapidamente à esquerda e segue para a via rápida. Com a hora de ponta a começar, poderá estar em North Side em quinze minutos. Talvez doze. Tem de impedir Saubers de ir à polícia, partindo do princípio de que não foi, e só há uma forma segura de o fazer.

Basta chegar à irmãzinha antes do ladrão de cadernos.

34

Nas traseiras da casa dos Saubers, perto da cerca que separa o quintal do terreno baldio, há um baloiço enferrujado que Tom Saubers quer desmontar há algum tempo, agora que os filhos estão demasiado crescidos para brincar nele. Naquela tarde, Tina está sentada no baloiço, a oscilar lentamente para a frente e para trás. Tem o *Divergente* aberto no colo, mas não vira uma página há mais de cinco minutos. A mãe prometeu ver o filme com ela assim que terminasse o livro, mas naquele dia Tina não tem vontade de ler coisas sobre adolescentes nas ruínas de Chicago. Naquele dia, isso parece horrível em vez de romântico. Ainda a balançar lentamente para a frente e para trás, fecha o livro e os olhos.

Meu Deus, reza ela, por favor, não deixes que o Pete

esteja realmente em sarilhos. E não permitas que ele me odeie. Vou morrer se ele me odiar, então, por favor, faz com que ele perceba por que motivo contei. Por favor.

Deus responde de imediato. Deus diz que Pete não vai culpá-la porque a mãe descobriu sozinha, mas Tina não tem a certeza se acredita Nele. Abre o livro de novo, mas não consegue forçar-se a ler. O dia parece suspenso, à espera que alguma coisa aconteça.

O telemóvel que recebeu no décimo primeiro aniversário está lá em cima, no quarto. É um baratucho, não o *iPhone* que desejava, mas é o seu bem mais valioso, e raramente se afasta dele. Só que, naquela tarde, afastou-se. Deixou-o no quarto e foi para o quintal assim que mandou a mensagem a Pete. *Tinha* de mandar aquela mensagem, não podia deixar que ele chegasse desprevenido, mas não suporta a ideia de uma resposta zangada e acusatória. Terá de enfrentá-lo dali a pouco tempo, isso não pode ser evitado, mas a mãe vai estar com ela nessa altura. A mãe vai dizer-lhe que não foi culpa de Tina, e Pete vai acreditar.

Provavelmente.

Naquele momento, o telemóvel começa a vibrar e a tremer na sua secretária. Tina escolheu um toque fixe dos Snow Patrol, mas, tendo o estômago embrulhado e estando preocupada com Pete, não se lembrou de o tirar do silêncio, regra obrigatória da escola, quando ela e a mãe chegaram a casa, portanto Linda Saubers não o ouve no andar de baixo. O ecrã ilumina-se com a foto do irmão. Por fim, o telefone cala-se. Depois de uns trinta segundos, começa a vibrar de novo. E uma terceira vez. Depois, para definitivamente.

A foto de Pete desaparece do ecrã.

Em Government Square, Pete olha para o telemóvel com incredulidade. Pela primeira vez desde que se lembra, Tina não atendeu uma chamada fora do horário das aulas.

Talvez pudesse tentar o da mãe... ou é melhor não. Ainda não. Ela vai querer fazer um bilião de perguntas e o tempo é curto.

Além disso (embora ele não o admita), não quer falar com ela enquanto não for absolutamente necessário.

Usa o Google para procurar o número do senhor Hodges. Encontra nove William Hodges na cidade, mas aquele que quer só pode ser K. William, que tem uma empresa chamada Finders Keepers. Pete telefona e ouve o atendedor de chamadas. No fim da mensagem, que parece durar uma hora, Holly diz: «Se precisar de assistência imediata, pode ligar para o 555-1890.»

Pete pensa mais uma vez em ligar para a mãe, mas decide ligar primeiro para o número da gravação. O que o convence são as palavras *assistência imediata*.

— Iac! — exclama Holly quando se aproximam do balcão de atendimento vazio no meio da loja estreita de Andrew Halliday. — Que cheiro é este?

— Sangue — responde Hodges. Também é de carne em decomposição, mas ele não quer dizer isso. — Fiquem aqui, vocês os dois.

— Está armado? — pergunta Jerome.

— Tenho o porrete.

— Só isso?

Hodges encolhe os ombros.

— Então vou consigo.

— Eu também — afirma Holly, e pega num livro grosso chamado *Plantas Selvagens e Ervas Floridas da América do Norte*. Segura-o como se pretendesse esmagar um inseto.

— Não — diz Hodges, com paciência —, vocês vão ficar aqui. Os dois. E vão ver quem marca mais depressa o 112 se eu lhes gritar a mandar fazer isso.

— Bill... — começa Jerome.

— Não discutas comigo, Jerome, e não percas tempo. Acho que não temos muito.

— É intuição? — pergunta Holly.

— Talvez um pouco mais do que isso.

Hodges tira o porrete do bolso do casaco (hoje em dia quase não sai sem ele, embora às vezes ande com a velha arma de serviço) e segura-o acima do nó. Segue rápida e silenciosamente até à porta do que supõe ser o escritório de Andrew Halliday. Está entreaberta. A ponta pesada do porrete balança na mão direita. Ele detém-se um pouco ao lado da porta e bate com a mão esquerda. Como parece estar num daqueles momentos em que a verdade é dispensável, diz:

— É a polícia, senhor Halliday.

Ninguém responde. Ele bate de novo, mais alto, e, como não há resposta, empurra a porta. O cheiro torna-se de imediato mais forte: sangue, carne em decomposição e álcool entornado. E mais uma coisa. Pólvora, um aroma que ele conhece bem. As moscas zumbem sonolentas. As luzes estão acesas, parecendo incidir no corpo no chão.

— Meu Deus, a cabeça dele está partida ao meio! — grita Jerome.

Está tão perto que Hodges salta de surpresa e levanta o porrete, mas baixa-o de novo. O meu *pacemaker* acabou de

receber uma sobrecarga, pensa ele. Hodges vira-se, e os dois estão mesmo atrás de si. Jerome tem uma mão sobre a boca e os olhos arregalados.

Holly, por outro lado, parece calma. Tem o livro *Plantas Selvagens e Ervas Floridas da América do Norte* pressionado contra o peito e parece avaliar a confusão ensanguentada no tapete.

— Não vomites — diz ela a Jerome. — Isto é a cena de um crime.

— Não vou vomitar. — As suas palavras saem abafadas por causa da mão apertada contra a boca.

— Vocês têm mesmo cérebro de galinha — diz Hodges. — Se eu fosse vosso professor, mandava-os ir já falar com o diretor. Vou entrar. Fiquem aqui.

Dá dois passos para dentro da sala. Jerome e Holly seguem-no de imediato, lado a lado. Parecem uns malditos siameses, pensa Hodges.

— O irmão da Tina fez isto? — pergunta Jerome. — Meu Deus, Bill, foi ele?

— Se foi, não foi hoje. Aquele sangue está quase seco. E há as moscas. Não vejo larvas ainda, mas...

Jerome tem ânsias de vômito.

— Jerome, *não* — avisa Holly, com a voz ameaçadora. E, para Hodges: — Estou a ver uma machadinha. Um machado, ou lá como se chama. Foi a arma do crime.

Hodges não responde. Está a avaliar a cena. Acha que Halliday, se *for* Halliday, está morto há pelo menos vinte e quatro horas, *provavelmente* mais. Mas aconteceu alguma coisa ali depois, porque o cheiro de bebida entornada e de pólvora é recente e forte.

— Aquilo é um buraco de bala, Bill? — pergunta Jerome.

Está a apontar para uma estante à esquerda da porta,

perto de uma mesa pequena de cerejeira. Há um buraco redondo num exemplar de *Artigo 22*. Hodges aproxima-se, olha com mais atenção e pensa: Isso *vai* afetar o preço de revenda. Em seguida, olha para a mesa. Há dois decantadores de cristal, provavelmente *Waterford*. A mesa está um pouco empoeirada, e ele vê as marcas de onde antes havia duas outras garrafas. Olha em volta da sala, para trás da mesa e, sim, ali estão, caídas no chão.

— Claro que é um buraco de bala — diz Holly. — Sinto o cheiro da pólvora.

— Houve uma luta — sugere Jerome, depois aponta para o cadáver sem olhar. — Mas *ele* não fez parte dela.

— Não — afirma Hodges. — Ele, não. E os dois que lutaram já se foram embora.

— Um deles era Pete Saubers?

Hodges suspira pesadamente.

— Tenho quase a certeza. Acho que ele veio para cá depois de nos despistar na farmácia.

— Alguém levou o computador do senhor Halliday — diz Holly. — O cabo do DVD ainda está ao lado da caixa registadora, tal como o rato sem fio, além de uma caixinha com *pens*, mas o computador desapareceu. Vi um espaço vazio no balcão lá fora. Devia ser um portátil.

— E agora? — pergunta Jerome.

— Chamamos a polícia.

Hodges não quer fazer isso, sente que Pete Saubers está em apuros e chamar a polícia só pode piorar as coisas, pelo menos no início, mas ele armou-se em Mascarilha no caso do Assassino do Mercedes e quase foi responsável pela morte de alguns milhares de adolescentes.

Pega no telemóvel, mas, antes que possa ligar, o aparelho ilumina-se e toca na mão dele.

— É o Peter. — Os olhos de Holly estão a brilhar, e ela

fala com certeza absoluta. — Aposto seis mil dólares. Agora quer falar. Não fiques aí parado, Bill, atende a porcaria do telefone.

Ele atende.

— Preciso de ajuda — diz Pete Saubers depressa. — Por favor, senhor Hodges, preciso muito de ajuda.

— Só um segundo. Vou pôr-te em alta-voz, para os meus colegas ouvirem.

— Colegas? — Pete parece mais alarmado do que nunca. — Que colegas?

— A Holly Gibney. A tua irmã conhece-a. E o Jerome Robinson, o irmão mais velho da Barbara Robinson.

— Ah. Acho... acho que tudo bem. — E, como se estivesse a falar consigo mesmo: — Não pode piorar mais.

— Pete, estamos na loja do Andrew Halliday. Há um morto no escritório. Suponho que seja o Halliday, mas acho que já sabes isso. Estou certo?

Há um momento de silêncio. Se não fosse o ténue som do trânsito onde Pete está, Hodges pensaria que ele tinha desligado. De repente, o rapaz começa a falar de novo, as palavras a jorrarem como uma queda-d'água.

— Ele estava aí quando cheguei. O homem dos lábios vermelhos. Disse-me que o senhor Halliday me aguardava no escritório, depois seguiu-me, e apontou-me uma arma e tentou matar-me quando eu não quis contar-lhe onde estavam os cadernos. Não quis contar porque... porque ele não merece tê-los e ia matar-me *de qualquer forma*, percebi nos olhos dele. Ele... Eu...

— Atiraste-lhe os decantadores, não foi?

— Isso! Os decantadores! E ele disparou contra mim! O tiro falhou, mas foi tão perto que ouvi a bala passar. Corri e fugi, mas ele ligou-me e disse que iam pôr as culpas em mim, que a polícia ia, quero dizer, porque lhe atirei com o

machado também... Viu o machado?

— Sim — diz Hodges. — Estou a olhar para ele agora.

— E... e as minhas impressões digitais, sabe... estão nele porque lho atirei... e o homem tem uns DVD com o vídeo de uma discussão minha com o senhor Halliday... porque ele estava a tentar chantagear-me! Estou a falar do Halliday, não do homem dos lábios vermelhos, só que agora *ele* também está a tentar chantagear-me!

— Esse homem de lábios vermelhos tem os vídeos das câmaras de segurança da loja? — pergunta Holly, inclinando-se para o telemóvel. — É isso que estás a dizer?

— *Sim!* Ele disse que a polícia vai prender-me, e vai mesmo, porque não fui a nenhuma das atividades de domingo em River Bend, e ele tem uma gravação minha no atendedor de chamadas, *e não sei o que fazer!*

— Onde estás, Pete? — pergunta Hodges. — Onde estás agora?

Há outra pausa, e Hodges sabe exatamente o que Pete está a fazer: a olhar em volta em busca de referências. Pode ter vivido na cidade a vida toda, mas agora está tão apavorado que não sabe a diferença entre leste e oeste.

— Em Government Square — responde ele, por fim. — Em frente a um restaurante, o Happy Cup.

— Vês o homem que disparou contra ti?

— N... não. Corri e acho que ele não conseguiria seguir-me a pé durante muito tempo. É assim para o velho, e não são permitidos carros em Lacemaker Lane.

— Fica aí — diz Hodges. — Vamos buscar-te.

— Por favor, não chame a polícia — pede Peter. — Vai dar cabo dos meus pais depois de tudo o que lhes aconteceu. Dou-lhe os cadernos. Não devia ter ficado com eles nem devia ter tentado vender nenhum. Devia ter-me ficado pelo dinheiro. — Começa a balbuciar à medida que

se vai abaixo. — Os meus pais... estavam tão enrascados. Com *tudo*. Eu só queria ajudar!

— Tenho a certeza de que é verdade, mas *preciso* de chamar a polícia. Se não mataste o Halliday, as provas vão mostrar isso. Vai correr tudo bem. Vou buscar-te e seguimos para tua casa. Os teus pais estão lá?

— O meu pai está fora em trabalho, mas a minha mãe e a minha irmã estão. — Pete precisa de respirar fundo antes de continuar. — Vou para a prisão, não vou? Nunca vão acreditar em mim quando falar do homem dos lábios vermelhos. Vão achar que o inventei.

— Só tens de dizer a verdade — intervém Holly. — O Bill não vai deixar que nada de mau te aconteça. — Agarra a mão dele e aperta-a com força. — Vais?

Hodges repete:

— Se não o mataste, vai correr tudo bem.

— Não matei! Juro por Deus!

— Foi o outro homem. O de lábios vermelhos.

— Sim. Também matou o John Rothstein. Disse que o Rothstein se vendeu.

Hodges tem um milhão de perguntas, mas aquele não é o momento.

— Ouve, Pete. Com atenção. Fica onde estás. Chegaremos a Government Square dentro de quinze minutos.

— Se me deixar conduzir — diz Jerome —, podemos chegar em dez.

Hodges ignora-o.

— Vamos os quatro para tua casa. Vais contar-me a história toda, aos meus colegas e à tua mãe. Ela pode querer ligar ao teu pai por causa da contratação de um advogado. *Depois* chamamos a polícia. É o melhor que posso fazer.

E melhor do que *devia* fazer, pensa ele, olhando para o cadáver desfigurado e pensando em como esteve quase a ir preso quatro anos antes. Pela mesma coisa: aquela merda do Mascarilha. Mas claro que mais meia hora ou quarenta e cinco minutos não vão fazer mal. E o que o rapaz disse sobre os pais faz diferença. Hodges esteve no Centro Cívico naquele dia. Viu como as coisas ficaram depois.

— E... está bem. Venham o mais depressa que puderem.

— Certo.

Ele desliga.

— O que vamos fazer em relação às *nossas* impressões digitais?

— Esquece — diz Hodges. — Vamos buscar o rapaz. Mal posso esperar para ouvir a história dele.

Lança a chave do *Mercedes* a Jerome.

— Obrigado, sinhô Hodges! — grita Tyrone Feelgood. — Este minino aqui conduzir maningue! Eu levar todos em segurança ao destino...

— Cala-te, Jerome — dizem Hodges e Holly ao mesmo tempo.

37

Pete respira fundo, ainda a tremer, e fecha o telemóvel. Tudo está a girar na sua cabeça como algo infernal num parque de diversões, e tem a certeza de que soou como um idiota. Ou como um assassino com medo de ser apanhado a inventar uma história maluca. Esqueceu-se de dizer ao senhor Hodges que Lábios Vermelhos já viveu na sua casa, e devia ter dito. Pensa em ligar de novo a Hodges, mas porquê dar-se a esse trabalho se ele e os outros dois vêm buscá-lo?

O tipo não vai a minha casa, Pete diz a si mesmo. Não pode. Tem de ficar invisível.

Mas talvez vá, mesmo assim. Se achar que eu estava a mentir sobre ter levado os cadernos para outro lado, talvez vá. Porque ele é maluco. Completamente passado.

Tenta ligar para o telemóvel de Tina de novo e ouve apenas a mensagem dela:

— Olá, é a Tina, desculpa não poder atender, faz o que tens a fazer.

Biiipe.

Então muito bem.

A mãe.

Mas, antes que possa ligar-lhe, vê um autocarro a chegar, e, na indicação do destino, como uma dádiva dos céus, estão as palavras NORTH SIDE. Pete decide de repente que não vai ficar sentado à espera do senhor Hodges. O autocarro vai levá-lo até lá mais depressa, e ele quer chegar a casa *já*. Vai ligar ao senhor Hodges quando estiver a bordo e dizer-lhe para ir ter a sua casa, mas primeiro vai ligar à mãe e mandá-la trancar as portas.

O autocarro está quase vazio, mas ele vai para o fundo, mesmo assim. E não precisa de ligar à mãe, afinal; o seu telemóvel toca quando ele se senta. MÃE, diz o ecrã. Respira fundo e prime o botão verde. Ela começa a falar antes de ele dizer olá.

— Onde estás, Peter? — Peter em vez de Pete. Não é um bom começo. — Esperava-te em casa há uma hora.

— Vou a caminho — diz ele. — Estou no autocarro.

— Conta-me a verdade, está bem? O autocarro já passou. Eu vi.

— Não é o da escola, é o que vai para North Side. Tive... — O quê? Um compromisso? É tão ridículo que ele poderia rir. Mas não é assunto para rir. Longe disso. —

Tive de tratar de uns assuntos. A Tina está aí? Não foi para a casa da Ellen nem nada?

— Está no quintal, a ler.

O autocarro passa por uma área com obras, e avança com uma lentidão agonizante.

— Mãe, ouve. Tu...

— Não, ouve-*me* tu. Mandaste aquele dinheiro?

Ele fecha os olhos.

— Mandaste? Um simples sim ou não basta. Podemos falar dos pormenores depois.

Com os olhos ainda fechados, ele responde:

— Sim. Fui eu. Mas...

— De onde veio?

— É uma longa história, e agora isso não importa. O *dinheiro* não importa. Há um homem...

— O que queres dizer com *não importa*? Eram mais de *vinte mil dólares*!

Ele sufoca a vontade de responder «E só descobriste isso agora?».

O autocarro continua a arrastar-se pelo meio das obras. O suor escorre pelo rosto de Pete. Ele vê a mancha de sangue no joelho, castanho-escura em vez de vermelha, mas ainda berrante como um grito. *Culpado!*, grita ela. *Culpado, culpado!*

— Mãe, por favor, cala-te e ouve.

Há um silêncio chocado do outro lado da linha. Nunca desde os seus dias de birras infantis ele mandou calar a mãe.

— Há um homem atrás de mim, e ele é perigoso. — Podia contar-te *quão* perigoso, mas quero que fiques alerta, não histérica. — Não acho que ele vá aí a casa, mas pode ser que sim. Manda a Tina entrar e tranca as portas. Só por alguns minutos, depois eu chego. Outras pessoas também.

Pessoas que podem ajudar.

Pelo menos, é o que espero.

Meu Deus, espero que sim.

38

Morris Bellamy vira para a Sycamore Street. Está ciente de que as suas perspectivas para o futuro estão a ficar cada vez mais sombrias. Só tem algumas centenas de dólares roubados, um carro roubado e a necessidade de deitar a mão aos cadernos de Rothstein. Ah, e tem outra coisa: um esconderijo para onde pode ir por pouco tempo e descobrir o que aconteceu a Jimmy Gold depois de a campanha do *Duzzy-Doo* o pôr no topo da pilha de estrume da publicidade com um bom punhado daqueles Dólares de Ouro. Morris entende que é um objetivo maluco, então ele deve ser maluco, mas é tudo o que tem, e isso basta.

Ali está a sua antiga casa, que agora é a casa do ladrão de cadernos. Com um carrinho vermelho à entrada da garagem.

— Maluco não quer dizer merda nenhuma — diz Morris Bellamy. — Maluco não quer dizer merda nenhuma. *Nada* quer dizer merda nenhuma.

Palavras sensatas.

39

— Bill — diz Jerome. — Detesto dizer isto, mas acho que o nosso pássaro voou.

Hodges desperta dos seus pensamentos enquanto Jerome conduz o *Mercedes* por Government Square. Há

muitas pessoas sentadas nos bancos, a ler jornais, a conversar, a beber café e a dar comida aos pombos, mas não há nenhum adolescente.

— Também não estou a vê-lo sentado nas mesas do café — relata Holly. — Será que entrou para tomar alguma coisa?

— Neste momento, uma bebida seria a última coisa na cabeça dele — afirma Hodges, e bate com o punho na coxa.

— Os autocarros para North Side e South Side passam por aqui a cada quinze minutos — diz Jerome. — Se eu estivesse no lugar dele, ficar sentado à espera que alguém me viesse buscar seria uma tortura. Havia de querer fazer alguma coisa.

É nesse momento que o telemóvel de Hodges toca.

— Passou um autocarro e decidi não esperar — diz Pete, que soa muito mais calmo agora. — Vou estar em casa quando lá chegarem. Acabei de falar com a minha mãe ao telefone. Ela e a Tina estão bem.

Hodges não gosta de ouvir isso.

— Porque não estariam, Pete?

— Porque o tipo dos lábios vermelhos sabe onde vivemos. Ele disse-me que *também* já lá viveu. Esqueci-me de contar isso.

Hodges verifica onde estão.

— Quanto tempo demoramos até à Sycamore Street, Jerome?

— Consigo chegar em vinte minutos. Talvez menos. Se soubesse que o rapaz ia apanhar um autocarro, teria ido pela via rápida.

— Senhor Hodges — chama Pete.

— Estou aqui.

— Seria uma estupidez ele ir a minha casa. Se fizer isso, já não vou ser incriminado.

O rapaz tem razão.

— Pediste-lhes para trancarem as portas e ficarem dentro de casa?

— Sim.

— E deste uma descrição do homem à tua mãe?

— Sim.

Hodges sabe que, se chamar a polícia, o senhor Lábios Vermelhos vai desaparecer, deixando o futuro de Pete nas mãos da polícia científica. E eles provavelmente conseguem chegar antes da polícia, de qualquer forma.

— Diz-lhe para ligar ao homem. — Holly inclina-se na direção de Hodges e grita: — *Liga-lhe e diz que mudaste de ideias e lhe vais dar os cadernos!*

— Pete, ouviste?

— Ouvi, mas não posso. Nem sei se ele tem telemóvel. Ele ligou-me do telefone fixo da livraria. E não tivemos propriamente tempo de trocar números.

— Que caca — diz Holly para ninguém em particular.

— Tudo bem. Liga assim que chegares a casa e verificares que está tudo bem. Se eu não tiver notícias tuas, vou ter de chamar a polícia.

— Tenho a certeza de que elas est...

Mas é aí que eles entram. Hodges desliga o telemóvel e inclina-se para a frente.

— Prego a fundo, Jerome.

— Assim que puder. — Ele indica o trânsito, três faixas para cada lado, cromados a brilhar ao sol. — Quando passarmos pela rotunda, aceleramos.

Vinte minutos, pensa Hodges. Vinte minutos no máximo. O que pode acontecer em vinte minutos?

A resposta, como ele sabe por amarga experiência, é muita coisa. Vida e morte. Agora, só pode esperar que aqueles vinte minutos não voltem para assombrá-lo.

Linda Saubers decidiu esperar por Pete no pequeno escritório do marido, porque o portátil dele está na secretária e assim pode jogar paciência. Está demasiado perturbada para ler.

Depois de falar com o filho, fica mais nervosa do que nunca. Com medo também, mas não de um vilão sinistro a rondar a Sycamore Street. Está com medo pelo filho, porque é evidente que *ele* acredita no vilão sinistro. As coisas começam finalmente a fazer sentido. A palidez... a perda de peso... o bigode maluco que ele tentou deixar crescer... o regresso do acne e os longos silêncios... tudo faz sentido agora. Se ele não está a ter um colapso nervoso, está à beira de um.

Levanta-se e olha para a filha pela janela. Tina vestiu a sua melhor blusa, a amarela larga, mas não devia usá-la num baloiço velho e enferrujado que devia ter sido desmontado há anos. Tem um livro aberto no colo, mas não parece estar a ler. Tem um ar triste.

Que pesadelo, pensa Linda. Primeiro, o Tom fica tão ferido que vai coxear durante o resto da vida, e agora o nosso filho está a ver monstros nas sombras. Aquele dinheiro não foi maná dos céus, foi chuva ácida. Talvez ele só tenha de abrir o jogo. Contar-nos de onde veio o dinheiro. Quando fizer isso, vai começar a sentir-se melhor.

Entretanto, fará o que ele pediu: vai chamar Tina para dentro de casa e trancar todas as portas. Mal não fará.

Uma tábua range atrás dela. Linda vira-se, à espera de ver o filho, mas não é Pete. É um homem pálido, com cabelo branco ralo e lábios vermelhos. É o homem que o filho descreveu, o vilão sinistro, e o seu primeiro pensamento não é terror, mas uma sensação poderosa de

alívio. Afinal o filho não está a sofrer um colapso nervoso.

Então vê a arma na mão do homem e o terror chega, intenso e quente.

— Você deve ser a mãe — diz o intruso. — Grande aparência familiar.

— Quem é o senhor? — pergunta Linda Saubers. — O que faz aqui?

O homem, à porta do escritório do marido e não na cabeça do filho, olha pela janela, e Linda tem de sufocar a vontade de gritar «Não olhe para ela!».

— Aquela é a sua filha? — pergunta Morris. — Ei, é bonita. Sempre gostei de raparigas de amarelo.

— O que deseja?

— O que é meu por direito — responde Morris, e dá-lhe um tiro na cabeça.

O sangue voa e espalha gotas vermelhas no vidro. Soa como chuva.

41

Tina ouve um estrondo alarmante dentro de casa e corre até à porta da cozinha. É a panela de pressão, pensa. A mãe esqueceu-se outra vez da maldita panela de pressão ao lume. Já aconteceu antes, quando a mãe estava a fazer doces. É uma panela velha, daquelas que ocupa muito espaço no fogão, e Pete passou boa parte de uma tarde de sábado num escadote a raspar gosma seca de morango do teto. Por sorte, a mãe estava a aspirar a sala quando ela explodiu. Tina pede a Deus para que ela não estivesse na cozinha desta vez também.

— Mãe! — Corre para dentro de casa. Não há nada no fogão. — Mã...

Um braço agarra-a pela cintura com força. O ar escapa dos seus pulmões numa exalação violenta. Os seus pés saem do chão, a espedaçar. Sente pelos na cara. Sente um cheiro a suor, azedo e quente.

— Não grites, senão vou ter de te magoar — diz o homem ao ouvido dela, fazendo a pele de Tina arrepiar-se. — Percebido?

Tina assente, mas o seu coração está a bater descompassadamente e o mundo começa a ficar preto.

— Não consigo... respirar — ofega ela, e o aperto diminui. Os seus pés tocam no chão. Ela vira-se e vê um homem de rosto pálido e lábios vermelhos. Tem um corte no queixo, parece feio. A pele em volta está inchada e escura.

— Não grites — repete ele, e levanta um dedo. — *Não* faças isso.

Sorri. Se é para a fazer sentir-se melhor, não funciona. Tem os dentes amarelos. Parecem mais presas do que dentes.

— O que fez à minha mãe?

— Ela está bem — afirma o homem de lábios vermelhos. — Onde está o teu telemóvel? Uma menina bonita como tu deve ter um telemóvel. Muitas amigas com quem conversar e trocar mensagens. Está no teu bolso?

— N... n... não. Está lá em cima. No meu quarto.

— Então, vamos buscá-lo — diz Morris. — Vais fazer um telefonema.

A paragem de Pete fica na Elm Street, a dois quarteirões de casa, e o autocarro está quase lá. Levanta-se e avança

para a entrada quando o telemóvel vibra. O alívio ao ver o sorriso da irmã no ecrã é tão grande que os seus joelhos fraquejam e ele tem de se segurar a uma das pegas do autocarro.

— Tina! Estarei em casa em...

— Está aqui um homem! — Tina chora tanto que ele mal consegue entendê-la. — Estava em casa! Ele...

Ela desaparece, e ele reconhece a voz que substitui a dela. Queria não reconhecer.

— Olá, Peter — diz Lábios Vermelhos. — Vens a caminho?

Ele não consegue responder. Tem a língua colada ao céu da boca. O autocarro para na esquina da Elm com Breckenridge Terrace, a sua paragem, mas Pete está paralisado.

— Não precisas de responder e não precisas de vir para casa, porque não vai estar aqui ninguém se vieres.

— Ele está a mentir! — grita Tina. — A mãe está...

E a seguir ela grita.

— Não a magoe — pede Pete. Os outros passageiros não desviam o olhar dos jornais e telemóveis porque ele só consegue falar num sussurro. — Não magoe a minha irmã.

— Não vou magoar, se ela se calar. Ela tem de ficar calada. Tu também tens de ficar calado e ouvir-me. Mas, primeiro, responde a duas perguntas. Chamaste a polícia?

— Não.

— Chamaste *alguém*?

— Não. — Pete mente sem hesitar.

— Ótimo. Excelente. Agora vem a parte que tens de ouvir. Estás a ouvir?

Uma senhora obesa com um saco de compras está a entrar no autocarro, ofegante. Pete desce assim que ela sai da frente, caminhando como um rapaz num sonho, o

telemóvel colado ao ouvido.

— Vou levar a tua irmã para um sítio seguro. Um sítio onde vamos poder encontrar-nos quando tiveres os cadernos.

Pete começa a dizer que não precisa de ser assim, que vai contar a Lábios Vermelhos onde estão os cadernos, mas percebe que fazer isso seria um grande erro. Quando Lábios Vermelhos souber que estão na cave do centro recreativo, não vai ter motivo para manter Tina viva.

— Estás aí, Pete?

— Es... estou.

— É melhor estares mesmo. É melhor estares. Vai buscar os cadernos. Quando os tiveres, e não antes, liga de novo para o telemóvel da tua irmã. Se ligares por qualquer outro motivo, eu magoo-a.

— A minha mãe está bem?

— Está ótima, só amarrada. Não te preocupes com ela nem te dês ao trabalho de passar em casa. Vai buscar os cadernos e liga-me.

Com isso, Lábios Vermelhos desliga. Pete não tem tempo de lhe dizer que *tem* de passar em casa porque vai precisar do carrinho de mão de Tina para transportar as caixas. Também tem de ir buscar as chaves do centro recreativo ao escritório do pai. Voltou a pendurá-las no quadro de cortiça, mas precisa delas para entrar.

43

Morris enfia o telemóvel cor-de-rosa de Tina no bolso e puxa um cabo do computador dela.

— Vira-te. Mãos atrás das costas.

— Deu-lhe um tiro? — As lágrimas escorrem pelo rosto

de Tina. — Foi esse o som que ouvi? Deu um tiro na minha mão...

Morris dá-lhe uma bofetada com força. O sangue voa do nariz de Tina e do canto da boca. Os olhos dela arregalam-se de choque.

— Tens de calar a matraca e virar-te. Mãos atrás das costas.

Tina obedece, a soluçar. Morris amarra-lhe os pulsos, apertando os nós com força.

— Ai! Ai! Está demasiado apertado!

— Aguenta. — Pensa vagamente quantos tiros restarão na arma do velho amigo. Dois serão o suficiente; um para o ladrão e um para a irmã do ladrão. — Põe-te a mexer. Lá para baixo. Sai pela porta da cozinha. Um, dois, três, quatro.

Ela encara-o com olhos arregalados vermelhos e cheios de lágrimas.

— Vai violar-me?

— Não — responde Morris, depois acrescenta uma coisa que ainda é mais assustadora, porque ela não entende: — Não vou cometer esse erro de novo.

44

Linda volta a si a olhar para o teto. Sabe onde está, no escritório de Tom, mas não o que lhe aconteceu. O lado direito da cabeça está em chamas, e, quando leva uma mão ao rosto, ela volta cheia de sangue. A última coisa de que se lembra é de Peggy Moran a dizer-lhe que Tina tinha adoecido na escola.

Vai lá e leva-a para casa, dissera Peggy. Eu trato das coisas aqui.

Não, lembra-se de outra coisa. Algo sobre o dinheiro misterioso.

Ia falar com o Pete sobre isso, pensa ela. Pedir respostas. Estava a jogar paciência no computador do Tom para passar o tempo enquanto esperava que ele chegasse a casa, e então...

Então, tudo preto.

Agora, aquela dor terrível na cabeça, como uma porta a bater sem parar. É muito pior do que as enxaquecas que tem às vezes. Pior do que o parto. Tenta levantar a cabeça e consegue, mas o aposento começa a girar ao ritmo do coração, *desaparecendo e reaparecendo*, cada oscilação acompanhada de uma dor terrível...

Olha para baixo e vê que o seu vestido cinzento parece agora de um roxo lamacento. Ah, meu Deus, tanto sangue. Tive um enfarte? Algum tipo de hemorragia cerebral?

Claro que não, essas coisas só sangram por dentro, mas, seja lá o que for, precisa de ajuda. Precisa de uma ambulância, mas não consegue chegar ao telefone. Levanta o braço, treme e deixa-o cair de novo.

Ouve um grito de dor vindo de algures ali perto, depois um choro que reconheceria em qualquer lado, mesmo estando a morrer (que ela desconfia que seja o caso). É Tina.

Consegue soerguer-se numa mão ensanguentada, o bastante para olhar pela janela. Vê um homem a levar Tina pelos degraus das traseiras, até ao quintal. As mãos de Tina estão amarradas atrás das costas.

Linda esquece a dor, esquece que precisa de uma ambulância. Um homem entrou em sua casa e está a raptar a filha. Precisa de impedi-lo. Precisa da polícia. Tenta sentar-se na cadeira de rodinhas atrás da mesa, mas só consegue bater com a mão no assento. Ergue o tronco, e

por um momento a dor é tão intensa que o mundo fica branco, mas agarra-se à consciência e agarra os braços da cadeira. Quando a sua visão clareia, vê o homem a abrir o portão de trás e a empurrar Tina. *Conduzindo-a*, como a um animal a caminho do matadouro.

Traga-a para aqui!, grita Linda. *Não faça mal à minha bebé!*

Mas só em pensamento. Quando tenta levantar-se, a cadeira vira-se e ela não consegue segurar os braços. O mundo escurece. Ouve um som horrível e engasgado antes de desmaiar e mal tem tempo de pensar: será que sou eu?

45

O trânsito *não* flui depois da rotunda. Em vez de uma estrada desimpedida, deparam-se com carros parados e duas placas laranja. Uma diz DESVIO. A outra diz OBRAS NA ESTRADA. Há uma fila de carros à espera enquanto o sinalizador de trânsito deixa passar o trânsito vindo do centro. Depois de três minutos parados, e cada um parece durar uma hora, Hodges manda Jerome usar as ruas secundárias.

— Eu bem que gostaria, mas estamos presos.

Faz sinal para trás com o polegar, onde se formou uma fila de carros quase até à rotunda.

Holly tem estado debruçada sobre o *iPad*. Então ergue o rosto.

— Usa o passeio — diz, depois volta para o *tablet*.

— Há caixas de correio, Hollyberry — observa Jerome.

— E uma vedação de arame à frente. Acho que não há espaço.

Ela olha rapidamente de novo.

— Há, sim. Podes raspar um pouco o carro, mas não será a primeira vez. Força.

— Quem paga a multa se eu for preso e acusado de conduzir bêbedo? Tu?

Holly revira os olhos. Jerome volta-se para Hodges, que suspira e assente.

— Ela tem razão. Há espaço. Eu pago a porra da multa.

Jerome vira à direita. O *Mercedes* raspa no para-choques do carro à frente e sobe o passeio. Aí vem a primeira caixa de correio. Jerome vira mais para a direita, agora totalmente fora da estrada. Há um baque quando o lado do condutor derruba a caixa de correio do suporte, depois um chiado quando o lado do pendura raspa na vedação de arame. Uma mulher de calções e *top* está a cortar a relva. Grita-lhes quando a banheira alemã de Holly derruba uma placa a dizer PROIBIDO ENTRAR, PROIBIDO MENDIGAR, PROIBIDO VENDER DE PORTA A PORTA. Corre até ao caminho de acesso, ainda a gritar. Depois, apenas observa, protegendo os olhos do sol. Hodges vê os lábios da mulher a moverem-se.

— Ah, que bom — comenta Jerome. — Está a decorar a matrícula.

— Limita-te a conduzir — diz Holly. — Conduz, conduz, conduz. — E, sem pausa: — O Lábios Vermelhos é o Morris Bellamy. É esse o nome dele.

O sinalizador de trânsito está a gritar com eles agora. Os homens que têm estado a escavar para chegar a um cano de esgoto olham para eles. Alguns riem. Um deles pisca o olho a Jerome e faz o gesto de uma garrafa a ser bebida. Mas logo ficam para trás. O *Mercedes* volta para a estrada. Com o trânsito para North Side engarrafado atrás deles, a rua à frente está abençoadamente vazia.

— Verifiquei os impostos municipais — explica Holly. — Na altura em que o John Rothstein foi assassinado, em

1978, o IMI do número vinte e três da Sycamore Street era pago por uma tal Anita Elaine Bellamy. Fiz uma pesquisa no Google e consegui mais de cinquenta resultados. É relativamente conhecida no mundo académico, mas só um resultado interessava. O filho foi julgado e condenado por violação no mesmo ano. Aqui mesmo, na cidade. Foi condenado a perpétua. Há uma foto dele num dos artigos. Vê.

Passa o *iPad* a Hodges.

Morris Bellamy foi fotografado a descer os degraus de um tribunal do qual Hodges se lembra bem, embora tenha sido substituído pela monstruosidade de betão em Government Square quinze anos antes. Bellamy encontra-se ladeado por dois detetives. Hodges lembra-se de um deles, Paul Emerson. Bom agente, há muito aposentado. Está de fato. O outro detetive também, mas pôs o casaco sobre as mãos de Bellamy para esconder as algemas. Bellamy também está de fato, o que quer dizer que a fotografia foi tirada durante o julgamento ou logo depois do veredicto. É uma foto a preto-e-branco, o que só torna o contraste entre a pele pálida de Bellamy e a boca escura mais notório. Quase parece estar a usar batom.

— Só pode ser ele — afirma Holly. — Se ligares para a prisão estadual, aposto seis mil dólares que foi libertado.

— Acredito em ti — diz Hodges. — Quanto tempo até à Sycamore Street, Jerome?

— Dez minutos.

— Previsão real ou otimista?

Com relutância, Jerome responde:

— Bem... talvez um pouco otimista.

— Faz o melhor que puderes e tenta não atropelar ning...

O telemóvel de Hodges toca. É Pete. Parece ofegante.

— Ligou para a polícia, senhor Hodges?

— Não. — Se bem que a polícia já deva ter a matrícula do carro de Holly nessa altura, mas não vê motivo para contar isso a Pete. O rapaz parece mais perturbado do que nunca. Quase a passar-se.

— Não pode fazê-lo. Por nada deste mundo. Ele tem a minha irmã. Diz que, se eu não lhe entregar os cadernos, vai matá-la. Vou dar-lhos.

— Pete, não...

Mas está a falar sozinho. O rapaz já desligou.

46

Morris empurra Tina pelo trilho. A determinada altura, um ramo rasga a blusa fina e arranha o braço dela, fazendo-a sangrar.

— Não me faça ir tão depressa! Vou cair!

Morris dá-lhe uma palmada na cabeça, acima do rabo de cavalo.

— Cala-te, cabra. Dá graças por eu não te fazer correr.

Segura os ombros dela quando atravessam o riacho, equilibrando-a para que não caia, e, quando chegam ao ponto em que a vegetação dá lugar ao terreno do centro recreativo, manda-a parar.

O campo de basebol está vazio, mas há alguns rapazes no asfalto rachado do campo de basquete. Tiraram as camisolas, e os ombros brilham de suor. O dia está demasiado quente para jogos ao ar livre, e é por isso que Morris acha que há ali pouca gente.

Desamarra as mãos de Tina. Ela solta um gemido de alívio e começa a massajar os pulsos, que têm marcas vermelhas profundas.

— Vamos seguir perto das árvores — diz ele. — A única altura em que aqueles rapazes vão ver-nos bem é quando chegarmos perto do edifício e sairmos da sombra. Se disserem olá ou se conheceres algum deles, acena e sorri e continua a andar. Percebido?

— S-Sim.

— Se gritares ou pedires ajuda, enfio-te uma bala na cabeça. Percebes isso?

— *Sim*. Deu um tiro na minha mãe? Deu, não deu?

— Claro que não, só disparei para o teto para a acalmar. Ela está bem, e tu também vais ficar se fizeres o que eu disser. Continua a andar.

Caminham na sombra, com a erva alta do campo direito a bater nas calças de Morris e nas calças de ganga de Tina. Os rapazes estão totalmente absortos no jogo e nem olham. Mas, se tivessem olhado, a blusa amarela de Tina ter-se-ia destacado no meio do verde.

Quando chegam às traseiras do centro recreativo, Morris fá-la passar junto ao *Subaru* do seu velho amigo, mantendo-se de olho nos rapazes o tempo todo. Assim que o flanco de tijolo do edifício os oculta do campo de básquete, ele amarra novamente as mãos de Tina atrás das costas. Não faz sentido correr riscos com a Birch Street tão perto. Há muitas casas na Birch Street.

Ele vê Tina respirar fundo e segura-lhe o ombro.

— Não grites, amiga. Se abrires a boca, levas.

— Por favor, não me magoe — sussurra Tina. — Faço o que o senhor quiser.

Morris assente, satisfeito. É uma resposta sábia.

— Estás a ver aquela janela da cave? A que está aberta? Deita-te, vira-te de barriga para baixo e desce.

Tina agacha-se e espreita pelas sombras. Em seguida, vira o rosto inchado e sujo de sangue para ele.

— É muito alto! Vou cair!

Exasperado, Morris dá-lhe um pontapé no ombro. Ela solta um grito. Ele inclina-se e encosta-lhe o cano da arma à têmpora.

— Disseste que farias o que eu quisesse, e é isso que quero. Entra por essa janela agora, senão enfio uma bala nesse cérebro minúsculo de fedelha mimada.

Morris pergunta a si mesmo se fala a sério. Decide que sim. As raparigas também não querem dizer merda nenhuma.

Chorando, Tina enfia-se pela janela. Hesita com metade do corpo dentro e metade fora, olhando para Morris com olhos suplicantes. Ele prepara-se para lhe dar um pontapé na cara e ajudá-la a descer. Ela solta-se e grita, apesar das instruções explícitas para não o fazer.

— O meu tornozelo! Acho que parti o tornozelo!

Morris está-se a cagar para o tornozelo da rapariga. Olha rapidamente em volta para se certificar de que ainda não está a ser observado e desliza pela janela para a cave do centro recreativo da Birch Street, aterrando na caixa fechada que usou como apoio da última vez. A irmã do ladrão deve ter caído mal nela e rolou para o chão. O pé está virado de lado e já começa a inchar. Para Morris Bellamy, isso também não quer dizer merda nenhuma.

O senhor Hodges tem mil perguntas, mas Pete não tem tempo para responder a nenhuma. Desliga o telemóvel e corre pela Sycamore Street até casa. Decidiu que levar o carrinho de mão de Tina vai demorar muito. Terá de pensar noutra forma de transportar os cadernos quando

chegar ao centro recreativo. Só precisa mesmo da chave do edifício.

Entra a correr no escritório do pai e para. A mãe está no chão ao lado da secretária, os olhos azuis a brilhar no meio de uma máscara de sangue. Há mais sangue no portátil aberto do pai, na frente do vestido dela, na cadeira e na janela atrás. Do computador vem música, e, mesmo no meio da consternação, ele reconhece a melodia. Ela estava a jogar paciência. A jogar paciência e à espera que o filho chegasse a casa, sem incomodar ninguém.

— *Mãe!* — Corre até ela, a chorar.

— A minha cabeça — diz ela. — Olha para a minha cabeça.

Ele inclina-se, afasta madeixas de cabelo empapadas em sangue, tentando ser delicado, e vê um lenho da têmpora até à parte de trás da cabeça. A meio do lenho vê uma área cinzento-esbranquiçada. É o crânio dela, pensa Pete. Isso é mau, mas pelo menos não é o cérebro, por favor, meu Deus, que não seja o cérebro. O cérebro é mole, se fosse massa cinzenta, estaria a escorrer. É só o crânio.

— Veio cá um homem — diz ela, falando com grande esforço. — Levou... a Tina. Ouvi-a gritar. Tens de... ah, meu Deus, dói-me *tanto* a cabeça.

Pete hesita por um segundo infinito, oscilando entre a necessidade de ajudar a mãe e a de proteger a irmã, de salvá-la. Se ao menos isto fosse um pesadelo, pensa ele. Se ao menos eu pudesse acordar.

A mãe primeiro. A mãe agora.

Levanta o auscultador no telefone na secretária do pai.

— Chiu, mãe. Não digas nada e não te mexas.

Ela fecha os olhos com cansaço.

— Ele veio por causa do dinheiro? Aquele homem veio por causa do dinheiro que encontraste?

— Não, por causa do que estava com o dinheiro — responde Pete, e marca os três números que aprendeu na primária.

— Qual é a sua emergência? — pergunta uma mulher.

— A minha mãe levou um tiro — diz Pete. — Número vinte e três na Sycamore Street. Mande já uma ambulância. Ela está a perder muito sangue.

— Como se cha...

Pete desliga.

— Mãe, tenho de sair, de ir buscar a Tina.

— Tem... cuidado. — As palavras saem arrastadas. Os olhos ainda estão fechados, e ele vê com horror que há sangue até nas suas pestanas. Aquilo é culpa dele, tudo culpa dele. — Não deixes... Tina... mago...

Cala-se, mas está a respirar. Por favor, meu Deus, faz com que ela continue a respirar.

O rapaz tira do quadro de cortiça do pai a chave da porta da frente do centro recreativo da Birch Street.

— Vais ficar bem, mãe. A ambulância vem a caminho. Uns amigos também vão chegar em breve.

Ele segue para a porta, mas tem uma ideia e vira-se.

— Mãe?

— O que...

— O pai ainda fuma?

Sem abrir os olhos, ela responde:

— Ele pensa... que eu... não sei.

Rapidamente, pois tem de sair antes de Hodges chegar e tentar impedi-lo de fazer o que tem de fazer, Pete começa a procurar nas gavetas da secretária do pai.

Para uma eventualidade, pensa ele.

Só para uma eventualidade.

O portão de trás encontra-se entreaberto. Pete não repara nisso. Segue pelo trilho. Quando se aproxima do riacho, passa por um pedaço de tecido amarelo fino pendurado num ramo. Chega ao riacho e vira-se para olhar, quase sem perceber, para o local onde a arca está enterrada. A arca que originou todo aquele horror.

Quando chega às pedras no fundo da margem, Pete para de repente. Os seus olhos arregalam-se. As suas pernas perdem as forças. Cai sentado e fica a olhar para a água espumosa e rasa que atravessou tantas vezes, muitas delas com a irmã a tagarelar sobre o que quer que lhe interessasse na época. A *Senhora Beasley*. *SpongeBob*. A amiga Ellen. A lancheira preferida.

As roupas preferidas.

A blusa amarela fina com as mangas esvoaçantes, por exemplo. A mãe diz que ela não devia usá-la tanto, porque tem de ser lavada a seco. Tina vestira-a naquela manhã quando fora para a escola? Parece há um século, mas ele acha...

Ele acha que sim.

Vou levar a tua irmã para um sítio seguro, dissera Lábios Vermelhos. *Um sítio onde vamos poder encontrar-nos quando tiveres os cadernos*.

É possível?

Claro que é. Se Lábios Vermelhos passou a infância na casa de Pete, deve ter passado muito tempo no centro recreativo. Todas as crianças do bairro passavam lá o tempo, até fechar. E ele devia conhecer o trilho, já que a arca estava enterrada a menos de vinte passos de onde se atravessava o riacho.

Mas não sabe dos cadernos, pensa Pete. Ainda não.

A não ser que os tenha encontrado depois do último telefonema, claro. Nesse caso, já os tem. Já se terá ido embora. Isso não seria um problema, se ele tiver deixado Tina viva. E porque não deixaria? Que motivo teria para matá-la assim que tivesse o que queria?

Vingança, pensa Pete friamente. Para se vingar de mim. Sou o ladrão que roubou os cadernos, acertei-lhe com um decantador e fugi da livraria, mereço ser punido.

Levanta-se e cambaleia quando uma vertigem o invade. Assim que ela passa, Pete atravessa o riacho e começa a correr de novo.

49

A porta da frente do número 23 da Sycamore Street está aberta. Hodges sai do *Mercedes* antes de Jerome ter parado completamente. Corre para dentro, com uma das mãos no bolso, a agarrar o porrete. Pensa ouvir uma música que conhece bem pelas horas passadas a jogar paciência no computador.

Segue o som e encontra uma mulher sentada, *caída*, ao lado de uma secretária num quatinho que foi transformado em escritório. Tem um lado do rosto inchado e coberto de sangue. Olha para ele e tenta fixar o olhar.

— Pete — diz ela, e depois: — Ele levou a Tina.

Hodges ajoelha-se e afasta com cuidado o cabelo da mulher. O que vê é mau, mas não tão mau como poderia ser; ela ganhou a lotaria que realmente importa. A bala fez-lhe um corte de quinze centímetros no couro cabeludo, expôs mesmo o crânio, mas o ferimento não vai matá-la. Porém, perdeu muito sangue, e está em choque e com um traumatismo. Não é o momento de a questionar, mas

precisa de o fazer. Morris Bellamy está a deixar um rasto de violência, e Hodges ainda continua do lado errado desse rasto.

— Holly, pede uma ambulância.

— Pete... já pediu — diz Linda, e, como se a voz fraca a tivesse conjurado, ouvem uma sirene. Ainda distante, mas a aproximar-se depressa. — Antes... de sair.

— Senhora Saubers, o Pete levou a Tina? É isso que está a dizer?

— Não. *Ele*. O homem.

— Ele tinha lábios vermelhos, senhora Saubers? — pergunta Holly. — O homem que levou a Tina tinha lábios vermelhos?

— Lábios... de irlandês — diz ela. — Mas não era... ruivo. Era velho. Vou morrer?

— Não — afirma Hodges. — Já vem ajuda a caminho. Mas tem de nos ajudar. Sabe para onde foi o Pete?

— Saiu... pelas traseiras. Pelo portão. Eu vi.

Jerome olha pela janela e vê o portão entreaberto.

— O que há ali?

— Um trilho — diz ela com voz cansada. — As crianças usavam-no... para ir ao centro recreativo. Antes de fechar. Ele levou... acho que ele levou a chave.

— O Pete?

— Sim... — Os olhos dela deslocam-se para um quadro de cortiça com muitas chaves penduradas. Um gancho está vazio. A fita por baixo diz C. R. BIRCH STREET.

Hodges toma uma decisão.

— Jerome, tu vens comigo. Holly, ficas com a senhora Saubers. Arranja um pano frio e pressiona o ferimento. — Inspira. — Mas, antes disso, chama a polícia. Pergunta pelo meu velho parceiro. Huntley.

Espera uma discussão, mas Holly limita-se a assentir e

pega no telefone.

— O Pete também levou o isqueiro do pai — diz Linda, que parece mais concentrada agora. — Não sei porquê. E a lata do *Ronson*.

Jerome olha para Hodges com ar interrogador, e este responde:

— Gasolina para o isqueiro.

50

Pete mantém-se na sombra das árvores, como Morris e Tina fizeram, mas os rapazes que estavam a jogar basquete foram para casa jantar e deixaram o campo deserto; só lá estão alguns corvos a apanhar restos de batatas fritas do chão. Vê um pequeno carro estacionado no cais de carga. Escondido, na verdade, e a matrícula personalizada basta para fazer desaparecer qualquer dúvida que Pete pudesse ter. Lábios Vermelhos está mesmo ali, e não pode ter levado Tina pela porta da frente. Fica virada para a rua, que deve estar movimentada àquela hora do dia. Além do mais, não tem chave.

Pete passa pelo *Subaru* e, na esquina do edifício, ajoelha-se e olha em volta. Uma das janelas da cave está aberta. A relva e as ervas daninhas à frente dela foram pisadas. Ouve a voz de um homem. Eles estão mesmo lá em baixo. Os cadernos também. A única pergunta é se Lábios Vermelhos já os encontrou ou não.

O rapaz recua e encosta-se aos tijolos quentes do sol, pensando o que fazer a seguir. Pensa, diz a si mesmo. Meteste a Tina nisto e tens de tirá-la, então *pensa*, raios!

Mas não consegue. A sua mente está cheia de ruído.

Numa das poucas entrevistas que deu, o sempre

irascível John Rothstein expressou a repulsa que tinha por perguntas do tipo «de onde tira as suas ideias?». As ideias para histórias vinham do nada, declarou ele. Chegavam sem a influência poluidora do intelecto do autor. A ideia que ocorre a Pete agora também parece vir do nada. É ao mesmo tempo horrível e horripilantemente atraente. Não vai resultar se Lábios Vermelhos já tiver descoberto os cadernos, mas, se for esse o caso, *nada* vai resultar.

Pete levanta-se e contorna o grande cubo de tijolos pelo outro lado, passando mais uma vez pelo carro verde com a matrícula reveladora. Para no canto direito do edifício abandonado e observa as pessoas que se dirigem a casa pela Birch Street. É como espreitar por uma janela um mundo diferente, em que as coisas são normais. Faz um inventário rápido: telemóvel, isqueiro, lata de gasolina para isqueiros. A lata estava na gaveta de baixo, com o isqueiro do pai. Está a meio, a avaliar pelo barulho quando ele a agita, mas metade irá bastar.

Dobra a esquina, agora de frente para a Birch Street, tentando andar normalmente e esperando que ninguém (como o senhor Evans, o antigo treinador da liga infantil, por exemplo) o chame.

Ninguém chama. Desta vez, ele sabe que chave usar, e desta vez ela gira com facilidade na fechadura. Abre a porta devagar, entra e fecha a porta. O lugar cheira a mofo e está muito quente. Para bem de Tina, espera que esteja mais fresco na cave. Ela deve estar morta de medo, pensa Pete.

Se ainda estiver viva para sentir alguma coisa, sussurra uma voz cruel. Lábios Vermelhos pode estar ao lado do corpo dela, a falar sozinho. Ele é maluco, e é isso que pessoas malucas fazem.

À esquerda de Pete, um lanço de escadas leva ao

primeiro andar, que consiste num espaço amplo do tamanho do edifício. O nome oficial era Salão Comunitário de North Side, mas os miúdos têm um nome diferente para ele, um nome do qual Lábios Vermelhos deve lembrar-se.

Quando Pete se senta na escada para descalçar os sapatos (não pode ser ouvido a andar por lá), pensa novamente: eu meti-a nisto, agora devo tirá-la. Sozinho.

Liga para o telemóvel da irmã. Abaixo dele, abafado, mas inconfundível, ouve o toque de Tina dos Snow Patrol.

Lábios Vermelhos atende de imediato.

— Olá, Peter. — Parece mais calmo agora. Contido. Isso pode ser bom ou mau para o plano. Pete não sabe bem. — Tens os cadernos?

— Sim. A minha irmã está bem?

— Está ótima. Onde estás?

— Isso até que é engraçado — diz Pete... e, quando pensa no assunto, vê que é mesmo. — Aposto que o Jimmy Gold ia gostar.

— Não estou com disposição para os teus disparates. Vamos despachar isto, certo? Onde estás?

— Lembra-se do Palácio dos Filmes de Sábado?

— Do que ...

Lábios Vermelhos para. Pensa.

— Estás a falar do Salão Comunitário, onde passavam aqueles filmes pirosos... — Para de novo quando se faz luz.

— Estás *aqui*?

— Sim. E o senhor está na cave. Vi o carro lá fora. Esteve o tempo todo a menos de trinta metros dos cadernos. — *Mais perto do que isso*, pensa ele. — Venha buscá-los.

Desliga antes que Lábios Vermelhos possa tentar impor os seus termos. Pete corre até à cozinha na ponta dos pés, com os sapatos nas mãos. Tem de se esconder antes que

Lábios Vermelhos suba a escada da cave. Se fizer isso, as coisas podem correr bem. Se não o fizer, ele e a irmã provavelmente vão morrer.

Lá em baixo, mais alto do que o toque do telemóvel, *bastante mais* alto, ouve Tina gritar de dor.

Ela ainda está viva, pensa Pete. E então: o filho da mãe magoou-a. Só que isso não é verdade.

Fui eu. Isto é tudo culpa minha. Minha, minha, minha.

51

Morris, sentado numa caixa com UTENSÍLIOS DE COZINHA escrito de lado, fecha o telemóvel de Tina, e de início limita-se a olhar para ele. Só há uma pergunta em jogo, na verdade, só uma que precisa de ser respondida. O rapaz está a dizer a verdade ou a mentir?

Acha que está a dizer a verdade. Os dois cresceram na Sycamore Street, afinal, e os dois viram os filmes de sábado lá em cima, sentados em cadeiras desdobráveis e a comer pipocas vendidas pelas escuteiras locais. É lógico pensar que os dois escolheriam como esconderijo aquele edifício abandonado tão próximo tanto da casa que tinham partilhado como da arca. Mas o que o convence é a placa que Morris viu à frente, na primeira viagem de reconhecimento: LIGUE PARA IMÓVEIS THOMAS SAUBERS. Se o pai de Pete está a tratar da venda do centro recreativo, o rapaz poderia facilmente ter conseguido a chave.

Pega em Tina pelo braço e arrasta-a até à caldeira, uma relíquia enorme e empoeirada no canto. Ela solta outro daqueles gritos irritantes quando tenta apoiar o peso no tornozelo inchado, que cede. Ele dá-lhe outra bofetada.

— Cala-te — ordena. — Deixa de ser uma cabra

choramingas.

Não há cabo de computador suficiente para prendê-la, mas há uma gambiarra na parede com vários metros de fio elétrico cor de laranja em volta. Morris não precisa da lâmpada, mas o fio é um presente divino. Julgara que não podia ficar mais zangado com o ladrão, mas estava enganado. *Aposto que o Jimmy Gold ia gostar*, dissera o ladrão, e que direito tinha ele de fazer referência ao trabalho de John Rothstein? O trabalho de Rothstein era *dele*.

— Vira-te.

Tina não se move suficientemente depressa para o gosto de Morris, que ainda está furioso com o irmão dela. Agarra-a pelos ombros e vira-a. Tina não grita dessa vez, mas um gemido escapa dos lábios comprimidos. A adorada blusa amarela agora está suja de pó.

Ele enrola o fio elétrico laranja ao cabo do computador que prende os pulsos dela, depois atira a gambiarra para cima dos canos da caldeira e estica o fio, fazendo a rapariga gemer de novo quando as mãos amarradas são puxadas para cima quase até às omoplatas.

Morris amarra o novo fio com um nó duplo, e pensa: Estiveram sempre aqui e ele acha isso *engraçado*? Se quer ver o que é engraçado, vou dar-lhe toda a graça que ele puder aguentar. Pode morrer a rir.

Inclina-se, as mãos nos joelhos, para olhar a rapariga nos olhos.

— Vou lá acima buscar o que é meu, amiga. E matar o chato do teu irmão. Depois, volto aqui para te matar. — Beija-lhe a ponta do nariz. — A tua vida acabou. Quero que penses nisso enquanto eu estiver ausente.

Então corre até à escada.

Pete encontra-se na despensa. Só uma fresta da porta está aberta, mas basta para ver Lábios Vermelhos passar a correr, a arma vermelha e preta numa das mãos e o telemóvel de Tina na outra. Ouve o eco dos passos dele a atravessar as salas vazias, e, assim que se transformam no *tum-tum-tum* de pés a subir as escadas para o que já foi conhecido como Palácio dos Filmes de Sábado, ele corre para a cave. Larga os sapatos no caminho. Quer ter as mãos livres, mas também quer que Lábios Vermelhos saiba exatamente para onde ele foi. Talvez isso o atrase.

Tina arregala os olhos quando o vê.

— Pete! *Tira-me daqui!*

Ele aproxima-se e olha para o emaranhado de nós — fio branco, fio laranja — que prende as mãos da irmã atrás das costas e também ao cano da fornalha. Os nós estão apertados, e ele sente uma onda de desespero. Solta um dos nós laranja e as mãos dela baixam um pouco, tirando parte da pressão dos ombros. Quando começa a trabalhar no segundo, o telemóvel vibra. O lobo não encontrou nada lá em cima e está a ligar. Em vez de atender, Pete corre até à caixa sob a janela. A sua caligrafia está na parte lateral: UTENSÍLIOS DE COZINHA. Vê marcas de pés em cima e sabe a quem pertencem.

— O que estás a *fazer*? — grita Tina. — Solta-me!

Mas soltá-la é apenas parte do problema. Tirá-la dali é a outra parte, e Pete acha que não há tempo suficiente para fazer as duas coisas antes de Lábios Vermelhos voltar. Reparou no tornozelo da irmã, agora tão inchado que quase não parece um tornozelo.

Lábios Vermelhos já não está para se incomodar com o telemóvel de Tina. Grita do andar de cima. *Vocífera* do

andar de cima.

— *Onde estás, filho da puta de merda?*

Dois porquinhos na cave e o lobo mau lá em cima, pensa Pete. E não temos sequer uma casa de palha, quanto mais uma casa de tijolo.

Carrega a caixa que Lábios Vermelhos usou como apoio até ao meio da sala e abre as abas enquanto se ouvem passos na cozinha acima, dados com força suficiente para fazer as placas do isolamento térmico, penduradas entre as vigas, oscilarem um pouco. O rosto de Tina é uma máscara de horror. Pete vira a caixa, e uma enxurrada de cadernos *Moleskine* cai no chão.

— Pete! O que estás a fazer? Ele *vem aí!*

Eu sei, pensa Pete, e abre a segunda caixa. Quando acrescenta o resto dos cadernos à pilha no chão da cave, os passos em cima param. Ele viu os sapatos. Lábios Vermelhos abre a porta. Agora está a ser cauteloso. A tentar pensar.

— Peter, foste visitar a tua irmã?

— Sim — responde Pete. — Estou com ela e estou armado.

— Sabes que mais? — pergunta o lobo. — Acho que estás a mentir.

Pete abre a tampa da lata da gasolina para isqueiros e derrama-a por cima dos cadernos, molhando a pilha de histórias, poemas e devaneios meio bêbedos que muitas vezes são interrompidos a meio. Também os dois romances que encerram a história de um americano transtornado chamado Jimmy Gold, que avança aos tropeções pela década de 1960 em busca de algum tipo de redenção. Em busca, nas palavras dele, de algum tipo de merda que queira dizer alguma merda. Pete atrapalha-se a pegar no isqueiro, que lhe escorrega das mãos. Vê a sombra do

homem lá em cima agora. Também a sombra da arma.

Tina tem os olhos arregalados de pavor, o nariz e os lábios ensanguentados, e está amarrada. O filho da mãe bateu-lhe, pensa Pete. Porque fez aquilo? Ela é só uma criança.

Mas ele sabe. A irmã foi uma substituta parcialmente aceitável para a pessoa em quem Lábios Vermelhos *realmente* quer bater.

— É *melhor* acreditar — diz Pete. — É uma quarenta e cinco, bastante maior do que a sua. Estava na secretária do meu pai. Mais vale ir-se embora. Seria o mais sensato.

Por favor, Deus, *por favor*.

Mas a voz de Pete treme nas últimas palavras, sobe ao tom incerto do rapaz de treze anos que encontrou os cadernos. Lábios Vermelhos ouve, ri e começa a descer as escadas. Pete agarra de novo no isqueiro, desta vez com força, e coloca o polegar na parte de cima no momento em que Lábios Vermelhos aparece. Pete roda a pedra do isqueiro e percebe que não verificou se tinha gasolina, descuido que poderia acabar com a sua vida e com a da irmã nos próximos dez segundos. Mas a faísca faz surgir uma chama amarela robusta.

Peter segura o isqueiro trinta centímetros acima da pilha de cadernos.

— Tem razão — diz Pete. — Não tenho uma arma. Mas encontrei isto na secretária dele.

Hodges e Jerome atravessam o campo de basebol a correr. Jerome vai à frente, mas Hodges não está muito atrás. Jerome para junto ao miserável campo de basquete e

aponta para um *Subaru* verde estacionado perto do cais de carga. Hodges lê a matrícula personalizada, BOOKS4U, e assente.

Recomeçaram a correr quando ouvem um grito furioso vindo de dentro do centro recreativo:

— *Onde estás, filho da puta de merda?*

Só pode ser Bellamy. O filho da puta de merda é sem dúvida Peter Saubers. O rapaz entrou com a chave do pai, o que quer dizer que a porta da frente está aberta. Hodges aponta para si mesmo e para o edifício. Jerome assente, mas diz em voz baixa:

— Está desarmado.

— É verdade, mas a minha força é a de dez homens, porque o meu coração é puro.

— Hã?

— Fica aqui, Jerome. Estou a falar a sério.

— Tem a certeza?

— Tenho. Não tens uma faca, por acaso? Ou um canivete?

— Não. Desculpe.

— Tudo bem, então dá uma olhadela por aí. Encontra uma garrafa. Tem de haver alguma, os adolescentes devem vir aqui beber cerveja depois de escurecer. Parte a garrafa e corta os pneus. Se as coisas correrem mal, ele não vai usar o carro do Halliday para fugir.

O rosto de Jerome diz que não gosta muito das possíveis implicações daquela ordem. Segura o braço de Hodges.

— Nada de ataques suicidas, Bill, está a ouvir? Não tem de reparar nenhum erro.

— Eu sei.

A verdade é que a sua opinião é diferente. Quatro anos antes, a mulher que amava morreu numa explosão destinada a ele. Não há um dia sequer em que não recorde

Janey, nem uma noite em que não fique na cama a pensar: Se eu tivesse sido um pouco mais rápido. Um pouco mais inteligente.

Também não foi suficientemente rápido nem inteligente desta vez, e dizer para si mesmo que a situação se desenvolveu demasiado depressa não vai tirar aqueles miúdos da confusão potencialmente mortal em que estão. Só tem a certeza de que nem Tina nem o irmão podem morrer com ele por perto. Vai fazer o que for preciso para impedir que isso aconteça.

Dá uma palmadinha no rosto de Jerome.

— Confia em mim, rapaz. Vou fazer a minha parte. Tu trata daqueles pneus. E podes soltar alguns fios também.

Hodges começa a afastar-se e olha para trás só uma vez, quando chega à esquina do edifício. Jerome está a observá-lo, infeliz, mas daquela vez não o seguiu. E isso é bom. A única coisa pior do que Bellamy matar Pete e Tina seria matar Jerome.

Dobra a esquina e corre para a frente do edifício.

Aquela porta, assim como a do número 23 da Sycamore Street, está aberta.

54

Lábios Vermelhos olha para a pilha de cadernos *Moleskine* como que hipnotizado. Por fim, levanta o rosto para Pete. E também a arma.

— Força — diz Pete. — Faça isso e veja o que vai acontecer aos cadernos quando eu largar o isqueiro. Só consegui encharcar bem os de cima, mas agora a gasolina já está a escorrer e a espalhar-se. E eles são velhos. Vão arder depressa. Talvez as outras merdas aqui em baixo

também.

— Então é um impasse — comenta Lábios Vermelhos.
— O único problema disso, Peter, e estou a falar da tua perspetiva agora, é que a minha arma vai durar mais do que o teu isqueiro. O que vais fazer quando a gasolina acabar?

Está a tentar soar calmo e no comando, mas os seus olhos não param de saltar entre o isqueiro e os cadernos. As capas dos *Moleskines* brilham molhadas, como pele de foca.

— Saberei quando isso estiver prestes a acontecer — diz Pete. — Assim que a chama começar a baixar e ficar azul em vez de amarela, eu largo-o. E então, *puf*.

— Não vais fazer isso.

O lábio superior do lobo contrai-se, expondo dentes amarelos. As suas presas.

— Porque não? São só palavras. Em comparação com a minha irmã, não querem dizer merda nenhuma.

— A sério? — Lábios Vermelhos aponta a arma para Tina. — Então apaga o isqueiro ou mato-a à tua frente.

Um as mãos apertam dolorosamente o coração de Pete quando a arma é apontada à barriga da irmã, mas ele não fecha o isqueiro. Inclina-se lentamente, aproximando-o dos cadernos.

— Há mais dois livros do Jimmy Gold aqui, sabia?

— Estás a mentir. — Lábios Vermelhos ainda aponta a arma para Tina, mas os olhos foram atraídos, sem o seu consentimento, ao que parece, para os *Moleskines*. — Há só um. Sobre ele ir para oeste.

— Dois — repete Pete. — *O Corredor vai para Oeste* é bom, mas *O Corredor Levanta a Bandeira* é a melhor coisa que ele já escreveu. E é longo. Um épico. Que pena que nunca o irá ler.

Um rubor está a subir pelas faces pálidas do homem.

— Como te atreves? Como te atreves a *provocar-me*? Dei a minha *vida* por esses livros! *Matei* por esses livros!

— Eu sei — diz Pete. — E, como sei que é um fã, tenho um miminho para si: no último livro, o Jimmy reencontra a Andrea Stone. Que tal?

Os olhos do lobo arregalam-se.

— A Andrea? Ele encontra-a? Como? O que acontece?

Naquelas circunstâncias, a pergunta é mais do que bizarra, mas também é sincera. Honesta. Pete percebe que a Andrea fictícia, o primeiro amor de Jimmy, é real para aquele homem de uma forma que a sua irmã não é. *Nenhum* ser humano é tão real para Lábios Vermelhos como Jimmy Gold, Andrea Stone, o senhor Meeker, Pierre Retonne (também conhecido como o Vendedor de Carros de Mau Agoiro) e tudo o resto. Isso é um sinal de insanidade verdadeira, mas também torna Pete maluco, porque ele entende como aquele lunático se sente. Perfeitamente. Ficou igualmente animado, até mesmo *maravilhado*, quando Jimmy viu Andrea no Grant Park, durante os motins de Chicago em 1968. Surgiram lágrimas nos seus olhos. Essas lágrimas, percebe Pete mesmo agora, *principalmente* agora, porque a vida deles está em perigo, revelam o poder profundo da fantasia. Foi o que levou milhares a chorar quando Charles Dickens morreu de enfarte. É o motivo pelo qual, durante anos, um desconhecido depositou uma rosa no túmulo de Edgar Allan Poe todos os dias 19 de janeiro, o aniversário do escritor. Também é o que faria Pete odiar aquele homem mesmo que ele não estivesse a apontar uma arma ao tronco trémulo e vulnerável da irmã. Lábios Vermelhos tirou a vida a um grande escritor, e porquê? Porque Rothstein ousou seguir uma personagem que foi numa direção de que

Lábios Vermelhos não gostou? Sim, era isso. Aquele homem matara-o por causa de uma convicção: a convicção de que os textos eram mais importantes do que o escritor.

Lenta e deliberadamente, Pete abana a cabeça.

— Está tudo nos cadernos. *O Corredor Levanta a Bandeira* ocupa dezasseis. Pode lê-los, mas nunca vai ouvir nada de mim. — Pete sorri. — Não gosto de *spoilers*.

— Os cadernos são meus, seu estupor! *Meus!*

— Vão transformar-se em cinzas se não deixar a minha irmã ir-se embora.

— Pete, eu nem consigo *andar!* — choraminga Tina.

Ele não pode olhar para a irmã, só para Lábios Vermelhos. Só para o lobo.

— Como se chama? Acho que mereço saber.

Lábios Vermelhos encolhe os ombros, como se isso já não importasse.

— Morris Bellamy.

— Ponha a arma no chão, senhor Bellamy. Mande-a para baixo da caldeira. Assim que fizer isso, eu fecho o isqueiro. Desamarro a minha irmã, e vamos embora. Vou dar-lhe tempo para fugir com os cadernos. Só quero levar a Tina para casa e chamar uma ambulância para a minha mãe.

— E devo acreditar em ti? — rosna Lábios Vermelhos.

Pete baixa mais o isqueiro.

— Acredite ou veja os cadernos arderem. Decida depressa. Não sei quando foi a última vez que o meu pai encheu esta coisa.

Algo chama a atenção na visão periférica de Pete. Alguma coisa a mexer-se nas escadas. Ele não se atreve a olhar. Se olhar, Lábios Vermelhos também vai olhar. E quase o apanhei, pensa Pete.

Parece que apanhou mesmo. Lábios Vermelhos começa

a baixar a arma. Por um momento, aparenta a idade que tem, até mais. Em seguida, levanta a arma e aponta para Tina de novo.

— Não a vou matar. — Fala no tom decisivo de um general que acabou de tomar uma decisão crucial no campo de batalha. — Pelo menos de início. Vou dar-lhe um tiro na perna. Podes ouvi-la gritar. Se pegares fogo aos cadernos depois disso, disparo-lhe para a outra perna. Depois, para a barriga. Ela vai morrer, mas terá tempo suficiente para te odiar, isto se já não te ode...

Dois baques soam à esquerda de Morris. São os sapatos de Pete, a caírem no fundo das escadas. Lábios Vermelhos, numa reação automática, vira-se naquela direção e dispara. A arma é pequena, mas, no espaço fechado da cave, o barulho é alto. Pete assusta-se, e o isqueiro cai-lhe da mão. Com um som explosivo, os cadernos no cimo da pilha começam a arder.

— *Não!* — grita Morris, correndo para longe de Hodges no momento em que ele desce as escadas tão depressa que mal consegue manter o equilíbrio.

Morris tem Pete à sua frente. Levanta a arma para disparar, mas, antes que consiga, Tina lança-se para a frente mesmo amarrada e dá-lhe um pontapé na parte de trás da perna com o pé bom. A bala passa entre o pescoço e o ombro de Pete.

Enquanto isso, os cadernos continuam a arder.

Hodges aproxima-se de Morris antes que ele possa disparar de novo e segura a mão com a arma. O ex-detetive é mais pesado e está em melhor forma, mas Morris Bellamy tem a força da insanidade. Dançam como bêbedos pela cave, com Hodges a segurar o pulso direito de Morris para que a pistola aponte para o teto, e Morris a usar a mão esquerda para atacar o rosto de Hodges, tentando enfiar as

unhas nos olhos dele.

Pete contorna os cadernos, que estão a arder agora, pois a gasolina para isqueiros penetrou na pilha, e segura Morris por trás. Morris vira a cabeça, mostra os dentes e tenta mordê-lo. Os seus olhos giram nas órbitas.

— *A mão! Segura-lhe a mão!* — grita Hodges. Cambalearam para baixo das escadas. O rosto de Hodges está coberto de sangue e tem vários pontos em carne viva. — Segura-a antes que ele me esfole vivo!

Pete segura a mão esquerda de Bellamy. Atrás deles, Tina está a gritar. Hodges soca o rosto de Bellamy duas vezes: são golpes fortes e intensos. Isso parece surtir efeito; o rosto fica flácido, e os joelhos cedem. Tina continua a gritar, e a cave está mais clara.

— *O teto, Petie! O teto está a pegar fogo!* — grita a irmã.

Morris está de joelhos, com a cabeça baixa, sangue a escorrer do queixo, dos lábios e do nariz partido. Hodges segura-lhe o pulso direito e torce-o. Há um estalido quando o pulso de Morris se parte, e a pequena pistola cai ao chão. Hodges tem um momento para pensar que acabou quando o filho da mãe levanta a mão livre e lhe dá um soco nos tomates, e uma dor líquida propaga-se pelo seu ventre.

Morris passa por baixo das pernas abertas dele. O ex-detetive está ofegante, com as mãos sobre a virilha latejante.

— *Petie, Petie, o teto!*

Pete pensa que Bellamy vai atrás da arma, mas o homem ignora-a completamente. O objetivo dele são os cadernos. Convertidos já numa fogueira, as capas a encolherem, as páginas a ficarem castanhas e a soltarem fagulhas que atearam várias placas de isolamento. O fogo começa a espalhar-se acima deles, soltando bocados do teto em chamas. Um deles cai na cabeça de Tina, e Pete sente o

aroma a cabelo queimado a juntar-se ao de papel e isolamento. Ela sacode a cabeça com um grito de dor.

Pete corre até à irmã e pelo caminho pontapeia a pistola para o fundo da cave. Bate no cabelo fumegante e começa a tentar soltar os nós.

— *Não!* — grita Morris, mas não para Pete.

Está de joelhos em frente aos cadernos como um fanático religioso diante de um altar em chamas. Estica a mão para as chamas e tenta empurrar uma pilha para o lado. Isso levanta uma nuvem nova de fagulhas, que se elevam em espiral.

— *Não, não, não, não!*

Hodges quer ajudar Pete e a irmã, mas o máximo que consegue são uns passos trôpegos. A dor nas virilhas está a espalhar-se pelas pernas, afrouxando os músculos que ele se esforçou tanto por endurecer. Ainda assim, consegue começar a trabalhar num dos nós no fio laranja. Mais uma vez, deseja ter uma faca, mas seria preciso um cutelo para cortar aquilo. Aquela merda é *grossa*.

Mais tiras de isolamento térmico em chamas caem em volta deles. Hodges afasta-as da rapariga, cheio de medo de que a blusa fina pegue fogo. O nó começa a alargar-se, finalmente, mas ela está a debater-se...

— Para, Tina. — O suor escorre pelo rosto de Pete. A cave está a ficar quente. — São nós corrediços, estás a apertá-los novamente, tens de ficar quieta.

Os gritos de Morris estão a transformar-se em uivos de dor. Hodges não tem tempo de olhar para ele. O nó que está a puxar fica de repente frouxo. Empurra Tina para longe da caldeira, ainda com as mãos amarradas atrás das costas.

Não será possível sair pelas escadas; os primeiros degraus estão em chamas e os últimos começam a arder. As

mesas, cadeiras, caixas de papelada guardada: tudo em chamas. Morris Bellamy também está em chamas. O casaco e a camisa por baixo ardem. Mas ele continua a remexer na fogueira, tentando agarrar qualquer caderno que não esteja a arder. Os seus dedos estão a ficar pretos. Embora a dor deva ser lancinante, não para. Hodges tem tempo de pensar no conto de fadas em que o lobo desceu pela chaminé e caiu numa panela de água a ferver. A sua filha, Allison, não gostava de a ouvir. Dizia que metia muito med...

— Bill! Bill! Aqui!

Hodges vê Jerome numa das janelas da cave. Lembra-se de ter dito *Vocês têm mesmo cérebro de galinha*, e agora fica feliz por se ter enganado. Jerome está deitado de barriga para baixo, com os braços esticados para dentro da cave.

— Icem-na! Icem-na! Depressa, antes que assem!

É Pete quem carrega Tina até à janela da cave no meio das fagulhas que caem e das tiras de isolamento em chamas. Uma cai-lhe nas costas, e Hodges afasta-a. Pete iça a irmã. Jerome segura-a por baixo dos braços e puxa, com o cabo de computador que Morris usou para amarrar as mãos dela a arrastar-se atrás.

— Agora tu — diz Hodges, ofegante.

Pete abana a cabeça.

— O senhor primeiro. — Olha para Jerome. — Tu puxas, eu empurro.

— Tudo bem — concorda Jerome. — Levante os braços, Bill.

Não há tempo para discutir. Hodges levanta os braços e sente-os serem agarrados. Tem tempo de pensar: é a sensação de usar algemas. Mas logo a seguir é levantado. De início é um processo lento, pois ele é bastante mais pesado do que a rapariga, mas duas mãos firmam-se no seu traseiro e empurram. Ele sobe até ao ar puro, quente, mas

bastante mais fresco do que o da cave, e aterra ao lado de Tina Saubers. Jerome estica os braços pela janela de novo.

— Anda, rapaz! Depressa!

Pete ergue os braços, e Jerome segura-o pelos pulsos. A cave está a encher-se de fumo, e Pete começa a tossir, quase a vomitar, enquanto usa os pés para se apoiar na parede. Desliza pela janela, vira-se e olha para dentro da cave.

Vê um espantalho carbonizado de joelhos, a remexer nos cadernos em chamas com braços de fogo. O rosto de Morris está a derreter. Ele grita e começa a abraçar os restos ardentes do trabalho de Rothstein contra o peito queimado.

— Não olhes para aquilo, rapaz — pede Hodges, pousando a mão no ombro dele. — Não.

Mas Pete quer olhar. Precisa de olhar.

Pensa: Podia ser eu a arder ali.

Pensa: Não. Porque eu sei a diferença. Sei o que realmente importa.

Pensa: Meu Deus, por favor, se estiveres aí... faz com que isso seja verdade.

55

Pete permite que Jerome carregue Tina até ao campo de basebol, depois pede:

— Deixa-me levá-la, por favor.

Jerome observa-o: o rosto pálido e em choque, uma orelha queimada, os buracos na camisa.

— Tens a certeza?

— Tenho.

Tina já está a esticar os braços. Manteve-se em silêncio

desde que foi tirada da cave em chamas, mas, quando Pete a agarra, abraça o pescoço dele, encosta o rosto ao ombro do irmão e começa a chorar alto.

Holly vem a correr pelo trilho.

— Graças a Deus! — exclama ela. — Aí estão vocês! Onde está o Bellamy?

— Na cave — responde Hodges. — E, se ainda não estiver morto, com certeza deseja estar. Trouxeste o telemóvel? Liga para os bombeiros.

— A nossa mãe está bem? — pergunta Pete.

— Acho que irá ficar — responde Holly, tirando o telemóvel do cinto. — A ambulância vai levá-la para o Kiner Memorial. Ela estava alerta e a falar. Os paramédicos disseram que os sinais vitais estão bons.

— Graças a Deus. — Pete começa a chorar, e as lágrimas abrem caminho nas manchas de fuligem do seu rosto. — Se ela morresse, eu matava-me. Porque isto é tudo culpa minha.

— Não — diz Hodges.

Pete olha para ele. Tina também está a olhar, ainda abraçada ao pescoço do irmão.

— Encontraste os cadernos e o dinheiro, não foi?

— Sim. Por acaso. Estavam enterrados numa arca perto do riacho.

— Qualquer pessoa teria feito o mesmo — afirma Jerome. — Não é verdade, Bill?

— Sim — responde Bill. — Pela família, fazemos tudo o que podemos. Tal como foste atrás do Bellamy quando ele raptou a Tina.

— Quem me dera nunca ter encontrado aquela arca. — O que Pete não diz, nem nunca vai dizer, é o quanto dói os cadernos terem sido destruídos. Saber isso queima-o como fogo. Compreende o que Morris sentiu, e isso também o

queima como fogo. — Quem me dera que tivesse ficado enterrada.

— De boas intenções está o inferno cheio — diz Hodges. — Vamos. Tenho de pôr gelo nisto antes que o inchaço piore.

— Inchaço onde? — pergunta Holly. — Pareces-me bem.

Hodges passa o braço em volta dos ombros dela. Às vezes, Holly fica tensa quando ele faz aquilo, mas não hoje, então ele também lhe dá um beijo no rosto. Isso faz Holly esboçar um sorriso desconfiado.

— Ele acertou-te onde mais dói aos homens?

— Sim. Agora chiu.

Caminham devagar, em parte por causa de Hodges, em parte por causa de Pete. A irmã está a ficar pesada, mas ele não quer pousá-la. Quer carregá-la até casa.

¹ Puxa-me a pila. (*N. da T.*)

DEPOIS

PIQUENIQUE

Na sexta antes do fim de semana do Dia do Trabalho, um *Jeep Wrangler*, já com alguns anos mas adorado pelo proprietário, entra no parque de estacionamento perto dos campos da Liga Infantil de McGinnis Park e para ao lado de um *Mercedes* azul que também já tem alguns anos. Jerome Robinson desce o declive relvado na direção de uma mesa de piquenique, onde já há comida posta. Leva um saco de papel.

— Oi, Hollyberry!

Ela vira-se.

— Quantas vezes te pedi para não me chamares isso? Cem? Mil?

Mas está a sorrir e, quando ele a abraça, ela retribui. Jerome não exagera; dá-lhe um bom apertão e pergunta o que há para o almoço.

— Salada de frango, salada de atum e salada de couve. Também trouxe uma sanduíche de rosbife. É tua, se quiseres. Deixei de comer carne vermelha. Altera o meu ritmo circadiano.

— Então vou livrar-te dessa tentação.

Sentam-se. Holly serve chá gelado em copos de papel. Brindam ao fim do verão e, enquanto comem, falam de filmes e séries de televisão, evitando temporariamente o motivo de ali estarem: é uma despedida, pelo menos temporária.

— Pena o Bill não ter podido vir — diz Jerome quando Holly lhe entrega uma fatia de tarte de chocolate com natas. — Lembras-te do piquenique que fizemos aqui depois da audiência dele? Para comemorar o facto de aquele juiz decidir não o mandar para a prisão?

— Lembro-me perfeitamente. Querias vir de autocarro.

— Porque o autocarro ser de graça! — exclama Tyrone Feelgood. — Eu aproveitar tudo o que ser de graça, menina Holly!

— Essa brincadeira já perdeu a graça, Jerome.

Ele suspira.

— Acho que perdeu mesmo.

— O Bill recebeu um telefonema do Pete Saubers — disse Holly. — Foi por isso que não pôde vir. Manda-te um abraço e diz que quer ver-te antes de voltares para a faculdade. Limpa o nariz. Está sujo de chocolate.

Jerome resiste à vontade de dizer *Chocolate ser a minha cor!*

— O Pete está bem?

— Está. Tinha uma boa notícia que queria dar pessoalmente ao Bill. Não consigo acabar a minha tarte. Queres? A menos que não queiras comer os meus restos. Não me importo se não quiseses, mas não estou constipada nem nada.

— Eu até usaria a tua escova de dentes — responde Jerome —, mas estou cheio.

— Que nojo! — exclama Holly. — Eu nunca usaria a escova de dentes de outra pessoa.

Recolhe os copos e pratos de papel e leva-os para um caixote do lixo próximo.

— A que horas saís amanhã? — pergunta Jerome.

— O sol nasce às seis e cinquenta e cinco. Espero estar na estrada no máximo às sete e meia.

Holly vai a Cincinnati de carro visitar a mãe. Sozinha. Jerome mal acredita. Está feliz por ela, mas também com medo. E se alguma coisa correr mal e ela se passar?

— Para de te preocupar — pede ela, voltando a sentar-se. — Eu fico bem. Vou manter-me nas autoestradas, não vou conduzir à noite, e a previsão é de tempo limpo. Além do mais, tenho as bandas sonoras dos meus filmes preferidos: *Caminho para Perdição*, *Os Condenados de Shawshank* e *O Padrinho: Parte 2*. A melhor, na minha opinião, embora Thomas Newman seja, de modo geral, bastante melhor do que Nino Rota. A música de Thomas Newman é *misteriosa*.

— John Williams, *A Lista de Schindler* — responde Jerome. — Nada a supera.

— Jerome, não quero dizer que não sabes do que estás a falar, mas... na verdade, não sabes.

Ele ri-se, encantado.

— Levo o meu telemóvel e o meu *iPad*, os dois carregados. O *Mercedes* acabou de ir à revisão. E são menos de setecentos quilómetros.

— Tudo bem. Liga se precisares de alguma coisa. Para mim ou para o Bill.

— Claro. Quando voltas para a faculdade?

— Na próxima semana.

— Acabaste o trabalho nas docas?

— Acabei e ainda bem. O trabalho físico pode até ser bom para o corpo, mas não acho que enobreça a alma.

Holly ainda tem dificuldade em olhar nos olhos até dos amigos mais próximos, mas faz um esforço para olhar nos de Jerome.

— O Pete está bem, a Tina está bem e a mãe deles está a recuperar. Isso é tudo ótimo, mas o *Bill* está bem? Diz-me a verdade.

— Não sei o que queres dizer. — Agora é Jerome quem tem dificuldade em manter contacto visual.

— Ele está demasiado magro, para começar. Levou o esquema de exercícios e saladas longe de mais. Mas não é com isso que estou realmente preocupada.

— Com o quê, então? — Mas Jerome sabe, e não está admirado por *ela* saber, embora Bill pense que conseguiu esconder aquilo dela. Holly tem as suas artes.

Ela baixa a voz como se tivesse medo de ser ouvida, apesar de não haver ninguém a centenas de metros em qualquer direção.

— Com que frequência o visita?

Jerome não precisa de perguntar de quem ela está a falar.

— Não sei.

— Mais de uma vez por mês?

— Acho que sim.

— Uma vez por semana?

— Acho que não tanto...

Mas quem sabe?

— *Porquê?* Ele é... — Os lábios de Holly começam a tremer. — O Brady Hartsfield é quase um *vegetal*!

— Não te podes culpar por isso, Holly. Não podes mesmo. Bateste-lhe porque ele ia fazer explodir milhares de adolescentes.

Tenta tocar na mão dela, mas Holly afasta-a.

— *Não me culpo!* Fazia-o de novo. De novo e de novo e de novo! Mas não me agrada pensar no Bill obcecado por ele. Sei o que é uma obsessão e *não é agradável!*

Cruza os braços, um gesto antigo de conforto que tinha praticamente deixado de lado.

— Acho que não é exatamente obsessão. — Jerome fala com cautela, tateando o caminho. — Não creio que seja por

causa do passado.

— Então qual pode ser o motivo? Porque aquele monstro não tem futuro!

O Bill não tem assim tanta certeza, pensa Jerome, mas nunca o diria. Holly está melhor, mas ainda é frágil. E, como ela mesma disse, sabe o que é uma obsessão. Além do mais, não faz ideia do que significa o interesse contínuo de Bill por Brady. Tem apenas uma intuição. Um palpite.

— Esquece. — Desta vez, quando Jerome lhe pega na mão, Holly deixa, e conversam sobre outras coisas durante algum tempo. Em seguida, ele olha para o relógio. — Tenho de ir. Prometi ir buscar a Barbara e a Tina ao ringue de patinagem.

— A Tina está apaixonada por ti — diz Holly com a objetividade de sempre enquanto sobem o declive até ao estacionamento.

— Se estiver, vai passar — afirma ele. — Vou para Cambridge, e em breve um miúdo giro vai aparecer na vida dela. E então a Tina há de escrever o nome dele nos cadernos.

— Suponho que sim — concorda Holly. — Normalmente é o que acontece, não é? Só não quero que gozes com ela. Acharia que estavas a ser mau e ficaria triste.

— Não o farei.

Chegaram aos carros, e, mais uma vez, Holly obriga-se a olhar diretamente no rosto dele.

— *Eu* não estou apaixonada por ti, não como a Tina está, mas amo-te muito na mesma. Portanto, tem cuidado, Jerome. Alguns universitários fazem coisas idiotas. Não sejas um deles.

Dessa vez, é ela quem o abraça.

— Ei, quase me esquecia! — diz Jerome. — Trouxe-te

uma pequena lembrança. É uma *t-shirt*, mas acho que não vais querer usá-la quando visitares a tua mãe.

Entrega-lhe o saco. Ela tira uma *t-shirt* vermelha e desdobra-a. Impresso à frente, a preto, lê-se:

**ESTA MERDA NÃO QUER DIZER
MERDA NENHUMA**

Jimmy Gold

— Vendem-nas na livraria do City College. Comprei um XL, para o caso de a quiseres usar como camisa de dormir.

— Observa o rosto dela enquanto Holly considera as palavras estampadas. — Claro que podes trocá-la por outra coisa se não gostares.

— Gosto muito — diz ela, e esboça um sorriso. É o sorriso que Hodges adora, o que a torna linda. — E *vou* usá-la quando visitar a minha mãe. Só para a irritar.

Jerome parece tão admirado que ela ri.

— Nunca tens vontade de irritar a tua mãe?

— Às vezes. E escuta, Holly... também te amo. Sabes isso, não sabes?

— Sei — responde ela, segurando a *t-shirt* contra o peito. — E fico feliz. Essa merda quer dizer muita coisa.

ARCA

Hodges sai da Birch Street e percorre o trilho no terreno baldio; encontra Pete sentado na margem do riacho com os joelhos contra o peito. Ali perto, uma árvore pequena projeta-se acima da água, que agora não passa de um fiozinho depois de um verão longo e quente. Em baixo dela, o buraco onde a arca estava enterrada foi escavado novamente. A arca está na diagonal ali perto. Parece velha, cansada e algo sinistra, um viajante do tempo chegado de um ano em que o *disco sound* ainda estava na berra. Há um tripé de fotógrafo ali perto. Há também dois sacos que parecem daqueles que os profissionais do ramo levam quando viajam.

— A famosa arca — diz Hodges, sentando-se ao lado de Pete.

O rapaz assente.

— Sim. A famosa arca. O fotógrafo e o assistente foram almoçar, mas acho que vão voltar em breve. Não pareceram animados com nenhum dos restaurantes da zona. São de Nova Iorque. — Encolhe os ombros, como se isso explicasse tudo. — Primeiro, o tipo queria que eu me sentasse nela e apoiasse o queixo no punho. Como aquela estátua famosa, sabe? Fi-lo mudar de ideias, mas não foi fácil.

— Isto é para o jornal local?

Pete abana a cabeça e começa a sorrir.

— Essa é a minha boa notícia, senhor Hodges. É para a *New Yorker*. Querem um artigo sobre o que aconteceu. E não um artigo pequeno. Querem-no para as páginas centrais da revista. Uma história grande, talvez a maior que já publicaram.

— Isso é ótimo!

— Vai ser, se eu não fizer merda.

Hodges observa-o por um momento.

— Espera. Vais escrevê-la *tu*?

— Sim. Primeiro, queriam mandar um dos repórteres deles, George Packer, um dos melhores, para me entrevistar e escrever a história. É uma peça importante porque John Rothstein foi uma das suas estrelas literárias no passado, juntamente com John Updike, Shirley Jackson... sabe a quem me refiro.

Hodges não sabe, mas assente.

— Era Rothstein que eles procuravam quando queriam histórias sobre a angústia dos adolescentes, e depois sobre a angústia da classe média. Como John Cheever. Estou a ler Cheever agora. Conhece o conto dele chamado «O Nadador»?

Hodges abana a cabeça.

— Devia ler. É incrível. Enfim, eles querem a história dos cadernos. Inteira, do princípio ao fim. Isso foi depois de três ou quatro especialistas em caligrafia analisarem as fotocópias que tirei, e alguns fragmentos.

Hodges *sabe* dos fragmentos. Havia pedaços chamuscados suficientes na cave carbonizada para validar a alegação de Pete de que os cadernos queimados pertenceram a Rothstein. Os polícias que estavam à procura de Morris Bellamy confirmaram a história de Pete. Da qual Hodges nunca duvidara.

— Disseste não ao Packer, imagino.

— Disse não a *toda a gente*. Se a história vai ser escrita, tem de ser por mim. Não só porque eu estava lá, mas porque ler o John Rothstein mudou a minha...

Ele hesita e abana a cabeça.

— Não. Eu ia dizer que o trabalho dele mudou a minha vida, mas não é verdade. Acho que um adolescente não tem muita vida para ser mudada. Acabei de fazer dezoito anos. Acho que o que quero dizer é que o trabalho dele mudou o meu *coração*.

Hodges sorri.

— Percebo isso.

— O editor encarregado do artigo disse que eu era demasiado novo. Pelo menos é melhor do que dizer que eu não tinha talento, certo? Então enviei-lhe amostras de textos. Isso ajudou. Além do mais, enfrentei-o. Não foi muito difícil. Negociar com um editor de Nova Iorque não pareceu nada de especial depois de enfrentar o Bellamy. Isso foi difícil.

Pete encolhe ombros.

— Vão modificá-la como quiserem, claro. Já li o suficiente para saber como é o processo e não me importo. Mas, se quiserem publicar, vai ter de ser com o meu nome.

— És um tipo duro, Pete.

Ele olha para a arca e, por um momento, parece bastante mais velho do que os seus dezoito anos.

— A vida é dura. Descobri isso depois de o meu pai ser atropelado no Centro Cívico.

Nenhuma resposta parece adequada, então Hodges fica em silêncio.

— Sabe o que eles mais querem na *New Yorker*, não sabe?

Hodges não passou quase trinta anos como detetive em vão.

— Um resumo dos dois últimos livros, seria o meu palpite. Jimmy Gold, a irmã e todos os amigos. Quem fez o quê com quem, e como, e quando, e como acabou a história.

— É. E sou o único que sabe o que aconteceu. O que me leva à parte das desculpas.

Olha para Hodges solenemente.

— Pete, não é preciso desculpare-te. Não há acusações contra ti e não tenho ressentimentos. A Holly e o Jerome também não. Estamos apenas contentes por a tua mãe e irmã se encontrarem bem.

— Isso quase não aconteceu. Se eu não o tivesse ignorado naquele dia no carro e não o tivesse despistado na farmácia, aposto que o Bellamy nunca teria ido a minha casa. A Tina ainda tem pesadelos.

— Ela culpa-te?

— Na verdade... não.

— Então, pronto — diz Hodges. — Tinhas uma pistola encostada à cabeça. Em sentido figurado e literal. O Halliday meteu-te medo, e não tinhas como saber que ele estava morto quando foste à livraria naquele dia. Quanto ao Bellamy, nem sabias que ele ainda estava vivo, muito menos que tinha saído da prisão.

— Isso é tudo verdade, mas o Halliday ter-me ameaçado não foi o único motivo de eu não querer falar consigo. Ainda achava que tinha uma possibilidade de ficar com os cadernos, sabe? Foi *por isso* que não quis falar. Foi por isso que fugi. Queria ficar com eles. Não era um pensamento racional, mas estava lá, bem no fundo. Aqueles cadernos... bem... e tenho de dizer isto no artigo que vou escrever para a *New Yorker*... eles enfeitiçaram-me. Tenho de pedir desculpa, porque na verdade eu não era assim tão diferente do Morris Bellamy.

Hodges segura Pete pelos ombros e fita-o.

— Se isso fosse verdade, não terias ido ao centro recreativo preparado para queimá-los.

— Larguei o isqueiro por acidente — declara Pete, baixinho. — O tiro assustou-me. *Acho* que o teria feito de qualquer forma, se ele tivesse disparado sobre a Tina, mas nunca vou ter a certeza.

— *Eu* tenho — afirma Hodges. — E tenho a certeza por ambos.

— Sim?

— Sim. Então, quanto te vão pagar pelo artigo?

— Quinze mil dólares.

Hodges assobia.

— Recebo-os se o meu artigo for aprovado, mas vai ser aprovado, sim. Pedi ajuda ao senhor Ricker, e o texto está a ficar muito bom. Já escrevi o rascunho da primeira metade. A ficção não é o meu forte, mas sou bom em coisas assim. Posso fazer carreira disto um dia, quem sabe.

— Que vais fazer com o dinheiro? Guardá-lo para a faculdade?

Ele abana a cabeça.

— Eu vou entrar na faculdade de uma forma ou de outra. Isso não me preocupa. O dinheiro é para Chapel Ridge. A Tina vai para lá este ano. Nem imagina como ela está animada.

— Isso é bom — diz Hodges. — Isso é muito bom.

Ficam em silêncio algum tempo, a olhar para a arca. Ouvem o som de passos vindo do trilho e vozes masculinas. Os dois homens que aparecem vestem camisas de xadrez quase idênticas e calças de ganga ainda com as marcas das dobras da loja. Hodges desconfia que pensam que é assim que toda a gente se veste no interior do país. Um tem uma máquina fotográfica ao pescoço; o outro segura um

holofote.

— Como foi o almoço? — pergunta Pete quando eles atravessam o riacho pelas pedras.

— Bom — responde o da máquina. — Fomos ao Denny's. Comemos uma sanduíche Moons Over my Hammy. Só os *hash browns* eram um sonho culinário. Anda, Pete. Vamos começar com algumas fotos tuas ajoelhado junto à arca. Também quero tirar algumas de ti a olhar lá para dentro.

— Mas está vazia — protesta Pete.

O fotógrafo toca no meio dos olhos.

— As pessoas vão *imaginar*. Vão pensar: «Como deve ter sido quando ele abriu aquela arca pela primeira vez e viu todos aqueles tesouros literários?» Estás a ver?

Pete levanta-se e limpa a parte de trás de umas calças de ganga que estão bastante mais desbotadas e com aparência natural.

— Quer ficar para a sessão fotográfica, senhor Hodges? Nem todo o rapaz de dezoito anos tem uma foto de página inteira publicada na *New Yorker*, ao lado de um artigo que ele mesmo escreveu.

— Gostaria muito, Pete, mas tenho um compromisso.

— Tudo bem. Obrigado por vir e me ouvir.

— Podes pôr mais uma coisa na tua história?

— O quê?

— Que isto não começou quando encontraste a arca. — Hodges olha para ela, preta e coçada, uma relíquia riscada com tampa bolorenta. — Começou com o homem que a pôs ali. E quando sentires vontade de te culpar pela forma como as coisas terminaram, talvez queiras lembrar-te do que o Jimmy Gold passa a vida a dizer. Essa merda não quer dizer merda nenhuma.

Pete ri-se e estende a mão.

— O senhor Hodges é um bom homem.

Hodges aperta-a.

— Trata-me por Bill. Agora, vai sorrir para a objetiva.

Detém-se do outro lado do riacho e olha para trás. Seguindo as orientações do fotógrafo, Pete ajoelha-se com uma das mãos apoiadas na tampa da arca. É a pose clássica de conquistador, lembrando a Hodges uma foto que viu de Ernest Hemingway ajoelhado ao lado de um leão que matou. Mas o rosto de Pete não tem a confiança complacente, sorridente e estúpida de Hemingway. O rosto de Pete diz: *Nunca fui dono disto*.

Não deixes de pensar assim, rapaz, pensa Hodges, enquanto volta para o carro.

Não deixes de pensar assim.

CLAC

Disse a Pete que tinha um compromisso. Isso não é bem verdade. Podia ter dito que precisava de trabalhar num caso, mas isso também não é propriamente verdade. Embora tivesse sido mais próximo.

Pouco antes de sair para o encontro com Pete, recebeu um telefonema de Becky Helmington, da Clínica de Lesões Cerebrais Traumáticas. Paga-lhe uma pequena quantia mensal para o manter atualizado sobre Brady Hartsfield, o paciente a quem Hodges chama «o meu rapaz». Ela conta-lhe qualquer ocorrência estranha e todos os boatos na ala. A parte racional da mente de Hodges insiste que esses boatos não são verdadeiros e que certas ocorrências estranhas têm explicações lógicas, mas há mais na mente dele do que a parte racional que opera à superfície. Debaixo dela há um oceano subterrâneo (que existe dentro de todas as cabeças, acredita ele), onde habitam criaturas estranhas.

— Como está o seu filho? — perguntou a Becky. — Espero que não tenha caído de nenhuma árvore ultimamente.

— Não, o Robby está bem, cheio de energia. Já leu o jornal de hoje, senhor Hodges?

— Ainda nem o abri.

Nesta nova era, em que tudo está na ponta dos dedos na Internet, há dias em que ele nem chega a abrir o jornal.

Fica ali, ao lado da sua poltrona *La-Z-Boy*, como uma criança abandonada.

— Veja a parte das notícias locais, na página dois, e depois ligue-me.

Cinco minutos depois, ele ligou.

— Caramba, Becky!

— Exatamente o que pensei. Ela era boa rapariga.

— Vai estar hoje na enfermaria?

— Não. Estou em casa da minha irmã, a norte do Estado. Viemos passar o fim de semana. — Becky fez uma pausa. — Na verdade, estou a pensar em pedir transferência para a UCI do hospital quando voltar. Há uma vaga, e estou cansada do doutor Babineau. É verdade o que se diz, às vezes os neurologistas são mais malucos do que os pacientes. — Hesitou, antes de acrescentar: — Diria que também estou cansada do Hartsfield, mas não é bem isso. A verdade é que tenho um pouco de medo dele. Como tinha medo da casa assombrada do bairro quando era miúda.

— A sério?

— Sim. Eu sabia que não havia lá fantasmas, mas, por outro lado, e se os houvesse?

Hodges chega ao hospital pouco depois das duas da tarde, e, naquele dia véspera de feriado, a Clínica de Lesões Cerebrais Traumáticas está quase deserta durante o dia.

A enfermeira de serviço, Norma Wilmer, segundo a placa com o nome, oferece-lhe um crachá de visitante.

Quando o prende na camisa, Hodges comenta, só para passar o tempo:

— Soube que houve uma tragédia ontem na enfermaria.

— Não posso falar sobre isso — declara a enfermeira Wilmer.

— Estava de serviço?

— Não.

Volta a ocupar-se da papelada e dos monitores.

Não há problema; ele pode saber tudo por Becky quando ela voltar e tiver tempo de conversar com as suas fontes. Se ela avançar com o plano da transferência (na mente de Hodges, esse é o maior sinal até ao momento de que alguma coisa real pode estar a acontecer ali), vai encontrar outra pessoa que o ajude. Algumas das enfermeiras são fumadoras inveteradas, apesar de tudo o que sabem sobre o vício, e estão sempre dispostas a ganhar uns trocos.

Hodges vai até o quarto 217, consciente de que o seu coração está a bater com mais força e mais depressa do que o normal. Outro sinal de que começou a levar aquilo a sério. A notícia no jornal daquela manhã abalou-o mais do que imaginava.

Encontra o Al da biblioteca no corredor, a empurrar o carrinho, e dirige-lhe o cumprimento de sempre.

— Olá, Al, como vai isso?

A princípio, Al não responde. Nem parece vê-lo. As olheiras semelhantes a hematomas estão mais escuras do que nunca, e o cabelo, normalmente bem penteado, está desgrenhado. Além disso, a placa com o nome está de cabeça para baixo. Hodges pergunta de novo a si mesmo se Al estará a começar a perder uns parafusos.

— Tudo bem, Al?

— Tudo — responde Al com voz vazia. — Nunca há nada melhor do que aquilo que não se vê, certo?

Hodges não sabe como responder àquela frase sem sentido, e Al segue o seu caminho antes que ele possa pensar em alguma coisa para dizer. Hodges observa-o, intrigado, e segue em frente.

Brady está sentado no sítio do costume, perto da janela, com a roupa do costume: calças de ganga e camisa axadrezada. Alguém lhe cortou o cabelo. Fizeram-no muito mal. Hodges duvida que ele se importe. Brady não vai sair dali tão cedo.

— Olá, Brady.

Brady limita-se a olhar pela janela, e as perguntas de sempre dão as mãos e fazem uma roda na cabeça de Hodges. Brady estará a ver alguma coisa lá fora? Sabe que está alguém no quarto com ele? Se sim, sabe que é Hodges? Estará a pensar alguma coisa? Às vezes ele pensa (o suficiente para dizer algumas frases, pelo menos) e, no centro de fisioterapia, consegue arrastar-se pelos vinte metros a que os pacientes chamam Avenida da Tortura, mas o que quer isso realmente dizer? Também os peixes nadam num aquário, mas isso não quer dizer que pensem.

Hodges pensa: Nunca há nada melhor do que aquilo que não se vê.

Signifique *isso* o que significar.

Pega na foto de Brady com a mãe na moldura prateada, os dois abraçados, a sorrir felizes. Se aquele estupor já amou alguém, foi a mãezinha querida. Hodges observa-o para ver se há alguma reação ao facto de o visitante pegar na fotografia de Deborah Ann. Parece não haver nenhuma.

— Ela estava uma brasa, Brady. Era uma brasa? Era uma mãe boazona?

Nenhuma resposta.

— Só pergunto porque, quando entrámos no teu computador, encontrámos umas fotos sensuais dela. Sabes, de *negligées*, meias de *nylon*, sutiãs e cuecas, esse tipo de coisa. Achei-a uma brasa vestida daquela maneira. Os outros agentes também, quando lhes mostrei as fotos.

Embora conte a mentira com a desenvoltura de sempre,

continua a não haver reação. Nada.

— Comeste-a, Brady? Aposto que querias.

Houve um leve tremor da sobancelha? Um leve movimento do lábio?

Talvez, mas Hodges sabe que pode ser imaginação sua, porque *quer* que Brady o ouça. Ninguém nos Estados Unidos merece mais sal esfregado nas feridas do que aquele filho da puta assassino.

— Talvez a tenhas matado e *depois* a tenhas comido. Nessa altura, não precisavas de ser educado, não é?

Nada.

Hodges senta-se na cadeira das visitas e pousa a foto de novo na mesa, ao lado de um dos leitores digitais *Zappit* que Al distribui aos pacientes. Entrelaça os dedos e olha para Brady, que nunca devia ter acordado do coma, mas acordou.

Bem.

Mais ou menos.

— Estás a fingir, Brady?

Faz sempre aquela pergunta, e nunca recebe resposta. Hoje, também não recebe.

— Uma enfermeira aqui do piso matou-se ontem à noite. Numa das casas de banho. Sabias? O nome dela está a ser mantido em sigilo por enquanto, mas o jornal diz que ela morreu de uma hemorragia. Suponho que isso queira dizer que cortou os pulsos, mas não tenho a certeza. Se soubeste, aposto que ficaste contente. Sempre gostaste de um bom suicídio, não é?

Ele espera. Nada.

Hodges inclina-se para a frente, olha para o rosto vazio de Brady e fala com sinceridade.

— A questão é que... aquilo que não compreendo... é como fez ela aquilo. Os espelhos naquelas casas de banho

nem são de vidro, são de metal polido. Acho que ela podia ter usado o espelhinho da base, ou coisa do género, mas parece-me bastante pequeno para um servicinho desses. É como levar uma faca para um tiroteio. — Recosta-se. — Ei, talvez ela *tivesse* uma faca. Um canivete suíço, quem sabe? Na mala. Já tiveste algum?

Nada.

Ou será que viu alguma coisa? Tem o forte pressentimento de que, por trás daquele olhar vazio, Brady está a observá-lo.

— Brady, algumas das enfermeiras acreditam que consegues abrir e fechar a torneira da tua casa de banho. Acham que fazes isso só para as assustares. É verdade?

Nada. Mas aquela sensação de ser observado está a ficar mais forte. Brady *gostava* de um suicídio, essa é a questão. Podia até dizer-se que o suicídio era a sua assinatura. Antes de Holly lhe dar com o porrete, Brady tentou fazer Hodges matar-se. Não conseguiu... mas *conseguiu* convencer Olivia Trelawney, a mulher cujo *Mercedes* pertence agora a Holly Gibney, que tenciona ir com ele até Cincinnati.

— Se consegues, fá-lo agora. Vamos. Exibe-te um pouco. Mostra a tua graça. O que me dizes?

Nada.

Algumas das enfermeiras acreditam que ter levado várias pancadas na cabeça na noite em que tentou fazer explodir o Auditório Mingo provocou uma reorganização no cérebro de Hartsfield. Que ter levado várias pancadas lhe deu... poderes. O doutor Babineau diz que isso é ridículo, o equivalente hospitalar a uma lenda urbana. Hodges tem a certeza de que ele está certo, mas aquela sensação de ser observado é inegável.

Assim como a sensação de que, algures lá dentro, Brady Hartsfield está a rir-se dele.

Pega no leitor digital azul. Na última visita à clínica, o Al da biblioteca disse que Brady gostava das demonstrações dos jogos. *Fica a olhar para aquilo durante horas*, dissera Al.

— Gostas disto, é?

Nada.

— Não é que consigas fazer muita coisa com ele, pois não?

Zero. Népia.

Hodges pousa o leitor digital ao lado da foto e levanta-se.

— Vamos ver o que consigo descobrir sobre a enfermeira, certo? O que eu não conseguir descobrir, a minha assistente consegue. Todos temos as nossas fontes. Estás contente com a morte daquela enfermeira? Ela foi má para ti? Apertou-te o nariz ou torceu-te a pilinha inútil, talvez porque atropelaste um amigo ou familiar dela no Centro Cívico?

Nada.

Nada.

Nad...

Os olhos de Brady rolam nas órbitas. Ele olha para Hodges, que sente um pavor puro e irracional. Aqueles olhos estão mortos na superfície, mas ele vê uma coisa por baixo que não parece humana. Fá-lo pensar naquele filme sobre a rapariga possuída pelo demónio Pazuzu. Mas então os olhos voltam-se para a janela, e Hodges diz a si próprio para não ser idiota. O doutor Babineau afirma que Brady não vai melhorar mais, e não melhorou muito. Ele é uma folha em branco e não tem nada escrito além dos sentimentos de Hodges por aquele homem, a criatura mais desprezível que já encontrou em todos os seus anos a trabalhar na polícia.

Quero que ele esteja aqui para poder magoá-lo, pensa

Hodges. É só isso. Vou descobrir que o marido da enfermeira a abandonou ou que ela era viciada em drogas e ia ser despedida. Ou as duas coisas.

— Tudo bem, Brady — diz ele. — Vou dar de pinote. Pôr-me na alheta. Mas tenho de dizer, de amigo para amigo, que esse corte de cabelo é uma *merda*.

Nenhuma resposta.

— Inté, rapaz.

Sai e fecha a porta com cuidado. Se Brady *estiver* consciente, bater com ela pode dar-lhe a satisfação de saber que deixou Hodges irritado.

O que, claro, deixou.

Quando Hodges sai, Brady levanta a cabeça. Ao lado da fotografia da mãe, o leitor digital ganha vida abruptamente. Peixes correm de um lado para o outro enquanto uma música alegre toca. O ecrã muda para a demonstração de Angry Birds, depois para o Desfile de Moda da Barbie, depois para Guerreiro Galáctico. Então, fica escuro de novo.

Na casa de banho, a água no lavatório corre, depois para.

Brady olha para a sua foto com a mãe, a sorrirem com as faces encostadas. Fica a olhar. E a olhar.

A fotografia cai. *Clac*.

26 de julho de 2014

NOTA DO AUTOR

Um livro é escrito numa sala vazia, um trabalho solitário, e é assim que se faz. Escrevi o primeiro rascunho deste na Florida, a olhar para as palmeiras. Reescrevi-o no Maine, a olhar para os pinheiros e para um belo lago, onde os mergulhões se reúnem ao pôr do sol. Mas não estava sozinho em nenhum dos dois locais; poucos escritores estão. Quando precisei de ajuda, a ajuda estava lá.

NAN GRAHAM reviu este livro. SUSAN MOLDOW e ROZ LIPPEL também trabalham para a Scribner, e não conseguiria continuar sem elas. Estas mulheres são valiosíssimas.

CHUCK VERRILL foi o agente. Há trinta anos é a pessoa que procuro quando preciso de ajuda: é inteligente, engraçado e destemido. Não é do tipo que diz sim a tudo; quando alguma merda não está bem, ele nunca deixa de me dizer.

RUSS DORR ocupa-se da investigação, e com os anos foi ficando cada vez melhor nisso. Como um bom enfermeiro instrumentista na sala de operações, está pronto com o instrumento de que vou precisar antes mesmo de eu o pedir. As contribuições dele para este livro estão em quase todas as páginas. Literalmente: Russ deu-me o título quando não consegui pensar em nenhum.

OWEN KING e KELLY BRAFFET, dois excelentes escritores, leram a primeira versão e poliram-na consideravelmente. As suas contribuições também estão em quase todas as

páginas.

MARSHA DEFILIPPO e JULIE EUGLEY dirigem o meu escritório no Maine e mantêm-me ligado ao mundo real. BARBARA MACINTYRE trata do escritório na Florida e faz o mesmo. SHIRLEY SONDEREGGER é emérita.

TABITHA KING é a minha melhor crítica e o meu único e verdadeiro amor.

E você, LEITOR FIEL. Graças a Deus ainda está aí ao fim de todos estes anos. Se está a divertir-se, eu também estou.